



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

VINÍCIUS OLIVEIRA DE QUEIROGA

BULGÁRIA EM REBELIÃO: A revolta camponesa de Ivaylo
da Idade Média à Contemporaneidade

RECIFE
2024

VINÍCIUS OLIVEIRA DE QUEIROGA

BULGÁRIA EM REBELIÃO: A revolta camponesa de Ivaylo da Idade
Média à Contemporaneidade

Monografia de mestrado apresentado ao
Programa de Pós-graduação em História
da Universidade Federal Rural de
Pernambuco (PGH/UFRPE), como
requisito para a obtenção do título de
mestre.

Linha de pesquisa: *Terra, Estado e Poder*

Orientador (a): Uiran Gebara da Silva

**RECIFE
2024**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação Sistema
Integrado de Bibliotecas da UFRPE Bibliotecário(a): Auxiliadora
Cunha –CRB-4 1134

Q3b Queiroga, Vinícius Oliveira de.

Bulgária em rebelião: a revolta camponesa de Ivaylo da
Idade Média à Contemporaneidade / Vinícius Oliveira de
Queiroga. – Recife, 2024.
240 f.; il.

Orientador(a): Uiran Gebara da Silva.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Rural de
Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em História, Recife,
BR-PE, 2024.

Inclui referências e anexo(s).

1. Ivaylo . 2. Revoltas rurais (Bulgária). 3. Camponeses -
Revoltas (Bulgária). 4. Historiografia I. Silva, Uiran Gebara
da, orient. II. Título

CDD 981

RESUMO

Em 1277, ocorreu, na Bulgária, uma revolta contrária ao trono daquele reino. Camponeses, liderados por um criador de porcos, chamado “Ivaylo”, mobilizaram-se para enfrentar este inimigo, por considerá-lo incapaz de enfrentar invasores estrangeiros, no qual os camponeses também combatiam. Passados os séculos, restam, enquanto legado, toda uma bibliografia internacional, porém não brasileira, que aborda o evento histórico, e este estudo seleciona uma delas, a (autodenominada) marxista e realiza um esforço interpretativo entre o que seria propaganda e o que seria científico, ou seja, que segue padrões científicos de rigor e metodologia. Nessa leitura, realiza-se observações sobre a estrutura política e econômica do reino búlgaro em seus pormenores, a respeito de instituições políticas, econômicas, religiosas e militares, comparando-as com instituições tanto ocidentais quanto bizantinas e analisa-se, também, o nível e a essência da presença das imperatrizes búlgaras nas fontes sobre o recorte abordado, no que diz respeito à maneira com que essas imperatrizes atuaram na historiografia no recorte cronológico abordado neste trabalho.

Palavras-chave: *Ivaylo, revoltas rurais, camponeses, historiografia, Bulgária.*

ABSTRACT

In 1277, a revolt against the throne of that kingdom occurred in Bulgaria. Peasants, led by a pig farmer called “Ivaylo”, mobilized to face this enemy, considering him incapable of facing foreign invaders, in which the peasants also fought. After centuries, there remains, as a legacy, an entire international bibliography, although not Brazilian, that addresses the historical event, and this study selects one of them, the (self-styled) Marxist one, and makes an interpretative effort between what would be propaganda and what would be scientific, that is, it follows scientific standards of rigor and methodology. In this reading, observations are made on the political and economic structure of the Bulgarian kingdom in its details, regarding political, economic, religious and military institutions, comparing them with both Western and Byzantine institutions and also analyzing the level and the essence of the presence of Bulgarian empresses in the sources on the discussed section, with regard to the way in which these empresses acted in historiography in the chronological section covered in this work.

Keywords: *Ivaylo, rural revolts, peasants, historiography, Bulgaria.*

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 APORTE BIBLIOGRÁFICO	28
3 METODOLOGIA.....	34
4 CAPÍTULO I: ESTRUTURA DE PODER BÚLGARO-BIZANTINA: TERRA, ESTADO, IGREJA E SOCIEDADE.	39
5 CAPÍTULO II: A BULGÁRIA DOS ASENIDAS À BULGÁRIA DO CRIADOR DE PORCOS.....	86
5.1 CAPÍTULO II.I: DA ASCENÇÃO ASENIDA À CRISE DINÁSTICA.....	87
5.2 CAPÍTULO II.II: AS HORDAS QUE MOLDARAM OS BÁLCÃS NO SÉCULO XIII.....	116
5.3 CAPÍTULO II.III: MIGUEL ASEN E A GUERRA CIVIL QUE O SUCEDEU	122
5.4 CAPÍTULO II.IV: REVOLTA CAMPONESA (1277-1282)	144
6 CAPÍTULO III: RAINHAS BÚLGARAS NASCIDAS BIZANTINAS: UMA ANÁLISE HISTORIOGRÁFICA DAS IMPERATRIZES BÚLGARAS DE BERÇO PÚRPURA.....	157
7 CAPÍTULO IV: “PROBLEMAS HISTORIOGRÁFICOS: O CASO DE PETROV ENQUANTO ESPELHO DO STALINISMO INTELECTUAL”.....	200
8 ÁRVORE GENEALÓGICA DA DINASTIA ASEN.....	228
9 CONCLUSÃO.....	228
10 REFERÊNCIAS	232

SUMÁRIO DE IMAGEM

Figura 1.....	40
Figura 2.....	43
Figura 3.....	51
Figura 4.....	61
Figura 5.....	90
Figura 6.....	93
Figura 7.....	94
Figura 8.....	98
Figura 9.....	103
Figura 10.....	109
Figura 11.....	111
Figura 12 e 13.....	112
Figura 14.....	117
Figura 15.....	118
Figura 16.....	120
Figura 17.....	128
Figura 18.....	133
Figura 19.....	137
Figura 20.....	140
Figura 21.....	143
Figuras 22 e 23.....	146
Figura 24.....	149
Figura 25.....	152
Figura 26.....	156
Figura 27.....	176
Figura 28.....	180

1 INTRODUÇÃO

A Bulgária é um território localizado na península Balcânica, na Europa, um local que, historicamente, tem se mostrado bastante conflituoso. Em retrospectiva, as relações diplomáticas estabelecidas pela Bulgária com seus vizinhos em seus equivalentes modernos, como Grécia, Turquia, Sérvia e Hungria (bem como com seus ancestrais político-históricos) denotam relações conflituosas, tanto para dominadores quanto por dominados, quer de um mesmo território, quer de territórios diferentes. É o caso da Idade Média nesta região.

Poderá talvez parecer estranho termos escolhido para tema da nossa tese de doutoramento, [...] um assunto tão afastado da Europa Ocidental [...]. Mas foi precisamente pensando em realizar uma pesquisa sobre a História Medieval da Europa Oriental, pouco conhecida entre os estudiosos da História no nosso meio, que empreendemos este trabalho. [...] realizamos uma pesquisa [...] difícil no Brasil com os meios bibliográficos existentes e principalmente com a carência de documentos [...] sobre o assunto — mas pensamos ter feito um trabalho de síntese, que talvez tenha alguma utilidade para os jovens estudantes de História da nossa Faculdade. Analisando documentos conhecidos e obras de autores de nomeada, procuramos estabelecer um paralelismo, sempre que possível, entre a evolução da História Medieval no Ocidente e no Oriente da Europa. [...] Se afirmamos que a civilização medieval forma um todo homogêneo, é porque quando estudamos a formação dos Estados na Idade Média, insensivelmente levamos o pensamento para o Ocidente da Europa e nos esquecemos de que no Oriente novos Estados estavam em plena formação. [...] Pensamos, portanto, que os estudiosos dos problemas históricos da Idade Média não deviam circunscrever suas pesquisas ao Ocidente, mas procurar comparar a evolução política, econômica e social dos diversos povos europeus, mostrando o que ha de comum entre eles.
(SIMÕES DE PAULA, 1942, p. 5-6)

As palavras de Eurípedes Simões de Paula, escritas a gerações, refletem um pouco da essência deste trabalho: o estranhamento. Talvez o local, talvez os personagens, talvez a época, talvez um pouco de tudo; esta pesquisa trata de um estudo sobre a Europa Oriental. Não apenas na década de 1940 era a região afastada aos olhos brasileiros; no século atual, os Bálcãs medievais também apresentam tal peculiaridade. Mas não é efêmera: trata-se de uma pesquisa rara, que tem como objetivo não só oferecer utilidade aos jovens estudantes de história a respeito da Europa Oriental (apenas), mas também desdobrar esta história em contextos específicos e contemporâneos.

A presente pesquisa trata de realizar a leitura de um evento histórico por duas frentes. O trabalho trata da revolta búlgara de 1277, liderada pelo criador de porcos Ivaylo, também chamado de Lakhanas, ou Lakhana, em fontes gregas/bizantinas. Inicialmente configura-se num movimento local, realizado por camponeses, na periferia de um reino da Europa medieval, que logo ganhou adeptos e tornou-se uma revolta de proporções nacionais (para o cenário em questão). Esse levante é ignorado pela historiografia brasileira, quiçá por sua aparente distância com a conjuntura histórica nacional, tanto em termos políticos quanto econômicos, históricos, étnicos, etc. Este estudo se estabelece em algumas frentes específicas, focos determinados na qual este texto busca abordar.

Em uma das frentes, está um esforço historiográfico de análise bibliográfica do evento. Como dito, uma vez que esse recorte aparenta se distanciar, em termos de semelhança histórica, torna-se imprescindível (ao menos para o autor deste trabalho), apresentar uma retrospectiva histórica anterior aos eventos iniciados em 1277. Diante a distância, porta-se enquanto adequada uma apresentação dos eventos que levaram às circunstâncias de início da revolta.

Durante a idade Média, a Bulgária, enquanto reino/império denominado desta forma, possuiu dois impérios (em búlgaro, *Tsarstvo*, e, por esta nomenclatura, por vezes será chamado). O primeiro estabeleceu-se no século X, enquanto resultado de um processo de estabelecimento de um aparelho centralizador em torno de uma comunidade que tinha enquanto “búlgaros” a sua identidade. Essa centralização ocorreu gradativamente, desde o século VII, mas não é deste primeiro governo que o presente trabalho debruçar-se-á. No século XI, após anos de guerra contra o império Bizantino, os búlgaros foram conquistados pelo imperador romano Basílio II, chamado de “Assassino de Búlgaros”, e o seu estado foi desfeito, anexado pelos bizantinos.

Evidentemente, a Bulgária estava à beira da destruição, todas as estruturas estatais tinham entrado em colapso ou estavam em colapso, as forças de resistência estavam esgotadas ou, se fossem deixadas, dificilmente poderiam oferecer qualquer resistência aos romanos. Os búlgaros, com poucas exceções, aguardavam o fim da guerra de dez anos. E a maioria deles estava disposta a ajudar na abordagem neste fim. O último ano da guerra [...] está mais próximo [...] Para Basílio II, o ano de

1018, mais precisamente a época após ter recebido a notícia da morte do rei búlgaro, foi um ano de uma marcha vitoriosa e bastante triunfal pelas terras búlgaras. [...] Poucos foram os búlgaros que não só não se renderam voluntariamente, mas também resistiram às tropas romanas superiores. [...] Estes últimos esforços desapareceram gradualmente e toda a Bulgária foi conquistada pelos romanos. Para Basílio II restaram apenas as celebrações.

(BOZHILOV E GYUZELEV, 1999, p. 480-482)

A partir deste momento, o império búlgaro se transformou em uma *thema* bizantina (*thema*, do plural *themata*, seriam estruturas político-administrativas sucessoras do modelo organizacional do império Romano). Foi permitido que a aristocracia búlgara mantivesse seu prestígio e os seus privilégios, mas, no novo modelo bizantino, muitos deles foram transferidos para outras *themata* e outros simplesmente migraram e, ainda que a estrutura de poder dentro do território búlgaro não tenha sido completamente substituída, ainda foi consideravelmente modificada. Em menos de dois séculos após a sua conquista, nasceu o segundo *Tsarstvo* búlgaro, desmembrando-se de Bizâncio. Os irmãos responsáveis por este feito, Teodoro (que mudou seu nome, posteriormente, para Pedro) e João Asen (ou João Asen, como fontes búlgaras podem trazer) chamado de “Assassino de Romanos”, reforjaram o novo império búlgaro. Aqui, em 1185, nasce a dinastia Asen, que governará a Bulgária até a revolta de Ivaylo, em 1277.

No entanto, a flecha do tempo do império búlgaro não percorre uma linha ininterrupta e reta, mas se retorce e segue por caminhos paralelos. O império alcançará o seu apogeu durante o governo iniciado por Kaloyan, outro irmão, e encerrado com João Asen II, filho de João Asen I (com o governo de Boril repleto de crises neste íterim). No governo de João Asen II, o *Tsarstvo* alcançará sua maior extensão territorial, com maior prestígio militar e econômico do que em comparação a qualquer governo de outros imperadores búlgaros, fossem eles antecessores ou sucessores. Consequentemente, após a morte de João Asen II, a Bulgária atravessa um período de instabilidade e fragilidade, adjetivos estes característicos da identidade do império búlgaro do século XIII. Este *tsar* possuía grande influência perante a aristocracia palaciana (os *boiardos*), que se dobraram perante o que consideraram enquanto força e poder superior, no entanto, no momento da morte de João Asen II, em 1241, a Bulgária inicia um processo de crise política que se entranha de tal maneira na estrutura

monárquica que a crise (seja ela qual fosse) torna-se praticamente crônica a partir deste instante.

Em 1241, Colomano I (1241–1246) tinha sete anos. Isto, como vimos, não o impediu de herdar o poder real, mas o mesmo não se aplica ao seu exercício efetivo. Uma regência sem dúvida governou em seu nome. Com efeito, até 1241, a instituição da regência era desconhecida da realidade búlgara, mas a presença de um governante menor, cujos direitos não eram contestados, exigia o seu funcionamento.
(BOZHILOV E GYUZELEV, 1999, p. 733)

Afim de tornar a atmosfera búlgara totalmente compreensível na melhor estrutura textual possível, ou da forma mais compreensível, com maior profundidade, esta frente do trabalho estrutura-se em tal tripé analítico: uma narrativa crítica da revolta em si e uma retrospectiva histórica da Bulgária entre os séculos XII e XIII; uma leitura contemporânea das fontes para com as apresentações das figuras femininas de poder, nomeadamente as *tsaritsas* nascidas no império grego ao sul; e um levantamento analítico das estruturas político-econômicas do segundo império, de sua gênese no século XII até o fim do movimento liderado por Ivaylo. Cada ponto deste tripé recebe um capítulo analítico próprio, podendo ser considerados uma faceta diferente de um mesmo todo.

Inserido nesta frente (referente à estrutura planejada para esta pesquisa), não se resume este momento num trabalho de história política ou história econômica. Salta à vista um importante tema transversal, centrado nas relações de gênero na Bulgária dos séculos observados (XII e XIII), principalmente através da figurada *tsaritsa* Maria Cantacuzena. Ela lança um holofote para outras *tsaritsas* búlgaras deste recorte, essencialmente as nascidas bizantinas. Desempenhando papel de protagonista, as fontes abordam de formas totalmente discrepantes entre tais figuras.

Colomano haveria de ser o sucessor natural de João Asen II, porém, o herdeiro era uma criança de sete anos de idade. Os *boiardos*, obedientes até aquele momento a João Asen II, dividiram-se em facções e passaram a disputar o poder. Enquanto o trono era ocupado por um adulto prestigiado pela aristocracia, a situação era uma, porém, quando passa a ser ocupado por uma criança, cenário este em que uma regência se torna necessária, nasce uma

disputa entre iguais, e nesta disputa encontra-se a *tsaritsa* Irene Comnena. Irene era a madrasta do então imperador, Colomano, que tinha por herdeiro, por sua vez, Miguel, filho de Irene com João Asen II. Ela é uma das figuras femininas que assumem papel de extrema importância na historiografia búlgara deste momento, pois Colomano morre ainda durante sua menoridade e Miguel torna-se o novo *tsar*, sendo ainda mais novo que Colomano era quando “assumiu” o trono. Irene seria (naturalmente, inclusive) acusada de mandante do assassinato do seu enteado, mas há aí uma problemática. É inconclusivo definir se houve tal comando da parte de Irene ou não e, objetivamente, as hipóteses não passam disso.

O jovem rei búlgaro mal podia esperar pelos próximos anos, que não lhe prometiam nada de alegre. No final de agosto ou nos primeiros dias de setembro de 1246, quando tinha apenas doze anos, Colomano Asen foi inesperadamente surpreendido pela morte. A nossa única fonte (Acropolita) fala primeiro de uma morte natural, mas depois acrescenta o boato generalizado do envenenamento do rei búlgaro. Esta segunda versão da morte de Colomano é interessante, mas não comprovada; e os acontecimentos, como alguns os restauram, são curiosos, mas não encontram apoio nas fontes. A morte prematura de Colomano I Asen quebrou a frágil tradição de primogenitura que assegurava a transmissão suave do poder real ao longo da linha pai-filho. [...] Miguel Asen é filho de João II Asen de seu último e terceiro casamento com Irene Comnena [...] A princípio o destino não o favoreceu, pois o direito de primogenitura garantiu a coroa real a seu irmão Colomano. Mas talvez a mão humana tenha corrigido o que a Providência tinha feito (ou ela mesma decidiu intervir?) e no final de agosto, início de setembro de 1246, o poder dos búlgaros passou para Miguel, então com não mais de oito anos de idade. É difícil dizer se a posição do novo rei (talvez sua juventude tenha atraído a atenção de possíveis candidatos ao trono?) foi contestada, mas a lei dinástica e o legitimismo receberam seu desenvolvimento.

(BOZHILOV E GYUZELEV, 1999, p. 734)

Irene, de nascimento bizantino, teria uma oportunidade grandiosa de exercer influência durante a regência de Miguel, pois enquanto Colomano seria seu enteado, Miguel seria seu filho e, sendo uma criança, como de fato era, poderia não possuir maior defensora de seus interesses do que a sua mãe. Interesses esses que, em caso de governo dela própria, seriam os interesses *dela* (ao menos majoritariamente, se ela assumisse o papel de regente principal). No entanto, ela não assumiu funções regenciais durante a vida de seu filho. A possibilidade de regicídio não deve ser ignorada, mas não passa disso: uma possibilidade. As fontes não possuem meios (atualmente) de definir. Se ela

realmente assassinou seu enteado, o natural seria clamar o papel de principal regente, mas ela não o fez. Ela esteve isolada de Tarnovo, a capital do *Tsarstvo*, e não expressou participação política no governo de seu filho. Após dez anos de reinado, Miguel Asen morreu, ainda sem alcançar a maioridade, Irene passou a viver num convento, fora da Bulgária, alterando seu nome. Ela foi mantida afastada à força? Ela foi exilada? Ela não possuía atrações palacianas? As fontes não podem afirmar tais informações sem serem declaradas parciais, no entanto, existe uma discussão a respeito daqueles que julgam Irene enquanto regicida, usando o filho como ferramenta para aproximá-la do poder, apesar das evidências históricas não apontarem nesta direção.

Irene Comnena representa um exemplo personificado do caos político que se instaurou na Bulgária na metade do século XIII. Entre 1241 e 1256, a Bulgária passou por uma convulsão política que agitou os alicerces do reino. Em 1256, Miguel Asen se aproximava da idade adulta e se casara com uma filha de Rostislav Mihailovich, um personagem de grande prestígio no reino vizinho da Hungria. Os vizinhos belicosos do segundo *Tsarstvo* abocanhavam territórios, devido à suposta fraqueza e vulnerabilidade búlgara. O reino de Miguel foi repleto de conflitos e, em 1256, ele assinou um tratado de paz com o império de Niceia (um dos fragmentos do Império Bizantino). Nesse tratado de paz, Rostislav demonstrou grande influência na assinatura do acordo, de forma que Colomano Asen, primo de Miguel (homônimo do falecido *tsar*) juntou-se com alguns setores da aristocracia insatisfeitos com o acordo, por o considerarem desvantajoso para a Bulgária, e tomaram o trono de Miguel. No processo, Colomano se casou com a filha de Rostislav à força, provavelmente (não se sabe ao certo se fora o que aconteceu, mas é uma possibilidade, uma vez que Rostislav tinha grande prestígio diante o rei da Hungria, seu suserano e genro, ele que era um aristocrata de Novgorod e era o pai da *tsaritsa*. É provável que Colomano tenha tomado essa atitude para revestir seu golpe com o apoio de Rostislav e, ao mesmo tempo, se legitimar enquanto *tsar*, e, tendo em vista o tanto que poderia lucrar com essa atitude, a satisfação da *tsaritsa* com o tratamento de Colomano para com ela poderia ser considerado uma feliz e indiferente coincidência), e Rostislav declarou guerra à Bulgária para recuperar a sua filha. Simultaneamente, no sul do reino, um pretendente, chamado Mitso,

também clamou para si o trono da Bulgária e, em Tarnovo, os *boiardos* preferiram eleger um deles o novo *tsar* do que declararem apoio a Colomano, Rostislav ou Mitso e, assim, Constantino Tikh assumiu o trono, iniciando-se uma guerra civil, no ano de 1256.

Os acontecimentos do final do verão e início do outono de 1256 foram memoráveis para a Bulgária. Os primeiros rebentos de legitimismo, que manifestaram os seus efeitos em 1241 e parcialmente em 1246, revelaram-se demasiado frágeis. A transição suave (pai-filho) para o poder revelou-se única e permaneceu no passado, pois foi brutalmente interrompida e deslocada pelas manifestações de usurpação - primeiro "de dentro" e depois "de fora". A falta de descendentes masculinos e eventuais herdeiros abriu a possibilidade de outros caminhos para a realeza; reativou o direito da família, e não de alguns membros dela. A estrutura vertical da família, a primogenitura e o até recentemente desconhecido título de "nascido cinzento" deixaram de impressionar a sociedade búlgara. Tal como a morte do rei Kaloyan (1207) desencadeou a acção de forças até então latentes, silenciosas, também em 1256, meio século depois, a coroa real tornou-se objecto de violentas lutas internas. Com uma pequena mas muito importante diferença: em 1207 começaram após a morte de Kaloyan, e em 1256 a morte, ou melhor, o assassinato de Miguel II Assen, sinalizou o seu início. (BOZHILOV E GYUZELEV, 1999, p. 747)

A questão é que essa guerra civil se iniciou justamente em torno da figura da filha de Rostislav, a *tsaritsa* de Miguel, que, a despeito de toda sua relevância para a sequência dos acontecimentos, não recebeu um nome pela historiografia durante muito tempo. Hoje, já existe uma discussão a respeito da sua identidade a partir de uma identificação (possível) no afresco de a igreja, que revelaria seu nome enquanto Ana. Infelizmente não é uma descoberta consistente, e ainda é passível de debates. Seus contemporâneos sequer dignaram-se a nomeá-la. É uma possibilidade que, mesmo sem o casamento de Colomano com ela, houvesse uma guerra civil do mesmo jeito, mas os eventos seguiram os rumos que seguiram, e o gatilho que gerou a guerra não é sequer nomeado de forma adequada. Em termos comparativos, seria o equivalente de afirmar que a primeira Guerra Mundial foi iniciada com o assassinato do herdeiro da Áustria, e as fontes não saberem confirmar seu nome sequer.

A guerra civil de 1256 foi vencida, no fim, por Constantino Tikh, com uma ou outra observação a respeito de quão definitiva foi essa vitória. Foi justamente por essas observações que ele buscou forjar alianças que fortalecessem a manutenção do trono. Ele se casou com Irene Lascarina. Irene era, naquele

momento, irmã do imperador de Niceia (outro dos fragmentos do império Bizantino, como dito anteriormente), João IV Lascaris, uma criança na época de sua ascensão. Irene era neta de João Asen II, e, devido este motivo, Constantino adotou para si o nome “Asen”. Uma vez mais, uma figurinha feminina era utilizada enquanto ferramenta de legitimação de poder, no entanto, o plano de Constantino fracassou quando, em 1261, Constantinopla foi recuperada dos latinos e Miguel VIII Paleólogo tomou o trono de João IV Ducas Lascaris, irmão de Irene, então imperador niceno, que clamou para si o trono em Constantinopla.

Há fontes afirmam que Irene “envenenava os ouvidos” de Constantino contra Miguel VIII Paleólogo, incitando o *tsar* ao conflito contra o reforjado império Bizantino (após a reconquista de Constantinopla) por vingança por seu irmão, João IV Lascaris. Acontece que o grande poderio militar búlgaro estava no passado. As defesas de território contra invasões estrangeiras e a guerra civil desgastaram a Bulgária e o reino não possuía condições de lutar uma guerra ofensiva contra os bizantinos. Perante esta observação analítica, até que ponto as fontes atribuíram este conflito (negativo para a Bulgária) às custas de Irene Lascarina de forma injusta, justamente para encontrar um bode expiatório que não conduzisse a mais instabilidade política? De qualquer forma, Irene veio por falecer, em 1268 e, buscando uma vez mais solidificar seu governo e assentá-lo em alicerces firmes e fortes, Constantino Tikh buscou a paz com Miguel VIII Paleólogo através de outro casamento, desta vez com Maria Cantacuzena, sobrinha de Miguel. Esse casamento tinha por objetivo aproximar os dois impérios e fortalecer outra vez o vulnerável *Tsarstvo*. Não foi o que aconteceu. Maria pode ter sido a escolhida por Miguel VIII Paleólogo como consorte neste casamento justamente por sua inimizade com o imperador bizantino e, quando o dote em terras não foi pago, tornou-se claro que o objetivo de Constantino havia fracassado. Sua situação não mudara, e a Bulgária permanecia um reino vulnerável e enfraquecido.

Em 1268, a rainha Irene Laskarina morreu e, no mesmo ano, ou o mais tardar no início de 1269, o rei búlgaro casou-se pela terceira vez - com Maria Paleologina Cantacuzena, sobrinha de Miguel VIII Paleólogo. Este casamento foi um acordo político. Constantino Assen não só restaurou a paz com Bizâncio, mas também recebeu a promessa do imperador de que Anchialos e Mesembria seriam devolvidos à Bulgária como dote da nova rainha búlgara. Infelizmente, isso era bom demais para durar muito tempo. A Bulgária perdeu novamente Skopje, e Miguel VIII

Paleólogo não cumpriu a sua parte do contrato: adiou o regresso das duas importantes cidades do Mar Negro até ao momento em que a Rainha Maria daria à luz um herdeiro ao trono búlgaro. Mas quando isso aconteceu entre 1272-1273 (então o pequeno Miguel Asen foi incluído no poder supremo e proclamado co-rei de seu pai), — o basileu romano novamente falhara em cumprir seu dever. Além disso, Miguel VIII conseguiu conquistar para o seu lado dois dos potenciais adversários do reino búlgaro - a Hungria e os tártaros de Nogai[55], que a qualquer momento poderiam atacá-lo ou impedi-lo de ações que constituíssem algum tipo de ameaça para Bizâncio. (BOZHILOV E GYUZELEV, 1999, p. 754-755)

Maria era uma personalidade ativa no governo búlgaro, e tomava parte nos impulsos belicosos anti-Constantinopla. Quando Constantino foi forçado, por motivos de saúde, de se afastar do trono, Maria passou a governar em nome do filho. Acontece que, no momento de seu afastamento, Constantino Tikh proclamou seu filho, Miguel Tikh (que viria a ser Miguel Asen II, uma vez que Constantino havia adotado este nome para si), seu co-imperador. Acontece que Miguel era uma criança, e a posição de mãe-regente aparentemente rejeitada por Irene Lascarina anteriormente foi apresentada perante Maria Cantacuzena, que não teve a mesma postura de Irene. Maria era bastante participativa do governo, exemplo maior de tal fato foi a atitude com Jacó Esvetoslau. Ele era um *boiardo* da região de Vidin, no noroeste do reino, próximo à fronteira com a Hungria, e sua lealdade mudava entre os dois reinos de forma constante, ao que convinha com seus interesses de momento. Ao se proclamar imperador búlgaro em determinado momento, apoiado pelos húngaros, ele fora convidado a Tarnovo para ser proclamado como filho adotivo de Constantino e Maria, para amenizar a crise evitar outra guerra em que o reino da Hungria pudesse se envolver diretamente. A cerimônia foi realizada, a nomeação foi efetuada, e Esvetoslau apareceu morto pouco depois, vítima de envenenamento, cujo comando passou a ser atribuído à Maria Cantacuzena.

Criou-se um faccionalismo entre Maria Cantacuzena, que desejava exercer o governo (ou assim suas ações parecem indicar) para salvaguardar os interesses de seu filho e, conseqüentemente, o seu próprio, e os *boiardos* de Tarnovo, que devem ter se sentido ameaçados perante a postura de Maria, uma mulher, bizantina, tomando ações (arbitrárias e/ou justas ou não) contra membros da aristocracia. Nesse cenário, os tártaros (mongóis) da Horda Dourada realizavam ataques recorrentes contra o *Tsarstvo*, que não possuía

força para se proteger, uma vez que o trono estava debilitado por tantas disputas pelo poder. Torna-se importante, neste momento, compreender estes novos personagens trabalhados no trabalho, os tártaros, como as fontes mencionam, mas que aqui preferencialmente não de serem nomeados de mongóis. O império de Gengis Khan é um dos maiores impérios da história, no entanto, a situação mudou quando ele morreu.

Vinte e oito milhões de quilômetros quadrados; um quinto da área terrestre do mundo. Considerando que ninguém na Eurásia sabia das Américas ou da Austrália, e muito poucos da África, deve ter parecido bem possível que todo o mundo conhecido logo estaria sob o domínio mongol, assim como Genghis havia planejado, e o Céu ordenou. O fato de que um homem, o neto de Genghis, Khubilai, era o mestre nominal desta vasta propriedade é um dos fatos mais surpreendentes da história.[...] Genghis havia alocado seu domínio para seus filhos, por tradição concedendo a Jochi, o mais velho, a seção mais distante de casa, além do Mar de Aral. Mas quando a herança chegou, Jochi já estava morto, então suas propriedades foram divididas entre dois de seus filhos, Orda e Batu. A Ásia Central, do Mar de Aral ao Tibete, foi para Chagadai. Para Tolui, o mais novo, foram dadas as pastagens locais de seu pai, novamente como ditava a tradição - que neste caso era a maior parte da Mongólia. Ogedei, agora khagan, khan dos khans, também governou a maior parte do norte da China e recentemente conquistou Xi Xia como seus domínios pessoais; a parte ainda não subjugada de Jin e, com sorte, o sul da China seguiriam. (MAN, 2004, p. 361-362)

Essa divisão imperial haveria de trazer problemas políticos para os mongóis, problemas estes que não se inserem neste trabalho. Batu herdou as terras de seu pai e fundou a Horda Dourada na porção mais ocidental do império que seu avô Gengis construiu.

No início do século XIII, das profundezas da Ásia emergiu um movimento que desempenhou um papel enorme na história da maior parte da humanidade. Este movimento é conhecido na literatura histórica pelo nome de invasão mongol ou tártara. Este movimento também capturou o sudeste da Europa, onde estavam os tártaros já na década de 30 do século XIII. tornaram-se os mestres completos de Desht-i-Kipchak, lançando aqui as bases para um estado vasto e forte, conhecido na literatura oriental pelo nome: Ulus Jochi, ou Horda Azul, e em russo - sob o nome de Horda Dourada. Durante mais de um século e meio, os tártaros-mongóis desempenharam um papel enorme na história russa e na emergente e em desenvolvimento sociedade feudal russa. (GREKOV E YAKUBOVSKY, 1950, p. 35)

Por mais que este recorte trate de uma citação russa (ou soviética, de acordo com a época), ela serve aos propósitos deste trabalho ao demonstrar que o *canato* (entidade política governada pelo *cã*, que pode corresponder a um império) mais ocidental poderia ser identificado de duas maneiras. Batu era filho de Jochi, neto de Gengis, mas seu império também atendia pelo nome de “tártaro”, além de “mongol”, segundo as fontes. Além disto, demonstra, de forma elementar, talvez, que é este mesmo movimento que trava os conflitos com os grupos do sudeste europeu, onde se localiza a Bulgária.

Aqui surge a figura do criador de porcos Ivaylo/Lakhana. Inicialmente para proteger a sua comunidade por conta própria das invasões dos tártaros, ele (surpreendentemente) lidera sua comunidade camponesa à vitória, e começa a receber apoio da aristocracia, incluindo Maria Cantacuzena. Justamente ao apontá-la, torna-se necessário decorrer acerca dela e de outras semelhantes a ela: imperatrizes búlgaras vindas do império bizantino ou de um de seus herdeiros e que desempenharam grandes papéis de relevância à história búlgara.

Todas as *tsaritsas* (todas as selecionadas por este trabalho, não necessariamente todas as *tsaritsas* búlgaras) não de representar atuações categóricas na conjuntura sociopolítica da Bulgária medieval, e a bibliografia as retrata de diferentes maneiras, ora atribuindo algum valor negativo em sua pessoa, sem deixar de reconhecê-la, ora ignorando quase completamente a sua existência, ignorando e/ou desconhecendo, inclusive, nomes e ações históricas. Se há no recorte trabalhado uma guerra civil em decorrência de uma personalidade não batizada (a filha de Rostislav), há, após a revolta de Ivaylo, outro caso semelhante, mas que consegue se tornar ainda maior que o da filha de Rostislav. Quase um século depois de Ivaylo, há uma *tsaritsa* que governa a Bulgária *de facto*. Não em nome de seu filho infante, nem de seu marido impossibilitado de governar. Ela clama o trono para si e governa em seu próprio nome. Nome este que não chegou até a atualidade. O sucessor de Ivaylo no trono búlgaro é Jorge Terter. O sucessor dele é Esmilo. Esmilo é sucedido por sua esposa, Esmiltsena. E ela recebe este nome justamente por ser esposa de Esmilo. Quando mencionada, ela é referida apenas como a viúva do *tsar*. Perante tal (inadequada) incongruência, faz-se mister analisar a revolta, e, além

disso, a Bulgária do século XII e XIII, pela perspectiva do trato conferido às *tsaritsas* no recorte da bibliografia referente à Bulgária medieval.

Além da questão de gênero, há de se analisar as estruturas de poder existentes na Bulgária. Já foi mencionada a distância entre a conjuntura histórica brasileira e a búlgara, e assim há de se apontar tais distanciamentos, centrados, principalmente, em sua esfera econômica e política. Trata-se de uma sociedade pré-capitalista totalmente diferente da sociedade pré-capitalista brasileira e, uma vez que se realiza uma retrospectiva histórica justamente para conferir profundidade de compreensão sobre o cenário analisado neste trabalho, o mesmo torna-se realidade para com as estruturas de poder búlgaras. No século XII nasce o segundo império (*Tsarstvo*) búlgaro, séculos após a queda do primeiro. Perante tal situação, torna-se necessário erigir todo um aparelho governamental monárquico, quer seja em arena econômica quer seja em arena política. Muito se perde entre o hiato da queda do primeiro *Tsarstvo* para o nascimento do segundo, e muito, também, há de ser incorporado dos governantes búlgaros neste hiato, os bizantinos.

Quando se inicia o governo bizantino, a estrutura política búlgara se esfarela: o modelo clássico do feudalismo (que não necessariamente era o aplicado à Bulgária) é substituído por uma estrutura bizantina própria. O império bizantino passa a ser dividido, geográfica e politicamente, em *themata*. Essa estrutura visava substituir o modelo anterior por um mais flexível, que lidasse com a propriedade e com o capital de forma diferente do anterior. Isso significa, para a Bulgária, que eles passam a ser governados pelo basileu, o imperador bizantino; o *sebastocrator*, um cargo que pode ser interpretado como o primeiro-ministro do imperador; e ainda pelas lideranças provinciais bizantinas. A antiga aristocracia tem autorização de permanecer em suas terras, com os seus privilégios, mas, perante uma estrutura modificada, muitos decidem deixar a Bulgária. A *pronoia* bizantina é adotada, e o pagamento de impostos são modificados. A centralização do primeiro império deixa de existir e é substituída por outra estrutura (por mais que os imperadores bizantinos desejassem manter a estrutura de poder búlgara inalterada, não é o que acontece, pelo menos, não por muito tempo).

A segunda frente trata de outro tipo de trabalho, ainda que se tratando do mesmo objeto de estudo. A revolta de Ivaylo, um criador de porcos, nasce da crise governamental búlgara (segundo a terminologia recorrente à historiografia ocidental, o sistema de tal época seria denominado de sistema feudal que há de ser analisado se seria compatível ou não com a sociedade búlgara do século XIII) e, quando do surgimento de uma força militar em muito superior ao do segundo *Tsarstvo* (os tártaros da Horda Dourada), da crise que o conflito haveria de trazer, devido esta crise. A revolta nasce liderada por um camponês, agrupando outros camponeses insatisfeitos com o descaso do trono para com sua sobrevivência e iniciando um movimento de autodefesa contra os invasores. A crise política crônica em Tarnovo reduz a capacidade de reação imperial em muito, de forma que a escala de tempo em que esses ataques ocorrem de forma impune é em escala de anos. Ivaylo simplesmente representa esta forma pré-capitalista de autodefesa, que se transforma em algo mais. O sucesso de camponeses mal equipados e mal treinados contra tropas experientes da cavalaria tártara não passa despercebida para seus contemporâneos, e o movimento cresce em reputação e força desde muito cedo.

Esse movimento cresce bastante, ao ponto em que o próprio Ivaylo, o camponês criador de porcos, é coroado imperador em Tarnovo, a capital do segundo *Tsarstvo* da Bulgária. Esse acontecimento deveria tornar-se mais atraente do que é para a historiografia mundial, devido à sua grande particularidade histórica, mesmo se tratando de uma região periférica, ainda é ignorado em grande parte na historiografia mundial, especialmente no Brasil. Contudo, não foi ignorado pela historiografia de caso, medieval, especificamente à marxista, especificamente soviética, devido justamente a suas especificidades. O mundo medieval não apresenta o antagonismo corriqueiro à luta de classes contemporânea entre burguesia e proletariado. O campesinato da época seria a camada social que se encontrava na base da pirâmide política e econômica da Bulgária no século XIII e o *tsar* seria o topo desta pirâmide. Um movimento daqueles contra esses apresenta um ótimo enredo à historiografia marxista, ao menos em teoria.

Em verdade, neste ponto vale destacar a maneira em que a luta de classes é expressa na conjuntura búlgara daquele século. A terminologia da luta

de classes, não reconhecida exclusivamente pelo marxismo mas por ele compreendida enquanto o motor da história, funciona de maneira distinta da sociedade industrial. No mundo capitalista, a divisão das classes pode ser compreendida onde cada um se localiza no modo de produção. Justamente por este motivo, considerar-se-á o grau de importância da economia e da propriedade para fazer esta distinção. Ser explorador ou explorado está diretamente relacionado com a necessidade da venda da mão de obra como um produto ou com a necessidade da exploração dessa mão de obra vendida. Portanto, a divisão entre as classes pode ser interpretada, de forma majoritária, diretamente como um produto das relações de produção no mundo capitalista, ao menos segundo uma visão própria.

No mundo pré-capitalista, compreender-se-á que o papel da economia é reduzido em detrimento da importância do papel da política.

O que se afirma antes de mais nada, algo que remete a discussão com que começamos este capítulo: a impossibilidade de definir em forma autônoma a economia, o nível econômico, [...] isto porque [...] asseguram-nos os partidários do paradigma dominante, naquele período, o que nós chamamos de "nível econômico" não apenas não era percebido como um campo unificado e coerente pelos antigos, como também, de fato, intrinsecamente, não continha sua própria racionalidade: o que é para nós "o econômico" só pode ser entendido em função do social global e, mais especificamente, do nível político. A análise econômica só teria sentido, então, subordinada a uma análise social com forte ênfase política; na verdade, quase como uma espécie de subproduto desta última (CARDOSO, 1988, p.11-12).

No mundo contemporâneo, é difícil imaginar “política” e “economia” como corpos separados. O amálgama criado pelo capitalismo possibilita o entendimento que as duas esferas de poder são tão intrinsecamente conectadas que são apenas facetas diferentes de uma mesma imagem. Não cabe a este trabalho analisar, de forma precisa, a estrutura de poder no capitalismo, no entanto, o texto demonstra que, para sociedades pré-capitalistas, a esfera econômica não desempenha um papel tão relevante se comparado à relevância que possui no mundo capitalista. A economia e a propriedade não dividiam as classes sociais no mundo pré-capitalista, mas estariam subordinados em função do nível político, como diz Cardoso, “uma espécie de subproduto”.

Na verdade, as noções classistas atuais são distantes das pré-capitalistas não apenas em vista à propriedade, mas também observando os produtos e o mercado.

No início da Idade Média, e durante bastante mais tempo em grande parte do Leste e do Norte da Europa, quanto menos poderosos eram os senhores numa determinada região, menor era a tendência para haver trocas: uma afirmação que a arqueologia apoia, consistentemente, em todo o continente. Na verdade, em muitas partes da Europa, os camponeses eram suficientemente independentes para que as relações feudais ainda não tivessem sido totalmente impostas; uma vez que os camponeses que são deixados inteiramente entregues a si próprios tendem a consumir a maior parte dos seus excedentes, não houve acumulação suficiente de bens para vender ou comprar em qualquer escala. Isto é, não existia uma rede de trocas suficientemente densa para que as sociedades camponesas autónomas tivessem acesso ao mercado, quer tivessem ou não excedentes suficientes para vender; em contraste, a maior procura de bens artesanais e alimentos não locais veio dos senhores e dos seus séquitos. Assim, os padrões básicos de intercâmbio eram limitados, com poucas ligações inter-regionais, exceto em áreas onde sabemos que os senhores eram fortes e o modo feudal estava mais plenamente estabelecido, como, acima de tudo, no coração político do norte da França. As áreas do mundo medieval onde as trocas eram mais complexas situavam-se fora da Europa [...]

(WICKHAM, 2021, p. 18).

Em um mundo em que as relações econômicas são um subproduto das relações políticas, há de se compreender que, de fato, aquela é uma consequência desta. Menos poder para os senhores pode ser traduzido como menos capacidade de exercer controle e/ou dominação sobre os explorados e, uma vez que o fardo sobre essa parcela de oprimidos é mais leve do que o fardo de outras parcelas em regiões geográficas distintas, mas cronologicamente simultâneas, havendo mais autonomia, não há uma busca de enriquecimento, os excedentes mantidos com a ausência senhorial são convertidos em consumo próprio, não em transformação de renda. Além disso, essa situação é gerada justamente através de uma relação política, neste caso, de ausência. Quanto menos poder para dominar, menos intercâmbio de mercado. Não se pode pensar a estrutura de poder medieval em termos contemporâneos.

Já que a terra que ele detinha por autoridade da esposa agora saiu de suas mãos, está nas do herdeiro, para a salvação precisa despojar-se do que ainda lhe resta, isto é, de seu tesouro, desses valores móveis, tão preciosos, e que são só dele, sobre os quais tem todos os direitos.[...] Chegou a hora de dispersar esse monte de riquezas, cujo peso poderia fazer a alma do dono pender para o lado da condenação. É o que os

homens de Igreja não se cansam de lhe repetir. Pois eles estão presentes, em número cada vez maior, atraídos por isca tão formidável. [...] Que o moribundo fique tranquilo. E seja generoso. Ele será. Todos, a sua volta, o pressionam. O principal é que ele não esqueça nada. Esvazie todos os cofres. Os mais ardentes, mais empenhados em estimular sua largueza são, é claro, os amigos mais próximos, os que o amam de verdade. [...] Deve restituir tudo o que tomou, as presas que fez por cobiça, se quer escapar, na outra vida, dos tormentos. Isso os amigos de Guilherme lhe repetem sem descanso, a ponto de aborrecê-lo. Irritado, ele chega a tratá-los com aspereza. Mas o momento é gravíssimo. Os riscos que ele corre são enormes. O que Guilherme arrisca é tudo. E no entanto não hesita em dizer, em voz alta, o que pensa, e que pode parecer descabido. Ele sabe muito bem qual será o alcance de seu discurso. Dele se espera, como de todos os moribundos, cujas palavras são ouvidas com atenção, que pregue uma última lição, expondo a boa moral. Essa moral não é a dos padres, que só a eles aproveita. Nem é a dos tartufos. É a moral da cavalaria.
(DUBY, 1988, p. 26-27)

Esse texto relata um pouco daquilo que estaria sob observação a respeito da postura para com o dinheiro, a riqueza, o poder. Ainda que se trate de um caso específico, este caso, personificado na pessoa de Guilherme, o Marechal, demonstra o trato em que o cavaleiro teve para com suas posses em seu leito de morte. Segundo Duby, esta riqueza estaria muito mais conectada a uma ideia de “largueza”, largueza essa que é confirmada e definida por Duby em outra passagem posterior:

E me atenho à terceira das virtudes necessárias à largueza. Esta realiza o gentil-homem, instaura a distinção social. A biografia afirma-o com toda a clareza: "gentileza (ou seja, nobreza) cria-se na casa da largueza". O cavaleiro tem o dever de nada reter em suas mãos. Tudo o que lhe chega ele dá. [...] O único elogio que o Marechal apreciava ouvir, relativo a seu pai, era que este havia distribuído suas riquezas em abundância e, certamente, o valor pelo qual ele próprio esperava ser admirado, [...] era [...] sua incapacidade de conservar o que quer que fosse, o desperdício que dele jorrava em abundância, dispersando seu haver para alegrar as pessoas a quem amava. Mas é nesta articulação de suas estruturas que mais vemos a moral da cavalaria chocar-se com a realidade. Ela se formou num tempo em que era pequena a circulação de moedas, em que o dom e sua retribuição envolviam praticamente tudo, no movimento da riqueza, o que não se transmitia por herança. Ora, durante o abrupto crescimento econômico do último quartel do século XII, a intromissão da moeda veio abalar as bases mesmas dessa construção. Até os menos perspicazes percebem que os chefes dos Estados, então renascentes, "azeitam as mãos", fazendo seu jogo graças tanto ao dinheiro quanto às armas; [...] Esse poder novo da moeda desmoraliza. Pois os denários funcionam como se estivessem escondidos por trás de paliçadas, são coisas desprezíveis, de vilões. Vilões e burgueses não dão dinheiro, porque o apreciam demais: acumulam-no; fazem-no frutificar, emprestam com usura.

(DUBY, 1988, p. 120-121)

Não cabe à este trabalho os pormenores da instituição da cavalaria, extremamente relevante ao ocidente europeu medieval, mas sim demonstrar o quanto a noção de poder estar atrelada à riqueza, ao dinheiro, está muito mais relacionada aos vilões e burgueses e, conseqüentemente, com a sociedade burguesa formada séculos posteriores. O dinheiro não se relaciona com o poder da mesma forma na Idade Média, e, ao afirmar isso, nem se admite que o discurso de Duby a respeito da largueza seja verdadeiro nem tampouco que seja geral (em todos os lugares, ao mesmo tempo), mas sim que há um contraste entre aquilo que tem sido e aquilo que outrora foi. A relação do exercício do poder, a relação entre dominados e dominantes, não foi a mesma em todas as épocas da história, e certamente, exerceu outra influência, distante da atualmente experimentada.

Essa realidade se entrelaça até mesmo com a propriedade e com a exploração econômica, como em aluguéis ou impostos. Ainda que apresentem um impacto menor na sociedade, em termos políticos, do que impactam no mundo capitalista, ainda estão presentes no mundo medieval e ainda permanecem subordinados à esfera política.

As formas como o aluguel e seus análogos foram apresentados e justificados também variaram muito. Os senhores, sendo altamente visíveis como exploradores, precisavam de justificar os seus reivindicados direitos de obter excedentes; eles arriscavam resistência se não o fizessem e, embora tivessem superioridade em armamento, eram enormemente superados em número pelos camponeses. [...] Os camponeses às vezes ficavam convencidos; curiosamente, a julgar pelos motivos contra os quais se revoltaram (o que fizeram com mais frequência do que os historiadores tendem a afirmar, pelo menos em alguns períodos e regiões), foram convencidos na maioria das vezes pelas reivindicações dos proprietários de terras aos direitos de propriedade, e menos frequentemente pelas justificações para a tributação e a falta de liberdade, com direitos senhoriais e dízimos no meio. Mas eles estavam pelo menos quase convencidos, sobretudo se as taxas fossem sancionadas e - crucialmente - estabilizadas pelo costume, o que significava que eles sabiam onde estavam e podiam fazer os seus próprios cálculos futuros. Às vezes, aluguel e impostos eram difíceis de distinguir; mas quando existiam, eram apenas formas institucionais separadas, e também formas ideológicas separadas, da mesma relação de extração de excedentes: camponeses tendo de entregar os seus produtos aos senhores, com a ameaça implícita de força.
(WICKHAM, 2021, p.12-14).

Mesmo com a economia desempenhando uma outra função na sociedade medieval, diferente da função na industrial, é incorreto falar que não havia luta de classes. Mesmo que a separação não se baseie no modo de produção, ainda há uma relação de opressão explícita, como citada. Os camponeses eram mais numerosos, mas eram mais mal-armados, não possuíam poder político, realizavam a produção agrícola, tinham suas liberdades vulnerabilizadas e eram taxados. Existe uma situação de luta de classes, ainda que não possa se aplicar o conceito da mesma maneira que no mundo capitalista.

Uma solução conciliatória pode ser encontrada em certos escritos de Maurice Godelier. Com base em alguns dos textos de Marx, pretende que, para o fundador do marxismo, os estamentos (e, em sociedades que não são da alçada deste texto, as castas) ocupam o mesmo lugar teórico, no pré-capitalismo, que corresponde às classes no mundo contemporâneo. Marx teria pretendido, ao chamar em certas obras às vezes estamentos e às vezes classes aos mesmos grupos, referindo-se a épocas pré-capitalistas, distanciar-se da interpretação corrente; idealista, desses grupos, mostrando que tais estamentos envolviam relações de opressão e exploração, não tendo um fundamento exclusivamente ideológico e político, mas pelo contrário estando também ligados a uma data base econômica que correspondia em cada caso a um determinado grau e a determinadas formas de desenvolvimento das forças produtivas.

(CARDOSO, 1988, p. 18)

Na prática, aplicando ao movimento liderado por Ivaylo, em 1277, nunca chegou a se tratar de um movimento popular contra uma autoridade opressora com um programa “revolucionário”. Coincidentemente, isto aconteceu durante um curto intervalo de tempo, mas logo se transformou. Os mongóis podem assumir essa autoridade militar na qual os camponeses resistiam, mas era um movimento de sobrevivência, acima de tudo. Se a Horda Dourada realizava investidas recorrentemente, buscavam riquezas e pilhagens, lucros fáceis de conquistar e de transportar. Nesse processo, os camponeses seriam os massacrados, e suas propriedades seriam confiscadas, mas não haveria diferença deles para os *boiardos* periféricos, afastados de Tarnovo, próximos das fronteiras da Horda Dourada. Se Ivaylo foi capaz de expulsar por várias vezes os mongóis, aliar-se a ele poderia representar manutenção para estes *boiardos*, isto é, manutenção da vida e da propriedade. Claro que pode não ter sido o maior ímpeto aliar-se a um criador de porcos e, justamente por este motivo, no início

este movimento pode ter se configurado um movimento com agendas antissistema (ainda que pouco provável seja, devido ao maior motivo deste movimento nascer: autodefesa, e não uma rebelião contra Tarnovo). Isso traz à tona outra problemática, também abordada pelo marxismo: consciência de classe.

Finley afirma não ver a possibilidade de reconhecer nas classes subalternas [...] a consciência de classe [...] atuando como um motor de suas ações. Por causa disso, recusa também a utilidade da própria categoria de classe como instrumento de compreensão do comportamento econômico na Antiguidade, preferindo as ações orientadas pela busca de distinção social, na forma do status (Finley, 1999, p. 41-52) [...] Mas a compreensão das ações individuais por meio das relações de status, isto é, como valores racionalmente compreensíveis, não exige a exclusão de uma compreensão de ações coletivas em termos de classe (Cardoso, 1988). Pelo contrário, ambas as formas de compreensão são complementares, inclusive sendo possível pensar as relações de status como traduções simbólicas das relações de classe em sistemas culturais e sociais em que as relações de classe não aparecem explícitas à consciência individual.
(SILVA, 2016, p. 231)

Ivaylo organizou suas autodefesas camponesas contra os tártaros em 1277, e começou sua revolta a partir daí. Tarnovo e os *boiardos* da capital não foram invadidos pelos tártaros pela primeira vez em 1277, e não foram eles quem pegaram em armas para proteger o reino da Bulgária. Tampouco foram os camponeses. Eles se organizaram para protegerem a si mesmos. A citação acima traz uma problemática: se o movimento não era contrário ao *Tsarstvo*, por que acabou se virando, posteriormente?

Os camponeses tiveram consciência de sua vulnerabilidade, advinda da impunidade com que as tropas de Nogai atacavam suas propriedades, e rejeitaram um papel de passividade, traduzido em uma espera de defesa e proteção por parte da aristocracia, que nunca veio, e abraçaram um papel de organização própria que se defendesse independentemente dos *boiardos*. As ações individuais de Ivaylo teriam rendido algum fruto se não houvesse um senso coletivo de urgência dos camponeses de se organizarem e enfrentarem os tártaros eles mesmos? Até que ponto, quando Ivaylo se virou contra Constantino Tikh, os camponeses também não tinham interesse de aniquilar o sistema político vigente e substituí-lo por um novo? Ivaylo seguiu, imbatível, até

os portões de Tarnovo lhe serem abertos. Até onde os camponeses abraçaram a possibilidade do criador de porcos como *tsar*?

[...] O tipo de organização política que se encontra em formação ao longo das revoltas estaria mais próximo dessa busca de autonomia do que das ações de negociação cotidianas menos coletivas e mais individuais (SILVA, 2016, p. 235).

Havia um programa ideológico presente neste movimento. Proteção da vida, acima de tudo, e em menor grau, da propriedade pessoal (que, no caso dos camponeses, foi demonstrado que equivale à sua subsistência). Esse programa representar o desejo de uma revolução feudal é algo inexistente, uma vez que as condições econômicas não permitiam tal panorama, mas não é possível quantificar consciência coletiva de classe. A busca de autonomia do trono para defenderem a si mesmos contra os tártaros já demonstra consciência de classe, ainda que essa autonomia não os tenha guiado para uma revolução econômica. É importante fazer esta delimitação para separar rigor historiográfico de propaganda política, como será visto posteriormente. Ainda que houvesse um programa *anti-tsarista*, ele não teria seguido adiante. O apoio (considerável) que Ivaylo recebeu dos *boiardos* periféricos impediriam qualquer grau de radicalização acima da tolerada por esses *boiardos*, *boiardos* esses que Ivaylo queria tanto comandar. Pode-se afirmar que é impossível definir que não havia um programa antissistema, até porque já houve consciência de classe suficiente para erguer um movimento rebelde, mas os limites desta consciência, limites esses somados com o apoio de alguns *boiardos* e com atitudes não-revolucionárias do próprio Ivaylo praticamente impedem qualquer aspiração de sucesso que dificilmente possa ter sobrevivido no exército camponês, se é que chegaram a existir. As diretrizes acabaram por seguir os desígnios do criador de porcos.

Ivaylo possuía visões de grandeza referentes à sua pessoa, e com o acréscimo desta aristocracia periférica, chamar-se de *tsar* não era o maior dos absurdos para ele. O *Tsarstvo* era governado por dois *tsares*: um era uma criança, e o outro havia se afastado do governo por motivos de saúde, e era visto como fraco. O governo era exercido pela *tsaritsa*, que era temida e odiada pelos *boiardos*, em sua maioria (obviamente ela deve ter conquistado o apoio de

alguns deles, ou não teria conseguido se manter “governante” por muito tempo), que esperavam por uma oportunidade para se ver livres dela.

Ivaylo chega a Tarnovo e se torna uma outra força a ser considerada na disputa pelo poder, e, por um tempo, ele consegue ser o vencedor. Entrementes, é preciso considerar como a historiografia se posicionou a respeito deste movimento. Por ser um criador de porcos, e o seu movimento ter nascido como um movimento camponês de resistência, convém aos historiadores “marxistas” classificar esse levante com roupagens revolucionárias e classistas, e torna-se necessário se debruçar a respeito desta perspectiva e efetuar uma observação analítica a respeito destas leituras.

Devido à magnitude da dimensão deste evento, a bibliografia é extensa, principalmente a de berço búlgaro, mas a dificuldade de acesso ao material (búlgaro) e a quase ausência de um tratamento disso na historiografia ocidental conduz ao estudo de caso do historiador Petrov enquanto exemplificação desta etapa analítica do trabalho.

A própria Bulgária haveria de atravessar seu período de comunismo enquanto ideologia oficial do governo, tal qual boa parte dos países do leste europeu após a segunda Guerra Mundial. A grande maioria desses países adotaram o stalinismo (um sistema complexo que há de ser analisado na pesquisa como algo singular) enquanto corrente oficial do comunismo desses países, e isso trouxe uma série de implicações políticas, econômicas e intelectuais. Para buscar legitimação, mostrar-se como um herdeiro histórico do movimento do século XIII, para transmitir noções nacionalistas em concordância com a ideologia governamental, a bibliografia búlgara do recorte da Guerra Fria está permeada de alterações, falsificações e incongruências históricas, tal qual a historiografia de seus vizinhos balcânicos, e a revolta de Ivaylo não é diferente. Petrov se configura em um exemplo a ser analisado neste sentido.

Portanto, nesta etapa do trabalho, buscar-se-á analisar uma obra específica, como mencionado anteriormente, comparando-a diretamente com a fonte (única) utilizada pelo trabalho do autor mencionado, e realizar uma análise crítica do discurso pró-governamental versus a fonte de época, criando um amálgama textual e separando, ou ao menos buscando separar, aquilo se

configura enquanto história narrada, condizente e coerente com o contexto da época, com aquilo que foi fabricado, forjado com retalhos históricos e costurado com narrativas contemporâneas incompatíveis à época, apontando justamente as incompatibilidades e apresentações. Esse esforço historiográfico apresentará uma perspectiva analítica marxista consistente e, assim, oportunizar-se-á uma comparação entre a análise historiográfica marxista (autodenominada consistente) e a pseudo-marxista, nacionalista e falsificante.

Trata-se de um evento desconhecido pela historiografia brasileira e pouco conhecida pela europeia, como já mencionado, no entanto, é um acontecimento rico para aqueles que estudam movimentos populares medievais, devido a sua riqueza de características próprias e, ainda que não necessariamente seja a primeira revolta camponesa da história em termos cronológicos, como alguns colocam ¹ mas portadora de uma miríade de detalhes que enriquecem a bibliografia sobre Idade Média, especialmente numa atmosfera tão particular e exótica.

¹ Pode ser, quiçá, dependendo do rigor metodológico e científico adotado por cada historiador (e também torna-se válido questionar o conteúdo apresentado) no entanto, diferente de algumas fontes, que afirmam categoricamente, não se trata de quantificar a importância de um evento, ou de uma espécie de evento, a partir de uma ordem cronológica e, assim, hierarquizá-la, e sim de

tratar enquanto evento histórico rico por si mesmo.

2 APORTE BIBLIOGRÁFICO

Neste trabalho, uma lógica metodológica foi adotada, buscando criar uma base informativa para, assim, adentrar nos pormenores de cada questão levantada neste trabalho. Cada capítulo aborda um aspecto específico, mas de forma alguma constituem membros independentes uns dos outros, mas apenas facetas distintas de uma mesma identidade. Nesta perspectiva, há trabalhos que são utilizados nesta pesquisa que atuam em dois tipos de formas: ou de forma esporádica, pontual, que são evocados especificamente para uma função e/ou um momento, que podem transcender a barreira da citação singular, mas não daquele capítulo, e daquela narrativa, na qual este trabalho foi evocado para relatar. O outro tipo diz respeito a trabalhos primordiais, que, sem eles, esta pesquisa não seria possível ser realizada; se o presente trabalho acerca da revolta de Ivaylo fosse um prédio, certamente estas fontes seriam seus principais tijolos. Elas transcendem a barreira entre capítulos, e fundamentam toda a pesquisa justamente por sua riqueza e sua profundidade acerca do objeto de estudo em questão.

Começando justamente por este tipo de obra, de categoria vital, há, ainda, uma subdivisão: as fontes de época, primárias, produzidas por escritos bizantinos, e as obras historiográficas próximas à contemporaneidade, que abarcam várias outras obras e que produzem uma pesquisa bibliográfica acerca de seu estudo.

Quanto às fontes de época, cita-se dois escritores, curiosamente chamados, ambos, de Jorge: Jorge Acropolita e Jorge Pachymeres. Acropolita é um pouco mais antigo, e, nesta pesquisa, é trabalhado justamente num recorte imediatamente após a revolta que fundou o segundo império Búlgaro como, também, imediatamente antes do início da revolta camponesa de Ivaylo. Todo o desenvolvimento da política búlgara, as lutas internas e as guerras civis, as batalhas e a conspiração diplomática, quando uma fonte foi evocada a respeito destas características, neste recorte cronológico, era a sua escrita que era convocada (se a escolha fosse por uma fonte primária). Já Pachymeres atua justamente na proximidade da revolta de Ivaylo, tanto imediatamente antes quanto durante o evento. Acropolita ainda estava vivo durante a revolta, mas Pachymeres é a maior referência em se tratando da revolta camponesa.

O século XIII apresenta uma variedade de escritos históricos familiares de períodos anteriores - duas histórias classicizantes, de Jorge Acropolita e Jorge Pachymeres respectivamente [...], durante o período da ocupação latina de Constantinopla, o período de 'exílio', mas que escreveu em Constantinopla após sua reconquista em 1261. Dependemos de Acropolita para nosso conhecimento dos anos 1203-61, ou seja, para os reinados de os imperadores de Niceia, Teodoro I Láscaris, João III Vatatzes, Teodoro II Láscaris e a ascensão ao poder de Miguel VIII Paleólogo. Pachymeres, por outro lado, se propõe a contar a história dos reinados de Miguel Paleólogo. e seu filho Andrônico. A História de Jorge Acropolita, que começa e termina com acontecimentos em Constantinopla, é a única narrativa grega contemporânea de 1203-61. O trabalho se sobrepõe às histórias de Nicetas Choniates e Jorge Pachymeres, que tratam mais detalhadamente dos primeiros e últimos três anos cobertos por Acropolita. [...] A sua História é a única narrativa de todo o período e é, portanto, a ele que recorremos para obter os nossos próprios relatos do que aconteceu. (MACRIDES, 2007, p. 4-5)

A introdução escrita por Macrides à obra de Acropolita, “A História”, demonstra justamente o grau da magnitude tanto de Acropolita (principalmente) e também de Pachymeres. Mesmo se tratando do livro de Acropolita, se demonstra a importância de Pachymeres ao apontá-lo enquanto referência ao reinado de Miguel VIII Paleólogo e, posteriormente, seu filho, Andrônico. O motivo de Choniates não ter sido incluído nesta lista é devido ao recorte cronológico escrito pelo autor, de forma óbvia. Uma vez que ele morreu em 1216, muito do que ocorre na Bulgária durante o século XIII não é escrito por ele, e, por este motivo, ele é utilizado apenas em um momento do trabalho, e não na obra inteira.

O outro tipo de obra de relevância grandiosa, os estudos bibliográficos, recaem sobre a obra de dois historiadores contemporâneos: Fine Junior e Madgearu. João van Antwerp Fine Junior é um historiador estadunidense, que leciona na Universidade de Michigan, e tem o seu trabalho ligado à história dos Bálcãs. Seu livro “*The Late Medieval Balkans: A Critical Survey from the Late Twelfth Century to the Ottoman Conquest*” analisa todo o território da península balcânica, livre da noção aprisionadora de fronteiras, e tem o mérito de produzir suas observações seguindo uma linearidade cronológica, tocando diferentes regiões de forma profunda, infelizmente, sendo mais ou menos favorável a um evento e/ou personagem histórico do que outras obras que tratam do mesmo assunto, mas que, sem esta obra, a presente pesquisa perderia muito de seu conteúdo, tal qual Alexandru Madgearu, com a sua obra “*The Asenids The*

Political and Military History of the Second Bulgarian Empire (1185–1280)” que trata, de forma consecutiva, a história da Bulgária enquanto território constituinte dos Bálcãs através da narrativa dos reinados da dinastia Asen, que governou a Bulgária por quase um século.

Um historiador americano, João V. A. Fine Jr. escreveu a história mais abrangente da Península Balcânica na Idade Média. No segundo volume, ele tratou extensivamente da história do Segundo Império Búlgaro e das suas relações internacionais. (MADGEARU, 2017, p. 25)

As duas obras, neste trabalho, acabam por se complementar e abrangem conjuntamente, a totalidade cronológica da pesquisa realizada, no entanto, apesar de o segundo império (*Tsarstvo*) Búlgaro possuir uma historiografia relativamente extensa, no exterior, pouco se fala acerca da revolta de Ivaylo. Muito se menciona, mas pouco se aprofunda. Isso se deve, provavelmente, ao fato de que as maiores fontes sobre este levante, produzida por historiadores búlgaros, ainda estão inacessíveis à historiografia brasileira. Acabou por ser uma tônica deste trabalho delimitar a sua escrita não de forma consciente e espontânea, mas de forma totalmente atrelada ao acesso às fontes. Muitos dos historiadores e da produção bibliográfica mencionada nas fontes, como Andreev, Mutaftchiev, Nikov e outros (historiadores que, ao trabalhar com as fontes, nota-se a sua importância) não puderam ser utilizados por não ter sido possível acessar suas obras a partir do Brasil, salvo em casos em que houvessem citações diretas (e úteis) que permitissem a sua utilização neste trabalho. Citando novamente Eurípedes Simões de Paula (1942, p. 5), “realizamos uma pesquisa [...] difícil no Brasil com os meios bibliográficos existentes e principalmente com a carência de documentos [...] sobre o assunto”.

Dito isto, há de se passar para os outros tipos de fonte neste trabalho, as que foram usadas de forma pontual, para atender uma demanda de momento. Uma vez que o volume de referências desta categoria é numerosamente bem maior que a anterior, duas coisas realizadas na categoria anterior não serão aqui replicadas: citações e detalhamentos das fontes.

O trabalho é dividido em capítulos que, cada um à sua maneira, trata de um aspecto específico do objeto de estudo. O capítulo primeiro trata de noções de poder. Neste momento, muitas nomenclaturas foram adotadas, e isso levanta

a questão de como era estabelecido o modelo governamental e econômico da Bulgária. Muito se herdou do império Bizantino, advindo do período em que Constantinopla controlou as terras ao sul do Danúbio. Portanto, neste capítulo se abordará relações: de dominação, com a terra, com a(s) Igreja(s) e de comparações, tanto da Bulgária com Bizâncio quanto com a Europa oriental com a Europa ocidental, mais especificamente em termos feudais. Este talvez seja o capítulo mais “camaleônico” em termos discursivos: por tratar de muitas coisas (terminologias, definições, comparações, análises, etc.), há muitas obras a serem utilizadas, as quais, talvez, as de maior destaque sejam as produções de Leonora Neville, Pëtr Koledarov e Jérôme Baschet.

O segundo capítulo trata da revolta de Ivaylo em si, no entanto, por ser considerada deveras complexa, de forma até específica, se considerou que seria necessário realizar uma retrospectiva histórica afim de estabelecer uma sequência de eventos em cadeia que culminasse na revolta camponesa. Portanto, este balanço histórico, que se inicia em 1185, com a revolta dos irmãos Teodoro e Asen, passa sobre os reinados dos *tsares* Pedro, João Asen I, Kaloyan (estes três que também podem ser nomeados enquanto Teodoro, Asen e Ioannitsa), Boril, João Asen II, Colomano I, Miguel I, Colomano II, Constantino Tikh, até Ivaylo. Choniates é uma obra importante que trata dos primeiros anos da dinastia Asen no poder. Uma observação a ser feita é sobre os povos que desempenham relevância significativa nos eventos políticos do *segund Tsarstvo*, como os cumanos, os valáquios e os mongóis (por vezes chamados de tártaros pelas fontes, termo este que buscará ser evitado neste trabalho, adotando, assim, mongóis ou Horda Dourada). A respeito destes povos balcânicos, o trabalho de Florin Curta e István Vásáry apoiam de forma bastante capaz a linha narrativa do reino búlgaro.

Florin Curta, um historiador romeno radicado nos EUA, escreveu uma síntese dedicada ao sudeste da Europa durante os séculos VI a XIII, concedendo à história do Segundo Império Búlgaro o seu devido lugar. O estudo teve um grande impacto internacional. O livro escrito pelo turcoólogo húngaro István Vásáry é um caso especial. Publicado por uma das editoras mais importantes do mundo, a Cambridge University Press, tal como as obras de Stephenson e Curta, o livro trata principalmente do impacto da presença cumana e tártara na Península Balcânica, e do seu papel na criação dos estados do sul e ao norte do Danúbio. O trabalho é de fato uma contribuição importante para o estudo da história do Sudeste Europeu e das

relações entre as populações nômadas e assentadas. No entanto, está escrito num tom altamente tendencioso, pois subscreve as ideias de Roesler relativamente à ausência de qualquer população romena a norte do Danúbio antes do século XIII. A sua cobertura do Segundo Império Búlgaro é irregular, com algumas ideias interessantes sobre o estado asenida. (MADGEARU, 2017, p. 26)

Como Vásáry não é utilizado em termos étnicos a respeito de “qualquer população romena a norte do Danúbio”, e este próprio trabalho evita adentrar a fundo a respeito destas populações a norte do Danúbio, correndo o risco, inclusive, de soar vago a respeito das populações valáquias e cumanas, o autor húngaro é utilizado de forma consciente e pontual. A respeito dos povos mongóis, Marie Favareau e João Joseph Saunders surgem afim de discorrer, principalmente, sobre a herança imperial dos filhos de Gengis Khan (também chamado de Chingis Khan) e da divisão deste império entre estes herdeiros, a luta interna que surgiu, e como isso influenciou na geopolítica balcânica, através de uma destas frações, o canato da Horda Dourada.

O terceiro capítulo trata de alguns pontos observados no segundo, no que diz respeito do tratamento da historiografia para com algumas personagens femininas de destaque, e este trabalho foca (embora não deixe de mencionar mulheres de anos posteriores) particularmente em princesas que nasceram no império Bizantino ou nos seus “herdeiros”, como Niceia ou Épiro, por exemplo, e como elas influenciaram a Bulgária e como foram vistas pela historiografia. Sashka Georgieva e Rumyana Komsalova são as principais historiadoras que tratam destes aspectos a respeito das seguintes *tsaritsas*: Irene Comnena, Ana (se for capaz de ser nomeada) de Mačva, Irene Lascarina e Maria Paleóloga.

O quarto e último capítulo trata de problemas historiográficos, na verdade, de um problema historiográfico específico: a falsificação. A Bulgária, após a Segunda Guerra Mundial, passou para o lado da União Soviética, e adotou o modelo ideológico daquele país: o stalinismo, frequentemente chamado de comunismo. Leon Trotsky foi escolhido para analisar este aspecto político-ideológico, que também pode ser chamado de bonapartismo soviético e/ou Termidor soviético. Ele demonstra como o stalinismo permeia todas as instâncias governamentais, inclusive a educação. O reflexo é uma produção histórica comprometida não com o rigor científico, metodológico, da ciência história, mas

sim em uma produção histórica adulterada, afim de atender as expectativas stalinistas. Através dessa noção, se analisa o trabalho de Pêtr Petrov acerca da revolta de Ivaylo, analisando justamente o rigor metodológico-científico (ou sua ausência/transformação), comparando-o com Pachymeres.

Por fim, resta falar sobre o trabalho de Ivan Bozhilov, juntamente com Vasil Gyuzelev, “História da Bulgária Medieval, do Século VII-XIV, História da Bulgária em três volumes, volume I” (*История на Средновековна България VII-XIV История на България в три тома, Том I*) e sobre o trabalho de Dimitar Angelov, em colaboração com Ivan Bozhilov, Stancho Vaklinov, Vasil Gyuzelev, Kuyu Kuyev, Pêtr Petrov, Borislav Primov, Vasilka Tapkova e Genoveva Tsankova, “História da Bulgária, volume II, Primeiro Estado Búlgaro” (*История на България. Том II. Първа българска държава*). Existem autores medievalistas de grande relevância historiográfica para a produção histórica búlgara. Bozhilov é um dos principais nomes desta lista, e, ao final da produção deste trabalho, foi possível conseguir acesso a estas duas obras importantes (a segunda obra listada possui apenas a ausência de Plamen Pavlov desta lista dos contemporâneos historioadores da segunda metade do século a produzir história medieval na Bulgária) na reta final da produção deste trabalho, de forma que sua utilização foi considerada absolutamente indispensável a este trabalho mas, por este motivo, estas produções não receberam a devida presença neste trabalho, que foi totalmente produzido a partir do acesso à bibliografia.

Todo o trabalho tem por objetivo extrair o máximo de informações e análises que sejam possíveis a partir de fontes que substituem a ausência de algumas obras que enriqueceriam muito este trabalho, e de uma forma completa, ou o mais completo que tenha sido possível, analisar alguns pontos que chamam a atenção do leitor, inserindo uma revolta camponesa do século XIII num contexto contemporâneo, ocidental, político e transversal.

3 METODOLOGIA

A monografia “Bulgária em rebelião: a revolta camponesa de Ivaylo, da Idade Média à Contemporaneidade” é um trabalho bibliográfico, que visa atuar em algumas nuances historiográficas, em termos de análise crítica da bibliografia, como narrativa sequencial dos eventos mencionados, como observações próprias a respeito de alguns temas, etc.

O projeto nasceu com a escolha do tema. Após o trabalho de conclusão de curso (TCC), realizado sobre a revolta camponesa na Transilvânia, em 1437, o interesse já existente acerca das lutas camponesas na península balcânica se intensificou. No processo de seleção de tema para desenvolvimento de um projeto de mestrado, a rebelião camponesa, liderada por Ivaylo, o criador de porcos, no ano de 1277, se destacou por sua natureza tão ímpar: um revoltoso aceito e acolhido pelo trono, declarado rei e desposado da rainha viúva. Feita a seleção do tema, o trabalho encontrou sequência para a seleção das fontes.

Aqui surgiu o primeiro desafio do desenvolvimento desta pesquisa, desafio este que seria o maior, sem comparação, na produção deste trabalho: o acesso às fontes. Logo se tornou claro que, as fontes que eram destacadas na maior frequência das ocasiões de pesquisa eram inacessíveis. Vale salientar que esta pesquisa foi realizada na internet, sempre sob um viés qualitativo, e consistiu em uma procura bibliográfica por trabalhos considerados de grande valia. Algumas obras foram selecionadas; em reuniões internas com o orientador, Uiran Gebara da Silva, mais fontes foram levantadas, e o trabalho se iniciou, mas sempre acompanhado com a dificuldade de acesso a algumas fontes. Como esta era uma rebelião búlgara, houve um desejo de recorrer a fontes búlgaras, principalmente, e, em segundo momento, em fontes balcânicas não-búlgaras (romenas, gregas, sérvias, etc.), por considerar que, por haver uma proximidade (se não uma precisão) geográfica, haveria maior abundância de fontes. Esse pensamento se mostrou correto, como as pesquisas por bibliografias demonstraram, mas elas também se mostraram, na maior parte, inacessíveis.

No início da escrita, foi idealizada uma divisão inicial da estrutura textual desta pesquisa: a divisão de capítulos, em que cada um se tornasse responsável pela dissertação de um aspecto específico presente nas narrativas das fontes.

Foi idealizado um capítulo retrospectivo da conjuntura búlgara, que englobasse os eventos do século XII e XIII, que resultaram na fundação do segundo *Tsarstvo* Búlgaro e que culminaram na revolta camponesa em si. Este capítulo foi o primeiro a ser escrito, e é o segundo capítulo deste trabalho; haveria de ter, também, um capítulo que informasse o máximo possível acerca das estruturas de poder que permeavam as conjunturas búlgaro-bizantinas durante a transição da alta Idade Média para a baixa Idade Média; e, por fim, um capítulo de essência analítica: as fontes possuíam vozes, que falavam de determinadas maneiras sobre os tópicos mencionados acima. Uma destas vozes foi escolhida para ser abordada de forma crítica. A presença do stalinismo em ambientes acadêmicos, e como ele se manifestava.

A insatisfação causada pela ausência de fontes (ausência não total, mas o suficiente para causar grande desconforto) impulsionou a busca, alternativa, de acesso a estas fontes. O método de procurar referências nas referências das obras utilizadas foi insuficiente: através da internet, se procurou contato com professores medievalistas por toda a Bulgária. Uma pesquisa no *Google* e na *Wikipedia* por faculdades de história de destaque na Bulgária conduziu a uma busca nos sites destas mesmas universidades, e, neste ambiente, se foi procurado por contatos de professores de história dos mais diversos *campi* capazes de enviar um acervo maior sobre obras que tratassem do período histórico abordado neste trabalho. Vários e-mails foram enviados a estes professores, através da plataforma *Gmail*, e apenas um deles entrou em contato, prestando auxílio: Momchil Metodiev. Segundo a New Bulgarian University (Nova Universidade Búlgara), a qual ele está vinculado, ele é doutor em história e coordenador do departamento de história, e repassou o contato daquele que Metodiev considerava mais adequado.

A partir deste momento, um canal de comunicação virtual foi estabelecido com o sugerido por Metodiev, Ivan Dragov, que, por algumas oportunidades, foi capaz de disponibilizar o acesso a algumas fontes ocultas, e, através destes e-mails, em muito contribuiu com a produção deste trabalho. Por muitas vezes, as obras vieram escritas em búlgaro, grego ou latim.

É importante salientar que este escritor que vos escreve possui uma linha historiográfica de caráter marxista, consistentemente. A escolha por uma análise

do discurso stalinista não foi mera coincidência; uma vez que a teoria marxista aborda movimentos revolucionários em sua linha ideológica, um movimento camponês, num contexto medieval, se encaixa diretamente enquanto objeto de análise desta linha teórica, mas não de forma ideal, como há de ser visto posteriormente. E a colocação da consistência do marxismo alegado por este que vos escreve serve de contraste com aquele que há de ser analisado nesta obra, o inconsistente stalinismo. A análise deste discurso perpassa por aquilo que Orlandi colocou como “a proposta é a construção de um dispositivo de interpretação” (Orlandi, 1999, p.61). Esse dispositivo de interpretação nada mais é do que a análise do discurso aplicada. Neste trabalho, analisa-se a escrita de Petrov com a de Pachymeres acerca da revolta de Ivaylo: como fontes diferentes tratam de um evento em comum. Num primeiro momento, uma leitura comparativa entre as obras é realizada. O dispositivo interpretativo atua diretamente na análise do discurso: porque Petrov escreveu o que escreveu, da maneira que escreveu? E Pachymeres? Havia objetivos por trás? Alguma agenda política? Alguma omissão? Este dispositivo configura-se, portanto, em um amálgama, entre aquilo que é dito e aquilo que não é dito; a maneira como os autores escrevem os eventos, ou deixa de escrevê-los, junto com os motivos para o terem feito, seus interesses próprios, sua própria conjuntura sociopolítica. Posteriormente, este amálgama deve produzir uma análise historiográfica própria, baseado nas duas premissas que a compuseram (discurso e conjuntura). Este amálgama é a encarnação prática do dispositivo interpretativo de Orlandi. O esforço deste trabalho neste sentido escapa à sua presença no quarto capítulo e permeia toda a obra: a busca incessante de converter este amálgama em um dispositivo interpretativo científico, através do cumprimento de duas metas: equivalência narrativa, produzindo um discurso retrospectivo transparente com os eventos narrados, e produção de uma narrativa nova, própria, coerente, não imparcial mas também não propagandística, zelando pelo respeito com as obras e suas narrativas: emanando uma voz própria do presente, mas que não ecoe num passado vazio, artificial, produzido e/ou falsificado. O esforço deste capítulo é o exemplo máximo da linha metodológica atribuída em todo o trabalho. O quarto capítulo orbita justamente nesta direção, e foi o segundo a ser escrito.

Durante o desenvolvimento do trabalho, surgiu uma observação que foi germinada e gestada a respeito de algumas figuras femininas. Bastante relevantes à riqueza histórica búlgara, receberam tratamentos muito discrepantes entre si pela historiografia. Portanto, foi escrito um capítulo novo, que haveria de tratar sobre a posição política e da representação historiográfica de importantes *tsaritsas* búlgaras, especialmente as de nascimento bizantino. É deveras importantíssimo inserir as mulheres nos ambientes que sempre estiveram presentes, e realizar esta releitura afim de inseri-las, após não ter notado este aspecto fundamental do trabalho, foi de magnânima contribuição para este volume; tanto pelo trato que algumas obras prestaram a estas personagens quanto pela situação que a camada social feminina ainda sofre na sociedade contemporânea, foi de enorme valor esta observação e a inserção desta perspectiva neste trabalho.

Por fim, foi redigido o capítulo acerca das estruturas de poder búlgaro-bizantinas, e este foi um capítulo bastante delicado, pois tratou de várias questões espinhosas, como propriedade, aparelho governamental, Igreja, etc. É válido ressaltar alguns pontos destas análises, afim de detalhar sua escrita posterior. A terminologia feudalismo, tão presente no imaginário tanto leigo quanto acadêmico acerca da realidade sociopolítica medieval, foi analisada no contexto búlgaro, mais em vias de levantar questionamentos do que responder a estes mesmos questionamentos. Numa sociedade tão ímpar e singular, a comparação com a sociedade de tipo feudal é válida, mas até que ponto vale nomear sociedades discrepantes com uma terminologia generalizante? E quanto às discrepâncias? Uma delas é justamente a figura da Igreja enquanto instituição. Várias diferenças podem ser encontradas, principalmente na Bulgária pós Bizâncio. Uma delas dá-se exatamente pelo fato desta Igreja não ser (ao menos, não sempre) a Igreja em Roma, e sim a Igreja Ortodoxa. Esta discussão, como outras, é abordada no capítulo primeiro, considerando sua fundamental importância na compreensão de todo o escrito posterior, e foi redigido após os dois capítulos anteriormente mencionados.

Além de toda produção textual, foi adicionado a este trabalho dois outros modelos textuais visando contribuir e enriquecer a compreensão e absorção deste conteúdo. Por apresentar uma variedade extensa de paisagens e locais,

se adicionou várias imagens e mapas a este trabalho e, considerando esta realização, se adicionou também outras imagens, consideradas fundamentais para o auxílio da compreensão e enriquecimento através da visualização daquilo que se está sendo redigido (o afresco da igreja de São Arcanjo Miguel, por exemplo, cercada de historiografia, foi inserida e representa o maior exemplo possível neste sentido). As imagens foram obtidas através de três maneiras: duas delas através da internet, através do portal *Wikipedia* ou de qualquer outro que oferecesse um material satisfatório (existe uma rejeição natural à utilização da *Wikipedia* como fonte, devido a sua ausência de exigência de rigor científico na produção de seus artigos, mas os recursos visuais, como fotos, ilustrações ou mapas foram considerados os mais enriquecedores advindos deste portal). As fontes bibliográficas textuais não-virtuais, que ofereceram um material agradável (facilmente visível, compreensível e legível) também foram utilizadas, estas de forma menos frequente e mais distribuídas em fontes diversas.

O outro recurso utilizado foi a produção de uma árvore genealógica que compreendesse o máximo de personagens quantitativos búlgaros que fosse possível. Como houveram vários relevantes, alguns com nomes repetidos (houve grande repetição de nomes como João, Colomano, Miguel, Irene, Ana, Teodoro, e dinastias como Asen, Paleólogo, Comneno, Vatatzes, etc.) a ausência deste tipo de recurso constituiria em um ponto a ser desenvolvido. Utilizando o aplicativo digital *Family Gem* (<https://play.google.com/store/apps/details?id=app.familygem>), baixado diretamente da loja de aplicativos *Play Store*, foi construído uma árvore genealógica búlgara a partir da fundação do segundo império até a revolta de Ivaylo. Todos os personagens masculinos possuem fundo azul, e, os femininos, rosa. Os de fundo cinza foram considerados estrangeiros (não-búlgaros). Todos aqueles que foram *tsares* receberam, em seus nomes, as datas (apenas os anos) de início e fim de seu reinado, e na própria página contendo a árvore genealógica búlgara/Asenida há um parágrafo portando mais informações e detalhamentos.

Por fim, desenvolve-se as próprias conclusões, hipóteses e ideias, produto direto daquilo que foi observado e analisado em todo o trabalho. O

amalgama interpretativo se acalma afim de realizar um balanço definitivo de toda a leitura analítica.

4 CAPÍTULO I: ESTRUTURA DE PODER BÚLGARO-BIZANTINA: TERRA, ESTADO, IGREJA E SOCIEDADE.

A revolta de Ivaylo ocorre num momento de transição da Idade Média, mais precisamente, na consolidação dessa transição. Na Europa, as relações econômicas se transformam e, conseqüentemente, transformam a estrutura política de forma consecutiva. É uma revolta que ocorre no século XIII, num império que ilustra essas diferenças. O Império búlgaro (ou *Tsarstvo*, segundo o idioma local) é conquistado pelos bizantinos, mas volta a ser reforjado posteriormente. Os territórios compartilhavam o mesmo espaço geográfico (neste primeiro império e em sua fase posterior, no segundo), travaram batalhas contra os romanos orientais até o momento em que tais romanos conquistam a Bulgária, mas a estrutura política e econômica das duas fases do império búlgaro são distintas. Apesar de portarem o mesmo nome, no entanto, tais impérios consistem, portanto, em duas identidades distintas.

O conflito se arrastava por anos entre os búlgaros e os bizantinos, e é possível afirmar que Samuel foi o último grande imperador deste primeiro império búlgaro. Após sua morte, a guerra entra em uma gradativa sequência vitoriosa de caráter decisivo para os bizantinos e, em 1018, aquilo que se configurava enquanto Bulgária não é conquistada militarmente pelos romanos orientais, em termos bélicos de conquista e supressão, mas sim devido a uma rendição das forças combatentes búlgaras restantes. Essa atitude influenciará a maneira na qual Constantinopla lidará com a Bulgária, em termos governamentais.

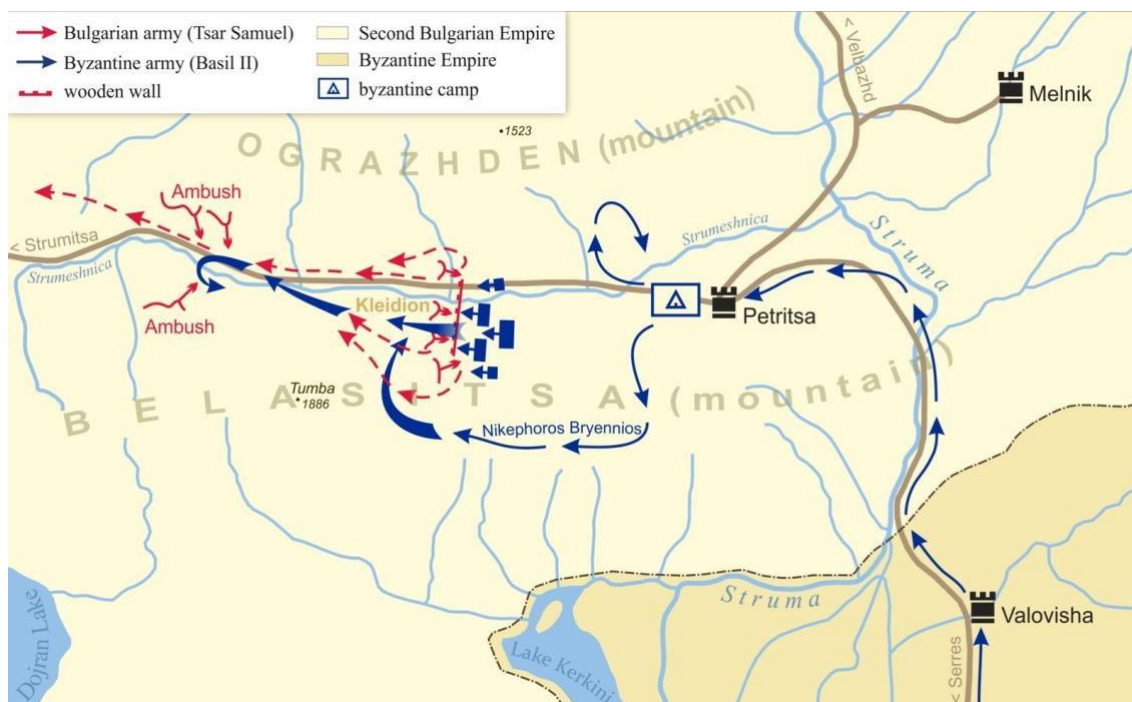


Figura 1: Movimentação das tropas na batalha de Kleidion, em 1014. Foi a última grande batalha entre búlgaros e bizantinos antes de os romanos anexarem a Bulgária. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. [São Francisco, CA: Wikimedia Foundation, 2016]. Disponível em: https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Battle_of_Kleidion.png. Acesso em: 11 de julho de 2024.

As fontes afirmam que Basílio II, o imperador de momento, buscou adotar uma política pacificadora e respeitosa para com os búlgaros.

Durante o domínio bizantino, os *boiardos* búlgaros mantiveram um certo papel na administração do seu país natal. Eles têm suas próprias companhias militares consideráveis e se sentem senhores absolutos em seus domínios. Além da terra, possuem uma grande quantidade de gado. As suas capacidades econômicas permitiram-lhes ser os fundadores de igrejas e mosteiros. Entre os *boiardos* há representantes de famílias nobres búlgaras anteriores à queda da Bulgária sob o domínio romano.

(POPOV, 2021, p. 48)

Antes da anexação bizantina, a Bulgária era um reino centralizado, na qual o *tsar* era um governante supremo, um líder militar e administrativo. A centralização feita pelos bizantinos sobre os búlgaros foi realizada de forma artificial, fabricada, não-espontânea, e representou uma ruptura, pois, no século IX, um século antes da conquista de Basílio II, a Bulgária havia iniciado a sua própria centralização, de forma gradual, até que a queda perante Constantinopla

os obrigou, posteriormente, a se reorganizarem em torno da estrutura bizantina, e a centralização búlgara em curso, com seus *comitati* e *tarkans*, foi forçosamente abandonada.

Como resultado da política de centralização consistentemente seguida, ocorreram mudanças na estrutura administrativa da Bulgária em meados do século IX. O princípio secular de dividir o território do país de acordo com a presença de tribos separadas foi finalmente abandonado. O número de "Slavinii" (das tribos Severi, Berzitas, Draguvitas, etc.), que existiram por muitos anos na Mísia, Trácia e Macedônia como áreas confiadas à autoridade de príncipes locais individuais, desapareceu para sempre. Em seu lugar surgiram novas unidades administrativo-militares, que refletiam o processo de centralização estatal já ocorrido. Essas unidades são conhecidas como "Comitati". [...] O termo comitati (em fontes latinas comitatus) provavelmente corresponde ao nome eslavo "земя", que se encontra no monumento jurídico "Lei para julgar as pessoas" emitido após a conversão. Trata-se de "terras" separadas no sentido de áreas administrativas separadas no estado. De acordo com o princípio de centralização estabelecido, a gestão em comitati individuais foi confiada às mãos das autoridades diretas do governante. Cada comitati era chefiado por um chamado comit (comes, κόμης). Nas fontes da segunda metade do século IX, encontram-se vários comiti. Juntamente com os comiti, os altos funcionários do governo regional eram os chamados tarkans (um nome de origem proto-búlgara). Embora os comiti tivessem principalmente poder administrativo civil, os tarkans eram oficiais militares superiores e cuidavam da defesa da área que lhes foi confiada. Em cada comissão havia também juízes especiais que desempenhavam funções judiciais. Todo esse aparato dependia diretamente do governante como órgão supremo do Estado. (ANGELOV, 1971, p. 247-248)

Os chefes destes *comiti* (que variaram na ausência de padrão quanto à sua terminologia devido à ausência de tentativa de tradução do termo do idioma búlgaro para o português, e que, em todas as vezes na qual tornar aparecer, será citado enquanto *comit/comiti*, salvo nos casos de citações) exerciam suas funções administrativas subordinados ao *tsar* diretamente, em uma esfera de poder aparentemente exclusivamente civil-administrativo. As lideranças militares também seriam administradas pelo *tsar*, mas seriam outro corpo institucional, diferente dos *comiti*, e esses seriam os *tarkans*. É importante destacar uma importante instituição, surgida durante o primeiro império e que voltaria a exercer grande influência no segundo: o grande conselho *boiardo* (chamado por Cholakov de *boyar* ou *bolyar*).

Outra instituição essencial era o Conselho dos Grandes Boyars (ou Bolyars). Ele poderia ser visto como um "predecessor" do conselho de ministros. Era muito mais do que um órgão consultivo e tinha um papel importante, especialmente ao tomar

decisões cruciais. A figura mais poderosa no Conselho era o *kavkhan*. Ele era a segunda pessoa mais importante no estado depois do governante búlgaro. O *kavkhan* era um comandante-em-chefe do exército búlgaro e um dos principais diplomatas do estado; o *kavkhan* era às vezes um regente ou co-governante. O *ichirgu-boila* ou *chargobilya* era o comandante da guarnição da capital e era a terceira pessoa mais importante no estado depois do governante e do *kavkhan*. (CHOLAKOV, 2024, p. 41)

Os aristocratas que permaneceram na Bulgária após a anexação e possuíam prestígio no *Tsarstvo* executavam suas funções administrativas e/ou militares, como disse Popov, eles ainda mantiveram um certo papel administrativo, no entanto, torna-se necessário discorrer quanto à maneira em que os bizantinos exerciam controle sobre o território búlgaro, uma vez que a futura burocracia do segundo império possui semelhanças com o modelo bizantino, além da reconfiguração que os bizantinos fizeram, paulatinamente, na estrutura de poder na Bulgária.

Pode-se dizer que, aqueles que desejaram/conseguiram se manter na Bulgária, após a “conquista” romana, assumindo funções na política tiveram estas funções modificadas segundo os interesses romanos, e não necessariamente tiveram um novo sistema posto sob o seu. Basílio II, que tornou-se conhecido por “Assassino de búlgaros” (*Boulgaroktónos*), não desejava alterar a estrutura de poder na Bulgária.

Quais foram as ações posteriores de Basílio II? “Pois mesmo que nos tornássemos senhores deste país [Bulgária], mantivemos os seus direitos intactos, confirmando-os com os nossos crisóvulos e sigilos”. Deixando de lado o arranjo administrativo das terras búlgaras e a situação da Igreja Búlgara [...] o Basileu preservou acima de tudo o sistema tributário. Ou pelo menos é isso que ele enfatiza (M. Ataliat o apoia). Ou se resumirmos: 1) ele destruiu a “linhagem dos governantes anteriores” - mais precisamente, capturou e levou os membros da dinastia para Constantinopla: 2) não alterou as leis e impostos existentes. Essas ações são incomuns? Claro que não! O Basileu bizantino seguiu a política tradicional em relação às terras estrangeiras recém-conquistadas; tradicional porque foi formado há muito tempo e vigoraria por muito tempo e seria notado por Nicolau Maquiavel. Portanto, não há lugar para um contrato entre a aristocracia búlgara e Basílio II; tudo o que aconteceu foi uma manifestação da doutrina política bizantina. (BOZHILOV E GYUZELEV, 1999, p. 489)

No entanto, apesar da disposição de Basílio II de não alterar a estrutura de poder búlgara, essa estrutura (*comiti*) não era compatível com o próprio sistema bizantino, que se organizava de outra maneira, e é possível que, com o

passar dos anos, tenha havido uma reorganização visando um melhor encaixe búlgaro no sistema bizantino, e a própria citação dos autores dá a entender que, por mais natural que a atitude fosse esta, a tendência era que, em algum momento, houvesse uma alteração. Na época da conquista de Basílio II, o Império Bizantino era dividido por *thema* (plural *themata*), uma estrutura política herdeira da organizada ainda na época de Justiniano. Na Bulgária conquistada, os *comiti* assumiam funções administrativas e os *tarkans* assumiam funções militares, diferente dos bizantinos *pós-themata*. Quando da conquista da Bulgária, Basílio II aparentemente não quis alterar, de forma majoritária, a estrutura de poder da região, no entanto, parece que, gradualmente, o sistema bizantino foi introduzido na Bulgária.



Figura 2: *Themata* do império Bizantino, em 1025, sete anos após a anexação dos búlgaros. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. [São Francisco, CA: Wikimedia Foundation, 2016]. Disponível em: https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Byzantine_Empire_Themes_1025-pt.svg. Acesso em: 11 de julho de 2024.

Segundo Leonora Neville essa reorganização geográfica, acompanhada juntamente com uma reconfiguração de essência, oportunizou um período de expansão do território bizantino.

As províncias romanas tardias foram substituídas por quatro grandes distritos conhecidos como *themata*. Os soldados de um determinado exército de *thema* foram estabelecidos naquela província e esperavam cobrir a maior parte de suas despesas com as receitas de suas propriedades. Por volta do século IX, os *themata* eram distritos administrativos e também militares. [...] O general do exército temático também atuou "efetivamente como generalíssimo em sua província, com pelo menos uma autoridade de supervisão sobre os funcionários fiscais e judiciais". (NEVILLE, 2004, p. 7).

Essa passagem pode ser percebido o grau de importância das *themata* para os bizantinos. Após Justiniano, os romanos orientais não possuíam o mesmo sucesso expansionista de seus ancestrais, e o vigor que as conquistas de alguns territórios entre os séculos X e XI (incluindo a própria Bulgária enquanto alguns desses territórios conquistados) estavam diretamente associados à reorganização das *themata* (atribuindo grandes poderes na figura de líderes militares, os *estrategos*).

A palavra *thema* é em si um problema. Na literatura mais antiga, e em particular na obra de Ostrogorsky, argumentava-se que tinha um significado técnico específico, nomeadamente uma região definida, ocupada por um corpo militar comandado por um estratega, que era o governador-geral da sua região. e em cujas mãos a autoridade civil e militar estava indefinida. Esta visão foi contestada a partir de diversas perspectivas diferentes, [...] o máximo que se pode dizer com segurança sobre o termo nestas ocorrências mais antigas é que ele se refere apenas a exércitos. (HALDON, 1990, p. 214).

A passagem de Haldon apresenta uma problemática: a definição de *thema*. Na passagem, ele confirma algumas coisas afirmadas por Neville, acerca de sua consistência, no entanto, questiona a precisão da utilização desta nomenclatura para determinadas instituições. Claramente trata-se de uma unidade administrativa mas, enquanto Haldon afirma que, em textos mais antigos, como o de Ostrogorsky, essa unidade seria tanto de natureza militar quanto civil, e Neville também sugere isto, enquanto uma literatura moderna, segundo Haldon, problematiza a questão civil nesta unidade administrativa, mas sem reduzir a magnitude do aspecto militar.

Outro problema seria a da origem. Aparentemente, a historiografia não foi capaz de precisar um ponto de gênese para a origem da nomenclatura *thema*, o que pode significar uma dificuldade de nomeação quanto à época de seu surgimento, mas, devido à própria essência das *themata*, de fortalecer a figura

militar do *estrategos*, parece tratar de um momento de crise no império, como, por exemplo, as relações dos bizantinos tanto com os eslavos quanto com os muçulmanos, relações belicosas e que representaram perdas territoriais para os romanos. Justamente através deste exemplo, se questiona a efetividade deste sistema para com estes propósitos.

Thema é um termo para uma divisão militar e para uma unidade territorial administrada por um estratega que combinava o poder militar e civil. A etimologia e a origem do termo estão em discussão. [...] A natureza desta mudança administrativa e o seu carácter social também estão longe de ser claros [...] De qualquer forma, parece que no final do século VII a maior parte do território era organizado em grandes unidades (ao contrário do sistema justiniano de pequenas províncias), com o comandante militar funcionando simultaneamente como administrador civil e juiz; [...] O colapso dos temas tornou-se realidade no último quarto do século XII. [...] W. Kaegi (JOB 16 [1967] 39-53) argumenta que o sistema temático não contribuiu para o fortalecimento da defesa contra os árabes e búlgaros: no início do século VIII, os temas eram centros de revoltas, e os estrategos dos temas tornaram-se pretendentes ao trono. (KAZHDAN, 1991, p. 2035)

Há de notar-se que, neste momento, a passagem já aponta, adiante, um motivo de crise para as *themata*. Até este momento, vale ressaltar alguns tópicos: ao fortalecer uma camada militar, pode enfraquecer, por outro lado, uma camada civil, e justamente é o que se passa: a aristocracia civil mingua até o ponto de ser reformada ou desaparecer, como analisar-se-á adiante. Também há o apontamento de que com o aumento de autoridade dos *estrategos*, eles passam a ser concorrentes em potencial dos imperadores em Constantinopla, e, em alguns casos, alguns *estrategos* podem ter se rebelado, de fato, como Kazhdan aponta acerca dos concorrentes ao trono. Esse ponto particular demonstra a necessidade que o império tinha de correr esse risco, visto a pressão que forças estrangeiras impunham sobre Constantinopla, e, conseqüentemente, a pressão interna que deveria existir entre o imperador romano para com seus *estrategos*. Não há como afirmar categoricamente que a sobrevivência do império deve-se à estrutura temática, mas que o império atravessou (e sobreviveu) a esta conjuntura juntamente com as *themata*, é aparentemente inegável.

Com o passar dos séculos, a estrutura de poder de Bizâncio modificou, num momento em que a Bulgária fora conquistada. As *themata* se reorganizaram

e se atualizaram, as quatro *themata* originais que Neville havia mencionado já haviam se reorganizado em várias outras, segundo a figura 26, e as novas terras adquiridas foram organizadas em *themata*, como era comum em todo o império bizantino. O caso búlgaro aparentemente foi um caso especial, pelo menos, no momento de sua anexação, pois a antiga administração permaneceu ativa, ainda que não em sua totalidade. Os novos conquistados (não somente búlgaros) não necessariamente passaram a ser administrados por *estrategos*, mas também poderiam ser administrados por duques ou catepanos, o que não necessariamente significou a descentralização do poder, como essa divisão pode sugerir, mas também não centralizava totalmente a administração nas mãos do imperador. Essa situação dúbia pode ser visualizada através de um exemplo hipotético de um grande avanço inimigo para dentro do território bizantino; isso ocorreria em algum *thema*, mas caberia ao imperador tomar a dianteira da situação.

Os sucessos de Basílio II na destruição do império búlgaro e na sua incorporação no Estado romano, e de Basílio e dos seus antecessores na recuperação de grandes extensões de território no norte da Síria e no noroeste do Iraque, produziram uma situação em que, paradoxalmente, o império estava menos protegido do que até então de qualquer ataque externo sério, pois vários dos estados-tampão e distritos que anteriormente o cobriam tinham agora sido absorvidos sob o domínio imperial direto. Também erodiu substancialmente as estruturas temáticas que evoluíram no período que vai do final do século VII ao IX. Enquanto a nova estrutura de comando de ducados e katepanatos criou uma cortina protetora de distritos-tampão entre as regiões internas do império e as zonas fronteiriças, a organização militar nos ducados recém-estabelecidos foi fragmentada e concebida para enfrentar ameaças locais ou responder à necessidade de mobilização para ofensivas expedicionárias maiores. Embora esta não fosse uma estrutura defensiva linear, mas sim uma defesa ativa em profundidade, a fragmentação do comando em torno da periferia tinha certas desvantagens. Quando uma grande ameaça aparecia, ainda cabia ao imperador, ou a um dos dois comandantes-chefes, e não a um comandante local, reunir uma força apropriada e marchar para lidar com isso.
(HALDON, 1999, p. 85-90)

O ponto de virada para os romanos orientais foi a ascensão ao trono de Aleixo Comneno e o início da dinastia comnena. Conflitos internos de natureza militar enfraqueceram Constantinopla, os *estrategos* concorrentes ao trono demonstram isso, e os exércitos não representavam objeto de conquista, visto a natureza de sua composição. Além disso, não havia uma aristocracia civil forte

para representar equilíbrio da estrutura de poder político entre o imperador e os *estrategos* (posteriormente cada vez mais substituídos pelos duques e pelos catepanos). As reformas realizadas por Aleixo traduziram-se em um fôlego ao bem estar do trono bizantino em termos de estabilizar a sua autoridade.

O período entre meados do século X e o final do século XI é considerado um ponto de viragem fundamental na história administrativa do Império Bizantino, no qual o governo através de uma pseudo-meritocracia de funcionários deu lugar ao governo através das relações pessoais dos funcionários.
(NEVILLE, 2004, p. 6).

Os *estrategos*, duques ou catepanos poderiam ser escolhidos para comandar *themata* a mando do próprio imperador, mas os exemplos de lealdade dúbia para com estes mesmos imperadores causou parte da mudança de Aleixo no tocante ao seu sistema de governo. Após a sua reforma, cargos políticos seriam cedidos a pessoas com relação de parentesco para com o imperador, que assumiria, baseado em uma conexão maior com os indivíduos escolhidos, a lealdade de quem recebesse as possessões.

O elemento central da nova cultura política komneniana era a dependência da própria família imperial para administrar o império. Aleixo não constituiu seu governo através de rituais de exaltação dos servos imperiais, mas "trazendo a estrutura de comando militar do império para dentro do genos imperial, a extensão da família imperial, e dando a todos os que pertenciam ao genos imperial um interesse adquirido no oikos imperial e no seu domínio, agora menos distinguível do que nunca do império como um todo". Alexios uniu o seu governo aplicando regras culturais que transformaram os membros de uma família aristocrática numa força eficaz. Isto pode ter sido mais uma questão de utilizar quaisquer métodos disponíveis e eficazes para obter apoio político do que de criar uma nova teoria de governo imperial.
(NEVILLE, 2004, p. 32)

A substituição de cargos militares administrativos das *themata* por membros da família imperial também demonstra um movimento de mudança em mais outro sentido à burocracia bizantina: o fortalecimento de um aparato aristocrático não necessariamente militar, ou civil-militar. Os exércitos das *themata* (chamados de *tagma*) parecem ter a função de diminuir o fardo da manutenção de um exército regular, dando autonomia para os seus comandantes, líderes de forças militares voltadas para a defesa de suas *themata*. A concentração de terras na mão de líderes de lealdade duvidosa e a inadequação das *tagmas* em apresentar um papel ofensivo devido à sua

composição podem, juntas, ter representado os motivos para a alteração na estrutura do exército. Modificar a estrutura do exército e atribuir a liderança desta tropa para aristocratas familiares, confiáveis, representam outra faceta da mudança comnena.

Eventualmente, os exércitos mais antigos de themata tornaram-se irrelevantes, pois os “exércitos de campo, tanto ao longo das fronteiras do império como dentro das províncias, eram compostos cada vez mais por tropas mercenárias, profissionais ou por forças enviadas por príncipes e governantes subordinados e vassalos dos vários estados menores, na fronteira com o império.” No início do século XI, em vez de os soldados dos themata se sustentarem em suas terras, os impostos de suas terras eram pagos aos soldados profissionais. Este crescente profissionalismo dos militares contribuiu para o grande renascimento territorial do império no século X. (NEVILLE, 2004, p. 8)

Os próprios cargos foram modificados por Aleixo. *Estrategos*, duques e catepanos tornam-se cada vez mais escassos, e a reforma política comnena criou novas posições aristocráticas, baseadas no laço familiar com o imperador que, por sua vez, nomeava algum parente para algum cargo. A subsequente autonomia, que cada vez mais se desenvolvia, da camada aristocráticas para com os comandantes dos exércitos não apenas modificou o caráter aristocrático bizantino como oxigenou uma vez mais o caráter governamental da família imperial, atribuindo quase uma ressurreição a um modelo que utilizava indivíduos não-militares uma vez mais para assuntos não-militares. Novos cargos foram criados, e atuavam de duas formas: na reestruturação da esfera do poder bizantino e no símbolo desta mesma ressurreição da aristocracia sobre os generais.

No decorrer do século XI, os títulos mais antigos foram concedidos de forma tão ampla que perderam valor. O prefixo *proto* foi adicionado a uma série de títulos mais antigos, criando novos níveis no topo da hierarquia. [...] Um conjunto inteiramente novo de títulos foi criado na década de 1080 por Aleixo Comneno que usava *sebastos*, a tradução grega de Augusto, como termo base. Os novos títulos foram concedidos quase exclusivamente a membros da família próxima de Aleixo. A ideia de precedência no título foi substituída pela precedência no parentesco com os imperadores. (NEVILLE, 2004, p. 32)

Títulos como o *sebasto* ou o *proto* (e seus derivados) estarão presentes na estrutura de poder búlgara. O *protoestrator* assumia um cargo de grande relevância presente no desenrolar político búlgaro-bizantino, representando uma

grande liderança militar da cavalaria. O cargo de *sebastocrastor* pode ter representado uma importância quase equiparada ao imperador (ainda que inferior, mas que demonstra a autoridade presente neste título). Os dois cargos exemplificados, demonstravam, a partir da sua nomenclatura “vanguardista”, a proximidade do imperador para com os detentores destes títulos, pois todos denotariam a confiança do imperador para com este indivíduo ao ponto de lhe conceder grande poder, revestido de autoridade imperial. Esse tipo de coisa não acontecia na época da *thema*.

Toda esta estrutura de reformas estava estabelecida sobre o alicerce da propriedade da *pronoia*, tanto pela sua essência fiscal quanto política. Com o enfraquecimento e a reorganização das *themata*, a *pronoia* ganhou cada vez mais destaque, sendo um elemento adotado, também, pelo futuro segundo império búlgaro independente. Segundo Kazhdan, a *pronoia* era:

Usada no sentido técnico a partir do século XII, a *pronoia* foi equiparada por F. Uspenskij e depois dele por Ostrogorsky ao feudo ocidental, [...] O testemunho de Nicetas Choniates (Nik.Chon. 208.23-24) sobre as “concessões de paroikoi” de Manuel I aos soldados tem sido frequentemente interpretado como *pronoia*; o termo *pronoia*, entretanto, não é usado por Choniates, mas aparece apenas em um scholion da revisão tardia desta passagem na crônica atribuída a Teodoro Skoutariotes (Sathas, MB 7:301, n.i). [...] Em documentos dos séculos XIII a XV, *pronoia* (por vezes identificada com o termo *oikonomia*) é tecnicamente uma concessão de um determinado montante (*posotes*) de receitas fiscais derivadas de propriedades específicas e famílias *paroikos*. Na verdade, o titular da *pronoia* adquiria também o direito às rendas de alguns dos imóveis que lhe foram cedidos, bem como aos serviços de trabalho dos *paroikoi*. Ocasionalmente, coisas como direitos de pesca poderiam ser concedidas como *pronoia*. A *pronoia* era uma concessão condicional que por vezes implicava serviço militar, mas a natureza precisa destas condições ainda não é clara.
(KAZHDAN, 1991, p. 1734)

Esta citação levanta alguns pontos de discussão. A passagem que a compara com o feudalismo ocidental, realizada por Ostrogorsky e Uspenskij, receberá maior atenção ao decorrer do texto, bem como ao que se refere sobre os *paroikoi* (camponeses). Mais imprescindível seja, quiçá, num primeiro momento, se debruçar sobre os pormenores deste tipo de estrutura.

Segundo a definição de Kazhdan, *pronoia* era uma forma de propriedade que fornece receitas fiscais para seus detentores, e permite obtenção de direitos

sobre o trabalho dos camponeses. É bastante relevante perceber que, neste momento, a essência do que se é dito. Até Aleixo Comneno ascender ao trono, o império Bizantino atravessava dificuldades fiscais e monetárias. Assim como o restante, Aleixo reformou o sistema afim de reorganizar para o novo modelo idealizado por ele.

A perda de receitas dos territórios conquistados, coincidindo com a desvalorização exagerada da moeda, colocou o império numa crise fiscal e militar quando da ascensão de Aleixo I Comneno (1081-1118). Ele respondeu inicialmente com todos os meios possíveis e, mais tarde, quando se revelou bem sucedido, com uma série de reformas governamentais. Uma reforma completa do sistema de cunhagem foi realizada em 1091. O novo sistema emitiu moedas de ouro de valor estável e quase com a mesma finura que o nomisma do século X. Esta reforma monetária estabeleceu um novo e estável sistema de cunhagem que durou até o século XII. O fato de a reforma da cunhagem ter sido possível indica que Aleixo conseguiu encontrar formas de se apropriar da riqueza do império. Ele reduziu a necessidade de dinheiro da administração, abolindo os salários tradicionais que eram pagos aos detentores de títulos e concedendo aos principais apoiantes terras com as quais eles pudessem se sustentar. Ele tomou medidas para aumentar as receitas provenientes da tributação do restante território do império com novos censos de propriedade e avaliações fiscais mais rigorosas para instituições religiosas. Aleixo reorganizou os procedimentos fiscais nomeando dois *megaloí logariastai*, ou “grandes contadores”, para rever e fazer cumprir decisões fiscais. No início do século XII, ele racionalizou as taxas para avaliar sobretaxas e gratificações consuetudinárias sobre o imposto sobre a terra.

(NEVILLE, 2004, p. 12)



Figura 3: Nomisma hipérpyron, a nova moeda bizantina instaurada por Aleixo Comneno em sua reforma. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. [São Francisco, CA: Wikimedia Foundation, 2016]. Disponível em: https://en.m.wikipedia.org/wiki/File:Hyperpyron-Manuel_I-sb1965.jpg. Acesso em: 11 de julho de 2024.

A citação demonstra a crise de forma rápida, mas não a sua essência. A crise fiscal está relacionada diretamente com a estrutura temática do império. Considerando que as *themata* eram estruturas militares que se apoiavam grandemente graças à economia de si próprias, a relação entre exército-propriedade-economia é estabelecida de tal forma que, ao se deparar com um problema em qualquer esfera acima, todas as outras seriam afetadas, de forma consecutiva. Talvez não necessariamente de forma indireta, mas sua contribuição (ou a falta dela) afetaria outros aspectos, tal era a conexão entre estes aspectos. A reforma de Aleixo precisou agir em cada elemento deste tripé, uma vez que a crise monetária afetou as outras instâncias de forma consecutiva.

Do século VIII ao X, a economia do governo foi altamente monetizada. Os salários eram pagos em ouro e a maioria dos impostos eram recolhidos em ouro. Um dos principais encargos do pagamento de impostos era a exigência de que os impostos fossem pagos em moedas de ouro nomismata. As avaliações que terminassem em mais de dois terços de um nomisma eram arredondadas para a moeda de ouro seguinte e o troco era dado em prata e bronze. A administração imperial funcionou como a principal força para movimentar a moeda na economia: “O Estado foi capaz de pagar salários e cobrar impostos em dinheiro sem que o uso desse dinheiro se tornasse geral (ou melhor, antes de o fazer). Pagar impostos tornou, assim, mais uma mercadoria escassa (e provavelmente cara).” Embora o nomisma fosse juridicamente avaliado em peso de ouro, o seu estatuto de único meio de pagamento aceitável deve ter levado

o seu valor de troca a exceder o seu valor nominal. [...] A expansão do império exigiu moedas não apenas para facilitar o intercâmbio econômico normal, mas para pagar a contínua boa vontade das elites fronteiriças. O teor de prata dos nomismatas de ouro aumentou muito ligeiramente entre 914 e 1041, numa média de 0,04 por cento por ano. Entre 1041 e 1071, uma desvalorização mais agressiva do nomisma provocou um aumento anual na oferta monetária "da ordem de 1% (ou um aumento de um terço nas unidades monetárias ao longo de trinta anos). "A degradação da moeda tornou-se galopante entre 1071 e 1091, quando a percentagem de ouro no nomisma caiu de 70 por cento para 10,6 por cento. (NEVILLE, 2004, p. 9-10)

Neste momento, torna-se imprescindível lembrar a estrutura burocrática das *themata* entre o século VIII e o século X. Afim de se proteger melhor contra inimigos externos, o império foi reorganizado em novas estruturas administrativas (*thema*) voltadas para a criação e manutenção de tropas de defesa locais. Os líderes destas tropas (*estrategos*, num primeiro momento, e duques e catepanos, posteriormente) podem não ter sua autoridade restrita apenas à arena militar, mas também participava da administração fiscal. Quando se fala "A administração imperial funcionou como a principal força para movimentar a moeda na economia" (NEVILLE, 2004, p. 7) , durante o século VIII ao X, esta administração trata-se justamente dos líderes *themáticos*, que poderiam organizar guerras civis, visto a ocorrência de conflitos destes mesmos líderes contra os imperadores bizantinos.

Da mesma forma, quando se diz que Aleixo Comneno encontrou uma forma de reformar a estrutura monetária e, assim, alterar o pagamento em dinheiro para os detentores de títulos, ou seja, os líderes das *themata*, para converter em concessão de terras para seus principais apoiadores, trata-se, aqui, da substituição das *themata* pelas *pronoias*. A partir da reforma, haveria uma propriedade cedida a uma aristocracia de confiança, e desta terra cedida essa aristocracia obteria o seu status. A fonte do poder foi transferida da moeda para a terra, e esta foi a estrutura adotada pelo nascente segundo império búlgaro. Dessa forma, o imperador separou os antigos titulares do poder ao alterar a estrutura da propriedade. A *pronoia* representava a reforma de Comneno por ser um símbolo desta mudança: justamente pela conexão das estruturas de poder, ao reformar estas facetas, administrativa e monetária, todo o sistema alterou-se.

Dito isto, vale se debruçar sobre alguns pormenores da revolta dos irmãos Teodoro e Asen, que fundaram a Bulgária (ao menos o segundo império com este nome). A estrutura reformada por Aleixo permaneceu vigente até a revolta dos dois irmãos, que herdaram elementos bizantinos em seu território. No final do século XII, a região ao sul do rio Danúbio atravessaria uma reviravolta administrativa.

Nesse ínterim, quando a campanha bizantina contra os normandos ainda estava em andamento, Isaque foi para a fortaleza de Kypsela (atual Ipsala) perto da foz do Maritsa. Nas semanas anteriores, ele recrutou ativamente tropas para lutar contra os normandos e concedeu *pronoias* (feudos) em grande número para o serviço. No início do outono, ele havia reunido uma força grande o suficiente para suas necessidades atuais, e suas tropas sob o comando de Branas estavam rapidamente expulsando os normandos dos Bálcãs. Assim, Isaque não buscava mais recrutas e concedia *pronoias* para esse fim. Naquele momento, no outono de 1185, dois irmãos chamados Teodoro (que logo assumiria o nome de Pedro) e Asen, da região de Tarnovo, na Bulgária, chegaram a Kypsela para buscar uma audiência com o imperador. Eles esperavam obter um distrito montanhoso nas montanhas dos Bálcãs (Haemus) - um distrito, segundo Choniates, de pouco valor - como *pronoia* para o serviço ao imperador. Não necessitando de mais tropas, o imperador recusou. Asen tentou defender seu caso e ficou bastante acalorado em suas palavras. Nesse ponto, o tio de Isaque, Sebastocrator João, ordenou que Asen fosse batido no rosto. Os dois irmãos retiraram-se furiosos e, regressando à sua região de Tarnovo, imediatamente começaram a levantar uma rebelião.

(FINE JR., 1987, p. 10)

Como dito anteriormente, as *pronoias* eram propriedades cedidas pelo imperador para aqueles que ele considerasse dignos de sua confiança. Essas propriedades já foram chamadas de feudos anteriormente, e agora uma vez mais. Este tema será discutido mais à frente, no entanto, por ora, há que se dizer sobre a situação por trás deste evento. Tal qual os cargos civis administrativos, as *pronoias* também eram cedidas aos familiares dos imperadores, mas também poderiam ser concedidas para soldados que prestassem serviços militares para o imperador, por exemplo. Se os irmãos de fato buscaram adquirir *pronoias* com Isaque Ângelo (o primeiro imperador bizantino da dinastia Ângelo, aliás), eles deveriam ser capazes de exercer algum tipo relativo ou decisivo de performance militar, e Mutafciev, através de citação de Fine Jr., parece corroborar com esta ideia.

Antes de abordar essa rebelião, quero chamar a atenção para dois aspectos estranhos desta história observados por Mutaftchiev. Primeiro, não foi necessário que os irmãos fossem diretamente ao imperador para obter uma *pronoia* de pouco valor; estes geralmente eram distribuídos por burocratas relevantes. Assim, pergunta-se Mutaftchiev, será que os irmãos estariam de fato buscando algo consideravelmente mais significativo, como um governo provincial? Em segundo lugar, a maneira insolente de Asen protestar ao imperador foi um comportamento muito incomum. O fato de ele ter ousado se comportar dessa maneira e também de não ter sido imediatamente preso ou pior, sugere a Mutaftchiev que os irmãos deviam ser pessoas de estatura considerável. Quaisquer que sejam as explicações para estas duas esquisitices, também é estranho que, tendo recusado o seu pedido e insultado-os na barganha, Isaque e os seus funcionários tenham permitido que os irmãos regressassem livremente à Bulgária. A Bulgária na altura não estava calma.
(FINE JR., 1987, p. 10)

É de considerar acerca da magnitude dos irmãos quando do encontro com Isaque Ângelo (não necessariamente em termos de grandeza, também pode-se pensar na ausência desta magnitude). Se a Bulgária não estava calma, como afirma Fine Jr., os irmãos podem ter chegado a Constantinopla com a arrogância de gozar de um prestígio com os habitantes da região que viria a se tornar o segundo império, e por isso tanto agiram como agiram como também não seria prudente para o imperador mantê-los presos ou pior. Considerando esta possibilidade, pode-se imaginar, também, uma questão ou duas acerca da personalidade de Isaque Ângelo em termos de governança. Mas essa problematização é invocada apenas para demonstrar a autoridade que Teodoro e Asen invocavam para si ao clamarem por uma *pronoia*.

Essa breve passagem acerca do início da revolta torna-se importante para destacar o papel da propriedade para o império nascente dos irmãos. A *pronoia* que ambos buscavam para si será o sistema adotado por ambos em uma Bulgária independente.

Após quase dois séculos de domínio bizantino, muitas antigas instituições búlgaras foram extintas. Eles foram substituídos pelo sistema administrativo e de propriedade de terras bizantino. Mutaftchiev argumenta, embora não prove, que os líderes da rebelião, Pedro e Asen, e presumivelmente também alguns dos seus principais tenentes, adquiriram as suas posições de liderança porque já eram líderes - magnatas e detentores de *pronoia* - nas suas regiões antes à rebelião. Assim, Mutaftchiev argumenta que a aristocracia fundiária existente forneceu a liderança primeiro para a rebelião e depois para o novo estado. herdando o sistema bizantino, os governantes do Segundo Império Búlgaro, como passou a ser chamado o estado recém-

libertado, mantiveram-no e modelaram as suas instituições estatais e cerimônias judiciais nas de Bizâncio. No entanto, apesar do modelo, institucionalmente os búlgaros nunca alcançariam uma burocracia verdadeiramente nacional, de estilo bizantino. Os boiardos (nobres) no novo estado não eram mais de antigas famílias búlgaras que remontavam ao anterior império búlgaro. Os boiardos no estado revivido ganharam destaque devido ao seu papel na luta de libertação ou à nomeação real. Assim, muitas famílias boiardas começaram como nobreza de serviço, com certas figuras ganhando eminência por serem parentes de Pedro e Asen.
(FINE JR., 1987, p.16)

Tal qual a passagem acerca dos feudos, haverá uma a respeito da nobreza, neste caso, os *boiardos*. Talvez o elo que possa ser estabelecido entre o primeiro e o segundo império, em termos estruturais, seja as famílias aristocráticas que possuíam autoridade e prestígio durante o império primeiro, conservaram esta autoridade e prestígio durante o domínio bizantino, e participaram, ou foram nomeados, por Pedro e João Asen (chamados, respectivamente, de Teodoro e Asen, antes de serem coroados, e mudarem seus nomes após essa coroação). A baixa probabilidade de ocorrência desta sequência demonstra a razão (talvez) desta camada aristocrática nascente, os *boiardos*, serem aqueles que assumiram um papel de destaque na luta contra os bizantinos durante a revolta. A antiga estrutura de *comitati* e *tarkans* não foi ressuscitada, mas esquecida, e a estrutura bizantina foi adotada tanto em termos de propriedade quanto em termos de aristocracia.

Os nomes das unidades territoriais durante o primeiro meio século de existência do reino revivido não eram mais "comitati", ou pelo menos não são fornecidos em nenhuma das fontes sobreviventes com este termo.
(KOLEDAROV, 1989, p.9)

Aliás, o próprio Koledarov detalha mais acerca de como funcionaria o aparato governamental búlgaro, adentrando em seus pormenores de forma ligeira, para o recorte selecionado.

O governo do povo estava nas mãos de um governador regional, que era órgão direto do rei e era conhecido pelo título de "duque" ou "céfalo" (ambos bizantinos). O duque vivia no centro principal do povo e era nomeado diretamente pelo governante. A população foi dividida em unidades administrativas menores, que incluíam várias cidades e municípios rurais. Segundo a terminologia bizantina adotada em nosso país nos séculos XIII e XIV, essas unidades eram chamadas de "catepanikioni", e seus governadores, subordinados ao duque, eram chamados de "catepani". Segundo P. Petrov, os governadores do povo não eram os duques, mas sim os sebasti, porque foram colocados

diante deles quando os funcionários foram listados nos monumentos.
(KOLEDAROV, 1989, p. 10)

Assim como os duques e os catepanos substituíram os *estrategos* no império Bizantino, parece que os céfalos desempenharam um papel semelhante na reorganização comnena. Os búlgaros parecem ter modificado um pouco o teor aristocrático, mas ainda manteve a mesma nomenclatura (duques, catepanos, sebastocrastor, etc.) e o mesmo sistema, ainda que não uma cópia idêntica. Petrov e Koledarov parecem não estabelecer um consenso sobre a essência de cada uma, e isso acaba sendo um pouco problemático, pois, nesta não-unanimidade, surgem os questionamentos narrativos.

É particularmente específico abordar esta questão para os escritores búlgaros citados neste trabalho. Tanto os mencionados, como Bozhilov, Koledarov e Petrov, por exemplo, quanto os não mencionados Nikov, Andreev, Mutaftchiev e outros, outros que atuaram no período cronológico da Guerra Fria, e alguns (não necessariamente todos) tiveram profundas influências na sua maneira de produzir história pela influência do sistema político da época, o stalinismo. Num capítulo posterior, essa questão será abordada de forma mais aprofundada, mas, quanto a questão de Petrov e Koledarov, citada anteriormente, servem de trampolim para uma problemática que o próprio Koledarov disserta no decorrer de seu texto.

Tornar-se-á claro que o aparato búlgaro não é uma cópia à imagem-semelhança do bizantino. Terminologias foram adotadas, modelos fiscais de propriedade também, as categorizações sociais não sofreram uma alteração. É uma sociedade que dialoga bastante com seus vizinhos romanos orientais, em alguns pontos mais que outros, mas que de forma alguma se configura enquanto um espelhamento completo e absoluto.

A esmagadora maioria da população búlgara permaneceu camponesa. Nossas fontes limitadas sugerem que a maioria desses camponeses eram servos de propriedades reais, boiardas ou monásticas. A libertação de Bizâncio não trouxe libertação social. As condições da terra não mudaram; os camponeses simplesmente continuaram a trabalhar nas propriedades dos seus senhores, fossem elas novas ou, no caso das propriedades dos proprietários que apoiaram a rebelião, as mesmas.
(FINE JR., 1987, p. 17)

Como será dito no capítulo próprio a esta especificação, a historiografia de caráter stalinista tem a característica de produzir a própria narrativa histórica não necessariamente com o devido rigor científico-metodológico que a produção histórica exige, mas a utiliza para produzir uma narrativa que convém aos próprios interesses. O texto de Koledarov data de 1989. Este é o ano em que a Bulgária substitui o sistema stalinista pelo capitalista. É o ano da transição. A narrativa de Koledarov pode apresentar elementos nacionalistas de características stalinistas, pois ele produz seu texto de forma a produzir uma narrativa nacionalista questionável. Durante grande parte de seu texto, ele enfatiza que a adoção da estrutura bizantina não foi absolutamente idêntica, mas até que ponto ele mesmo exagera esta não semelhança?

Em apoio ao fato e ao nosso entendimento de que os termos bizantino e búlgaro para a administração provincial eram utilizados em paralelo está a presença do mesmo fenômeno com as fileiras Bolyar no estado restaurado. Demos exemplos desta prática em outros lugares, a saber: como nomes duplos - grande voivode = protostator, copeiro = pinker, epinker, e entre eles sem paralelos búlgaros estão o déspota bizantino, sebast (com os derivados protosevast e sebastokrator), grande logotheta, protovestiário (ou visternik ou wistiar em búlgaro), grande primicure, protokeliot (protokilyinik em búlgaro), comitati com cavalos ou comissário, etc., mas ao mesmo tempo os puramente búlgaros, que não são menos numerosos: grande zelador, postelnik, lojista de grãos, latoeiro, pitar, servo, inquilino, serralheiro, timoneiro (timoneiro, timoneiro), mechenosha (porta-espada), etc.

(KOLEDAROV, 1989, p. 11)

Antes de prosseguir com a narrativa questionadora, alguns dos termos não traduzidos na citação anterior (*velik dvornik* = grande zelador, *jitnitchar* = lojista de grãos, *mednitchar* = latoeiro, *slugar* = servo, *shatrar* = inquilino, *klyutchar* = serralheiro) não podem ser comparados em relevância com os títulos “impuros”, ou seja, que vieram de Constantinopla. O *sebastocrator* é uma grande autoridade no império, comparado a um vice-rei. Não é a mesma autoridade do grande zelador.

O Conselho Boyar incluía os boiardos maiores e o patriarca. Ele discutia questões sobre políticas externas e internas, como declarações de guerra, formações de alianças ou a assinatura de tratados de paz. Os funcionários administrativos de mais alto escalão eram o grande *logotheta*, que tinha as funções de um primeiro-ministro, e o *protovestiaros*, que era responsável pelo tesouro e finanças. Títulos da alta corte, como déspota e *sebastokrator*, eram concedidos aos parentes do imperador, mas não estavam estritamente relacionados a funções

administrativas. No entanto, eles eram ainda mais importantes do que os funcionários mencionados acima. A maioria dos déspotas eram parentes próximos do tsar. Eles eram seus "primeiros assistentes" no governo do país. Déspotas e sebastokrators tinham poder administrativo, militar e financeiro substancial.
(CHOLAKOV, 2024, p. 42)

Além disso, os termos puramente búlgaros, que Koledarov traz, nada mais são que nomenclaturas traduzidas, como afirma Cholakov. Acaso apenas na Bulgária haviam servos ou inquilinos? Mas, ainda assim, Koledarov escolhe o termo “puramente búlgaros”. Evoca uma grandiosidade búlgara em sobreposição a outras? Por que não “exclusivamente búlgaras”, talvez? A historiografia contemporânea tende a descartar esta perspectiva.

Diferentemente do que aconteceu no Primeiro Império, a administração durante o Segundo Império Búlgaro foi fortemente influenciada pelo sistema bizantino de administração. A maioria dos títulos da nobreza, da corte e da administração foram adotados diretamente de suas contrapartes bizantinas em grego bizantino ou foram traduzidos para o búlgaro. Ainda havia algumas diferenças nos sistemas de classificação entre os dois países.
(CHOLAKOV, 2024, p. 42)

Há ainda outro ponto a ser comentado, antes de retornar para a questão da estrutura de poder do segundo *Tsarstvo* (segundo império búlgaro). O termo *voivode* (voivoda, em português) foi posto enquanto igual ao termo *protostator*. Essa atitude merece sua própria interrogação, pois gesticula com uma população valáquia, em termos contemporâneos, romena.

Antes de considerarmos as mudanças ocorridas nesta estrutura durante o segundo período de fragmentação feudal e após a perda de partes significativas do território estadual, devemos nos deter em particular na organização das regiões fronteiriças do norte. Este importante elemento de defesa do reino mostra não só a continuidade com o primeiro período da sua existência, mas ajuda a esclarecer uma série de acontecimentos importantes e fatos básicos relacionados com as terras do Transdanúbio, tanto na sua restauração como no seu desenvolvimento nos séculos XIII e XIV. Seria suficiente citar o seguinte como exemplo: a utilização das terras além do Danúbio como trampolim para o reagrupamento e aumento do exército rebelde Asenevci, garantiu a reviravolta bem sucedida do movimento de libertação; a inclusão imediata dos territórios até às fronteiras com a Hungria (ao longo dos Cárpatos) e com o Principado Russo Volyn-Galego (ao longo do planalto na atual Moldávia Central) dentro dos limites do reino restaurado - a preservação de uma série de fortalezas com guarnições reais búlgaras na margem norte do Danúbio e uma série de outras posições importantes, juntamente com a soberania dos governantes de Tarnovo sobre a voivodia de Ugrovia até o pôr do sol do estado búlgaro na

última década do século XIV. Tudo isto não poderia ter sido esclarecido ou recebido uma explicação adequada sem a presença contínua a norte e nordeste do Baixo Danúbio, ao longo da Idade Média, de uma massa significativa da população búlgara e, ao mesmo tempo, a presença do poder do Reino de Tarnovo. Estas situações, bem como o grau do estado e das tradições culturais dos búlgaros, estão numa relação direta e constituem a resposta correta ao problema particularmente importante: Quais são os limites do território étnico da nação búlgara, onde foi formado nos séculos IX-X e durou toda a Idade Média? Até agora, na historiografia, esta área ainda está erroneamente limitada apenas às principais áreas habitadas até hoje pelos búlgaros, Mísia, Trácia e Macedônia, ou seja, apenas nas terras ao sul do Danúbio.
(KOLEDAROV, 1989, p. 13)

O próprio autor reconhece que essa é uma questão que ultrapassa o objeto de estudo de seu recorte:

A questão da presença do elemento nacional búlgaro e das relações étnico-políticas nas terras além do Danúbio antes da restauração do Estado búlgaro em 1186 e após a sua queda sob o domínio otomano no final do século XIV ultrapassa realmente o quadro cronológico do nosso trabalho, mas vamos debruçar-nos sobre eles, pois ainda é necessário sobretudo pela sua especial importância para a resolução correta de uma série de problemas e da geografia histórica do país búlgaro [...]
(KOLEDAROV, 1989, p. 13-14)

A prática de recorrer à história para justificar uma agenda política não é uma atitude moderna para os governantes e/ou intelectuais, e tal prática já seria utilizada mesmo na contemporaneidade da dinastia Asenida.

Os nossos governantes serviram-se mutuamente com exemplos históricos quando a realidade política exigiu que se legitimassem, expandissem e fortalecessem o seu poder e protegessem certos privilégios. Para apoiar o que foi dito, faremos referência à correspondência internacional de Simeon e Kaloyan, à carta de Dubrovnik de João Asen II, emitida em 1230, e à carta zográfica de João Alexander de 1342. Eles contêm informações valiosas que os governantes mencionados usaram ativamente os escritos históricos armazenados na biblioteca real, e neles encontraram aqueles argumentos históricos que tiveram valor e peso relevantes em sua diplomacia com governantes estrangeiros e especialmente com Constantinopla e Roma ao justificar suas reivindicações ao poder e título real, ou outros objetivos da sua política externa.
(KAYMAKOVA, 2013, p. 6-7)

Essa agenda nacionalista que converte a história em uma ferramenta narrativa não é exclusividade sequer da modernidade, como mostra Kaymakamova. Geary explica a maneira com que este nacionalismo foi utilizado num contexto de transição de sistemas, na Bulgária do fim do século XX. Esse

fenômeno de transição de um sistema para outro (de um Estado operário degenerado para um Estado capitalista) traz uma série de consequências; no aspecto historiográfico, essa realidade pode ser vista refletida em algumas produções históricas.

Os fantasmas do nacionalismo, do etnocentrismo e do racismo, que supostamente já haviam sido exorcizados da alma europeia, retornaram com força total após meio século de inatividade. [...] “Ironicamente, no fim do século XX, a Europa Central permanece da mesma forma que estava no fim do século XIX.” A verdade dessa afirmação, feita por um historiador austríaco em 1991, torna-se ainda mais evidente nos dias de hoje. [...] As comunidades étnicas que eram forçadas a coexistir sob a bandeira internacionalista do socialismo encontram agora a liberdade para retomar antigas rixas. [...] Políticos poloneses competem para ver quem é o mais polonês. Os húngaros recomeçam suas disputas com os romenos a leste. Sérvios e croatas matam uns aos outros, e ambos matam os bósnios, em nome dos direitos nacionais [...]. Como consequência, as reivindicações pela autonomia política com base na identidade étnica proporcionarão, inevitavelmente, disputas nas fronteiras, supressão dos direitos das minorias e conflitos civis, já que cada grupo promove a abominável ação da “limpeza étnica”, a fim de garantir um estado territorial etnicamente homogêneo.
(GEARY, 2005, p. 11-12)

Não se afirma aqui que a fala de Koledarov é uma alusão ao fenômeno que Geary exemplifica no seu próprio texto. No entanto, a mudança na Bulgária coincide com uma narrativa de Koledarov que não pode estar alheia aos acontecimentos históricos de momento, e que completamente se encaixam na descrição de Geary sobre a ressurreição dos nacionalismos. No caso Búlgaro, Koledarov utiliza termos transdanubianos (ou seja, utilizados além do rio Danúbio, rio que demarca muito da fronteira entre os Estados contemporâneos da Bulgária com a Romênia), e ainda que não fossem desconhecidos na Bulgária, não assumiam o mesmo protagonismo. A todo momento, o autor búlgaro tenta construir uma ponte histórica entre as terras ao sul do Danúbio com as do norte. Em termos contemporâneos, isso equivale aos Estados da Bulgária e da Romênia. Quando Koledarov pontua acerca dos limites étnicos da nação búlgara, e leva a entender que a historiografia limita a Bulgária, de forma errônea, ao território exclusivamente ao sul do Danúbio, os eventos realmente se passaram como ele alude ou a narrativa se dobra para atender as necessidades do autor?

Por acaso, houve, na história búlgara, uma disputa territorial com a Romênia pelo território chamado de Dobruja, localizado nas duas margens do rio, tanto na porção romena quanto búlgara.

[...] após a criação e consolidação dos modernos Estados-nação romenos e búlgaros no período pós-1878, ambos os países entraram na lógica de soma zero do confronto geopolítico. A principal questão de discórdia era o estatuto da província histórica de Dobrudja. Ocupada pelo Império Otomano no século XV e habitada por uma população multiétnica, Dobrudja foi dividida pelo Congresso de Berlim de 1878. A Romênia adquiriu a maior parte norte da província e a Bulgária adquiriu a parte sul, também conhecida como Cadrilater (Quadrilátero). Posteriormente, ambos os estados envolveram-se em políticas de colonização étnica e homogeneização cultural visando a assimilação e integração nacional da província. Ao mesmo tempo, ambos os países reivindicaram Dobrudja inteira para unificar a província sob seu domínio. Este conflito territorial gerou assim o que a historiografia búlgara mais tarde chamaria de “questão de Dobrudja” (Добруджански въпрос em búlgaro, *chestiunea dobrogeană* em romeno). Como a jurisdição sobre a província mudou muitas vezes entre a Romênia e a Bulgária, Dobrudja tornou-se uma verdadeira “Alsácia e Lorena dos Balcãs”, como disse um comentador búlgaro. (IORDACHI, 2017, p. 314)



Figura 4: Dobrudja entre os dois países: porção alaranjada pertence, atualmente, à Romênia, enquanto a amarela, à Bulgária. Há de notar-se que coincide com a localização da gênese do movimento rebelde de Ivaylo. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. [São Francisco, CA: Wikimedia Foundation, 2016]. Disponível em: <https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Dobrogea-cadrilater.png>. Acesso em: 11 de julho de 2024.

Seria muito conveniente e muita coincidência considerar que as passagens de Koledarov seriam completamente e estritamente científicas, livres de teor nacionalista? Os eventos de fato se passaram como afirmado, sem nenhum acréscimo ideológico? Ocorre que a Idade Média é um recorte cronológico muito fértil para trazer legitimações nacionalistas modernas, e a historiografia retrata isso, como é o caso de Dobrudja, que no século XIII era território integrante do segundo *Tsarstvo*.

Não são apenas os líderes políticos nacionalistas que tomam a história como base para a política atual. Acadêmicos renomados também se envolvem em usos polêmicos do passado. [...] Exemplos como esses são incontáveis na Europa. Poucos habituados a estar no centro da disputa política, os historiadores dedicados à Alta Idade Média se dão conta de que o período histórico que estudam é o pivô de uma disputa pelo passado, e que suas afirmações estão sendo usadas como base para reivindicações para o presente e futuro. [...] Infelizmente os políticos, e até mesmo os acadêmicos, tanto do Leste Europeu como do Ocidente, geralmente sabem muito pouco sobre esse período, e menos ainda sobre o verdadeiro processo de formação das sociedades europeias. Provavelmente nenhum outro período da história foi tão obscurecido pela academia nacionalista e chauvinista. Essa própria obscuridade propicia a propaganda do nacionalismo étnico: reivindicações podem se basear na apropriação do período das migrações sem que sejam contestadas, já que poucas pessoas tem conhecimentos suficientes para isso. Uma vez que as premissas a respeito desse período são aceitas, os líderes políticos podem adequar suas implicações políticas a seus planos. (GEARY, 2005, p. 15-16)

A respeito destas implicações políticas, haverá um capítulo específico a se referir sobre a essência de uma tipologia específica de nacionalismo vivenciada na Bulgária: a de caráter stalinista. Boa parte dos grandes autores clássicos do século XX da Bulgária fizeram parte deste recorte cronológico, e isso precisa ser levado em consideração e detalhado em um recorte mais direcionado, que será realizado noutro capítulo. O relacionamento moderno búlgaro-romeno pela Dobruja passa longe de ser o relacionamento medieval dos búlgaros com os valáquios/cumanos (populações transdanubianas que participaram, em maior ou menor escala, da conjuntura política do segundo império búlgaro) no século XII ou XIII. Por mais que haja um capítulo específico para este tipo de análise historiográfica, já da nascente do segundo império essa narrativa foi adotada e, por isso, aqui foi mencionada. Não se trata de anular toda a obra de Koledarov, pois não se trata, também, de afirmar que o autor se reveste

de uma autoridade acadêmica para produzir um discurso acerca de um evento inexistente na história, que serve apenas para adotar os seus interesses nacionalistas de momento, mas há que abrir tal parêntese, já que esta era a conjuntura da época.

As instituições bizantinas e búlgaras podem ser irmãs, mas não gêmeas. Há de se questionar as fontes a respeito destas diferenciações. A própria camada dominante da aristocracia exemplifica isto: não havia *boiardos* em Bizâncio, mas são os *boiardos* quem governam a Bulgária junto com o *tsar*. Como dito anteriormente, a parcela populacional que se posicionou junto ao aparato governamental não tinha o mesmo perfil da sua versão ancestral, do primeiro império. Os *boiardos*, também podendo ser chamados de *bolyardos* ou *boliardos* ou mesmo *bolyar* ascenderam de duas maneiras: ou devido a sua participação na revolta que culminou no nascimento do segundo império ou graças a uma nomeação real.

Com o tempo, porém, alguns boiardos, seja através da construção em terras mantidas pelos bizantinos ou através da aquisição do poder fundiário por meio de concessão real, acumularam vastas propriedades e com elas considerável autoridade local, permitindo-lhes tornar-se, em tempos de instabilidade do governo central, governantes autônomos em suas províncias. Neste período, e continuando ao longo do século XIII, muitos boiardos importantes eram de origem cumana. Foi até argumentado que Asen é um nome cumano, e uma teoria, embora não comprovada, é que Asen descendia de um príncipe cumano por parte de mãe.
(FINE JR., 1987, p. 16-17)

Os *boiardos* representam um tema particularmente complicado de ser analisado neste trabalho. Há uma variedade de obras que tratam da essência do aparato governamental búlgaro durante o domínio bizantino, mas, a partir da revolta dos Asen, não foi possível encontrar trabalhos que tratem da conceituação da essência do poder e da autoridade dos *boiardos*, tampouco de seus limites ou suas jurisdições.

Os *boiardos* não representavam uma camada homogênea, em suas variadas instâncias. Houve aqueles que conseguiram acumular mais *pronoias*, houve quem se estabelecesse na capital, Tarnovo. Houveram facções com interesses políticos distintos umas das outras. Houveram facções que

conseguiram alcançar o poder e entronar um *tsar* que representasse seus interesses.

Grandes chefes de guerra como Kaloyan, tendo subjugado ou conquistado a lealdade de um número suficiente desses senhores [...] , foram então capazes de forçar o resto a aderir. Mas depois de obter a sua submissão, Kaloyan, tal como outros grandes chefes de guerra medievais, não criou nenhum aparato ou burocracia para manter o controle sobre eles. Assim, existia pouco controle estatal sobre os *boiardos*, seja por parte de funcionários do estado ou de um exército estatal independente; pois o exército continuou a ser composto principalmente por unidades regionais, cada uma composta por um *boiardo* importante liderando a sua própria comitiva local. Mesmo quando Kaloyan colocou um dos seus próprios nomeados como governador de uma província, como fez quando adquiriu Prosek, esta figura não tinha tropas ou pessoal suficiente para controlar verdadeiramente a região; os *boiardos* locais continuaram a dominar seus condados. Assim, um Estado como o de Kaloyan estava fadado a ser efêmero; sob um *tsar* fraco ou durante um período em que um novo *tsar* se estabelecia, estes condados poderiam, se quisessem, deixar de cumprir obrigações, o que enfraqueceria ainda mais o centro, ou mesmo separar-se completamente. Boril foi imediatamente confrontado com esta situação; e da noite para o dia a Bulgária deixou de ser uma grande potência.
(FINE JR., 1987, p. 92)

Essa passagem demonstra uma tendência que se tornou um padrão por parte dos *boiardos*. Aparentemente, eles não lideravam exércitos, apesar de ter sido dito que a citação afirma de um exército nacional formado por tropas regionais, em conjunto, lideradas por um *boiardo*. Aparentemente, esta liderança era nominal, e os *boiardos* não se envolviam em atividades bélicas de fato. Grandes chefes de guerra podem ter forçado uma obediência total se conquistam a lealdade de alguns, os suficientes. O termômetro de obediência dos *boiardos* para com o *tsar* parece orbitar em torno do que seria atribuído enquanto força, em termos militares, provavelmente. Isso explicaria o declínio após o governo de João Asen II, tal qual sob o seu antecessor, Boril. O que justifica esta ideia é a lealdade destes *boiardos*. Se não havia um exército imediatamente conectado e dependente do trono, então os grandes *boiardos*, detentores de mais terras e com estas terras contendo o maior número de habitantes conseguiria exercer o maior controle do império. No entanto, os *boiardos* sempre (entre o século X e o século XIII) se submeteram a lideranças consideradas militarmente fortes. Isso vale com Kaloyan, que conquistou vastas extensões de terra, para os irmãos fundadores, Pedro e João Asen I, e para João

Asen II, não apenas um líder militar de sucesso mas também um imperador com notórias conquistas civis. Boril aparentemente não foi considerado de mesmo patamar e sofreu as consequências. O perfil do *tsar* pode ter influenciado diretamente o perfil de uma instituição já mencionada, o grande conselho *boiardo*, que fora reestabelecido no segundo *Tsarstvo*.

Não é de surpreender que o Conselho dos Grandes Boyars fosse uma instituição de grande importância e posição. Ele não só podia escolher, mas, em certas circunstâncias, até mesmo depor o governante. O Conselho Boyar incluía os grandes boyars e o patriarca. Ele discutia questões sobre políticas externas e internas, como declarações de guerra, formações de alianças ou a assinatura de tratados de paz.
(CHOLAKOV, 2024, p. 42)

A lealdade dos *boiardos* torna-se fluida, variando de acordo com seus interesses próprios e sua obediência é exercida perante uma figura militarmente imponente. Consequentemente, considerar-se-á que os *boiardos* possuem propriedades e, com o passar do tempo, podem ter adquiridos direitos militares sobre os camponeses, mas que não liderariam tropas em batalhas; essa função recairia sobre o imperador ou algum outro funcionário de confiança (provavelmente membros familiares, como um *sebastocrator*).

Quando um *tsar* como Asen provou ser um chefe de guerra bem sucedido, ele conquistou dos *boiardos*, através do seu medo de ações punitivas ou através da sua ânsia de saque, expressões de lealdade. Depois, através destes laços pessoais de lealdade, as localidades comandadas pelos *boiardos* ficaram temporariamente ligadas a Tarnovo e ao governo central. É evidente que tais laços não poderiam trazer coesão duradoura a um Estado. Os regentes de Colomano discutiram entre si e os *boiardos* se dividiram em facções conflitantes.
(FINE JR., 1987, p. 154)

Aqui, o Asen mencionado trata-se de João Asen II, e justamente trata da transição deste imperador para o seu filho Colomano, de sete anos. Os *boiardos* foram obrigados a se submeterem a João Asen, que através de seu comando bélico conseguiu submetê-los, por esta ou aquela maneira. É um artifício que não seria aplicado a Colomano, em 1241, ao ascender ao trono, e assim as facções *boiardas* tornaram-se outra vez autônomas, e este caso representa um exemplo de como estas facções se comportavam para com o *tsar*.

As facções *boiardas*, no entanto, não parecem possuir unidade absoluta alguma. Os *boiardos* da capital auxiliam o governante em seu exercício

constante de execução de seu poder, diferentemente dos *boiardos* periféricos, afastados de Tarnovo, que não desempenham a mesma influência. Os eventos da guerra civil de 1256 e na de 1277 demonstram que nem mesmo os *boiardos* “palacianos” conseguiram se unir totalmente. Em 1256, com a crise de Colomano, Miguel Asen e Rostislav, as facções disputaram o poder de forma decisiva.

A derrota e a paz humilhante de junho de 1256 causaram uma reação violenta daqueles *boiardos* que não queriam boas relações com os bizantinos, mas preferiram a Hungria. Às vezes, no início de 1257, Miguel Asen morreu nas mãos de conspiradores liderados por seu primo, Colomano (ele provavelmente era filho do sebastocrator Alexandre). [...] Com a morte de Colomano II, a dinastia Asenida foi extinta na linha masculina. No entanto, continuou com uma mulher, nomeadamente com a imperatriz do homem que os *boiardos* elegeram para substituir Colomano II. Constantino, filho de Tikh, era um aristocrata sérvio de Skopion, descendente do rei sérvio Estêvão Nemanja [...] . O novo tsar era aliado do imperador de Niceia, seu sogro. Assim, a facção pró-bizantina regressou ao poder. Os historiadores notaram o significado dos acontecimentos de 1257: depois disso, e até ao seu desaparecimento em 1393, a sucessão ao poder no Segundo Império Búlgaro foi uma questão de eleição por vários grupos de *boiardos*, e não de legitimidade dinástica. (MADGEARU, p. 243-244)

Essa citação demonstra que, durante a crise de 1256, após a morte de Miguel Asen, haviam, pelo menos, duas facções em Tarnovo: uma pró-Hungria e uma pró-Bizâncio. Com o fim da dinastia Asen pela linhagem masculina, os *boiardos* passaram a eleger imperadores entre eles, como, por exemplo, Constantino Tikh, Jorge Terter e Teodoro Esvetoslau. Esses *tsares* vinham justamente de uma eleição realizada entre a própria aristocracia palaciana afim de selecionar um governante, mas nem mesmo assim havia unidade. Os eventos de 1277 demonstram isso. O ano do início da revolta de Ivaylo marca a crise final do primeiro imperador búlgaro escolhido pelos *boiardos*, Constantino Tikh. Não foi este o ano do início dos ataques mongóis à Bulgária, mas foi este o ano em que um criador de porcos liderou camponeses à rebelião contra os mongóis da Horda Dourada e contra Tarnovo. Vendo o caos no império ao norte, o imperador bizantino, Miguel VIII Paleólogo, posicionou o próprio candidato ao trono para entrar no conflito, João Asen III. Uma vez mais, a participação dos *boiardos* foi decisiva, e isso pôde ser percebido em dois momentos.

As suas atividades ocorreram numa altura em que, como foi referido, cada vez mais funções do governo central caíam nas mãos da rainha Maria, nascida bizantina, uma intrigante escandalosa que, para garantir a sucessão do seu filho Miguel, se voltava contra muitos dos *boiardos*. Além de envenenar Jacó Esvetoslau, ela prendeu ou executou vários outros *boiardos*. Assim, a oposição a ela e a Constantino crescia. À medida que a reputação e os seguidores de Ivaylo cresciam, a área de onde vinha seu apoio também se expandia; entre seus seguidores também se encontrava um número crescente de *boiardos*. Presumivelmente, não eram *boiardos* da corte, mas sim provincianos, que provavelmente dependiam do exército de Ivaylo para a defesa das suas propriedades e que também se tinham desiludido com o regime à medida que este se voltava cada vez mais para ações arbitrárias contra adversários reais ou imaginários.

(FINE JR., 1987, p. 195)

Estes *boiardos* provinciais, estes pequenos *boiardos*, demonstram possuir interesses próprios, distintos dos grandes *boiardos*, dos palacianos e da corte. No início da revolta, eles se dividiram em apoiar Constantino e Maria ou se opor a eles. Ainda que não tenha sido uma divisão igualitária, havia tal divisão. Neste momento, um dos fatores que influenciaram os *boiardos* a realizarem esta escolha foi a consideração de fraqueza do imperador Constantino Tikh. Ele já não era capaz de liderar exércitos, uma vez que havia sofrido um acidente que reduziu suas capacidades motoras. Não era o fator mais decisivo de escolha, mas certamente esta “fraqueza” influenciou muitos *boiardos*. O que não significaria que estes opositores apoiariam Ivaylo, como os pequenos *boiardos* fizeram. Adiante, os grandes *boiardos* tiveram a oportunidade de exprimir sua escolha e sua preferência. Eventualmente, Ivaylo toma o trono para si, enquanto João Asen III marcha para enfrentá-lo, ele que possuía algum apoio entre os grandes *boiardos*.

Os *boiardos* búlgaros foram chamados a abandonar Maria e apoiar o legítimo tsar Asenida, e alguns o fizeram. Então, acompanhado por um exército bizantino, no início de 1278, João Asen III apareceu na Bulgária. [...] Uma vez no poder, Ivaylo encontrou-se em nova companhia, a de sua esposa bizantina e, presumivelmente, de grande parte de sua corte, bem como a de vários altos aristocratas de Tarnovo. [...] Dado que Ivaylo era inexperiente em assuntos de Estado, pode-se muito bem imaginar que o establishment local, ou a facção que então o dominava, teria tido bastante sucesso em manipulá-lo e manter o poder nas suas mãos. Os *boiardos* locais provavelmente também desprezavam as origens inferiores de Ivaylo e viam ele e sua comitiva como uma ameaça às suas posições e influência. Assim, provavelmente desde o início eles queriam e planejaram sua remoção. E se os seguidores de Ivaylo se alienassem e se afastassem, e se Ivaylo fosse incapaz de assegurar a sua

própria autoridade sobre os assuntos de Estado, os membros do establishment teriam poucos motivos para temê-lo ou para continuar a jogar com ele. Muito provavelmente, o desejo dos cortesãos de se livrarem dele estava por trás da insistência de Ivaylo a deixar Tarnovo no outono de 1278 para fazer campanha contra os tártaros. [...] (FINE JR., 1987, p. 196-197)

Enquanto os grandes *boiardos* parecem ter se dividido entre apoiá-lo e, conseqüentemente, orientá-lo (quicá inclusive manipulá-lo), alguns deles se mantiveram afastados, esperando uma oportunidade se apresentasse em conformidade maior aos seus próprios interesses, ao passo que os pequenos *boiardos*, seus próprios apoiadores iniciais, eram vacilantes em seu apoio. Ainda havia aquela facção que apoiava Asen, que viria a tomar Tarnovo, em 1279.

Ivaylo tornou-se governante em Tãrnovo na primavera de 1278, mas imediatamente enfrentou a oposição dos *boiardos*, que conspiraram para substituí-lo pelo filho de Mitso (vários enviados vieram de Constantinopla para provocar a rebelião). Ao contrário de Ivaylo, João tinha direitos legítimos ao trono, já que seu avô materno era João Asen II. Muitos o preferiram ao pastor de porcos que usurpou o trono. [...] Ao saber que Tarnovo havia sido tomada e Ivaylo derrotado e possivelmente morto, os *boiardos* da facção da oposição decidiram dar as boas-vindas a João Asen III e entregar Maria aos bizantinos. João Asen III e Irene foram, portanto, reconhecidos como governantes legítimos na primavera de 1279. Para fortalecer a autoridade do novo tsar, Miguel VIII concedeu o título de déspota a um dos *boiardos* mais importantes da corte, Jorge Terter. Casou-se com a irmã de João Asen III, após repudiar a sua esposa (que foi enviada como refém para Niceia). (MADGEARU, 2017, p. 263-264)

Os *boiardos* realizaram outra mudança no governo búlgaro, e colocaram o fantoche bizantino, ainda que não houvesse necessariamente unanimidade sobre esta postura, coroando João Asen III como imperador. Para fortalecer a sua posição em Tarnovo, casaram a filha do novo *tsar* com um *boiardo* de destaque, Jorge Terter. Este casamento revela a importância de Terter tanto para os aristocratas quanto para Asen. Em momento de necessidade de estabilidade e força para a reivindicação de João Asen III, foi a Jorge Terter que recorreram em busca de tal suporte. Quando Ivaylo demonstrou que ainda permanecia vivo derrotando as tropas bizantinas de João Asen III, mais uma vez os *boiardos* agiram no governo.

Percebendo a sua própria impopularidade e temendo pela sua vida (afinal, apoiado como estava por exércitos estrangeiros, ele deve ter parecido aos búlgaros como um fantoche estrangeiro), João Asen III, no final de 1279, escapou secretamente de

Tarnovo e fugiu para Mesembria, onde encontrou um navio que o levaria a Constantinopla. Os boiardos dentro da cidade, que se opunham a Ivaylo ou ambicionavam colocar a sua própria camarilha no poder (pois Ivaylo certamente tinha os seus próprios seguidores a quem atribuir prêmios), elegeram então, ainda no final de 1279, um deles, o influente boiardo Jorge Terter, como tsar.
(FINE JR., 1987, p. 198)

A atitude de eleger um dentre eles para ser o novo *tsar* revela a capacidade de mobilização dos *boiardos* para assumirem o poder quando tivessem condições. *Tsares* fortes, que impunham lealdade através de suas capacidades militares, puderam governar com uma estabilidade maior do que àqueles que eram considerados fracos ou inadequados pelos *boiardos* e, conseqüentemente, seriam substituídos, ou é isto o que a historiografia demonstra. A lista não para em Jorge Terter, pelo contrário, essa prática de eleger um *boiardo* como *tsar* perdura (não necessariamente de forma absoluta e ininterrupta) até a conquista otomana da Bulgária, como dito anteriormente. Os *boiardos*, dessa forma, assumem um grande papel administrativo para o aparelho governamental búlgaro, sendo um fator grande de consolidação ou de instabilidade do poder, tendo alcançado essa posição com suas extensas propriedades (*pronoias*), mas não liderando tropas de forma militar, de outra forma, seriam o poder máximo absoluto, e o *tsar* se submeteria às suas decisões.

Este, talvez, seja o momento para se debruçar sobre o que os autores chamaram de feudalismo na Bulgária. Mais de uma vez o sistema feudal foi atribuído à região, tanto quando governados por Constantinopla quanto quando governados por Tarnovo. É necessário, portanto, tratar deste feudalismo em duas frentes diferentes: ora sob o ponto de vista de Constantinopla ora o de Tarnovo.

Feudalismo, um termo frequentemente usado por acadêmicos bizantinos modernos para caracterizar uma variedade de instituições, relações sociais, econômicas e políticas bizantinas. Como em outros campos da história, os estudiosos discordam sobre a definição do termo e, portanto, sobre se/quando Bizâncio tornou-se uma “sociedade feudal”. Que partes dela eram “feudais” e se o termo deveria ser aplicado a Bizâncio de forma alguma. Alguns acadêmicos, especialmente marxistas, sustentam que a sociedade bizantina só pode ser compreendida num contexto feudal. Esses estudiosos consideram que Bizâncio tenha se tornado feudal no século III, VII ou X, dependendo de questões como se os colônios romanos tardios já eram servos e se os habitantes de aldeias e vilas do século X eram pequenos camponeses livres ou dependentes do estado

(ver Demosírios). Por outro lado, aqueles que consideram o feudalismo como o desenvolvimento do poder público (estatal) em mãos privadas debatem quando e em que medida os privilégios — fiscais (ver Isenção), administrativos e judiciais — foram concedidos aos grandes proprietários de terras e até mesmo às cidades, embora concordando que o processo de descentralização atingiu a sua plena extensão entre os séculos XIV e XV. Outros veem o feudalismo principalmente como um sistema de relações hierárquicas entre membros da classe dominante e, embora os conceitos feudais ocidentais de lealdade, homenagem, benefício e vassalagem tivessem pouca expressão em Bizâncio, esses estudiosos debatem se aristocracia bizantina sempre se tornou uma nobreza hereditária e “feudal”. Outros ainda consideram enganoso aplicar o termo feudalismo, tão carregado com as suas conotações autóctones da Europa Ocidental, a Bizâncio. Mesmo esses estudiosos, entretanto, acham difícil ignorar os paralelos entre as instituições da Idade Média Ocidental e Bizâncio (sejam emprestadas [...] à Bizâncio; ver imunidade, lizios, apanágio, pronóia) e muitas vezes acham útil falar, se não de feudalismo, então de “tendências feudalizantes” ou da “feudalização” de Bizâncio. (KAZHDAN, 1991, p. 784)

Esta citação de Kazhdan demonstra muito do que virá a ser comentado em páginas posteriores. Segundo esta passagem, há quatro posicionamentos quanto à utilização da aplicação da terminologia para o império Bizantino. Parece ser mais prudente e científica as últimas posições mencionadas pelo autor, por evitar justamente a fuga às especificidades que modificam aquilo que seria considerado feudalismo no ocidente.

Feudalismo, segundo os termos do Ocidente, é um termo bruto, pesado, carregado de ideologias, e complexo por uma miríade de formas. A citação de Kazhdann demonstra isso. Sua aplicação em sociedades mais orientais, como Bizâncio, requer um devido cuidado. Portanto, com base em algumas leituras, pontuar-se-á algumas características, como mencionadas pelo autor enquanto divergências e se realizará uma comparação com a conjuntura bizantina-búlgara, especificamente referente aos pontos considerados problemáticos na comparação entre os dois pontos (feudalismo na Europa ocidental e “feudalismo” bizantino-búlgaro)

O primeiro aspecto a ser analisado é o de dominação em oposição ao de dominado.

Em uma primeira abordagem, pode-se considerar que a aristocracia, classe dominante no Ocidente medieval, é caracterizada pela conjunção do comando dos homens, do poder sobre a terra e a atividade guerreira. [...] A formação da

aristocracia medieval é um processo complexo, muito discutido

entre os historiadores. Considera-se, comumente, que a aristocracia, tal como observada nos séculos XII e XIII, é o resultado da convergência de dois grupos sociais distintos. Tratar-se-ia, de um lado, de grandes famílias que remontam por vezes, àquela aristocracia romano-germânica cuja fusão já se evocou aqui ou, ao menos, aos grandes da época carolíngia, que receberam em troca dessa fidelidade a honra de governar os condados ou outros principados territoriais resultantes do Império. [...] De outro lado, seria necessário falar dos milites que adquirem importância crescente. No início simples guerreiros a serviço dos castelões, vivendo em sua corte, por volta do ano mil eles ainda parecem assimiláveis, a agentes militares e não formam um grupo coerente, mas sua ascensão parece clara no fim do século XI e durante o século XII, à medida que recebem terras em recompensa de seus serviços. (BASCHET, 2006, p. 109-111)

Existe uma razão para este termo ser tão difundido, tanto no meio acadêmico (e/ou pseudoacadêmico) quanto no imaginário da população variavelmente leiga. Por ser tão generalizado, ele pode ser pensado em qualquer tipo de sociedade, mas “a sociedade dos feudos” se restringiu a um recorte geográfico e cronológico bastante específico, a Europa ocidental. Ele pode ser comparado, mas não aplicado de forma automática sem as devidas considerações acerca das discrepâncias que haverão entre quase todas as sociedades do mundo para com o da Europa feudal (que também não é toda a Europa).

No quesito sobre a nobreza, que Baschet vacila ora em chamar de nobreza, ora de aristocracia: ele a define como a junção de uma classe caracterizada em três aspectos, “comando dos homens, do poder sobre a terra e a atividade guerreira”. No entanto, a sociedade bizantina não tinha uma sociedade com uma classe que, ao mesmo tempo, exercesse estas três funções. Até falar em classes na Idade Média exige cautela. As *themata* eram cedidas a líderes militares, de fato, que comandava soldados e que possuía uma propriedade. Mas essa propriedade não era hereditária, e nem os *estrategos*/duques/catepanos possuíam poder advindo da terra, e sim do fisco e dos impostos. Com as *pronoias*, a situação mudou, e houve quem qualificasse este como o advento do feudalismo ao império Bizantino. Mas como? A reforma de Aleixo Comneno separou, outra vez, o poder civil do militar, e essa situação torna-se bastante clara na Bulgária. Os *boiardos* tinham direitos à propriedade, mas ela não começou hereditária, e sim por um apoio militar prestado ou a uma nomeação real. Essa propriedade conferia poder e autoridade aos *boiardos*, mas

isso não traria automaticamente a eles uma autoridade militar em campo de batalha, aparentemente. Os *boiardos* podem não ter comandado homens de forma bélica como a aristocracia ocidental seria capaz.

Além disso, essa aristocracia/nobreza não foi formada a partir da fusão da família romano-germânica com os *milites*. Qualquer pessoa de confiança do imperador poderia receber uma pronoia, independente da sua origem, e, a partir disso, receberia uma concessão de poderes e privilégios sem necessariamente possuir algum vínculo ancestral aristocrático. Em Constantinopla, após Aleixo Comneno, se tornou mais frequente o contrário, que a maior parte dos cargos fosse cedido não a outras famílias, mas à família do imperador. Na Bulgária, a separação parece ser ainda maior. Os soldados não recebem grandes porções de terra se não forem *boiardos*, mas, se forem *boiardos*, ou não teriam essa ancestralidade aristocrática ou não teriam essa conexão bélica da cavalaria feudal (*milites*).

Há, também, outro elemento político a ser analisado, diretamente conectado com a aristocracia: a centralização do poder.

Apesar das grandes diferenças regionais, é possível assinalar algumas evoluções de conjunto, a começar pela difusão da feudalização. Nos séculos X e XI existem ainda muitos alódios, terras livres possuídas diretamente pelos seus proprietários. Estes são beneficiados com privilégios, mas são igualmente obrigados ao serviço militar e à participação nos tribunais do condado. Depois, ao longo dos séculos XI e XII, as terras do Ocidente deixam, pouco a pouco, de ser alodiais: enquanto os mais modestos se integram em um senhorio, os alódios mais importantes são geralmente cedidos a um poderoso antes de ser retomado como feudo. No século XIII os alódios subsistem apenas de modo marginal, o que significa, de um lado, que o conjunto das terras é doravante integrado ao sistema senhorial e, por outro, mas de maneira menos generalizada, que uma parte importante dentre elas é possuída como feudo. [...] Ao mesmo tempo, os laços feudo-vassálicos são vítimas de seu sucesso e eficácia tende a diminuir à medida que seu uso é mais frequente e que a rede de dependências vassálicas faz-se mais densa.

(BASCHET, 2006, p. 124-125)

Nesta situação, com o passar dos séculos, na Europa ocidental, cada vez mais as terras são transformadas em propriedades e, assim, convertem-se em um instrumento de poder. Não se trata de aprofundar a análise pelas vias da relação vassálica de concessão de propriedades, mas de reconhecer, como reconheceu Baschet, que do século XIII em diante, a descentralização do poder

através da fragmentação da propriedade representa a dependência dessa relação. Se a posse da terra significa posse de poder, quanto mais terras, mais poderio. Portanto, quão maior for a fragmentação das terras, maior é a fragmentação do poder. Isto não ocorre na Bulgária. A *pronoia* é cedida pelo imperador, tal qual ocorria com os bizantinos, mas o imperador ainda era o dono da propriedade. Ela seria mais arrendada do que cedida. Após as *themata*, a centralização comnena durante as reformas fez com que o poderio militar, proprietário e fiscal ficasse cada vez mais relacionado com a figura do imperador, o que centralizou o poder paulatinamente. Na Bulgária do segundo império, essa centralização é volúvel: ora há um imperador extremamente centralizador, ora há uma grandiosa dependência da aristocracia, que passa a atuar de forma independente e que se converte em problemas governamentais graves. Mais uma oportunidade em que o modelo feudal não é plenamente aplicado em outras regiões do mundo, como o autor francês já havia reconhecido, ao apontar as grandes diferenças regionais, e como o próprio Baschet volta a reconhecer, inclusive desenvolvendo este pensamento:

É verdade que, hoje, não se acredita mais que exista um quadro clássico da feudalidade, cujo berço seria o Norte da França, em comparação com o qual as demais variantes seriam apenas formas "degradadas". É preciso, então, reconhecer extrema diversidade regional, que se pode evocar apenas brevemente aqui ("não existe uma feudalidade, mas feudalidades", sublinha Robert Fossier).

(BASCHET, 2006, p. 124)

Jérôme Baschet está longe de ser o único teórico "feudalizante" (e longe de ser o mais radical nesta defesa também). Marc Bloch expande um pouco o raio de alcance do feudalismo, mas não rejeita a posição de reconhecimento da heterogeneidade, conferindo uma leve superioridade regional.

Acrescente-se que, de país para país, havia muitas divergências. Será cômodo tomar por fio condutor um dos mais significativos entre as relações de dependência [...] e estudá-lo, primeiro, na zona mais "feudalizada" da Europa: ou seja, no coração do antigo Império carolíngio, na França do Norte, na Alemanha renana e na Suábia.

(BLOCH, 1989, p. 178)

Se não existe mais um quadro clássico de feudalismo, se há muitas divergências, por que se insistir em uma terminologia/definição problemática que sempre exige a demonstração da necessidade de se realizar ressalvas à respeito

de especificidades locais? Tamanha divergência não torna o próprio “quadro clássico”, as “zonas mais feudalizadas”, em uma especificidade local?

Um aspecto grande na compreensão do feudalismo é a participação da Igreja (a instituição, neste caso, e não o espaço geográfico) em toda estrutura sociopolítica medieval. É bastante ativa na vida social do mundo feudal e rege tanto a política quanto a vida comum, até o ponto em que não se pode pensar feudalismo à parte da Igreja.

As questões relativas à organização da Igreja [...], são evidentemente centrais, mas nem por isso formam, em decorrência, um setor autônomo e separado do restante da atividade coletiva. Elas são, pelo contrário, inseparavelmente imbricadas [...]. É preciso, então, cessar de pôr o estudo da Igreja à margem da análise do feudalismo, sob o pretexto de que ele diria respeito a um capítulo “religião”. [...] A Idade Média ignora toda a autonomização do domínio religioso, pois a Igreja, como comunidade, é a sociedade em sua globalidade, enquanto, como instituição, ela seja parte dominante.
(BASCHET, 2006, p. 168)

Essa passagem de Baschet demonstra o grau de importância da Igreja para o feudalismo. Em termos sociais, ela é a própria sociedade, no entanto, como o que interessa a este trabalho é seu fundamento institucional, ela exerce um papel de dominância e controle na conjuntura do poder medieval. Ela pôde acumular poder com o passar dos séculos e passar a ser uma instituição dotada de autoridade não apenas religiosa, mas também política e econômica.

O poder material da Igreja repousa, em primeiro lugar, sobre uma excepcional capacidade de acumulação de terras e de bens. [...] Eles também fundam novos estabelecimentos monásticos, que dotam dos bens necessários ao seu funcionamento, de modo a assegurar o apoio material e espiritual de “amigos poderosos”, tanto daqui debaixo como do além. [...] Sem multiplicar ainda mais os números, pode-se reter que, segundo os lugares e as épocas, a Igreja em geral possui entre um quarto e um terço das terras. [...] Isso quer dizer que as diversas autoridades episcopais ou monásticas que a compõem são poderosos senhores feudais.
(BASCHET, 2006, p. 171-173)

Na verdade, o poder da Igreja se estende para além daquilo que Baschet menciona. Ele afirma que esse acúmulo de terras veio a partir de doações dos fiéis, e torna-se impossível separar o poder material do espiritual. Não nega-se, aqui, os ditos por ele, mas aponta-se sua limitação. Se o poder espiritual foi o que oportunizou o acúmulo de poder material, então todos estariam submetidos

à jurisdição da Igreja, uma vez que todos seriam dotados de uma alma espiritual condenada à morte e os futuros defuntos seriam tementes desta morte. Isso vale tanto para camponeses quanto para reis. A necessidade de buscar aliados no pós-morte demonstra isso. No entanto, esse poder espiritual catapulta a Igreja para mais longe do que as instituições exclusivamente humanas, como as políticas e econômicas. Assim como elas podem ajudar, elas podem atrapalhar, e, por isso, julgar-se-á que a autoridade da Igreja pode transpassar a autoridade feudal em alguns cenários, pois mesmo os reis mais poderosos não são capazes de exercer sua autoridade no reino dos céus, diferentemente da Igreja, através da sua autoridade terrena. Claro, esse apontamento não é absoluto e há exceções à esta hipótese, mas custa não apontar esta magnitude da autoridade clériga, devido à postura dominante da Igreja no cenário social que a insere no cenário político medieval. Autoridade clériga esta que se prova nas mais variadas ocorrências da vida cotidiana medieval, através do medo do ostracismo, e, conseqüentemente, do castigo do Inferno.

Não podemos terminar este primeiro esboço da organização da Igreja, essencialmente fundado sobre sua capacidade de assegurar a coesão do corpo social, sem evocar a parte coercitiva de seu poder. A capacidade de incluir os fiéis na unidade da comunidade terrestre e potencialmente na glória da Igreja celeste corresponde um temível poder de exclusão detido pelos clérigos. A excomunhão consiste, com efeito, em rejeitar o pecador, deixando-o fora da sociedade cristã, interditando-lhe o acesso aos sacramentos, particularmente à comunhão (a qual aparece como sinal tangível da integração social), e negando-lhe a possibilidade de ser enterrado na terra consagrada do cemitério cristão. É verdade que a excomunhão é somente uma pena terrestre, que não é assimilada à danação eterna, mas, privando o culpado dos meios indispensáveis de salvação que são os sacramentos, fazendo-lhe correr o risco de morrer em estado de pecado mortal não confesso, ela o põe perigosamente sob a ameaça das flamas do inferno.
(BASCHET, 2006, p. 180)

Se a excomunhão é a ferramenta punitiva máxima, a Igreja torna-se capaz de ditar os pormenores da vida cotidiana comum, como, por exemplo, pelo batismo, casamento e extrema unção. Seria capaz de interferir na política, comércio, administração. Uma Igreja tão poderosa não pode ser encarada à parte no mundo feudal.

No mundo bizantino-búlgaro, há uma outra Igreja, uma outra religiosidade. Particularmente, na Bulgária, há um interessante caso político de oscilação entre

Igrejas. Em 1054, data do Cisma do Oriente, a Bulgária já era parte do império Bizantino, de religião ortodoxa, e algumas décadas, e havia começado seu processo de conversão ao cristianismo um pouco antes da conquista de Basílio II, de Constantinopla. Após a oficialização da sua independência, a Bulgária assumiu uma posição peculiar.

Durante os anos imediatamente anteriores à Quarta Cruzada, Kaloyan parece ter começado a preocupar-se se a autoproclamada coroa que recebeu das mãos do seu próprio Arcebispo de Tarnovo tinha realmente legitimidade. As grandes potências (papado e Bizâncio) acreditavam que para ter legitimidade a coroa do tsar deveria ser concedida por uma ou outra delas. Kaloyan parece ter sentido a necessidade de ter sua coroa confirmada por um desses dois e ter decidido que o meio para atingir esse fim era jogar Bizâncio e o papado um contra o outro. Ele apresentou ao papa sua disposição de reconhecer o papa como suserano da Igreja Búlgara se ele enviasse a uma coroa de tsar e conceder à Bulgária um patriarca; ele também ameaçou o império de que, se este não reconhecesse os títulos que reivindicava, ele se voltaria para Roma. Finalmente, após prolongadas negociações e após a conquista de Constantinopla pelos cruzados, em 7 de novembro de 1204 recebeu uma coroa de um legado papal, um cardeal; na época, ele reconheceu oficialmente a supremacia papal. No entanto, seguindo ordens papais, o cardeal coroou rei e consagrou o Arcebispo de Tarnovo, cuja autocefalia foi reconhecida, como "arcebispo". Kaloyan foi informado de que os títulos de rei e arcebispo eram mais ou menos iguais aos títulos tsaristas e patriarcais que ele buscava. Kaloyan, ligeiramente rejeitado, certamente não enganado, e nessa altura prestes a aderir a uma coligação anti-latina, ignorou as sutis distinções explicadas pelo cardeal e simplesmente continuou a chamar-se a si mesmo de tsar e de qualquer modo seu bispo patriarca. O papado parecia à beira de um sucesso fenomenal [...] Apesar das garantias de Kaloyan, os acontecimentos rapidamente levaram o tsar búlgaro à oposição aos cruzados e a toda a causa latina. E a sua submissão a Roma deixou de ser nominal para se tornar letra morta. No entanto, mesmo que as relações de com os cruzados tivessem sido cordiais, é improvável que o papado tivesse alcançado qualquer autoridade real na Bulgária. Os búlgaros eram apegados às suas tradições e não era um governante a ser comandado. Presumivelmente, ele teria resistido ao primeiro sinal de interferência papal na gestão do Estado ou da Igreja búlgara. (FINE JR., 1987, p. 55-56)

Durante o reinado de Kaloyan, a Bulgária aderiu ao catolicismo romano por conveniência política, mas, em seu âmago, permanecia ortodoxa, como a busca pelos títulos eslavos e ortodoxos de Kaloyan demonstram isso. Essa adesão nominal logo deixou de ser necessária, uma vez que a conquista de Constantinopla pelos latinos abria a possibilidade de uma nova liderança à Igreja Ortodoxa.

O poder da Igreja está grandemente ligado, de forma subalterna, à figura centralizadora do *tsar* búlgaro. Nisso, ela destoa da comparação com a Igreja ocidental, feudal, e se converte em algo próprio, nem bizantina nem romana, mas búlgara. O que não elimina a religiosidade búlgara. Ivaylo, em sua revolta, apela ao elemento religioso para lhe conferir autoridade perante os rebeldes.

Havia lá um camponês, chamado Burdokva, que criava porcos mediante pagamento. A língua grega aproxima esse nome de “vegetal” (Lakhanikov), por isso ele também é chamado de Lakhana. [...] Conversava frequentemente com os seus companheiros, que eram como ele, e era evidente que gostava muito de si mesmo. Eles prefeririam rir dele do que acreditar nele. Aí ele foi dominado por tantas esperanças, não sei de onde vieram, ele ficou atento a si mesmo e ofereceu orações a Deus da melhor maneira que pôde. [...] Portanto, ele passou a maior parte do tempo pensando e pensando que facilmente obteria algum poder. Muitas vezes ele dizia a mesma coisa àqueles camponeses e pastores de porcos, como eles contavam sobre algumas aparições de homens santos que o encorajaram a rebelar-se e a tomar o poder sobre o povo. E porque ele sempre contava essas coisas, as pessoas acreditavam nele e já o tratavam de forma diferente de antes. Ele anunciou que o tempo marcado para a rebelião estava próximo. E então um dia ele disse que recebeu um sinal de ação e imediatamente os alista como seus assistentes. E eles o seguem, na esperança de realizar algo grande. Eles se espalharam por todo o país e espalharam o nome do pastor de porcos, [dizendo] que ele havia recebido um sinal de Deus para governar. E falando [assim], eles imediatamente convenceram o povo, e a cada dia [mais e] mais [adeptos] se juntaram a ele.
(PACHYMERES, 1980, p. 179-180)

A postura de seus semelhantes para com Ivaylo se modificou quando eles passaram a acreditar que Ivaylo seria capaz de entrar em contato com o divino. A religião exercia uma influência grandiosa sobre as pessoas, como essa passagem demonstra. Mais e mais pessoas passaram a se juntar à sua rebelião após tais visões, e ele se fortaleceu evocando o elemento divino enquanto um aliado seu. Talvez seja seguro dizer que sem o “apoio” deste aliado, Ivaylo não tivesse sido capaz de realizar seus sonhos de se tornar uma pessoa dotada de poderes. Justamente devido ao argumento da narrativa da conexão entre Deus e o imperador, Ivaylo tenha apelado a este aspecto ideológico afim de angariar apoiadores, e talvez, sem este artifício, as coisas pudessem ter sido diferentes do que foram para o criador de porcos.

A ideia “o imperador é o escolhido de Deus” foi um dos principais elementos da doutrina política bizantina. O imperador foi de fato o escolhido de Deus, mas reinou enquanto Deus lhe permitiu. Porque Deus poderia arrepender-se da sua decisão e direcionar

a sua escolha para um candidato mais digno. Assim apareceu o usurpador. E se ele falhasse, significava que a Providência ainda apoiava o seu primeiro escolhido. Caso contrário, ou seja, sobre o sucesso do pretendente rebelde, retirou o seu apoio aos governantes [...]. Aqui está este modelo ideológico bem conhecido e difundido que Pachymeres usou para representar o início da guerra civil na Bulgária. Aparentemente, a Providência já estava pronta para acabar com o seu patrocínio sobre Constantino Asen. Apareceu também o pretendente usurpador, a quem Deus não demorou a enviar o seu sinal: chegara o momento da mudança de poder; o velho rei, que não governava bem, teve que ir e o poder sobre o povo foi assumido por Lahana (Ivailo). Este sinal de Deus foi espalhado por todo o país e começou a usurpação. Se os acontecimentos se desenvolveram desta forma, ou se Pachymeres, treinado nas ideias básicas da doutrina política bizantina, os imaginou desta forma, não tem importância. Porque em ambos os casos nos deparamos com o mesmo véu ideológico que esconde habilmente a vida real e impulsiona a imaginação.
(BOZHILOV E GYUZELEV, 1999, p. 759)

No entanto, afirmar que a religião era bastante importante não é o mesmo que afirmar que, institucionalmente, ela exercesse a mesma influência dos reinos mais ocidentais, o que também não quer dizer que ela tenha sido desprovida de poder e autoridade, apenas que este poder estava longe de ser espelhado na Igreja ocidental. Como reivindicavam um patriarcado, é de se imaginar que este cargo, legítimo ou não, participasse do exercício do poder, ao lado de alguns grandes *boiardos* e do próprio *tsar*, e, segundo Cholakov, havia realmente um grande patriarca presente no grande conselho *boiardo*. Como a Igreja búlgara nasce (e/ou se desenvolve) pela rebelião de Teodoro e Asen, e, ao passar do tempo, a Bulgária oscila entre os romanos latinos cristãos ou os romanos orientais ortodoxos, em termos religiosos (quer seja apenas nominalmente quer seja uma oscilação religiosa de fato), pode-se considerar que a Igreja não foi capaz, ao menos até a data limite do recorte deste trabalho (a revolta de Ivaylo) de exercer o mesmo tipo de controle que no ocidente, apesar da sua importância permanecer grandiosa para a gênese do movimento rebelde dos camponeses.

Camponeses estes, aliás, que apresentam diferenças, também, dos ocidentais. Sua nomenclatura bizantina (*paroikoi*) já fora mencionada anteriormente. Talvez a maior diferença entre os camponeses europeus ocidentais para os orientais seja no tocante à propriedade, à forma como estes camponeses se relacionam com a estrutura fundiária, e como as relações de poder entre senhores e servos se relacionam com a propriedade.

Finalmente, era ao solo do feudo que aqueles que tinham status servil estavam vinculados desde o nascimento até a morte. [...] O fato essencial era que era no feudo que o produto excedente ou o trabalho excedente da propriedade camponesa, realizado em dinheiro ou em espécie, era transferido dos governados para o governante. [...] Parece certo que existia, no início da Idade Média, uma quantidade considerável de propriedades fundiárias, cujos proprietários não tinham senhorio e estavam sujeitos apenas à jurisdição da Igreja e do Estado. Essas propriedades eram conhecidas como alódios e, embora algumas pudessem ser de tamanho considerável, muitas eram propriedades camponesas de pequena escala. [...] A absorção da propriedade alodial foi uma característica importante do desenvolvimento do feudalismo e da servidão. [...] A erosão gradual da propriedade alodial, especialmente dos alódios camponeses de pequena escala, implicou um aumento no âmbito da propriedade aristocrática da terra e uma redução da independência das comunidades camponesas.
(HILTON, 2003, p. 41-42)

Esta citação de Rodney Hilton desenvolve-se como um organismo próprio, e torna-se necessário dissecá-la para examinar seus pormenores. Segundo ele, os servos estavam conectados à propriedade do feudo do momento em que nascem até a morte. Nesta propriedade, haveria realização de trabalho, de forma não (necessariamente) voluntária, em que haveria uma conversão deste trabalho para dinheiro ou espécie (ou seja, produtos em espécie) transferidos dos governados para os governantes. No entanto, essa propriedade nem sempre foi absolutamente pertencente à aristocracia. O Estado e a Igreja parecem ter realizado um controle mais ou menos “frouxo”, débil, sobre os alódios, terras livres que os camponeses poderiam ocupar. Nestes alódios, eles ainda seriam conectados à terra em seu período de vida e realizariam concessões, ainda que tivessem uma relativa posse das terras, que, ao passar dos séculos, se converteram gradualmente em propriedades aristocráticas, e a relativa autonomia que os camponeses possuíam fora gradualmente perdida, junto com esta relativa posse, enquanto as suas obrigações permaneceram.

A *pronoia* era a forma da propriedade fundiária após a reforma de Aleixo Comneno, e esta forma foi adotada na Bulgária. Os camponeses bizantinos e búlgaros não necessariamente eram iguais entre si em termos de posição ocupada nas relações de produção e de poder entre os governantes e os não governantes, mas cada uma delas apresentava as suas diferenças para com os camponeses ocidentais. Os *paroikoi* (camponeses bizantinos), plural de

paroikos, apresentavam singularidades pontuais no império Bizantino pós-século XI.

O termo mais comum para um camponês no final do império era *paroikos* (plural, *paroikoi*). Os estudiosos há muito discutem sobre o significado jurídico deste termo. Parece provável que o *paroikos* não fosse um servo pleno. Embora dependente na medida em que estava vinculado à sua terra, ele era legalmente livre. E apesar das obrigações que tinha para com a propriedade, ele era livre para comprar e vender outras terras. Além disso, um *paroikos* numa propriedade, uma vez estabelecido nas suas terras, não poderia ser despejado. Assim, ele tinha direito legal às suas terras. Ele também parece ter tido a obrigação de permanecer e trabalhar. No entanto, existem casos em que um *paroikos* foi autorizado a ir trabalhar numa cidade e devolver à propriedade em dinheiro as taxas feudais (ou equivalentes) que devia ao proprietário. [...] A aldeia (unidade geográfica com nome) era um conglomerado de casas com terrenos espalhados pelo exterior. Toda a aldeia poderia ser livre, ou poderia fazer parte de uma única propriedade, ou poderia ser dividida entre terras e famílias livres e terras e famílias dependentes; os dependentes poderiam ser todos membros de um mesmo patrimônio ou poderiam ser divididos entre dependentes de mais de um patrimônio. Laiou descobriu que a maioria dos agregados familiares tinha uma vinha, árvores de fruto e uma horta; eles os possuíam inteiramente por direito. A aldeia tinha terrenos baldios para pastoreio de ovelhas. Muitos camponeses possuíam animais que eram sua propriedade pessoal: abelhas, porcos, ovelhas, cabras, galinhas, às vezes até uma vaca. Alguns tinham bois e/ou cavalos. A aldeia também tendia a ser oriunda de um número muito pequeno de famílias diferentes; assim, os aldeões eram frequentemente aparentados, com os irmãos permanecendo na aldeia, mantendo uma parte da terra, trazendo esposas de fora e iniciando novos agregados familiares. (FINE JR., 1987, p. 331)

Nesta passagem, há uma problemática a ser trabalhada mais adiante: a servidão para o campesinato bizantino. Uma vez que a propriedade bizantina foi adotada pelo segundo *Tsarstvo*, pode-se conduzir diretamente os *paroikoi* aos camponeses búlgaros, que não eram totalmente iguais. Mas há que se comentar um ponto importante: a capacidade permissiva de autorizar este *paroikos* a circular entre a propriedade agrícola e a cidade, vender esta propriedade, em dinheiro, demonstra uma capacidade de circulação (tanto de gente quanto de moedas) incomum em termos medievais. A forma búlgara deste campesinato, como já dito, não era exatamente equivalente em termos de obrigações e direitos, e era subdividida em duas: os *paritsi* e os *otrotsi*. A começar pelos *paritsi*:

O termo *paritsi* adquiriu um significado mais amplo e passou a significar também os camponeses que caíram na dependência feudal não por reassentamento, mas em virtude de atos de

doação, ou seja, sem mudar de local de residência e sem serem privados de suas propriedades. Os *paritsi* dedicavam-se principalmente à agricultura e à pecuária, mas entre eles havia também um número considerável de artesãos/ferreiros, oleiros, couteiros, cesteiros, curtidores, etc. [...] Como são juridicamente independentes do senhor local, esses aldeões tinham o direito de apresentar livremente as suas reivindicações perante os tribunais eclesiásticos de Ohrid, de apresentar queixas sobre propriedades e outras questões. Eles também tinham o direito de mudar de residência e circular livremente por todo o país. (ANGELOV et al., 1982, p. 204-205)

Neste ponto, a capacidade de circulação está alinhada aos *paroikoi* bizantinos, mas é interessantemente singular a percepção acerca da relação dos *paritsi* com a propriedade no geral. Estas propriedades seriam entregues, num primeiro momento, a partir de uma doação (o motivo de existir esta possível doação escapa aos olhos, aparentemente) no entanto, a partir do momento em que fossem doadas, estas terras passariam a serem entendidas como propriedade, e poderiam ser herdadas e transmitidas. Isso permite que houvessem lotes de terra maiores que outros, e, conseqüentemente, que houvessem diferenças entre os camponeses, já que eles permaneceram vinculados a estas terras doadas. Além disso, eles eram juridicamente independentes, além do fato de não se obterem deles serviço bélico obrigatório, como citado anteriormente. Para além destas duas características, há a presença da possibilidade de circulação livre camponeses pelo território búlgaro. Este aparato jurídico e proprietário não se equivale aos camponeses ocidentais. Mas ainda resta a questão da servidão.

Quem e o que eram, então, os servos medievais? Como definição geral, podemos dizer brevemente que eram aqueles camponeses que não eram apenas dependentes de outros homens, no sentido de que eram arrendatários de terras que não possuíam, mas aqueles que foram restringidos por lei de várias maneiras quanto à liberdade de circulação, liberdade de comprar e vender terras e bens, liberdade de dispor do seu próprio trabalho, liberdade de casar e constituir família, e liberdade de deixar propriedades aos seus herdeiros. Alguns historiadores tentaram restringir a definição de modo que apenas aqueles sem status de liberdade no direito público deveriam ser considerados servos. Há alguma justificativa para esta visão em termos de definições legais correntes em algumas partes da Europa Ocidental, como a França, mas, como havia tantos camponeses não oficialmente designados como “servos” que eram tão dependentes e controlados como os muitos que o eram, esta definição jurídica restrita é inútil. (HILTON, 2003, p. 55)

A noção de servo, até o presente momento pouco presente neste trabalho, demonstra a essência da diferença dos campesinatos ocidentais e orientais. Segundo Hilton, a diferença entre camponeses e servos passa a ser inútil, pois tantos eram os camponeses não designados como servos que, no entanto, eram dependentes e controlados como se fossem servos, que tal distinção seria apenas nominal. Portanto, juridicamente, os camponeses/servos não teriam várias liberdades que não só os camponeses bizantino-búlgaros possuem, como, no caso dos búlgaros nos tribunais eclesiásticos de Ohrid, podem pleitear afim de salvaguardar seus interesses, bens e propriedades, além da mencionada liberdade de circulação: para Hilton, por definição, os servos não a possuíam e, segundo sua própria argumentação, isso equivale a todos os camponeses, praticamente. É o contrário do que acontece com os *paroikoi* e os *paritsi*.

Angelov, em sua fala, levanta, também, outra situação pertinente: a do juramento de fidelidade, que parece diretamente conectada com esta situação a respeito das liberdades. No século XIII, na Inglaterra, mesmo os camponeses deveriam realizar tais juramentos aos senhores feudais:

Quando um [...] for fiel ao seu Senhor, ele deverá segurar sua Mão Direita sobre o Livro e dizer assim: "Ouça, meu Senhor A., que eu, B., deste dia em diante até você, serei verdadeiro e fiel, e devo-lhe fé pela terra que possuo de você [...]; e serei justificado por você em corpo e bens. Então, ajude-me Deus e todos os seus santos.
(LUDERS, 1810, p. 228)

Mesmo sem possuir a proteção jurídica que os *paritsi* possuíam, era necessário que os camponeses ocidentais prestassem juramentos de fidelidade para ocuparem as terras alheias e nelas fornecessem seu trabalho. Isso não acontecia na Bulgária:

Não importava ao senhor feudal se o seu camponês dependente venderia as suas terras ou as daria como dote a outro camponês que lhe estava sujeito, uma vez que, nesse caso, a sua propriedade suprema daquela terra seria preservada. Mas se a propriedade vendida passou para um estrangeiro, não sujeito a ele, então o feudal senhor perdeu o controle sobre essa propriedade e não conseguiu recolher os impostos sobre ela devidos no futuro, nem teve o direito de exigir do novo proprietário o cumprimento de deveres trabalhistas, ou seja, perdeu a oportunidade de receber aluguel em suas diversas formas.
(ANGELOV et al., 1982, p. 205)

A tendência, portanto, pode ter sido buscar inibir a venda e/ou a concessão de terras a qualquer pessoa, afim de impedir, de forma sutil, talvez, a perda dos seus direitos fiscais. Uma vez que a posse da terra dos *boiardos* é convertida em obtenção de impostos, porém não necessariamente serviços militares, em caso de concessão de terras dos *paritsi* para qualquer estrangeiro, a garantia do maior privilégio da aristocracia seria anulado, e a terra em questão seria perdida. A citação não fala sobre juramentos de fidelidade, mas o seu silêncio sobre o tema levanta a possibilidade de estes serem muito mais frouxos sobre os camponeses, se é que havia algum juramento, uma vez que as fontes silenciam-se acerca deste tema para com os *paroikoi* bizantinos e os *paritsi* búlgaros, justamente pela liberdade de circulação destes camponeses, talvez. Quiçá fosse mais importante manter o fluxo fiscal circulando do que vincular, de fato, camponeses à terra e à aristocracia. Por fim, resta os *otrotsi*.

Outro grupo dependente de camponeses seriam os *otrotsi*. [...] Em muitos casos, os *otrotsi*, tal como os *paritsi*, tinham terras que cultivavam e das quais ganhavam a vida. Ao contrário dos *paritsi*, porém, que geralmente possuíam propriedades/patrimônios hereditários próprios, a terra dos *otrotsi* não era deles, mas lhes era dada pelo domínio pessoal do senhor feudal. [...] Se julgarmos pelo fato de que os *otrotsi* não eram proprietários [...], mas recebiam parcelas das terras do senhor, deve-se supor que em sua maioria eram pessoas extremamente pobres, privadas de qualquer propriedade e forçadas a buscar a ajuda dos grandes proprietário para fornecer sua alimentação. Além disso, ao contrário dos *paritsi*, de quem dependia sobretudo a propriedade, o escravo dependia pessoalmente do seu senhor e era seu servo, a quem o senhor feudal atribuía diversas funções. Com a ajuda dos *otrotsi*, o senhor feudal exerceu os seus direitos de imunidade nas suas posses. Fortemente dependente de seu senhor, dos *otrotsi* era considerado seu pai, e essa dependência era herdada. Somente em casos excepcionais, com o consentimento do senhor, os *otrotsi* poderia ser libertado da sua dependência pessoal. (ANGELOV et al., 1982, p. 205)

Pela leitura da descrição dos *otrotsi*, pode-se concluir que o campesinato búlgaro seria subdividido em duas camadas: uma mais rica, mais privilegiada, dotada de direitos variados e a ela permitida a posse de propriedades, como também permitido era a transmissão dessa propriedade de forma hereditária e a manutenção de algumas liberdades. Essa camada seriam os *paritsi*. A outra camada não possuía nada daquilo que os *paritsi* tivera; exerceram os mesmos trabalhos e lhes cobraram os mesmos impostos, sendo estes mais comparáveis ao camponês/servo ocidental, segundo a descrição de Hilton. No entanto, se

considerar aquilo que Angelov afirma enquanto verdadeiro, os *otrotsi* não seriam numericamente superiores aos *paritsi* no segundo império búlgaro.

Na verdade, estas ordens referem-se a mais a posição dos *otrotsi* no sistema de direito feudal sérvio, mas tendo em conta que os *otrotsi* nos séculos XIII-XIV, como uma categoria de camponeses, existiam dentro das fronteiras do estado búlgaro, pode-se presumir que o seu estatuto dificilmente diferia significativamente do o estatuto dos *otrotsi* na vizinha Sérvia. Deve também ser levado em conta o fato já mencionado de que os governantes sérvios do final do século XIII e da primeira metade do século XIV adotaram regulamentos e leis emitidas pelos reis búlgaros e pelos imperadores bizantinos, e que geralmente preservaram o que possuíam, pois eram governados por um regime feudal, próximo e relacionado ao regime da Bulgária medieval e do Império Bizantino.
(ANGELOV et al., 1982, p. 205-206)

Não cabe a este trabalho incluir a Sérvia na lista de reinos que compartilhavam um sistema político, econômico ou social parecido com outros reinos, como e feito entre o império Búlgaro e o império Bizantino. Mas é interessante perceber que, segundo a narrativa do autor (narrativa esta produto da historiografia da Guerra Fria, que pode carregar as características propagandísticas de sua época, como o nacionalismo, por exemplo), aqueles que melhor seriam comparados, afim de buscar um espelhamento com os camponeses ocidentais (ou seja, os *otrotsi*), estavam mais diretamente ligados à Sérvia do que a Bulgária, tornando, assim, a imagem do camponês búlgaro quase predominantemente a imagem do *paritsi*, e enfraquecendo as semelhanças entre a sociedade feudal “padrão” e a sociedade bizantino-búlgara. Se esta narrativa é produzida de forma a ilustrar o camponês búlgaro enquanto mais rico do que o sérvio, e essa narrativa não passar de um discurso nacionalista, não se pode precisar, mas apenas questionar, e, neste questionamento, fica a consideração da distância entre os camponeses ocidentais e orientais.

Mesmo assim, ainda há pontos semelhantes entre a sociedade feudal e o modelo bizantino-búlgaro. Havia uma prestação de serviços não necessariamente voluntária por parte daqueles que estavam na base da pirâmide do poder, que convertiam seu trabalho em benefícios para os poderosos, e os detentores deste poder acumulavam mais prestígio, privilégios e poder. Eram sociedades majoritariamente bucólicas, se comparadas com a

magnitude do espaço urbano dos séculos XII-XIII. Havia uma divisão social mais ou menos semelhante. A comparação é legítima e válida, no entanto, considerar-se-á imprópria, neste trabalho, a prática de denominar todo e qualquer sistema semelhante à estrutura de feudal enquanto feudalismo, inclusive, na linha deste trabalho, o modelo do sistema bizantino-búlgaro. Mesmo havendo semelhanças, há distinções relativamente gritantes entre o modelo feudal “clássico” e praticamente qualquer outro sistema de produção na história, incluindo o sistema de *pronoias*. Por quê, então, a historiografia insiste, por vezes, em realizar essa atribuição quase automática da nomenclatura problemática?

Jérôme Baschet afirma que existem três relações sociais fundamentais para dar conta da organização feudal: a relação entre senhores/dependentes, a distinção de nobres/não-nobres, a interdependência e a oposição cidades/campo (BASCHET, 2006, p. 165). O próprio autor reconhece a fragilidade do termo, mas, quando cita Le Goff, pode-se perceber o problema em si: as estruturas que funcionaram na Europa do século IV ao XVIII têm necessidade de um nome e, “se é preciso conservar ‘feudalismo’ é porque, de todas as palavras possíveis, é a que melhor indica que nós estamos lidando com um sistema”. (BASCHET, 2006, p. 166). Baschet cita Duby ao dizer que “Evidentemente, o modelo das três ordens (clérigos, guerreiros e trabalhadores, para Baschet) não é uma descrição da realidade social; é uma construção ideológica em conformidade com ‘o imaginário de feudalismo’ (Jorges Duby)”. No entanto, logo em sequência, Baschet afirma que “em todo caso, ela se concretiza, embora tardiamente.” Como? Acaso a Bulgária não faz parte da Europa? A estrutura de poder, a forma da propriedade, o papel da Igreja e o alcance de seu poder, a formação da aristocracia, a centralização do poder, a própria formação do corpo militar... Tanto Baschet quanto Bloch apresentam, em seus textos, a não-uniformidade das sociedades medievais como um todo. E eis que retorna o questionamento efetuado em páginas anteriores: por quê?

Se todo sistema agrário baseado na prestação de serviços não necessariamente voluntários e na cobrança de taxas e impostos àqueles que prestam estes serviços passa a ser chamado de feudalismo, mesmo se fazendo as devidas ressalvas acerca das singularidades de cada cenário em específico, isso hierarquiza os feudalismos em escala de qual modelo seria mais ou menos

fiel à sua estrutura “ortodoxa” e, nesse processo, se confere muito mais superioridade e autoridade a estas sociedades mais fiéis ao modelo feudal padrão, como teria dito Bloch, entre o norte da França e margem alemã do Reno. Além disso, qualquer sistema campestre que se baseie na cobrança de prestação de serviços e impostos não-voluntários, se definindo enquanto “feudalismo”, perderia de seu horizonte teórico o caráter cronológico, podendo representar, de forma hipotética, um agrupamento social do Crescente Fértil na Antiguidade ou a sociedade futurista mais alternativa e bucólica, em outras palavras, se banalizaria a delimitação cronológica deste conceito, tornando a anacronia em regra geral.

Se, por um lado, há um nacionalismo stalinista em fabricar um passado imaginado, como mencionado acima e como há de ser esmiuçado adiante, que converte a história em uma ferramenta ideológica, não é o mesmo que os franceses fizeram neste ponto, a respeito do “seu” feudalismo? Proclamar que todo sistema semelhante ao feudalismo receba este nome por motivos utilitaristas, ainda que não plenamente aplicáveis, destacando o “seu” feudalismo como o mais desenvolvido, o superior, o “mais feudal”, configura, também, na transformação da história em uma ferramenta nacionalizante, uma narrativa produzida afim de erguer a própria história cima da história dos vizinhos geográficos, reduzindo os casos locais a casos “menos feudais”.

Não é uma perspectiva que encontra muitas páginas neste trabalho além das produzidas sobre este assunto até o momento, uma vez que a historiografia estudada debruça-se mais no caso dos stalinistas, realizando um estudo de caso, mas não se pode deixar de notar que, ao menos esta influência, esta nomenclatura, esta caracterização (feudal) é aceita e utilizada de forma estabelecida de uma maneira que os pontos stalinistas não o são.

5 CAPÍTULO II: A BULGÁRIA DOS ASENIDAS À BULGÁRIA DO CRIADOR DE PORCOS

Os eventos da revolta camponesa de Ivaylo, iniciada em 1277, encontram raízes profundas na linha do tempo da história búlgara. É necessário realizar uma divisão objetiva em termos cronológicos metodológicos, afim de melhor lidar com este escopo. A dinastia governante no início da vida deste reino conduz a Bulgária a uma rota permeada de acontecimentos, acontecimentos estes

capazes de influenciar outros eventos, futuros, distantes em termos geracionais, e, por este motivo, há de se realizar uma devida retrospectiva histórica.

5.1 CAPÍTULO II.I: DA ASCENÇÃO ASENIDA À CRISE DINÁSTICA

O segundo império (ou *Tsarstvo*, segundo o idioma local) Búlgaro nasceu no final do século XII por dois irmãos aristocratas que viriam governar o novo reino medieval. No entanto, o recorte propriamente dito deste texto se estende algumas décadas adiante, e esta menção tem como utilidade apenas oferecer uma noção de “idade” do império no momento em que o tema do trabalho propriamente dito, a revolta de Ivaylo, quase cem anos depois, ocorre.

Esses dois irmãos se chamavam Teodoro e Asen. No ano de 1185, eles iniciaram uma sequência de eventos que acabaria por fundar o segundo *Tsarstvo*. Naquela época, a Bulgária era uma parte do império Bizantino, como uma província. Teodoro e Asen conferenciaram com o então imperador bizantino em certa oportunidade, Isaque Ângelo, e as negociações não correram muito bem. Acontece que, naquele ano, Isaque havia conquistado o trono, e a sua principal meta de governo era o combate aos normandos.

Em 12 de setembro de 1185, Andrônico ordenou a prisão de um nobre de Constantinopla, Isaque Ângelo. Isaque resistiu à prisão e [...] os Angeli começaram a agitar a ação da multidão. Isto não foi difícil de fazer, pois havia muita insatisfação popular com o reinado de terror desencadeado por Andrônico e havia uma crença generalizada de que ele não estava fazendo nada para resistir aos normandos que rapidamente tomaram conta da cidade. [...] Isaque Ângelo, primo dos Comneni, obteve o trono. Ele governaria durante a próxima década, 1185-95. [...] A primeira tarefa de Isaque foi expulsar os normandos dos Balcãs. (FINE JR., 1987, p. 9)

Nesse caso, faria sentido que Teodoro e Asen buscassem o imperador para conquistar o que desejavam, através do ganho de recompensas pela prestação de serviços. Um novo governo, e uma nova dinastia, poderiam representar possibilidade. Possibilidade de sucesso para o que eles desejavam, que pode ser interpretado como a posse da Bulgária (ou de uma parte dela). Para combater os normandos, Isaque Ângelo precisaria de um exército e, após as reformas estruturais realizadas por Aleixo Comneno no século anterior (reformas mencionadas no capítulo anterior), era o hábito conceder propriedades (*pronoia*) a pessoas de confiança do imperador. A posse da *pronoia* haveria de conferir uma série de benefícios e privilégios, que sem dúvida Teodoro e Asen

buscavam para si. Mas, como dito anteriormente, as negociações se mostraram infrutíferas, para dizer o mínimo.

Nas semanas anteriores, ele recrutou ativamente tropas para lutar contra os normandos e concedeu pronoias (feudos) em grande número para o serviço. No início do outono, ele havia reunido uma força grande o suficiente para suas necessidades atuais, e suas tropas sob o comando de Branas estavam rapidamente expulsando os normandos dos Bálcãs. Assim, Isaque não buscava mais recrutas e concedia pronoias para esse fim. Naquele momento, no outono de 1185, dois irmãos chamados Teodoro (que logo assumiria o nome de Pedro) e Asen, da região de Tarnovo, na Bulgária, chegaram a Kypsela para buscar uma audiência com o imperador. Eles esperavam obter um distrito montanhoso nas montanhas dos Balcãs (Haemus) - um distrito, segundo Choniates, de pouco valor - como pronoia - para o serviço ao imperador. Não necessitando de mais tropas, o imperador recusou. Asen tentou defender seu caso e ficou bastante acalorado em suas palavras. Nesse ponto, o tio de Isaque, o sebastocrator João, ordenou que Asen fosse batido no rosto. Os dois irmãos retiraram-se furiosos e, regressando à sua região de Tarnovo, imediatamente começaram a levantar uma rebelião.
(FINE JR., 1987, p. 10)

Nicetas Choniates, historiador bizantino de grande destaque que, eventualmente, alcançou o posto de grande *logotheta* (em grego, *logotheta* seria “maravilha”, algo como um funcionário administrativo público de autoridade), escreve que foram os búlgaros que provocaram a rebelião espontaneamente a partir de ações bizantinas não relacionadas para com eles:

Isaque [...] celebrou penuriosamente as cerimônias de casamento [final de 1185 ou início de 1186], usando dinheiros públicos arrecadados gratuitamente em suas próprias terras. Por causa de sua mesquinhez, ele passou despercebido ao reunir outras cidades que se uniram ao redor de Anchialos, provocando os bárbaros que viviam nas proximidades do Monte Haemos, anteriormente chamados de mísios e agora chamados de valáquios, a declararem guerra contra ele e os romanos. Tornados confiantes pela dureza do terreno e encorajados pelas suas fortalezas, a maioria das quais situadas diretamente acima de penhascos escarpados, os bárbaros tinham-se vangloriado dos romanos no passado; agora, encontrando um pretexto [...] eles pularam de alegria com a rebelião. Os instigadores deste mal que incitou toda a nação foram uns certos Pedro e Asen, irmãos provenientes dos mesmos pais, para justificar a sua rebelião, aproximaram-se do imperador, acampado em Kypsella [início de 1186], solicitando que fossem recrutados no exército romano e que lhes fosse concedido, por decreto imperial, uma determinada propriedade situada nas proximidades do Monte Haemos, que lhes proporcionaria uma pequena receita. Fracassando em seu pedido - pois a ação punitiva de Deus substitui a do homem - eles resmungaram porque não foram ouvidos e com seu pedido feito em vão, cuspiram acaloradamente palavras, insinuando a rebelião e a destruição que causariam no caminho para casa. Asen, o mais insolente e

selvagem dos dois, foi atingido no rosto e repreendido por sua insolência por ordem de João, e assim eles retornaram, sem sucesso. em sua missão e insultados desenfreadamente. Que palavras poderiam descrever e abranger a interminável série de desgraças troianas infligidas aos romanos por esses homens ímpios e abomináveis?
(CHONIATES, 1984, p. 204)

Claro que o funcionário público Choniates observou, coincidentemente, o imperador bizantino enquanto inocente (apesar de tê-lo criticado anteriormente) e culpou totalmente os irmãos búlgaros pela realização da revolta. Essa rebelião eventualmente tornou-se vitoriosa e, assim, os dois irmãos refundaram o império búlgaro, governando simultaneamente (embora por pouco tempo desta forma) sob o nome de Pedro, anteriormente Teodoro, e João Asen, anteriormente apenas Asen. Existe uma discussão na historiografia a respeito da etnia destes irmãos: se eles seriam búlgaros, ou se seriam valáquios. Essa discussão encontra um viés nacionalista, uma vez que, atualmente, o território da Valáquia já é parte representante do Estado da Romênia, e este debate estaria permeado de narrativas conflitantes, além de que este detalhe não afeta este trabalho propriamente dito, e, como já dito, não vale destacar muito além do destacado, uma vez que o recorte citado escapa do cerne da presente pesquisa, que é a rebelião camponesa liderada por Ivaylo.



Figura 5: A revolta búlgara contra Bizâncio, e os territórios que a apoiaram, em laranja, apoiada também pelos seus aliados, os cumanos, em amarelo de 1185 a 1196). In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. [São Francisco, CA: Wikimedia Foundation, 2016]. Disponível em: [https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Second_Bulgarian_Empire_\(1185-1196\).png](https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Second_Bulgarian_Empire_(1185-1196).png). Acesso em 11 de julho de 2024

Também, no entanto, não ir-se-á diretamente à rebelião em si. Para melhor compreensão da conjuntura política búlgara de uma maneira mais profunda, talvez seja necessário voltar algumas décadas, de forma acompanhar o desenrolar dos fatos de maneira consecutiva, à medida que ocorrem. É esperança que tal medida acabe tornando-se mais esclarecedora com o decorrer do próprio texto e ambiente o leitor para com o cenário búlgaro decorrente.

Na virada do século, o *tsar* (imperador búlgaro) João Asen foi morto por um búlgaro chamado Ivanko. O ato, que não necessariamente se tratou de um assassinato político, ou assim Choniates o qualifica, logo influenciaria a política búlgara, pois Ivanko clamou o trono para si, aparentemente, mesmo sem possuir este desejo.

À primeira vista de Ivanko, [João Asen] ficou furioso e pegou sua espada assassina, mas Ivanko o atingiu primeiro na virilha e o

matou. Ivanko escapou e imediatamente abordou aqueles que estavam a par do feito. Depois de informá-los do acontecimento, ele percebeu, assim como eles, que o único caminho aberto para eles era a rebelião, já que os irmãos, parentes e amigos do homem caído nunca descansariam. E se procedessem de acordo com seu propósito e vontade, governariam Mísia de maneira mais justa e equitativa do que Asen e não governariam tudo pela espada como o homem caído havia feito. [...] Ivanko, por sua vez, reconheceu que precisava da ajuda do imperador para vencer seus adversários e que deveria recorrer a ele. Dizia-se que foi por instigação [...] que Ivanko, que foi encorajado nisso por muitas promessas, matou Asen, e que Ivanko foi especialmente destacado pela promessa de casamento com a própria filha de Isaque, Teodora. [...] Ivanko informou o imperador dos acontecimentos e exortou-o a enviar alguém com um exército para receber Tarnovo e lutar ao lado dele para tomar toda a Mísia. Se os romanos tivessem realizado rapidamente um ato salutar e se o imperador tivesse demonstrado entusiasmo em empreender imediatamente um ataque surpresa em resposta à sua mensagem, ele teria ocupado Tarnovo e tomado toda a Mísia sem problemas. O imperador, na sua estupidez, retirou-se mais uma vez para dentro do palácio como a lagarta no seu casulo [...] A situação só piorou, pois ninguém tentou envolver os bárbaros no combate corpo a corpo para ajudar Ivanko. Desesperado e angustiado com os assuntos em Tarnovo, [...] Ivanko partiu e dirigiu-se ao imperador. Assim, o governo da Mísia foi totalmente transferido mais uma vez para as mãos de Pedro. Mesmo ele, entretanto, não morreu de morte natural. Pouco depois [1197], ele foi atravessado pela espada de um de seus compatriotas e morreu lamentavelmente. O governo dos valáquios agora olhava para Ioannitsa, o terceiro irmão. (CHONIATES, 1984, p. 258-259)

Acontece que Pedro e João Asen, agora mortos, possuíam uma família relativamente grande. Havia um outro irmão, Kaloyan (também chamado de Ioannitsa, ou Joanitsa, ou até mesmo João, segundo as fontes, mas que, aqui, será adotado o nome “Kaloyan” afim de evitar confusões com outros personagens de nome similar), que buscou vingança. Ivanko possuía conexões com os bizantinos e Kaloyan usou isso a seu favor para erguer o seu governo, pois além de poder culpar Ivanko pela morte de João Asen, poderia o acusar de ser fantoche dos bizantinos.

Ivanko dirigiu-se para o imperador e foi calorosamente recebido; ele provou ser útil aos romanos de várias maneiras. [...] Este homem trabalhou principalmente nas regiões ao redor de Filipópolis e serviu aos romanos como um baluarte precioso contra seus próprios compatriotas [...] (CHONIATES, 1984, p. 259)

Da morte de Ivanko não vale menção para este trabalho, mas toda a ideia por trás de Kaloyan a história demonstra enquanto exitosa. As lutas contra os bizantinos continuam, Kaloyan conquista uma série de vitórias e encontra

reconhecimento internacional através da figura política do Papa. Essa afirmação sobre o reconhecimento papal é curiosa, mas, como foi trabalhado em páginas anteriores, Kaloyan era muito hábil em transitar entre a Igreja Latina e a Igreja Ortodoxa, da qual a Bulgária como um todo fazia parte. Nisto, ele diferia de seu sucessor, Boril.

Certos estudiosos búlgaros recentes tentaram diferenciar entre as políticas religiosas de Kalpyan e Boril. Eles descreveram Kaloyan como um líder com ampla tolerância religiosa — ou talvez seja mais correto dizer indiferença — que estava disposto a negociar e se aliar ao Papa e a outros católicos e que até parecia tolerante com os Paulicianos de Filipópolis que queriam entregar seus cidade para ele. Eles descrevem Boril como um clérigo ortodoxo mais tacanho e zeloso, que condenou a heresia e fez alianças principalmente com estados ortodoxos.
(FINE JR., 1987, p.100)

O tempo demonstrou que Kaloyan seria um governante bastante hábil em termos diplomáticos, e pôde estabelecer um reino bélico de relativo sucesso, baseando suas campanhas em paralelo com sua atividade diplomática.

Durante o reinado de dez anos de Johannitsa, Tárnovo tornou-se uma verdadeira capital, onde residia a residência do imperador e do arcebispo, ambos derJoãodo sua autoridade do papa. A partir do outono de 1204, Johannitsa era igual a todos os outros governantes cristãos. Os acontecimentos que se seguiram à sua morte, contudo, revelaram claramente o caráter efêmero do seu poder.
(MADGEARU, 2017, p. 173)

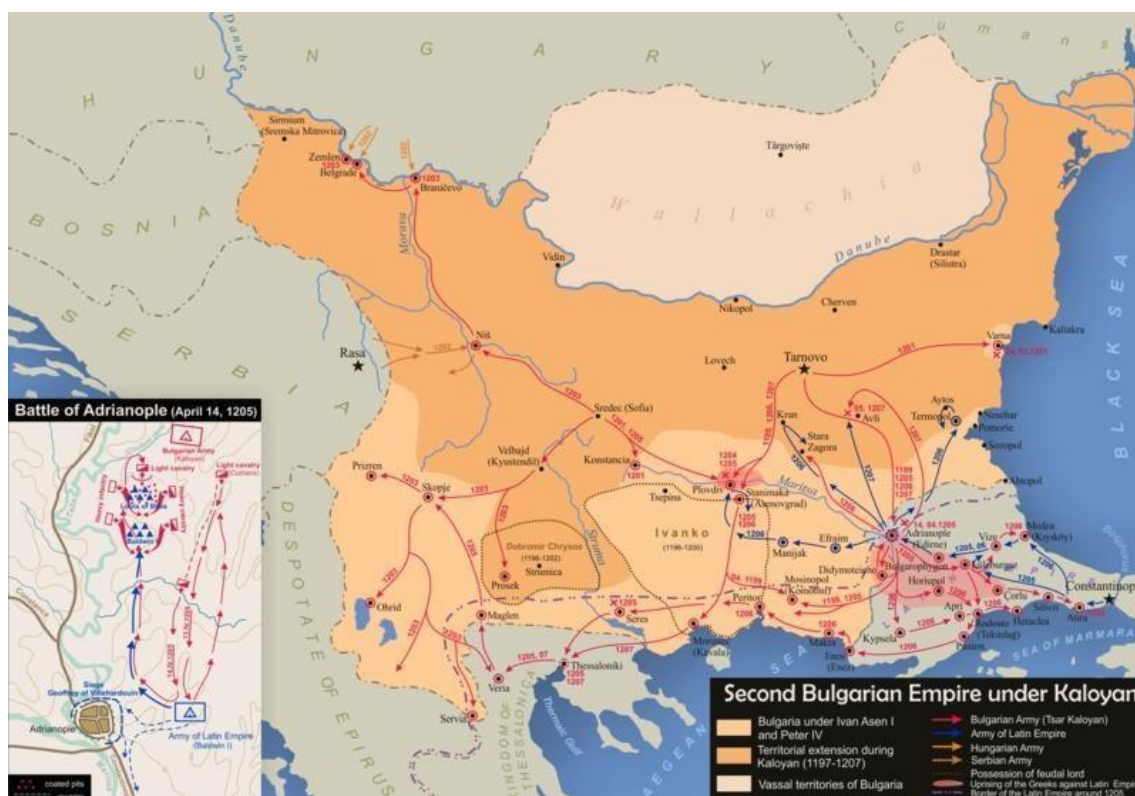


Figura 6: O governo de Kaloyan, comparando-o, em termos geográficos, com os seus irmãos Pedro e João Asen I, além de atribuir um posicionamento acerca de Ivanko, a sudeste. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. [São Francisco, CA: Wikimedia Foundation, 2016]. Disponível em: https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Bulgaria_under_Kaloyan.png. Acesso em 11 de julho de 2024.

A partir da quarta Cruzada, em 1204, torna-se frequente a influência determinante de fatores políticos externos às fronteiras do *Tsarstvo* para com a governança do aparelho. Quando da virada do século, após a Cruzada, existem algumas potências locais nos Bálcãs, potências estas que representam poderes mais estáveis e/ou mais fortes, quer militarmente, quer financeiramente, do que os búlgaros. Nomeadamente os sérvios, os húngaros, e, principalmente, os “herdeiros” de Bizâncio.

A partir dos fragmentos do antigo Império Bizantino (que fora derrotado e esfacelado durante a quarta Cruzada), três “impérios” sucessores se ergueram, em 1218: o despotato de Épiro (que ocupava o centro-norte da Grécia contemporânea), o império de Niceia (que ocupava boa parte da Ásia Menor) e o Império de Trebizonda (que ocupava o litoral da Turquia contemporânea do

Mar Negro). A região em torno de Constantinopla passou a pertencer aos vitoriosos da quarta Cruzada, que formaram o império Latino. Os motivos e as formas da realização de tal divisão não cabem ao esboço deste trabalho. Justamente por este motivo, o último dos três últimos impérios citados, o de Trebizonda, não desempenha nenhum papel relevante no desenrolar deste trabalho, e será pouco abordado, diferentemente do império Latino. Enquanto os “impérios” anteriormente citados eram fragmentos do antigo império Bizantino, desmembrado perante os vitoriosos cruzados, o império Latino era formado pelos cruzados italianos vitoriosos, especialmente de Veneza, que desejavam criar um novo império Romano católico (ao invés de ortodoxo, como no caso do antigo império Bizantino) sediado a partir da cidade de Constantinopla. Todos esses territórios possuíam maiores contingentes militares e maior poderio econômico que o *Tsarstvo* por volta dos anos 1210, ainda que, sob o reinado de Kaloyan, esta distância não fosse tão grande. A oeste estava o reino da Hungria, mais antigo que todas estas regiões, consideravelmente mais estável, e uma força que estendia suas influências para a região devido ao seu interesse por regiões sérvias, como Braničevo e Vidin (esta dentro do território búlgaro).



Figura 7: Impérios herdeiros de Bizâncio, hachurados em amarelo e branco, após a Quarta Cruzada, em 1218. (MADGEARU, 2017, p. 143)

Dito isto, a Bulgária estava praticamente cercada geograficamente, tendo apenas os cumanos a norte enquanto aliados, na região que viria a ser chamada de Valáquia, e o reino búlgaro haveria de tornar-se inferior perante os demais na região. Quando Kaloyan morre, em 1207, o trono não é passado para seu herdeiro, o filho de seu irmão mais velho, João Asen, que também era chamado de João Asen. O trono passa para Boril, sobrinho de Kaloyan, e a partir deste momento a Bulgária, que havia conseguido permanecer relativamente estável, em comparação ao que se tornaria no futuro, começa uma marcha para o caos.

Após a morte de Johannitsa, o poder foi assumido por Boril, filho de uma das irmãs do ex-imperador. Asen teve dois filhos, João e Alexandre, ambos menores, mas Johannitsa não teve nenhum. João, que na época tinha entre 14 e 15 anos, poderia ter se tornado imperador sob a regência de sua mãe, mas ela preferiu se casar com Boril. Em outras palavras, embora o sobrinho de Johannitsa tenha usurpado o título de imperador, que pertencia por direito ao filho de Asen, Boril poderia legitimamente reivindicar o poder como membro da família e como novo marido da imperatriz. Muito pouca informação sobre a sucessão ao trono chegou aos bizantinos e latinos. Só podemos especular sobre a cadeia de eventos. [...] O fato de João ter tido de fugir do país e procurar refúgio no principado Rus de Halych (ou em Kiev) mostra que ele tinha motivos para temer pela sua vida. Em 1207, Rus era inimigo dos Cumanos, enquanto Boril mantinha a aliança com os nômades. Se Manastras matou Johannitsa como resultado da conspiração de Boril, então o novo regime pode muito bem ter representado um grupo pró-cumano. A fuga do filho de Asen para a Rus era natural nessas circunstâncias. (MADGEARU, 2017, p. 175)

Essa passagem demonstra a obscuridade que cerca a morte de Kaloyan e a transição do trono para seu sobrinho, Boril. Boril seria um sobrinho dos irmãos governantes, filho de uma irmã deles, infelizmente não nomeada pela historiografia moderna, que, em teoria, não assumiria o trono. Kaloyan não tivera filhos (homens, ao menos), mas a linha da sucessão indicava que o seu herdeiro seria João Asen, filho mais velho de João Asen. A história não pode comprovar a participação de Boril na morte de seu tio, tampouco pode comprovar a participação de Manastras, um capitão mercenário do exército de Kaloyan, a quem alguns atribuem a morte do *tsar*, e, nesta indefinição, ainda se credita a São Demétrio, padroeiro de Tessalônica, cidade que Kaloyan morreu ao atacar, quem tenha realizado o ato. O fato é que, por muitos, a ascensão de Boril foi tida como ilegítima e, infelizmente, pouco se fala desta obscuridade dos acontecimentos pelas fontes bizantinas (Acropolita apenas menciona que Boril sucedeu Kaloyan, enquanto Choniates sequer afirma qualquer detalhe).

Manastras pode muito bem ter sido o assassino, e não é surpresa que a lenda de São Demétrio matando Johannitsa tenha surgido tão rapidamente, visto que o santo tinha uma reputação há muito estabelecida de proteger sua cidade de invasões e ataques. [...] Só podemos especular sobre as razões deste assassinato. O fato de Manastras não ter continuado o cerco, mas ter retirado, sugere que não estava interessado em usurpar o poder de Johannitsa. Ele pode ter agido em conivência com conspiradores de Tárnovo liderados pelo filho da irmã de Johannitsa, Boril, e pela esposa cumana de Johannitsa, com quem Boril se casou após o assassinato. O exército de Manastras pode ter sido usado para impor o novo tsar. Villehardouin e Henri de Valenciennes consideravam Boril um traidor que se coroou imperador contra a vontade de Deus. O imperador Henrique I de Hainaut também sabia que Boril “tinha imposto a sua vontade pela violência e usurpou o nome e a insígnia imperiais” (MADGEARU, 2017, p. 171)

Godofredo de Villehardouin e Henri de Valenciennes, participantes ativos da Quarta Cruzada como membros efetivos do exército cruzado, que escreveram sobre ela, consideravam Boril ilegítimo. O governante latino em Constantinopla, Henrique de Hainaut pensava parecido. Por mais que as fontes não confirmem, o natural aparentemente seria o trono ser assumido por João Asen. Fine Jr., que demonstra ter uma visão mais benigna de Boril, apontando João Asen como um candidato mais novo, e pondo enquanto benevolentes as ações de Boril, e coloca a transição entre monarcas de outra maneira:

Dos possíveis candidatos específicos a assassino, o nome Boril é frequentemente apresentado, principalmente porque ele lucrou e conquistou a sucessão. No entanto, além de seu benefício e seu subsequente comportamento um tanto sem princípios, não há nenhuma evidência contra Boril. Na verdade, não há provas que sugiram que ele estivesse nas proximidades de Tessalônica no momento da morte de Kaloyan — embora a possibilidade de ter contratado um assassino não possa ser descartada. Assim, mais uma vez devemos admitir a nossa ignorância. De qualquer forma, o herdeiro de Kaloyan deveria ser o filho menor de Asen, João Asen, então com cerca de onze anos. Mas uma briga eclodiu imediatamente e o sobrinho de Kaloyan, Boril, emergiu como tsar. Os apoiantes de João Asen, temendo pela segurança do rapaz, contrabandearam-no para fora do país, primeiro para os cumanos e pouco depois para a Galícia, entre os russos. Boril é geralmente descrito como um usurpador. Mas dadas as condições instáveis na Bulgária, é possível que ele tenha agido principalmente para manter a família no poder, fornecendo um adulto para o trono. Em qualquer caso, as suas ações não provam que ele esteve envolvido na morte de Kaloyan; ele pode muito bem ter simplesmente aproveitado a oportunidade que isso proporcionou. Mas quaisquer que fossem as razões iniciais para assumir o poder, uma vez em posse do poder, Boril decidiu mantê-lo. Casou-se com a viúva de Kaloyan, uma princesa cumana, o que não só aumentou a sua legitimidade, mas também presumivelmente lhe rendeu pelo menos algum apoio

militar cumano. No entanto, ele nunca conseguiu o apoio de toda a aristocracia ou mesmo de toda a sua família.
(FINE JR., 1987, p. 91-92)

Não há dúvida que o casamento de Boril com a viúva de Kaloyan, infelizmente apenas “viúva de Kaloyan”, pois seu nome não alcançou os registros contemporâneos (prática essa, aliás, recorrente, como há de ser tratado em um capítulo posterior), sugeriria uma busca por legitimidade, autoridade e estabilidade da parte de Boril. Mas mesmo seus parentes mais próximos — seu irmão Estrácio e seu sobrinho Alexi Eslavo — não lhe prestaram fidelidade, apesar desta busca por legitimidade e autoridade.

Boril foi considerado um usurpador e a anarquia interna aumentou ao longo de seu reinado (1208–18). Os poderes centrípetos foram fortalecidos e a década de seu governo foi caracterizada pelas rixas de diferentes grupos boiardos. Vários pretendentes ao trono surgiram, entre os quais o irmão de Boril, Estrácio, e o sobrinho de Kaloyan, Alexi Eslavo, eram os mais poderosos. Estrácio foi apoiado pelo Grande Župan Estevão Nemanja II da Sérvia, que lhe deu Prosek no oeste da Bulgária. Alexi Eslavo era o senhor feudal da região de Ródopes, ao sul de Filipópolis (Plovdiv). O imperador latino Henrique, irmão e sucessor de Balduíno, adversário implacável do tsar búlgaro, concedeu o título de déspota a Alexi Eslavo e deu-lhe como esposa a sua filha ilegítima. Boril ficou cada vez mais isolado dentro de seu próprio país e, além disso, teve que enfrentar o perigo iminente de um ataque do Império Latino de Constantinopla. (VÁSÁRY, 2005, p. 57-58).



Figura 8: O reino de Boril, em laranja escuro; a porção, em laranja claro, de Estrácio; em cinza, a parte de Alexi Eslavo, e, em listras verticais, as perdas de Boril em comparação com os territórios dos reis búlgaros anteriores. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. [São Francisco, CA: Wikimedia Foundation, 2016]. Disponível em: https://pl.m.wikipedia.org/wiki/Plik:Bulgaria_under_Boril.png. Acesso em: 11 de julho de 2024.

Por mais que este esteja sendo um momento cronológico relativamente distante, em termos geracionais, para a revolta camponesa de Ivaylo, iniciada em 1277, cerca de setenta anos depois do reinado de Boril, é importante, a partir de Boril, notar a maneira em que a política búlgara se desenrola, pois, até Constantino Tikh, o último *tsar* antes de Ivaylo, os reflexos do governo de Boril ainda se estendem pelas décadas. Talvez por ter sido considerado um governante ilegítimo, Boril não tenha sido capaz de estabelecer o governo sólido e estável que ele aparentemente desejava. Talvez as dificuldades militares tenham assumido esse papel, talvez tenha sido a essência da diplomacia externa ou a oposição interna desenvolvida pelos *boiardos*, os aristocratas búlgaros. O fato é que foram dez anos decadentes para a Bulgária sob Boril. Os belicosos vizinhos demonstraram seus dentes e abocanharam parte do território búlgaro,

particularmente com a ajuda destes familiares: Estrácio, para os sérvios, e Alexi Eslavo, para os latinos.

Em 1208, Estrácio invadiu o oeste da Bulgária com assistência sérvia e estabeleceu-se em Prosek, uma fortaleza a partir da qual ele começou a se expandir para os vizinhos na Macedônia. Enquanto isso, em 8 de julho de 1208, o imperador Henrique obteve uma grande vitória contra Boril em Filipópolis, que marcou o início de uma política latina mais agressiva na Trácia. (CURTA, 2006, p. 385)

Essa política agressiva dos latinos na Bulgária teve a participação direta de Alexi Eslavo na campanha:

O imperador Henrique I de Hainaut pretendia ajudar Eslavo a se tornar imperador, para que tivesse um aliado na Bulgária. É óbvio que o alvo da expedição latina era a capital búlgara [...] Após a vitória de Filipópolis, [...] Eslavo prestou homenagem ao imperador e prometeu permanecer fiel a ele. O imperador aceitou o pedido de Eslavo para casar com a sua filha ilegítima de nome desconhecido, e concedeu-lhe como feudo os territórios conquistados durante a campanha de 1208. Aparentemente, Henrique não havia abandonado o plano de substituir Boril por Eslavo, pois disse-lhe que, com a vontade de Deus, ele também o tornaria senhor da Grande Valáquia. De acordo com Jean Longnon e Günter Prinzing, a Grande Valáquia (também chamada de Blaquie no primeiro capítulo da crônica de Henrique de Valenciennes) foi aquela sob o governo de Boril, [...] No entanto, o plano de Henrique nunca se concretizou, mesmo que Eslavo permanecesse um forte aliado dos latinos. Após o seu casamento com a filha de Henrique em Constantinopla (novembro de 1208), recebeu o título de déspota e provavelmente também o nome de Alexi (o título e o nome são atestados numa carta de doação datada de 1220 e preservada em Athos). Alexi Eslavo tornou-se governante de Melnik provavelmente em 1211 (quando Boril foi mais uma vez derrotado por Henrique). Ele governou lá até cerca de 1229. (MADGEARU, 2017, p. 179-182)

Diferentemente de Estrácio, que se distanciou, eventualmente da sua ligação estrangeira (sérvia, neste caso) e se reconciliou com Boril, Alexi Eslavo não se separou dos latinos e permaneceu em oposição a Boril.

Naquela época, na primavera de 1211, as tropas de Niceia haviam atravessado a Europa para sitiar Constantinopla. Henrique, que estivera em Tessalônica, voltou correndo para defender sua capital. Boril, então aliado dos nicenos, achou esta uma oportunidade de ouro e preparou uma emboscada para atacar Henrique. No entanto, Henrique conseguiu evitá-lo e chegar a Constantinopla com segurança. Ele então despachou um exército contra Boril, que parece ter operado novamente em alguma parte da Trácia. Pelo que sabemos, as atividades de Boril na Trácia no início de 1211 não tiveram qualquer resultado significativo. Após a partida de Henrique de Tessalônica, na primavera de 1211, Estrácio dirigiu ali um ataque contra os latinos; Miguel do Épiro veio em auxílio dos barões e, juntos,

expulsaram Estrácio dos arredores da cidade. Miguel então adquiriu mais tropas de seus novos aliados, os barões de Tessalônica, e perseguiu as forças em retirada de Estrácio, penetrando no território macedônio ocidental de Estrácio. Boril imediatamente enviou tropas para apoiar seu novo aliado Estrácio. Os exércitos búlgaros combinados enfrentaram os de Miguel e seus aliados latinos no início do verão de 1211 em Pelagônia (atual Bitola) e sofreram uma grande derrota. [...] Durante a breve incursão de Henrique na Anatólia contra Niceia, Boril tentou aproveitar sua ausência para atacar Tessalônica em outubro de 1211. Os barões latinos, desta vez com a ajuda de Alexi Eslavo, derrotaram as forças de Boril e os expulsaram. A causa búlgara estava fracassando. Estrácio certamente ficou mais fraco após sua derrota na Pelagônia; e ter os barões e Miguel alinhados contra ele provavelmente o forçou a desistir de seu objetivo de expansão para o sul, embora seus homens provavelmente ainda realizassem ataques esporádicos naquela região. De sua parte, Boril também fracassou; ele se mostrou incapaz de recuperar o território perdido na Trácia e não teve sucesso contra Tessalônica. Assim, estes dois objetivos territoriais, pelos quais ele lutou contra os latinos para alcançar de 1207 a 1211, não foram realizados, e parecia haver poucas chances de que ele os concretizasse no futuro. Na verdade, as tentativas de Boril para concretizá-las provocaram novas perdas territoriais para a Bulgária. Em 1208, sua tentativa de recuperar a Trácia oriental terminou com a perda de toda a Trácia pela Bulgária. E em 1211, quando atacou os latinos, sofreu mais perdas na Bulgária, já que o aliado de Henrique, Alexi Eslavo, não só ajudou a expulsar Boril de Tessalônica, mas também aproveitou a ausência das tropas de Boril na Bulgária naquela campanha para tomar a cidade de Boril. de Melnik, que então se tornou a residência principal de Alexius. (FINE JR., 1987, p. 98-99)

A oposição de Estrácio a Boril talvez seja incompreensível, uma vez que Estrácio era, na verdade, irmão mais novo do *tsar* búlgaro. No entanto, a partir do momento em que Boril assume o trono sem estar na linha direta de ascensão, Alexi Eslavo, que era outro sobrinho de Kaloyan, mas não era irmão de Boril e Estrácio, passa a clamar o trono para si, também. E a sua argumentação seria válida: se Boril, sem direito àquela herança, a assumiu, por que Eslavo não teria direito a ela?

Esclas é obviamente Eslavo, o outro filho da irmã de Johannitsa. Ele pode ter tentado ganhar o poder após a morte de Johannitsa, pois tinha direitos tão bons quanto os de seu primo Boril. Em vez disso, ele se tornou governante de um principado pequeno e independente nas montanhas Ródopes, assim como Ivanko antes dele. Sua primeira residência foi em Tzepaina (Tsepina), uma fortaleza localizada a cerca de 60 km a oeste de Filipópolis e 45 km a oeste de Kritzimos. Mais tarde, Eslavo ocuparam Melnik nas montanhas Pirin, no Struma (MADGEARU, 2017, p. 178)

Na verdade, Acropolita rompe levemente uma noção que pode emergir de Alexi Eslavo, a respeito de sua lealdade para com os latinos. Segundo ele,

Eslavo era aliado apenas de si mesmo, e, assim, pode deduzir-se que, simplesmente, ele era apoiador de quem lhe parecesse mais vantajoso em algum momento:

Teodoro Comneno, que meu relato já deu a conhecer, controlava tudo, exceto a montanha Ródopes (também chamada Acridos) e as cidades nela situadas, e Melnik. Sobre estes Eslavo governou, um parente do imperador Asen que havia recebido a honra de déspota do imperador da cidade de Constantino, Henrique, cuja filha, nascida dele por uma concubina, Eslavo se casou. Ora, este Eslavo, para prolongar um pouco o relato, tendo achado a fortaleza de Melnik forte e inexpugnável a praticamente todos os adversários, era independente e não estava sujeito a nenhum dos governantes vizinhos. Às vezes era aliado dos italianos, unindo-se a eles por causa da sua relação por casamento; outras vezes, dos búlgaros, unindo-se a eles por causa do parentesco; outras vezes, de Teodoro Comneno. Ele nunca foi subordinado a ninguém nem se uniu a ninguém de boa-fé e acordo. Após a morte da esposa de Eslavo, ele se casou com a filha de Petraliphas, que era irmão da esposa de Teodoro Comneno. Minha narrativa explicará sobre ela mais adiante. Como eu disse, com exceção das terras que estavam sujeitas a este Eslavo, tudo ficou sob o domínio de Teodoro Comneno. (MACRIDES, 2007, p. 172)

Aquilo que Boril não perdeu para sérvios e latinos graças a seus parentes Estrácio e Alexi Eslavo ele perdeu por conta própria. No ano de 1211, uma revolta popular contra ele surgiu em Vidin, uma cidade que se tornaria reconhecida por sua débil fidelidade a Tarnovo em anos posteriores.

Talvez os fracassos de Boril tenham despertado a insatisfação em casa. Uma revolta em Vidin, cuja data é desconhecida, tem sido frequentemente datada pelos estudiosos como sendo de 1211 e associada a tal descontentamento. No entanto, uma recente datação desta revolta de Vidin para 1213 (a ser discutida abaixo) parece mais plausível. Mas mesmo que a revolta tenha ocorrido apenas em 1213, a insatisfação popular com o seu reinado pode ainda ter existido já em 1211 e levou Boril a fazer esforços para reunir o apoio da Igreja para o seu regime. Pois em 1211 Boril convocou um sínodo da Igreja cujo principal objetivo declarado era condenar os hereges Bogomil e exigir a sua perseguição. Muitos estudiosos argumentaram que a existência do sínodo nesta época sugere que os bogomilos estavam aumentando em número e se tornando uma ameaça à Ortodoxia na Bulgária; portanto, o sínodo foi convocado para enfrentar uma ameaça real. Alguns estudiosos alegaram que a insatisfação com os fracassos militares e o caos interno da época encorajou os búlgaros a se voltarem contra o sistema e a aderirem à heresia. No entanto, na verdade não sabemos quase nada sobre os bogomilos neste momento. Nenhuma outra fonte refere-se a bogomilos na Bulgária durante este período. E seria de esperar que fontes gregas ou cruzadas, escritas numa época em que tanto gregos como latinos guerreavam contra Kaloyan e depois contra Boril, tivessem usado a presença de hereges para difamar os búlgaros, se os hereges fossem realmente

numerosos. Além disso, depois do sínodo de 1211, nada mais foi dito sobre os bogomilos durante o reinado de Boril. Também não temos evidências de que quaisquer perseguições reais tenham ocorrido após o Sínodo. Assim, não creio que possamos concluir que os bogomilos fossem numerosos na Bulgária naquela época. Parece mais provável que a Igreja Ortodoxa quisesse que fossem tomadas medidas estatais contra o que ainda era uma pequena seita, e Boril, para adquirir o apoio da Igreja, obrigado pela realização do sínodo. [...] No entanto, isso envolve muito alguns itens específicos; e, como veremos em breve, pouco mais de um ano depois do sínodo anti-Bogomil de Boril, Boril entraria em alianças e estreitaria relações tanto com o imperador católico latino como com o rei católico da Hungria. (FINE JR., 1987, p. 99-100)

Essa aliança com a Hungria está diretamente conectada com a revolta de Vidin, que Fine Jr. admite não ter como precisar o ano de sua ocorrência, mas que afirma que já havia insatisfação em 1211. Naquela altura, Boril estava cercado por inimigos e sem aliados viáveis para solicitar apoio, e foi, quase obrigado, a recorrer ao rei húngaro, pedindo seu apoio. Vidin ficava relativamente próxima da fronteira com a Hungria, mais próxima do que Tarnovo, definitivamente, e seria capaz de prestar a assistência que Boril requisitava, mas por um preço.

Seguindo a morte de Ioannitsa, os húngaros ocuparam o vale do rio Morava, de Nis até Braničevo. Boril não é conhecido por fazer qualquer tentativa de recuperar os territórios perdidos. Além disso, em 1211 ou 1213 uma rebelião eclodiu contra ele em Vidin, na fronteira com a Hungria. As razões exatas para essa rebelião são desconhecidas, mas seus líderes eram três chefes cumanos. Incapaz de reprimir a revolta, Boril não teve escolha senão pedir ajuda do rei húngaro André II. Um exército de saxões, valáquios, sículos, e pechenegues, todos sob o comando de Joaquim, conde de Sibiu, cruzou os Cárpatos da Transilvânia e derrotou vários das tropas da "Cumania" antes de atacar e conquistar Vidin. (CURTA, 2006, p. 385)

Portanto, as terras perdidas para a Hungria permaneceram assim, perdidas, pois Boril não só não lutou pela sua recuperação como se aliou com os húngaros, no desespero da carência de aliados fortes, num processo que, conseqüentemente, não lhe rendeu frutos posteriores.

A reaproximação húngaro-búlgara causada pelos acontecimentos de Vidin foi logo seguido por uma paz entre Boril e o Imperador Henrique, que um legado papal negociou em 1213. Para selar o acordo, Henrique se casou com a enteada de Boril (filha de sua esposa cumana de seu casamento anterior com Ioannitsa), enquanto Boril se casou com filha da irmã de Henrique. A morte de Henrique em 1216 privou Boril de um aliado importante, e sua posição na Bulgária enfraqueceu ainda

mais quando seu outro aliado, o rei André II da Hungria, partiu para a quinta Cruzada.
(CURTA, 2006, p. 386)



Figura 9: Mapa geopolítico da península helênica e da Anatólia após as perdas territoriais de Boril. Este mapa demonstra a força do império Latino, que se expandira, e a debilidade búlgara. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. [São Francisco, CA: Wikimedia Foundation, 2016]. Disponível em: <https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:LatinEmpire2-pt.svg>. Acesso em: 11 de julho de 2024.

Sem aliados, definitivamente enfraquecido, sem grande apoio interno e com fortes inimigos externos, o governo de Boril estava extremamente fragilizado. Partidários do menino João Asen, aquele, filho do *tsar* João Asen, que haviam fugido com ele para terras aa nordeste, juntamente com seu irmão, Alexandre, observaram a oportunidade de retomar o trono.

Boril parece ter se encontrado em uma posição cada vez mais fraca em seus últimos anos, embora tenha mantido a aliança latina até o fim. Em junho de 1216, seu aliado, o imperador Henrique, morreu. No ano seguinte, seu segundo aliado, o rei da Hungria, foi para o leste em uma cruzada. Possivelmente porque Boril agora carecia de apoio externo, seus inimigos decidiram que havia chegado a hora de atacar. De qualquer forma, em 1218, os partidários de João Asen o convocaram de volta da Rússia. O jovem príncipe era agora um adulto de cerca de vinte anos. Eles marcharam sobre Tarnovo, cujos cidadãos abriram os portões para ele. Boril ficou cego e João Asen II (1218-41) tornou-se *tsar*.
(FINE JR., 1987, p.106)

Acropolita destoa da historiografia acerca da duração deste movimento, algo que historiadores modernos rejeitam, mas faz eco à queda de Boril (com uma pitada de xenofobia):

Quando o mencionado Boril governou os búlgaros como imperador, o filho de Asen, João, fugiu, indo para as terras dos russos. Ele permaneceu lá por um tempo considerável e, reunindo ao seu redor alguns membros da ralé russa, reivindicou sua herança paterna, lutou contra Boril, venceu-o e ganhou o

controle de não poucas terras. Boril retirou-se para dentro de Tárnovo e foi sitiado e murado durante sete anos. Quando aqueles que estavam com ele ficaram cansados, renderam-se a João Asen. Boril foi capturado enquanto fugia e foi cegado por João, e foi desta forma que João ganhou o controle de todo o território dos Búlgaros.
(MACRIDES, 2007, p. 161)

João Asen, a partir de 1218 chamado de João Asen II, seria o monarca que governaria por mais tempo até que se atinja o recorte histórico do foco do presente trabalho (uma vez que os escritos de momento correspondem a uma retrospectiva). O seu reinado lança as sementes daquilo que há de lançar as sementes da revolta camponesa de Ivaylo.

Durante o seu exílio na Rússia, João Asen preparou-se sistematicamente para regressar e tomar posse da sua herança paterna. De acordo com Acropolita, o sucesso só foi alcançado com a ajuda militar dos russos, enquanto Efraim acrescenta que os cumanos também ajudaram. Os russos mencionados aqui poderiam muito bem ser aqueles elementos eslavos seminômades que são chamados de *brodnik* em fontes contemporâneas, e que são muitas vezes considerados os antepassados dos cossacos. Sem a ajuda ativa ou o consentimento passivo dos cumanos, os russos (ou *Brodniks*) não poderiam ter agido na Bulgária. No final das contas, as tentativas de João Asen para recuperar o poder duraram muitos anos. Acropolita afirma que sitiou Tarnovo durante sete anos, durante 1211-1218. Embora historiadores anteriores, como Zlatarski, interpretassem este período como significando sete meses, Cankova-Petkova insistiu que os sete anos devem ser entendidos literalmente. Mesmo que não possamos decidir isso. [...] João Asen II herdou um país perturbado por disputas internas e cercado por vizinhos avarentos, prontos para tirar vantagem da fraqueza da terra enfraquecida. Mas ele conseguiu estabilizar o seu país tanto interna como externamente. O seu casamento com Ana Maria, filha de André II da Hungria, foi um sucesso político óbvio que contribuiu consideravelmente para a estabilidade da política externa da Bulgária. [...] João Asen teve de enfrentar o inveterado problema da política externa búlgara: como manter um equilíbrio entre o Império Latino e o Império Niceno. Este dilema explica a vacilação no comportamento de Asen na escolha de alianças políticas: ora recorreu aos latinos de Constantinopla, ora aos gregos de Niceia. Mas uma coisa permaneceu constante em suas batalhas: ele sempre podia contar com a ajuda de tropas auxiliares ou mercenárias cumanas.
(VÁSÁRY, 2005, p. 61-62)

João Asen II foi coroado *tsar* em 1218. Vendo em retrospectiva, parece, segundo Vásáry, que Zlatarski seria aquele quem mais se aproximaria da verdade; talvez Acropolita tenha confundido “anos” com “meses”, deveras; se, em 1211, Boril havia realizado o sínodo anti-Bogomil, parece improvável (ainda que não impossível) que, naquele mesmo ano, João Asen tenha cercado

Tarnovo, embora isso explique o motivo de Boril ter recorrido à Hungria para lidar com a revolta em Vidin, e não tenha lidado pessoalmente com os rebeldes. É um dos casos que, infelizmente, mais vale admitir a própria ignorância sobre um evento e sobre ele apenas conjecturar do que afirmar uma verdade duvidosa e se agarrar a esta verdade. Mas, de qualquer forma, não se pode confundir o governo de João Asen II com o de seu antecessor, de maneira alguma. Apesar das dificuldades persistirem, João lidou de maneira bastante diferente.

A Bulgária e a Hungria reforçaram a sua aliança através de outro casamento. O rei André II retornou da Quinta Cruzada em algum momento de janeiro de 1218. No caminho de volta para casa, ele chegou [...] então à fronteira com a Bulgária, onde, segundo Tomás de Spalato e Andrea Dandolo, João Asen II recusou-se a permitir-lhe passagem gratuita, a menos que André II desse a sua filha, Maria, em casamento ao imperador búlgaro. O rei húngaro concordou, porque lhe era conveniente preservar a aliança com a Bulgária. [...] André não teve problemas em reconhecer o título de imperador (tsar) para João Asen II, algo que seus antecessores se recusaram obstinadamente a fazer para Iohannitsa e Boril. Maria tinha nessa altura 9 anos e o casamento só foi celebrado em 1221. O seu dote consistia na região de Belgrado-Braničevo que anteriormente tinha sido dada ao rei húngaro por Boril [...]. A condição apresentada a André para poder atravessar a Bulgária em 1218 pode ter sido, portanto, não apenas o seu casamento com Maria, mas também o retrocesso do território entre Belgrado e Braničevo. Não está claro se João Asen II já tinha sido casado antes. Segundo uma suposição, ele se casou primeiro com uma certa Ana, que foi então repudiada e enviada para o mosteiro, onde se tornou freira Anisia. [...] A Imperatriz Maria converter-se-á à Ortodoxia em 1235, mudando o seu nome para Anna. (MADGEARU, 2017, p. 196-197)

A aliança com a Hungria não permaneceu efetiva durante todo o reinado de João Asen II, pois eles tentaram, sem sucesso, retomar Vidin em 1228 (MADGEARU, 2017, p. 97), mas este casamento demonstra a postura ofensiva com que João Asen II adotaria como postura pessoal do seu reinado. Enquanto Boril não buscava recuperar os territórios para os húngaros, estes territórios foram exigidos e entregues a João Asen II como dote. Além disso, como dito por Vásáry, ele possuía grande apoio entre os cumanos, apoio este, inclusive, que, segundo Madgearu, favoreceu a ascensão de Boril ao trono e pôs João Asen e Alexandre em fuga, por ter considerado os meninos como candidatos de uma facção pró-cumanos, ainda que, posteriormente, Boril tivesse se aliado aos búlgaros de Boril. Portanto, ter conquistado esta aliança, conquistada daquele que havia sido um “primeiro inimigo”, representa o sucesso diplomático deste novo monarca.

João Asen II já era aliado húngaro graças ao seu casamento com Ana Maria, mas ainda havia outros poderes nos Bálcãs. O império Latino foi aliado de Asen por grande parcela de tempo, e João Asen II foi capaz, inclusive, de ser mais imponente que aquele império.

A deposição e subsequente morte de Roberto de Courtenay (janeiro de 1228) reabriram a questão da sucessão no Império Latino de Constantinopla. Um candidato importante, João Asen II, foi um aliado fiel do imperador deposto. [...] João Asen II ajudou Roberto a manter o seu poder sobre o país, provavelmente oferecendo apoio militar contra os ataques de Ângelo Comneno Ducas na Trácia [...] Visto que na altura foi coroado (novo) imperador, Balduíno II de Courtenay (o filho mais novo de Yolanda) tinha apenas 11 anos, João Asen II propôs levar a regência em Constantinopla, com sua filha Helena de quatro anos se casando com o jovem imperador. (MADGEARU, 2017, p. 198-199)

O fato de João ter sido capaz de tanto oferecer apoio militar ao imperador latino contra Comneno quanto se propor a assumir a regência do menino Balduíno II demonstram a força e a autoridade que a Bulgária já possuía com João Asen II.

Após a coroação de Teodoro em 1225, havia quatro governantes na região de Constantinopla que reivindicaram o título de imperador, um dos quais manteve Constantinopla enquanto os outros três procuravam conquistá-lo. Eram o imperador latino, que possuía Constantinopla e esperava mantê-la; o imperador em Niceia; Teodoro de Épiro-Tessalônica; e o tsar João Asen II da Bulgária. A esta altura, Asen já tinha fortalecido grandemente a sua posição, tendo construído os seus exércitos e consolidado o seu domínio sobre o território central da Bulgária; assim, a Bulgária voltou a ser uma potência considerável nos Bálcãs. Mesmo assim, Asen ainda não se sentia suficientemente forte para desafiar Teodoro sobre a Macedônia. (FINE JR., 1987, p. 122)

A fala de Fine Jr. serve tanto para demonstrar o quanto a Bulgária progrediu desde Boril até este momento em termos militares e políticos quanto para demonstrar também a geopolítica balcânica naquele momento. Asen era aliado de dois impérios, Hungria e império Latino (e posteriormente apenas dos latinos), mas ainda restavam o império de Niceia e o despotato de Épiro, o qual o mencionado Teodoro (Ângelo Comneno Ducas) assumiu o governo, em 1225. Teodoro já era inimigo de João Asen II devido à proteção militar que este prestava aos latinos, a quem Teodoro atacava, no entanto, o imbróglio foi resolvido de maneira diplomática, criando uma grande aliança anti-nicena, quando Teodoro e Asen se aliaram.

Teodoro então buscou a aliança de João Asen II, com quem tinha um inimigo comum - o Império de Niceia, que detinha vários territórios a oeste de Constantinopla, incluindo a cidade de Adrianópolis [...] Teodoro e João Asen II tornaram-se aliados, uma aliança selada pelo casamento do irmão de Teodoro, Manuel Comneno Ducas, com uma das filhas de João Asen II, Maria.
(MADGEARU, 2017, p. 200-201)

Se esta aliança anti-Niceia realmente tivesse prevalecido, talvez possa-se dizer que o império de Niceia não haveria encontrando grande longevidade posterior. Maria, uma filha de João Asen II, deveria assegurar esta aliança. As mulheres, neste contexto, por muitas vezes precisava se destacar bastante para receber a mesma quantidade de atenção da historiografia, num movimento histórico claramente excludente. A maior parte delas parece ter sido simplesmente uma moeda diplomática a ser utilizada na política através de casamentos, e Maria, filha de João Asen II, parece ser um exemplo disso. Por mais que, em páginas posteriores, se analise de forma mais minuciosa a figura feminina sob o prisma de algumas imperatrizes, aparentemente o casamento dela com Teodoro não foi o suficiente para garantir a manutenção da aliança por muito tempo, e não que ela tenha qualquer parcela de responsabilidade neste assunto.

Teodoro destituiu o bispo latino da cidade e restaurou o exilado metropolitano grego. Tendo conquistado a segunda cidade de Bizâncio, Teodoro sentiu que as suas reivindicações sobre Constantinopla eram tão fortes quanto as do governante de Niceia. Assim, ele também estava justificado em assumir o título de imperador. Calçou as botas roxas, vestimenta usada apenas por um imperador, e começou a planejar sua coroação. [...] Quando o bispo de Tessalônica recusou-se a participar na coroação de Teodoro e voltou ao exílio, Teodoro convocou uma assembleia em Arta, em Épiro, para aprovar as suas reivindicações imperiais. Então, com essa aprovação obtida, seu leal apoiador Demétrio de Ohrid, possuidor da segunda posição do estado, depois de Tessalônica, coroou Teodoro Imperador dos Romanos (o título oficial do imperador bizantino). [...] O horror e a condenação de Niceia pela coroação de Teodoro intensificaram a disputa na Igreja. "Que direito tinha um bispo búlgaro (pois Ohrid não só residia numa área eslava, mas também tinha sido o principal bispado da Bulgária sob Samuel (976-1014) de coroar um imperador dos romanos?" exigiu Germanos, Patriarca de Niceia. Tentando a princípio evitar uma briga com Teodoro, os nicenos tentaram colocar a culpa por essa "ação ilegal" no ambicioso Demétrio. Ao mesmo tempo, como a sé de Durazzo havia recentemente ficado vaga novamente, o patriarca de Niceia, para fazer valer suas prerrogativas, nomeou um novo bispo para aquela sé. Os epirotas, não surpreendentemente, rejeitaram a nomeação. O sínodo epirota, de fato, nomeou um amigo próximo de Demétrio para ocupar a

sé e anunciou, por uma questão de princípio, que o Épiro não

aceitaria nenhum nomeado de Niceia para a sé no Épiro. Então Teodoro expulsou de Durazzo o candidato de Niceia, perguntando com que autoridade o bispo de Niceia poderia nomear bispos na Europa.
(FINE JR., 1987, p. 120)

Essa citação demonstra não só o motivo da não-manutenção da aliança anti-Niceia, por Teodoro acreditar que ele deveria ser o único governador de Constantinopla, e, conseqüentemente, o único imperador dos romanos, quanto também demonstra esta disputa narrativa pela primazia do discurso de legitimação sob a reivindicação em comum a Constantinopla. Neste caso, essa disputa ocorreu em arena religiosa.

A sociedade bizantina foi cristã durante séculos. A religião cristã estava intimamente ligada à vida quotidiana dos indivíduos e da comunidade de diversas maneiras. A Igreja penetrou em toda a sociedade, como professora, como organizadora do bem-estar social, como proprietária de terras, como órgão judicial e de muitas outras maneiras. Esta relação estável permaneceu inalterada e, na verdade, inquestionada durante um período de intensa discussão teológica e eclesiástica.
(BROWNING, 1975, p. 168)

E o que esta disputa entre reivindicadores de Constantinopla possui algo a se relacionar com o governo búlgaro? Como dito anteriormente, João Asen II prestava assistência militar ao império Latino, que era quem detinha a posse de Constantinopla, de fato. Quando o imperador Roberto de Courtenay morreu, seu filho Balduíno II se tornou o novo imperador, após um momento de governo da sua mãe, a viúva Yolanda, e João Asen II era o regente do menino imperador, além de prestar defesa militar. Na prática, era quase como se Balduíno fosse um fantoche de João Asen II, e atacar os búlgaros, enfraquecendo-os, aumentava a chance de sucesso em uma eventual investida contra Constantinopla propriamente dita. Talvez Teodoro só tenha feito uma aliança para angariar tempo contra Asen, afim de se fortalecer para sobrepujá-lo. Em 1230, essa aliança se rompeu, e Teodoro abandonou sua postura anterior.

Jorge Acropolita também menciona que a aliança não durou muito, pois Teodoro Ângelo Comneno Ducas atacou a Bulgária com um grande exército, que também incluía cavaleiros ocidentais. Ele provavelmente esperava que uma vitória contra a Bulgária eliminasse um rival sério na corrida por Constantinopla. De Adrianópolis, o exército epirota avançou para a Trácia ao longo do rio Maritsa. Em 9 de março de 1230, enquanto marchava para Filipópolis, enfrentou as tropas búlgaras em Klokotnitsa, próximo a uma pequena fortaleza, apenas onde havia uma pequena fortificação, 8 km a noroeste da moderna Haskovo. A vitória parecia certa para os epirotas,

mas a reserva búlgara que esperava escondida em algum lugar nas proximidades interveio no momento crucial. Essas novas tropas foram comandadas pelo próprio João Asen II e incluíam 1.000 cumanos, cujo ataque surpresa selou a vitória dos búlgaros. Muitas flechas “nômades” foram encontradas durante a escavação arqueológica do campo de batalha. (MADGEARU, 2017, p. 201)

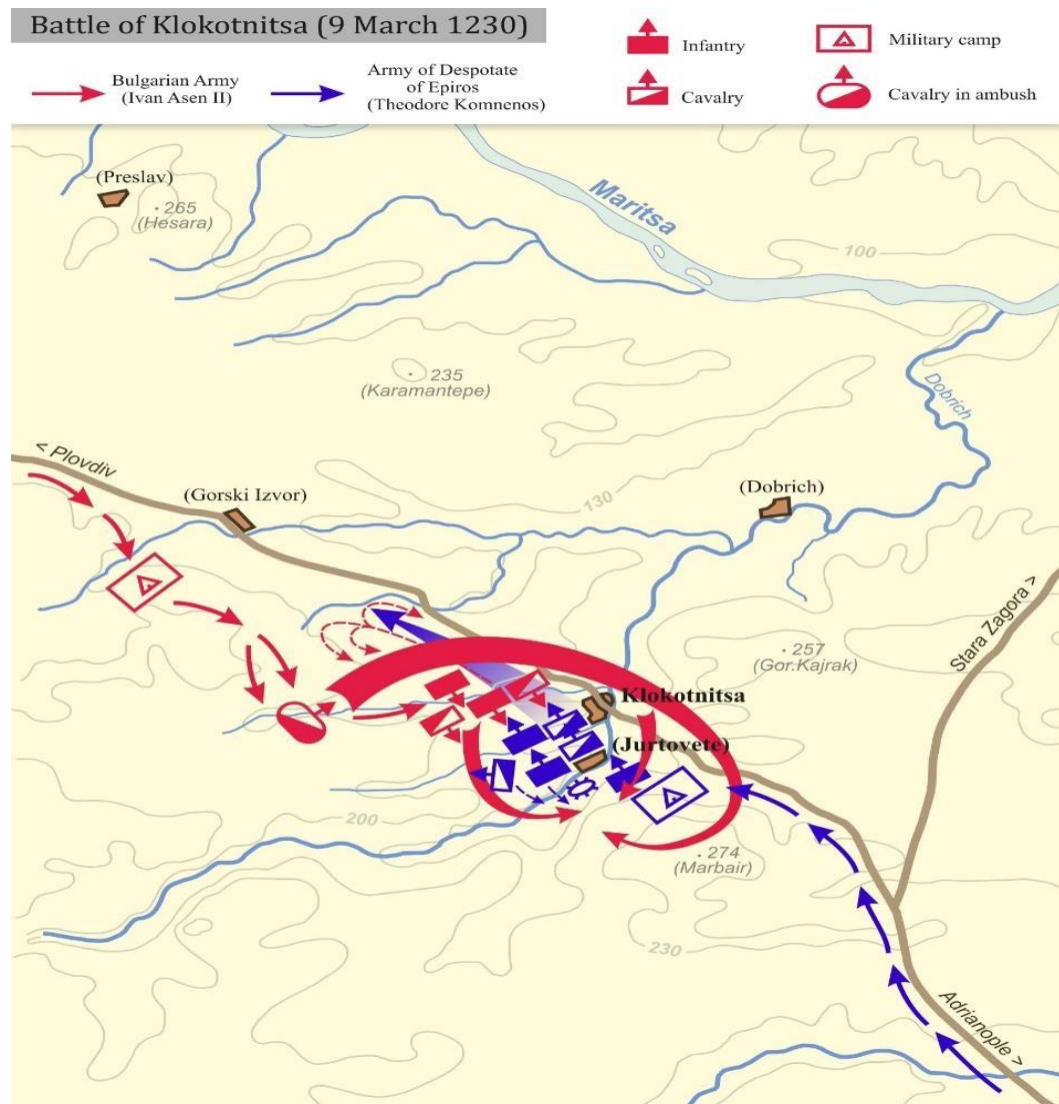


Figura 10: A estratégia adotada por João Asen II (em vermelho) contra Teodoro, de Épiro (em azul), na batalha de Klokotnitsa. A imagem demonstra a importância do flanqueamento da cavalaria búlgara contra a retaguarda epirota. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. [São Francisco, CA: Wikimedia Foundation, 2016]. Disponível em: https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Battle_of_Klokotnitsa.png. Acesso em: 11 de julho de 2024.

Nessa vitória, Teodoro foi capturado e, posteriormente, cegado. A atitude adotada por Asen a todo momento, demonstrando a sensação de tudo fazer parte de uma ideia cuidadosamente calculada e planejada, permite um vislumbre daquilo que ele planejava.

Sendo um homem que se comportou de forma arrogante e desordenada, não apenas em assuntos imperiais, mas também em geral em todas as questões civis, Teodoro Ângelo quebrou seu tratado com João Asen. Transgredindo os seus juramentos e quebrando a trégua com os vizinhos, partiu contra os búlgaros, tendo reunido um grande exército composto por romanos e italianos. Passando pela cidade de Adriano, marchou pela zona do alto Hebrós, procurando provocar a guerra com os búlgaros. Mas ele estava realmente buscando sua própria destruição. Pois ele pensava que os búlgaros, aterrorizados com o mero avanço do seu exército, não resistiriam de forma alguma. Mas os búlgaros não responderam desta forma. João Asen, com mais confiança no perjúrio e nas violações do tratado de Teodoro Ângelo do que em suas próprias forças, pegou uma pequena força auxiliar [...], e conduziu-se com mais ousadia na batalha; alguns dizem que ele pendurou o juramento escrito de Teodoro em seu estandarte. Os exércitos enfrentaram-se num local próximo às margens do Hebrós; eles chamam isso de Klokotnitsa. Teodoro, o imperador de Tessalônica, foi capturado pelo inimigo, enquanto não poucos de seus parentes, seus oficiais e homens escolhidos, e todos os seus bens, tornaram-se saque para os búlgaros. Asen era mais compassivo com as massas capturadas; ele libertou a maior parte do exército, especialmente as pessoas comuns e a ralé, e os enviou para suas aldeias e cidades, agindo ostensivamente com compaixão, talvez porque isso servisse aos seus próprios interesses. Pois ele queria governá-los, separando-os do reino romano. Ele teve sucesso nisso. Quando ele marchou contra eles depois, todos passaram para ele sem derramamento de sangue, e a cidade de Adriano tornou-se sujeita a ele e também, mais ou menos na mesma época, Didymoteichon, depois toda Volograda, Serres, Pelagônia e Prilep e a área circundante. Ele invadiu a Grande Valáquia, mas também ganhou posse de Elbanon e saqueou até Illyrikon. Depois de realizar a maior parte do que havia resolvido fazer e de arranjar uma guerra ao seu gosto, ele retornou à sua própria região, deixando algumas das fortalezas ser governada por romanos, mas submetendo a maior parte a ele, destacando neles soldados e generais e aqueles que arrecadam os impostos públicos. Ele parecia a todos que era ao mesmo tempo admirável e abençoado. Pois ele não usou a espada contra seu próprio povo, nem se deixou levar pelas mortes dos romanos, como fizeram os governantes dos búlgaros antes dele. Portanto, ele foi considerado com afeição não apenas pelos búlgaros, mas também pelos romanos e outras nações.

(MACRIDES, 2007, p. 178-179)

Esta passagem traz o relato de um “bizantino”, Acropolita, que vê Teodoro, que seria similar a um compatriota, com olhos mais negativos do que a um búlgaro. O nacionalismo (ou a ausência dele, nesse momento, talvez ofuscado por uma relativa e vacilante admiração) com que trata Acropolita os dois imperadores demonstra o grau de estima que João Asen adquirira. Nunca a Bulgária (enquanto segundo *Tsarstvo*) voltaria a ser tão grande novamente. Sob seu governo que a Bulgária atingiu seu ápice, em termos geográficos, militares e econômicos. E não só em termos expansivos se deu o seu reinado.

João Asen II ganhou o controle de um grande segmento do eixo comercial e militar mais importante dos Bálcãs. A Via Egnatia, que começa em Tessalônica, atravessa as regiões conquistadas em 1230, especialmente a Albânia e a Macedônia central. A outra estrada importante da Península Balcânica, de Belgrado, passando por Braničevo, Niš, Sofia e Filipópolis até Adrianópolis, já estava sob o controle do império desde os dias de Johannitsa. (MADGEARU, 2017, p. 205)



Figura 11: Mapa búlgaro após as vitórias de João Asen II contra Épiro, e mostra como o império expandiu após Boril. É a maior extensão do segundo *Tsarstvo* em termos territoriais. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. [São Francisco, CA: Wikimedia Foundation, 2016]. Disponível em: https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Campaigns_of_João_Assen_II.png. Acesso em: 11 de julho de 2024.

A via Egnatia, mencionada por Madgearu, atravessa os Bálcãs (parte dela ainda existe hoje, modernizada e transformada), conectando Bizâncio ao mar Adriático. A posse de tanto esta rota comercial quanto à sua alternativa, não

nomeada por Madgearu, oportunizariam um incremento significativo aos cofres búlgaros, graças às conquistas a oeste desprendidas por Asen, e isso deveras refletiu em sua vida reinante, através de obras públicas.

O comércio foi sem dúvida a razão da cunhagem relativamente abundante por João Asen nos anos subsequentes. A prosperidade econômica da Bulgária durante o reinado de João Asen é bem ilustrada pelo seu programa de construção em Tarnovo, dominado pela grande Igreja dos Quarenta Santos Mártires com seus talhões decorados com azulejos e afrescos que deram fama à chamada Escola de Tarnovo. Pouco depois da inauguração da igreja após a batalha de Klokotnitsa, o mosteiro da Grande Lavra foi estabelecido nas proximidades, que [...] logo se tornou um centro da escrita. A vitória em Klokotnitsa transformou a Bulgária na maior potência dos Bálcãs do início do século XIII e numa grande ameaça para o Império Latino em Constantinopla. Uma por uma, as cidades trácias controladas pelos latinos abriram as suas portas às tropas de João Asen. Em cada um deles, o imperador búlgaro substituiu bispos ou padres nomeados pelo patriarca latino em Constantinopla por sufragâneos do metropolita de Tarnovo. Este é provavelmente o contexto em que o Papa Gregório IX convocou cruzados na Hungria para apoiar o novo imperador de Constantinopla, João de Brienne, nos seus esforços para defender o Império contra os seus inimigos. Se o Papa tivesse em mente João Asen, o chamado não ficaria sem resposta. (CURTA, 2006, p. 387)



Figura 12 e 13: Via Egnatia, antes e atualmente, respectivamente. À esquerda, a estrada original, em vermelho, ligando Constantinopla ao mar Adriático, com as suas ramificações e conexões com outras vias (In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. [São Francisco, CA: Wikimedia Foundation, 2016]. Disponível em: https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Via_Egnatia-pt.jpg. Acesso em: 11 de julho de 2024). À direita, uma foto atual da estrada, em Resen, Macedônia do Norte, estrada de mesmo nome, que fica ao lado da original, como diz a placa: (Римски пат Via Egnatia — Rimski Pat Via Egnatia — Estrada Romana Via Égnatia) (In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. [São Francisco, CA: Wikimedia Foundation, 2016]. Disponível em: https://en.m.wikipedia.org/wiki/File:Via_Egnatia.jpg. Acesso em: 11 de julho de 2024).

Talvez por tanta prosperidade, de teor ortodoxo, os seus antigos aliados, os latinos se voltaram contra ele, apoiados pelo Papa. João de Briene, mencionado anteriormente, se aliou com os húngaros, que já haviam se tornado inimigos de João Asen II, o que provavelmente forçou o *tsar* a se aliar com um antigo inimigo, Niceia.

Asen foi incapaz de responder à provocação húngara devido ao seu crescente envolvimento nos assuntos relativos a Constantinopla. Irritado com os latinos, Asen estabeleceu relações mais estreitas com Niceia. Em 1234, foi acordado um noivado entre sua filha e o herdeiro de Niceia. [...] O status da Igreja Búlgara foi oficialmente reconhecido em uma cerimônia formal em 1235, na qual a filha de Asen, Helena, se casou com Teodoro (II) Lascaris, herdeiro do trono de Niceia. Cada criança tinha então cerca de dez anos. A fronteira entre os dois estados também foi formalmente estabelecida. O tratado reconheceu como búlgaro tudo a noroeste da baixa Maritsa, que aliás estabeleceu a fronteira búlgaro-niceana ao longo da linha da atual fronteira greco-turca. [...] Os dois aliados, os búlgaros e os nicenos, sitiaram Constantinopla. A capital, defendida pelo idoso João de Briene, uma pequena guarnição de cavaleiros, a frota veneziana e, em 1236, também por algumas tropas fornecidas por Godofredo de Villehardouin [...], resistiu heroicamente; mas a situação era tão crítica que a queda de Constantinopla parecia apenas uma questão de tempo. [...] À medida que o cerco Niceno-Búlgaro a Constantinopla continuava em 1236, finalmente ficou claro para Asen que uma vitória de sua coalizão simplesmente daria Constantinopla aos nicenos; e um império grego aí centrado sob a dinastia de Niceia seria um obstáculo maior para uma futura conquista búlgara de Constantinopla e também um perigo maior para o estado da Bulgária em geral do que a continuação do domínio dos latinos fracos. Assim, mais uma vez Constantinopla foi salva por uma briga entre dois de seus inimigos. Asen rompeu unilateralmente sua aliança com Niceia e, ao que parece, enviou um enviado para exigir o retorno de sua filha.

(FINE JR., 1987, p. 129-130)

Mesmo após mais uma mudança de aliança, a capacidade política e militar da Bulgária de realizar tantos zigue-zagues e ainda assim obter sucesso neles demonstra um império inigualável, em termos comparativos búlgaros, após a revolta dos irmãos Teodoro e Asen. Isso demonstra a influência que o personagem João Asen II exerce mesmo depois de décadas da sua morte. Apesar de todo seu sucesso e todo o seu esforço, João Asen II não conseguiu invadir e dominar Constantinopla, e morreu, em 1241, sem realizar tal feito. O novo *tsar* passou a ser o seu filho de sete anos, Colomano. Vale salientar que, antes de morrer, João Asen II havia se casado outra vez, com uma terceira esposa, Irene Comnena Ducas, e com ela ele teve três crianças: Ana, Maria e Miguel. No entanto, o seu herdeiro no momento de sua morte era Colomano,

filho de Asen com Ana Maria da Hungria. Por motivos de idade, ele não pode assumir com plenos poderes, e essa transição de monarcas marca o início do declínio búlgaro.

[...] E, como Asen morreu em junho de 1241, deixando seu filho de sete anos, Colomano, sob uma regência, dentro da qual várias facções logo surgiram, a Bulgária também declinou rapidamente. Assim, em 1242, Vatatzes em Niceia ficou sozinho sem rivais - excluindo os latinos incumbentes - para a conquista de Constantinopla. O declínio da Bulgária após a morte de Asen prova que ele também, embora um grande conquistador, foi incapaz de criar um aparato administrativo capaz de sustentar um estado duradouro. Bozhilov argumenta que, apesar das grandes e óbvias contribuições de Asen, ele cometeu um erro capital nas relações exteriores. Falhando em reconhecer o perigo representado para a Bulgária por Niceia, durante grande parte de seu reinado ele foi aliado e apoiou os nicenos. Isso resultou no firme estabelecimento de Niceia na Europa, cujas consequências puderam ser vistas imediatamente após a morte de Asen, quando a Bulgária, governada por menores e por regências incompetentes, sofreu grandes perdas para os nicenos na Trácia, nos Ródopes e na Macedônia, perdas que contribuíram substancialmente para o declínio da Bulgária. Embora o argumento de Bozhilov seja basicamente verdadeiro, deve-se notar na defesa de Asen que ele parece ter percebido esse perigo em Niceia em 1236. Depois disso, ele não fez nenhuma contribuição séria para a causa de Niceia. Na verdade, seu apoio a Niceia limitou-se ao breve período de 1234/35-36. E nesse tempo ele contribuiu para apenas algumas aquisições niceanas no leste da Trácia, a principal das quais, Tzurulum, foi recuperada pelos latinos em 1240... Sua maior contribuição para a causa de Niceia foi a destruição de Teodoro como poder, mas isso ele fez em seu próprio interesse e em legítima defesa, pois Teodoro o havia atacado. Assim, se alguém deseja criticar Asen, não deve se concentrar em suas contribuições para a causa de Niceia, mas sim em seu fracasso em concentrar uma grande ofensiva contra os nicenos, depois de 1230, para expulsá-los da Trácia. No entanto, mesmo que ele tivesse feito isso, se ele não tivesse destruído o estado deles na Anatólia (o que ele não era forte o suficiente para fazer), seus ganhos poderiam ter sido apenas temporários. Após sua morte, após o declínio da Bulgária, os nicenos teriam simplesmente retornado à Trácia tão fortes quanto na década de 1230. Portanto, acredito que realmente não havia nada que Asen pudesse ter feito para impedir o sucesso de Niceia no longo prazo (FINE JR., 1987, p. 135).

Neste momento, por mais que a revolta de Ivaylo ainda esteja por acontecer em algo próximo de quatro décadas, as sementes de sua ocorrência começariam a ser plantadas neste momento, como comentado anteriormente. A Bulgária de João Asen II, que lutava para conquistar Constantinopla, nunca voltaria a surgir; declinaria cada vez mais.

Colomano não viveria por muito tempo; em 1246 ele faleceu e o governo da Bulgária passou para seu meio-irmão, Miguel, de oito anos.

Em 1246, Colomano, filho da esposa Asen perdida em 1237, morreu. Colomano foi sucedido pelo filho de Asen, Miguel, filho de Irene, filha de Teodoro, com quem Asen se casou no final de 1237. Miguel tinha apenas cerca de oito anos, então os problemas associados a um menor como tsar e a regentes continuaram. A causa da morte prematura de Colomano não é conhecida. Acropolita relata que alguns dizem que ele morreu de uma doença natural, enquanto outros dizem que ele foi envenenado. Muitos estudiosos acreditam que ele foi assassinado e argumentam que os apoiadores do pequeno Miguel e de sua mãe, Irene, foram os responsáveis. Eles então argumentam que Irene se tornou a principal regente de Miguel. No entanto, independentemente de como Colomano morreu, é quase certo que Irene não se tornou a regente de Miguel. Recentemente, Lazarov publicou um estudo convincente que não só desacredita as evidências que apoiam tal papel de Irene, mas também mostra que ela residia com o irmão em Tessalônica no final de 1246; o contexto sugere que ela já estava lá há algum tempo. Ela provavelmente foi exilada da Bulgária no início do reinado de Colomano. Lazarov identifica o Sevastocrator Pedro, um genro de Asen que ocupa uma posição elevada em um alvará para Dubrovnik, como o principal regente de Miguel. (FINE JR., 1987, p. 156)

Nesse momento, vale destacar o fortalecimento de Niceia, algo que João Asen II havia notado desde o cerco a Constantinopla, junto com o seu aliado da época, João III Vatatzes, e já havia sido destacado antes, no momento da morte de João Asen II, mas que agora alcançava tal poderio que chegou ao ponto de ser capaz de reforçar o antigo império Bizantino, ao conquistar Constantinopla. Isso era o que João Asen temia, mas caberia à sua descendência lidar com esta realidade.

Um general idoso, Aleixo Estrategópulos, sem ordens para ir contra Constantinopla, estava fazendo um reconhecimento nos subúrbios da cidade em 25 de julho de 1261. Ao descobrir que a guarnição franca não estava presente na cidade, ele trouxe por iniciativa própria um pequeno número de tropas para as muralhas, forçou uma entrada através de uma passagem secreta estreita, venceu um guarda insignificante e abriu um portão de dentro para o resto de suas tropas. Ele e seus homens foram calorosamente recebidos pelos gregos da cidade. Ao ouvir a notícia, Balduíno II embarcou em um navio veneziano. Assim, após cinquenta e sete anos de domínio latino, Constantinopla foi tomada por acidente, sem uma batalha ou mesmo um plano. Miguel Paleólogo correu para Constantinopla, deixando o jovem imperador legítimo, João IV Láscaris, de volta em Niceia. Miguel fez com que ele próprio, e somente ele, fosse coroado em Hagia Sofia. Pouco depois, ele cegou e depôs João. Depois disso, Miguel governou sozinho. Ele fundou a dinastia que governaria Bizâncio desde então até a conquista turca. Mas nessa época Bizâncio dificilmente era mais um império - apesar

de seus títulos, retórica e cerimonial da corte; era apenas mais um pequeno estado, mantendo, junto com Constantinopla, a Anatólia ocidental, a Trácia, Tessalônica e a Macedônia. (FINE JR., 1987, p. 165).

A partir deste momento cronológico, o ano de 1261, Niceia passará a ser citada como império Bizantino. Essa reconquista representava o auge do estado de Niceia desde o seu “nascimento” após a quarta Cruzada, que possuía um aparelho burocrático estabelecido e fortalecido, enquanto a Bulgária era governada por regentes *boiardos* (aristocracia eslava) que rivalizavam entre si e perdiam força e território.

Enquanto isso, os mongóis se expandiam para o estado cumano e passaram a controlar Kiev; o império Bizantino renascia, a Bulgária definhava, e das estepes orientais, surgiam novos personagens. Estes mongóis, herdeiros de Gengis (Chingis) Khan, representam o papel de divisor de águas na geopolítica búlgara, ao ponto de seus detalhes e pormenores políticos afetarem diretamente o reino búlgaro quando da revolta de Ivaylo. Por isso, há de ser mencionado com um maior aprofundamento questões a respeito destes mongóis, personagens de relevância grandiosa nos Bálcãs da segunda metade do século XIII.

5.2 CAPÍTULO II.II: AS HORDAS QUE MOLDARAM OS BÁLCÃS NO SÉCULO XIII

Os mongóis, tantas vezes retratados nas fontes como tártaros (que, no entanto, não serão aqui nomeados desta maneira, salvo em citações, por considerar este termo uma nomenclatura xenófoba, como outrora foi aplicado o termo “russo” a qualquer cidadão nascido na União Soviética, mesmo que não pertencesse a esta etnia), já haviam começado a aparecer na Bulgária durante o fim da vida de João Asen II, mas foi durante o (breve) reinado de Colomano que este tornou-se um problema grandioso para os búlgaros da região. Portanto, há de se comentar acerca destes mongóis. Com a morte de Gengis (Chingis) Khan, em 1228, o famoso imperador mongol, os olhos daquele povo se voltaram a oeste, e visualizaram os Bálcãs.

Sua vontade agora tinha que ser feita. A reunião era necessária para confirmar a sucessão do herdeiro escolhido por Gêngis, seu terceiro filho, Ogedei. Marcaria também um novo começo, para cumprir a grande estratégia esboçada por Gêngis quando ele estava à beira da maior conquista de todos os tempos: a tomada de toda a China, algo que nenhum outro governante “bárbaro” de além da Grande Muralha jamais havia conseguido. No entanto, mesmo isto foi apenas uma parte da visão herdada

dele. Muitos dos que se reuniram em 1228 tinham ouvido falar que a oeste, para além das terras muçulmanas, para além das planícies e florestas da Rússia, havia ainda outros mundos a conquistar: as pastagens da Hungria e, depois, talvez até as cidades maduras da Europa Ocidental. Alcançar a vitória total, cumprir o seu destino manifesto de domínio mundial, exigiria uma habilidade e ferocidade equivalentes às do seu governante falecido, e total sujeição à sua vontade. Uma nova nação, um novo império estava prestes a emergir como a entidade mais poderosa da Eurásia.
(MAN, 2004, p. 37)



Figura 14: Rosto de Gengis na cédula de 20000 tugriks (moeda nacional mongol, no momento equivalendo c.US\$5,00). In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. [São Francisco, CA: Wikimedia Foundation, 2016]. Disponível em: https://en.m.wikipedia.org/wiki/File:20000_Togrog.jpg. Acesso em: 11 de julho de 2024.

Apesar desta explícita vontade de Gengis Khan, que foi respeitada em certos termos, é preciso explicar como passou a funcionar o império mongol, que haveria de atuar na geopolítica balcânica em meados do século XIII. Unificado sob Gengis, após sua morte, ele foi dividido em quatro partes, para quatro diferentes filhos de Gengis: Jochi, Chagatai, Ogedei e Tolui.

Gengis distribuiu a estepe entre seus filhos. Chagatai recebeu o Turquestão ocidental, Ogedei recebeu Jungharia e mais tarde a Mongólia central, Tolui a Mongólia oriental e Jochi a Mongólia ocidental e as florestas siberianas e mais tarde a estepe ocidental (Kipchak). [...] O favor concedido a Jochi demonstra que Gengis o considerava o mais velho, embora Jochi provavelmente não fosse filho de sangue de Gengis. Jochi era provavelmente filho de Börte com um chefe Merkit, mas Gengis criou Jochi como se fosse seu. A historiografia oficial do Império Mongol — revisada depois de 1251 sob a égide dos descendentes de Tolui, que competiam com os Jochidas pelo poder — retrata Jochi como um bastardo. Mesmo assim, Jochi recebeu um dos melhores territórios, localizado o mais distante de sua terra natal: “o mais longe naquela direção [noroeste].”
(FAVEREAU, 2021, p. 65)

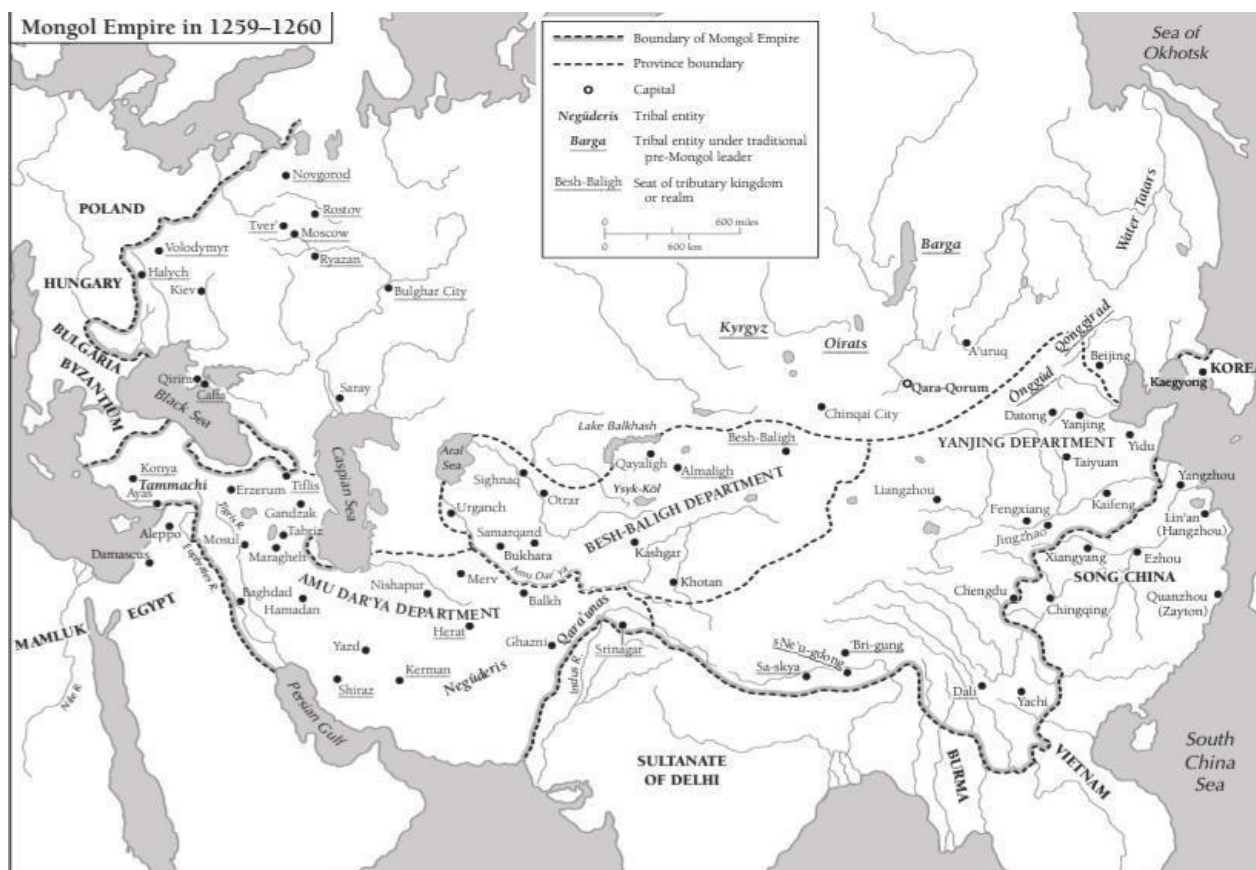


Figura 15: Desenvolvimento da divisão territorial de Gengis, à iminência dos conflitos entre jochidas e toluidas. (ATWOOD, 2004, p. 366)

Essa divisão feita por Gengis Khan dividiu o império, mas não transformou um grande império em vários impérios menores, politicamente falando. Cada subdivisão (canato) permanece submetida ao grande Cã, eleito no *Kurultai*, ou, pelo menos, passou a ser assim a partir de Ogedei:

O Kurultai foi uma grande assembleia na qual a classe dominante mongol elegeu seus cãs, planejou campanhas e distribuiu recompensas. [...] O Kurultai de 1229 que entronizou seu filho Ogedei Khan estabeleceu rituais regulares, incluindo a prostração de todos os parentes ao novo imperador, que foram codificados em 1234. Nas gerações posteriores, os Kurultais de coroação revelaram-se particularmente controversos. Os mongóis não tinham regra de sucessão e os Kurultais consideravam uma ampla gama de príncipes Chinguisidas. Os banquetes e bebidas prolongados visavam produzir discussões francas e eventual consenso. Dado que o objetivo da eleição era discernir qual o candidato que estava verdadeiramente destinado pelos céus a governar, a decisão teve de ser unânime, exercendo forte pressão sobre os dissidentes para apoiarem a maioria. Uma vez escolhido um candidato, ele geralmente exigia garantias por escrito (*möchelge*) dos príncipes de que eles respeitariam a escolha. (ATWOOD, 2004, p. 462)

Segundo as leis destes momentos, Tolui, que passou a ser o regente de Ogedei, ditou como deveriam proceder os mongóis a partir da morte de um câ:

Tolui então criou, possivelmente usando algumas tradições anteriores, práticas que os regentes empregaram após a morte do câ. Primeiro, quase toda a atividade militar dos mongóis cessou. Isto não significa que todos os combates cessariam, mas todas as atividades ofensivas envolvendo os mongóis terminariam. [...] A maioria dos comandantes mongóis seniores, entretanto, retornaria à Mongólia para participar do Kurultai. Haveria também um período de luto para todos os mongóis. O regente supervisionava os ritos do luto — propiciando os espíritos e acompanhando o corpo até o sepultamento. O regente também convocaria o Kurultai em que o sucessor seria escolhido e também deveria nomear o herdeiro. É importante lembrar que embora um câ pudesse nomear um sucessor, o Kurultai não era obrigado a seguir os desejos do câ anterior. Havia boas razões pelas quais o herdeiro escolhido pelo câ poderia ser ignorado. A mais óbvia é que os Kurultai poderiam considerá-lo indigno ou incompetente. Novas condições, como a doença ou mesmo a morte, poderiam ter mudado a situação. Em suma, todos os possíveis candidatos deveriam ser considerados.
(MAY, 2018, p. 155-156)

Portanto, havia apenas um império, o mongol, mas haveriam subdivisões internas, e todos os líderes destas subdivisões deveriam obedecer ao líder supremo, o grande câ, escolhido no *Kurultai*. Essas subdivisões representarão os canatos mais diversos do império. A banda mais ocidental deste império, a mais próxima dos Bálcãs, acabou não sendo herdada por Jochi, pois ele morreria num período próximo ao do próprio Gengis e, assim, quando Gengis morreu, a terra que pertenceria a Jochi foi repartida para os filhos dele: Batu e Orda liderariam o que se tornaria conhecido como o canato da Horda Dourada (ou Horda Azul) e o canato da Horda Branca, apesar de não haver muita clareza entre qual horda era de quem. Existe alguma confusão acerca a quem pertencia a Horda Azul e a Branca.

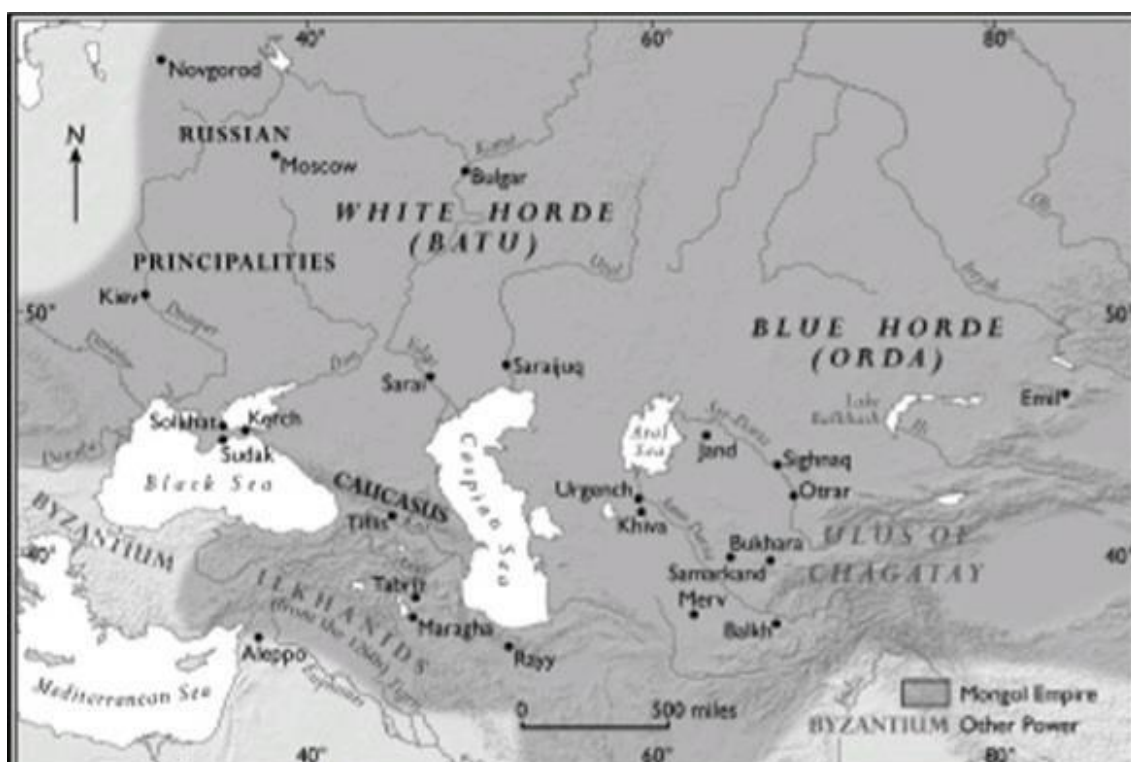


Figura 16: Representação da extensão da Horda Dourada. A porção ocidental, a Horda Branca, alcançando seu domínio à Cumânia e à Bulgária. (FAVEREAU, 2021, p. 100).

Alguns colocam a Horda Dourada como uma dessas hordas subdivididas, outras colocam como sendo a grande horda unificada entre os filhos de Jochi. Este trabalho não se debruçará acerca destas colocações para além desta passagem, e se concentrará apenas na Horda Dourada, que protagoniza grandes eventos nos Bálcãs.

Com sua primeira e favorita esposa Borte, Chingis deixou quatro filhos: Jochi, Chagatai, Ogedei e Tolui. Sobre a legitimidade de Jochi pairava uma dúvida incômoda; [...] O que é certo é que um confronto aberto entre Jochi e Chingis só foi evitado pela morte súbita do primeiro, em fevereiro de 1227, aos 43 anos. Antes de sua própria morte, seis meses depois, Chingis sancionou a divisão da yurt de Jochi entre seus filhos Orda e Batu, que se tornaram os pais das dinastias, o primeiro dos Brancos e o último da Horda Dourada.
(SAUNDERS, 2001, p. 73-74)

Os ataques aos Bálcãs surgem justamente no período desta divisão:

Já durante a vida de Asen, os tártaros apareceram nas estepes a nordeste do Danúbio, na fronteira com a Bulgária. Em 1238-39, eles colocaram sob seu controle o estado cumano, pouco controlado, que se estendia entre o Volga e os Cárpatos. Dado

que os cumanos normalmente gozavam de boas relações com a Bulgária e forneciam regularmente aos exércitos búlgaros um grande número de tropas, o colapso deste estado enfraqueceu consideravelmente militarmente a Bulgária, especialmente desde que o novo regime [...] geralmente não era particularmente amigável. Assim, a Bulgária viu um vizinho amigo ser substituído por outro poderoso e perigoso. Muitos dos cumanos permaneceram nas estepes e foram absorvidos pelo estado tártaro, fortalecendo seus exércitos. Outros fugiram para a Hungria, o Império Latino, Niceia ou Bulgária. [...] . Esta expansão tártara trouxe o estado tártaro para a fronteira da Bulgária. Deveria permanecer lá durante o próximo século, sendo particularmente influente no desenvolvimento búlgaro durante os próximos sessenta anos. De todos os estados balcânicos, a Bulgária, tendo os tártaros imediatamente nas suas fronteiras, seria o mais sujeito à influência tártara: de todos os estados balcânicos, sofreu o maior número de ataques, caiu primeiro e permaneceu por mais tempo sob a suserania tártara, e absorveu o maior número de colonos tártaros e, portanto, experimentou uma maior mistura de povos. [...] Os tártaros saquearam a Dalmácia até que chegaram a notícia da morte do grande cã em Karakorum. Eles voltaram, indo para o leste [...] passaram então pela Bulgária, encontrando pouca oposição e causando danos consideráveis. Antes de cruzarem o Danúbio, provavelmente também impuseram tributos aos búlgaros. Tal homenagem está documentada em 1253 como já existente. Como não houve outros grandes ataques tártaros conhecidos nesse ínterim, 1242 parece a data mais provável para sua imposição. Como em 1242 o tempo era curto, os tártaros levaram apenas saques e prisioneiros; eles não tomaram fortalezas e não ocuparam nenhum território. (FINE JR., 1987, p. 154-155)

Este primeiro ataque mongol à Bulgária ocorreu justamente no momento da transição de João Asen II para Colomano. Provavelmente o governo atravessaria grandes cisões políticas e uma luta fracionária, talvez o controle do exército não fosse tão firme, e o *tsar* ainda era menor de idade. O canato atravessou ligeiro e veloz, mas não atravessou de mãos vazias, realizando seus saques. Na Mongólia, o grande cã morto foi justamente Ogedei, e, pelas normas do *Kurultai*, haveria de ser decidido o próximo grande cã. A partir da morte de Ogedei, o império entraria num período de convulsão violenta e guerras civis pela disputa pelo poder; essas disputas serão baseadas nos descendentes dos filhos de Gengis, e assim eles dividem-se em facções: jochidas, chagataidas, ogedeidas e toluidas.

Batu e Kadan cruzaram o Danúbio com seus exércitos, já que o Grande Khan Ogedei havia morrido em 11 de dezembro de 1241 em Karakorum, e a luta pela sucessão havia começado. Batu, que era filho de Jochi (filho mais velho de Gengis Khan), esteve diretamente envolvido na luta, mas por causa de sua hostilidade a Güyük (o favorito da viúva do Grande Khan, Törägänä), ele não compareceu ao Kurultai. Em vez disso, ele preferiu

governar o território que outrora esteve sob o domínio dos cumanos (Kipčak). A política de Batu estendia-se desde a foz do Danúbio até à Sibéria central, e passou a ser chamada de Horda Dourada, com capital em Sarai, no rio Volga. Após a invasão mongol de 1242, a Bulgária, embora não ocupada, teve de pagar homenagem, bem como Cumânia (Moldávia e Valáquia). (MADGEARU, 2017, p. 233)

Aqui delimita-se a quem se refere a Horda Dourada e onde ela se localiza. As relações de inimizade de Batu para com Güyük lampejam como seria a diplomacia da Horda Dourada para com os grandes cãs eleitos pelo *Kurultai* nos anos decorrentes, que haveriam de trazer as suas lutas. À Bulgária, restou, a partir deste momento, a condição de subserviente ao canato nestes anos decorrentes, num momento de grande instabilidade para o segundo *Tsarstvo*.

Além do domínio da Horda de Ouro, que assumiu a forma de pagamento de tributos, a Bulgária também foi confrontada com profundas alterações no equilíbrio de poderes na Península Balcânica. No outono de 1242, o Império de Niceia subjugou o pequeno “império” de Tessalônica governado por João, filho de Teodoro Ângelo Comneno Ducas (após a rendição da cidade, renunciou à insígnia imperial, recebendo o título de Déspota de João III Vatatzes). A Hungria, por outro lado, embora gravemente afetada pela invasão mongol, interveio na política búlgara, aproveitando a pouca idade do tsar (que era parente de Béla IV). Isto era consistente com a insistência do Papa Inocêncio IV em trazer a Bulgária de volta à autoridade da Igreja de Roma. Numa carta de 21 de março de 1245, o papa pediu a Colomano que renunciasse ao cisma e convidou-o a enviar delegados para o concílio que estava prestes a acontecer em Lyon. O papa dirigiu a sua carta ao *illustri Colomanno in Bulgaria imperanti*, mas é claro que a sua mensagem foi dirigida aos nobres búlgaros que cercavam Colomano e que podem ter estado inclinados a retomar a política de boas relações com o papado e com a Hungria. Inocêncio IV parece ter contado com que a Bulgária se tornasse católica, a fim de construir pontes entre os estados católicos ameaçados pelos mongóis (contra os quais o Concílio de 28 de junho a 17 de julho de 1245 foi convocado precisamente para organizar a defesa da Europa cristã). (MADGEARU, 2017, p. 235-236)

No ano de 1246, em que Colomano Asen morreu e o governo búlgaro foi transferido para outra criança, a Bulgária estava distante daquela de João Asen II, e agora enfrentava outro adversário: os mongóis possuíam rotas de acesso abertas aos Bálcãs e passariam a exercer uma influência cada vez mais grandiosa na política governamental sérvia, nicena, e, principalmente, búlgara.

5.3 CAPÍTULO II.III: MIGUEL ASEN E A GUERRA CIVIL QUE O SUCEDEU

Acontece que, em 1246, Colomano morreu, aos 12 anos de idade, como dito anteriormente. Pouco e ainda menos se sabe sobre a natureza da sua morte, mas muito se especula acerca deste falecimento, que será abordado mais

profundamente em páginas posteriores, pois a maior acusação de regicídio recai sob o colo de sua madrasta, Irene Comnena Ducas. O último representante da linhagem masculina da dinastia Asen (pela descendência de João Asen II) agora era Miguel, filho de João Asen II no seu casamento com Irene, pois todos os seus filhos com Ana Maria da Hungria já haviam morrido. A regência, que já existia desde a morte de João, perduraria ainda mais no poder, pois Miguel era ainda mais novo, em 1246, do que Colomano era quando assumiu seu trono, em 1241.

No início de seu reinado, os mongóis não interferiram tanto quanto os outros vizinhos, particularmente Niceia e a Hungria. Os pormenores destas lutas, conquistas, perdas e batalhas não desempenham grande destaque para a conjuntura política da eventual revolta camponesa de Ivaylo, portanto pouco se fala delas neste trabalho, até o momento da morte de João III Vatatzes, em 1254, após mais de trinta anos de reinado. O novo imperador niceno, Teodoro II Lascaris, era doente, e Miguel Asen, agora um adolescente (pois da sua ascensão ao trono até este momento já haviam se passado oito anos, e a criança virava um jovem adulto) bélico, atacou as terras de Niceia.

O filho e sucessor de Vatatzes, Teodoro II, que usava o sobrenome de sua mãe, Lascaris, tinha trinta e um anos quando seu pai morreu. O novo imperador, embora epilético e muitas vezes doente, era culto e inteligente [...]. As novas possessões do Império de Niceia provocaram a inveja dos seus rivais, e uma coligação desses rivais poderia muito bem superar o império. Teodoro dificilmente poderia contar com tempo livre para tomar Constantinopla por cerco ou assalto. Miguel Asen, da Bulgária, embora tivesse metade da idade não muito avançada de Teodoro, esperava recuperar dele pelo menos algumas das conquistas de Vatatzes. No início de 1255, Asen invadiu os vales superiores de Hebrus, Strymon e Axios, capturando vários fortes. Teodoro reagiu vigorosamente. Ele liderou um exército para Adrianópolis, saqueou a cidade búlgara de Beréia e derrotou uma força búlgara perto de Melnik, que retomou. Embora Teodoro tenha deixado para trás um exército que os búlgaros derrotaram, ao retornar na primavera de 1256 ele os derrotou novamente. Asen fez as pazes e desistiu do pouco que restava de seus ganhos.
(TREADGOLD, 1997, p. 730)

Se os ataques anteriores (e também as defesas) foram consideradas relativamente indiferentes no período entre 1246 e 1254, por que, após a morte de João III Vatatzes, as batalhas contra o novo imperador passaram a ser relevantes, claro, visando o estopim da rebelião de Ivaylo, em 1277? Como dito,

havia dois grandes impérios naquela época, e para direcionar os ataques contra Niceia, no sudeste, era necessário alguma garantia de que a Hungria, a noroeste, não aproveitasse este momento para realizar a sua própria invasão contra a Bulgária, pois, do contrário, exporia um flanco importante do *Tsarstvo* a uma situação indefesa perante a Hungria. Existia um pedido formal do Papa para que os búlgaros, ainda na época de Colomano, se alinhassem com a Hungria contra os mongóis, o que muito provavelmente preocupava alguns setores *boiardos* anti-húngaros, temerosos de adentrarem na zona de influência deste círculo (católico). Afim de estabilizar o seu país durante a campanha contra Teodoro II Lascaris, Miguel Asen e seus apoiadores o casaram com a filha de uma proeminente figura húngara, Rostislav Mihailovich, que o ajudou a voltar às pazes com os nicenos, mas que desencadeou uma série de eventos em cadeia.

Em Janeiro de 1255, os búlgaros aproveitaram a morte do grande líder militar para invadir a Macedônia até à Albânia. A sua reconquista foi facilitada por ações locais; pois muitos búlgaros que viviam em cidades macedônias preferiam o domínio búlgaro ao de Niceia. Além disso, Niceia tinha deixado apenas pequenas guarnições em muitas destas cidades; essas guarnições foram expulsas sem muita dificuldade. Duas campanhas dispendiosas em 1255 e 1256 foram necessárias para que os Nicenos recuperassem este território; tudo foi recuperado em julho de 1256. A paz foi então concluída, mediada pelo novo sogro de Miguel da Bulgária, Rostislav de Mačva. A sua presença refletiu uma recente decisão búlgara em matéria de política externa. Tendo decidido, após a morte de Vatatzes, que Niceia era o seu principal inimigo e a recuperação do território meridional e ocidental a sua principal prioridade, e além disso não podia dar-se ao luxo de enfrentar um segundo grande inimigo, a Bulgária renunciou às suas reivindicações sobre as suas terras do noroeste (Belgrado e Braničevo) e concluiu uma aliança com a Hungria. A Bulgária, assim livre de qualquer preocupação sobre a ação húngara que poderia ter levado a uma guerra em duas frentes, foi então capaz de dedicar toda a sua atenção à recuperação da Macedônia que, como vimos, conseguiu brevemente em 1255. A paz com a Hungria foi selada quando o tsar Miguel da Bulgária se casou com a neta do rei da Hungria em 1255. Ela era filha da filha de Bela IV, Ana, e de um príncipe russo chamado Rostislav, que havia sido designado por Bela para o cargo de Ban de Mačva. Mačva, originalmente centrada em torno do rio Kolubara, já havia sido expandida para incluir o território do baixo Drina a oeste, do baixo Morava a leste, da Sérvia ao sul e da Hungria, ao longo dos rios Sava e Danúbio, no norte. Nessa época Mačva incluía Belgrado e em 1256, se não antes, Braničevo. Os esforços da Bulgária para recuperar a Macedônia de Niceia, como foi observado, terminaram então em fracasso. Mas o novo aliado de Miguel, Rostislav, foi capaz de mediar a acima mencionada paz Búlgaro-Niceia no verão de 1256. Mais uma vez, por este tratado, o alto Maritsa tornou-se a fronteira Búlgaro-Niceia. E os búlgaros derrotados tiveram que se tornar aliados de Niceia.

Como esta aliança logo levou os búlgaros a apoiarem Niceia contra Constantinopla, levou a um agravamento das relações búlgaro-latinas.
(FINE JR., 1987, p. 159)

Acontece que, no processo de acordo de paz com Niceia, a Bulgária acabou cedendo muitos territórios, territórios que eram inaceitáveis de serem abdicados, segundo alguns setores *boiardos*. O *Tsarstvo* já havia necessitado de abdicar de suas reivindicações a territórios a oeste, cedidos em prol da aliança com os húngaros, agora teriam de abrir mão de mais territórios, agora aos nicenos, tudo isso enquanto já eram subserviente aos mongóis da Horda Dourada. Provavelmente, para alguns *boiardos*, e mais do que provavelmente para alguns que já haviam aspirado controlar Constantinopla, na época do reinado de João Asen II (se ainda estivessem vivos), provavelmente consideraram toda aquela política absurda demais, e que o sogro de Miguel, Rostislav Mihailovich, húngaro por casamento e russo de nascimento, fosse o intermediário da negociação, pode ter parecido ainda mais que o governo búlgaro estaria devidamente diminuído para além do tolerável perante os reinos vizinhos, e uma resposta teria de ser dada para proteger a Bulgária, para estes insatisfeitos.

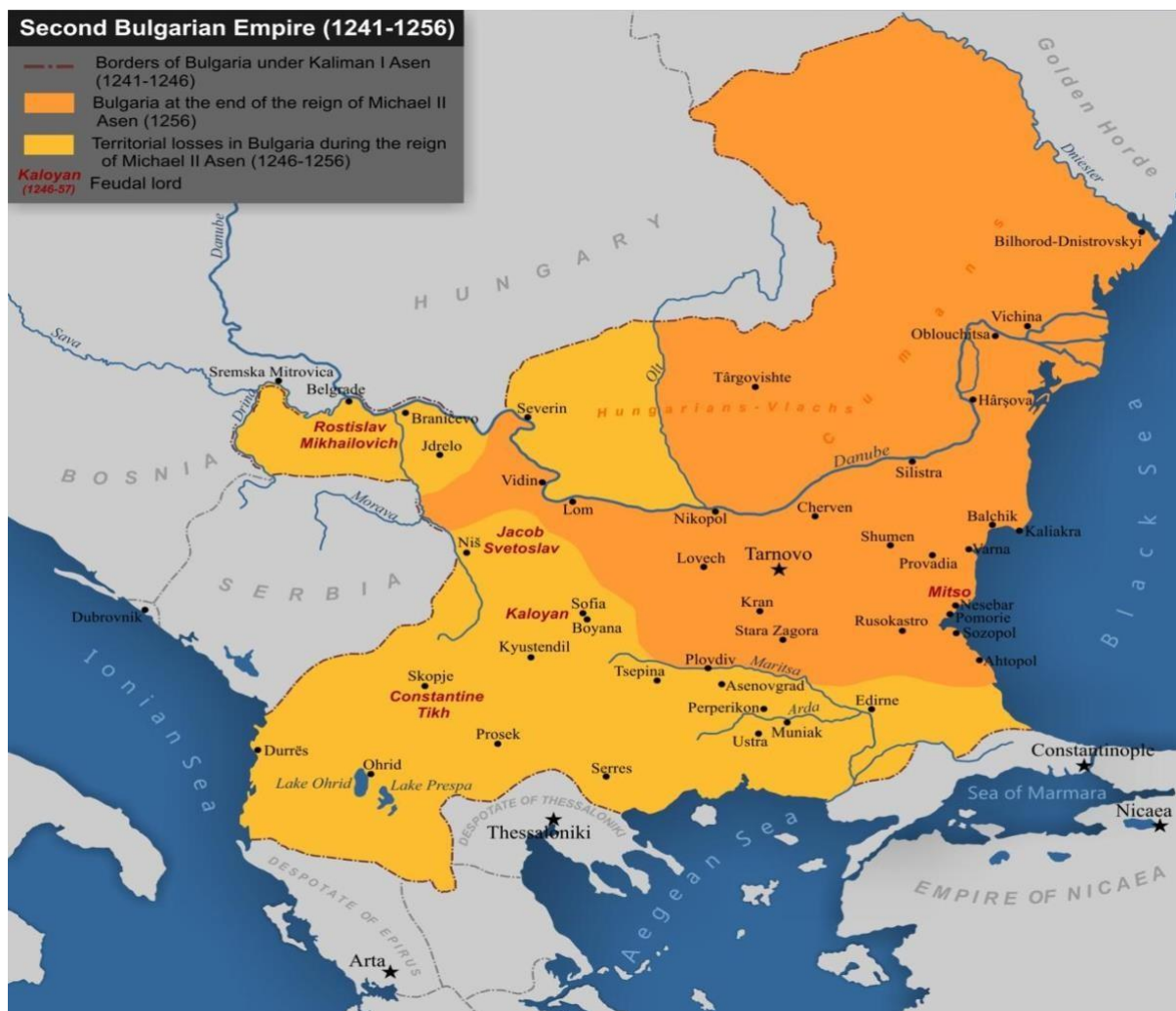


Figura 17: Da Bulgária de João Asen II (em laranja e amarelo) à Bulgária após as perdas sofridas com Miguel Asen (em amarelo). Nomeados em vermelho estão aqueles grandes protagonistas históricos após Colomano I, e de onde vieram no império. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. [São Francisco, CA: Wikimedia Foundation, 2016]. Disponível em: [https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Second_Bulgarian_Empire_\(1241-1256\).png](https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Second_Bulgarian_Empire_(1241-1256).png). Acesso em: 11 de julho de 2024.

O *tsar* Miguel acabou por ser assassinado em 1256, e foi substituído por seu primo, Colomano (não confundir com o antigo *tsar* Colomano. Aquele era filho de João Asen II, e este era filho do Sebastocrator Alexandre, que era irmão de João Asen II). Neste momento, inicia-se uma guerra civil.

Colomano, afim de consolidar sua autoridade, casou-se à força com a esposa do *tsar* deposto, Miguel, a filha de Rostislav. Se Miguel era o último Asen por linhagem masculina a partir de João Asen II, Colomano seria o último da dinastia em geral. Um detalhe relevante – que será devidamente explorado em páginas futuras — é como apenas recentemente (em termos históricos)

descobriu-se o nome desta filha de Rostislav, casada com Miguel, num primeiro momento e, posteriormente, com Colomano II.

As reivindicações de Colomano ao trono eram fortes, pois ele era o membro masculino de posição mais elevada da dinastia ainda vivo. Para promover suas reivindicações, ele se casou à força com a viúva de Miguel, filha de Rostislav de Mačva. Parece que Colomano realmente tomou o poder brevemente, embora possivelmente não detivesse nada além de Tarnovo e arredores; ele enfrentou forte oposição desde o início, parte da qual veio de parte do exército. Assim, ele não conseguiu consolidar o poder e teve que fugir de Tarnovo quase imediatamente. Ele foi capturado em fuga e morto. Não se sabe se Colomano foi o iniciador da conspiração contra Miguel ou apenas a ferramenta de uma facção boiarda. Pouco antes de sua morte, como observado, o tsar Miguel casou-se com a filha de Rostislav, genro do rei da Hungria e desde 1254 Ban de Mačva. O banato de Rostislav fazia fronteira com a província búlgara de Vidin. Para proteger sua filha, Rostislav invadiu a Bulgária no início de 1257. Parece que ele a estava usando como desculpa para adquirir o trono búlgaro para si, um plano que os húngaros favoreciam, pois com isso a Bulgária cairia sob a suserania húngara. Rostislav apareceu às portas de Tarnovo. Dentro da cidade, uma facção boiarda assumiu o controle. Não é certo se esses boiardos já haviam, antes da chegada de Rostislav, deposto Colomano e assumido o controle, ou se, com o aparecimento de Rostislav, sem confiança na capacidade de Colomano de defender a cidade, eles se voltaram contra ele. (FINE JR., 1987, p. 171)

Posteriormente, com o passar dos anos, esta filha de Rostislav passou a ser nomeada, o que, conseqüentemente, pode ser deduzido que, em alguma documentação catalogada relativamente próxima, em termos cronológicos, a nomeava.

Miguel Asen fez as pazes com a Hungria. Foi uma ação sábia, que teve em conta a situação ainda frágil da Bulgária numa área ainda controlada, embora à distância, pela Horda Dourada. Para selar a paz com a Hungria, o tsar casou-se com Ana, filha de Rostislav Mikhailovich. Até recentemente, os estudiosos acreditavam que o tsar Miguel e a sua esposa Ana estavam representados no afresco exterior da igreja dedicada ao Arcanjo Miguel de Kastoria (a mulher tinha anteriormente identificado com sua mãe, Irene).



Figura 17: Da esquerda para a direita: o suposto Miguel, filho de João Asen II, o arcanjo Miguel no centro, com grande destaque e, à direita, a imperatriz que gera esta inquietação geográfica: Irene, mãe de Miguel, ou Ana, sua esposa? Muitas fontes bibliográficas ainda a retratam enquanto Irene, sendo ainda difícil encontrar obras que a tratem enquanto esposa de Miguel. Segundo a árvore genealógica dos Asen na *Wikipedia*, ela se chamaria Elizabete. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. [São Francisco, CA: Wikimedia Foundation, 2016]. Disponível em: https://commons.m.wikimedia.org/wiki/File:156_Kostur_Sveti_Arhangeli_Mitropolitski_Arhangel_Mihail,_Mihail_II_Asen,_Irene_Komnina.jpg. Acesso em: 11 de julho de 2024.

Aliás, pontualmente, há de ser mencionado o detalhe que o suposto *tsar* Miguel ao lado do arcanjo Miguel, em destaque, no centro, traria toda uma simbologia de legitimidade ao monarca. Influenciados pelo culto miguelino herdado de Constantinopla, a autoridade deste governante, com este nome, perante esta imagem, apresentam a possibilidade de exercerem uma tremenda narrativa de legitimidade governamental no aparato do poder:

Os bizantinos, aos quais os búlgaros eram culturalmente afiliados, mostraram um interesse crescente em São Miguel Arcanjo não apenas antes de 992, mas também antes do ano de 1092, que também estava carregado de certas expectativas em relação ao Fim iminente. Dentro das fronteiras de Bizâncio, na Ásia Menor, estava localizado o santuário em Chonae, que era o local de peregrinação e festivais celebrando São Miguel Arcanjo pelo menos até o final do século XII. [...] A história do milagre de São Miguel Arcanjo apareceu mais uma vez, no final do século X ou, mais provavelmente, no início do século XI. [...] Além disso, a capital de Bizâncio, Constantinopla [...] tinha vários patronos: Jesus Cristo, a Virgem Maria [...], os santos guerreiros-mártires e, ao lado deles, é claro, São Miguel Arcanjo. Tal como no Ocidente, e a partir do século IX em diante, este último tornou-se especialmente significativo para os bizantinos pelo seu papel de líder do exército celeste e como símbolo da vitória imperial, além da sua mais antiga função de curador. [...] Portanto, fica bem claro por que para [...] os búlgaros esses [...] arquetípicos [...] estavam na base de vários atos reais ou imaginários de seus governantes. (STEPANOV, 2016, p. 42-43)

Ao identificar o Miguel do afresco como o filho de João Asen II, e não de João Asen III, se permitiu a identificação de sua esposa, importante figura para o desenrolar político pós-morte de Miguel Asen. Colomano II foi incapaz de manter o poder enquanto *tsar* e foi morto. Junto com ele, todos os membros da linhagem masculina da dinastia Asen foram mortos, pois a dinastia já havia sido extinta pela linhagem de João Asen II; Colomano II era filho do *sebastocrator* Alexandre, e era sobrinho de João Asen II. O último Asen filho de um homem nascido Asen. Os *boiardos* de Tarnovo ficaram sem liderança asenida para assumir o trono. Rostislav passou a reivindicar o trono búlgaro para si, a partir de seu novo assento na Bulgária, em Vidin. Como se não fosse o suficiente, outro pretendente emergiu.

Mitso Asen era o marido da irmã do falecido Miguel, e pode ser que ele houvesse sido um regente de Miguel Asen. Quando os latinos atacaram

Mesembria, uma cidade no sudeste da Bulgária, próxima da fronteira com Bizâncio, devastaram o local mas não estabeleceram um governo próprio. Isso permitiu a Mitso assumir o controle da região enquanto um governante fantoche, ao menos em termos de aparência, e, assim, proclamou a si mesmo *tsar*. Provavelmente ele se considerou mais asenida do que Rostislav, por ser casado com uma Asenina (filha de Asen). Começa aqui, com o fim da linhagem asenida pelo lado masculino, a busca pela legitimação dinástica através da conexão asenida feminina.

Dado o costume de obter o trono real na Bulgária na época, pode-se chegar à seguinte conclusão: se o pretendente ao trono não tivesse as origens da dinastia real (o que de fato não lhe permitiria obter a coroa real), ele poderia então se casar com uma representante real. Isso seria suficiente para a ascensão ao trono. O próximo candidato ao trono búlgaro não interveio na tradição de obtê-lo. A principal arma na luta pelo poder torna-se novamente, a representante feminina. Uma razão crucial que justificou o direito de primogenitura à liderança de Mitso Asan (1256-1257) foi sua esposa, Anna-Maria, filha do Imperador Ivan Asen II e Irene Comnena (Bozhilov, 1985, p. 110-113; Bozhilov e Gyuzelev, 2006, p. 509). Uma vez que a linha real masculina na dinastia Asen foi interrompida em 1256, de acordo com a opinião histórica búlgara, Ivan Bozhilov, a luta pelo poder passou para os clãs da Bulgária e os do Império Bizantino, que estavam de alguma forma relacionados aos Asens (Bozhilov 1985, p. 111). Outro [...] exemplo que confirma a afirmação é o casamento de Mitso Asan (Andreev, 1988, p. 149). Casando-se com a filha de um *tsar*, Mitso se torna digno do título real dos Asens. A aristocracia de Tarnovo nunca reconheceu Mitso como um imperador oficial, pelo menos não um pertencente à linha da dinastia Asen [...]. Além disso, a aristocracia búlgara há muito tempo insiste em seu direito de eleger um *czar*. (ZABOLOTNAIA, 2012, p. 57)

Essa passagem joga luz sob um aspecto fundamental à legitimidade dinástica no processo de luta pelo poder na Bulgária, que será explorado adiante: a linhagem feminina enquanto legitimadora de autoridade governamental. Neste momento, haviam dois *tsares* governando regiões distintas: um no oeste, em Vidin, e outro no sudeste, em Mesembria. Ambos desejavam marchar sobre Tarnovo, a capital, e tomar o governo para si. No entanto, os *boiardos* de Tarnovo tinham os próprios interesses, e elegeram um deles, Constantino Tikh, como imperador.

Constantino tinha grandes propriedades perto de Sardika (moderna Sofia) e era meio sérvio, parente por meio de sua mãe da dinastia sérvia. Não tendo nenhuma ligação com a família Asen, ele procurou uma, ao mesmo tempo buscando uma aliança com Niceia, enviando emissários à corte de Niceia para pedir a mão de Irene, mãe de Miguel Asen e filha de Teodoro II

Lascaris, cuja mãe era filha de João Asen II. As negociações foram bem-sucedidas e o casamento ocorreu em 1258. Acropolita informa que Constantino já tinha uma esposa de quem teve que se divorciar para se casar com Irene. Assim, agora a conexão de Constantino com a dinastia Asen era tão forte quanto a de Mitso. Os estudiosos há muito discutem sobre quem realmente governou a Bulgária após o assassinato de Miguel; assim, as listas de tsares búlgaros variam de estudo para estudo. O problema é complicado não apenas pelo fato de que uma variedade de indivíduos reivindicou o título de tsar, alguns dos quais quase certamente nunca, nem mesmo brevemente, tiveram poder em Tarnovo, mas também porque nossas três fontes não concordam. É digno de nota, no entanto, que nenhum deles afirma que Rostislav já foi tsar em Tarnovo. Após o assassinato de Miguel, relata Acropolita, Colomano conseguiu, apenas para ser deposto; então, depois de mais distúrbios, Constantino Tikh foi eleito. Acropolita afirma especificamente que não havia outra pessoa com o título de tsar em Tarnovo, entre a fuga de Colomano e a eleição de Constantino Tikh; uma facção boiarda havia comandado Tarnovo nesse ínterim. Pachymeres tem Constantino Tikh sucedendo diretamente a Miguel, não tendo nenhuma outra figura reconhecida como tsar em Tarnovo. Portanto, aceitar Pachymeres significaria que os partidários de Colomano, tendo assassinado Miguel, não foram capazes de colocar Colomano no poder e Colomano teve que fugir sem se tornar tsar. Gregoras afirma que Mitso sucedeu Miguel em Tarnovo apenas para ser deposto por Constantino. Assim, ao descrever a Bulgária após o assassinato de Miguel, uma fonte mostra Constantino emergindo rapidamente em Tarnovo como sucessor, enquanto as outras fontes têm um governante interino antes de Constantino, em um caso o assassino Colomano, no outro Mitso. (FINE JR., 1987, p. 172)

Vale ressaltar que, além deste conflito interno entre os “tsares”, esse momento de guerra era imediatamente anterior à conquista nicena de Constantinopla (a guerra civil búlgara começou entre 1256 e 1257, enquanto que Niceia recuperaria Constantinopla em 1261), citada anteriormente, que refundou o império Bizantino, e também representava a participação de mais um beligerante no conflito búlgaro, uma vez que a esposa de Constantino Tikh, Irene Lascarina, era irmã do governante que deposto pelo novo imperador bizantino de Constantinopla, Miguel VIII Paleólogo, ou seja, tanto Irene quanto o imperador niceno eram filhos de Teodoro II Lascaris. Este evento transforma a relação da Bulgária com o novo estado em objeto de hostilidade, onde antes poderia ter sido uma aliança sólida, e passam a ser alvos de interesses uns dos outros.

Essa guerra civil aparentemente repleta de protagonistas disputando o poder há de tornar-se ainda mais preenchida. Rostislav morreu em Vidin, chamando a si mesmo de imperador, e seu território passou a ser disputado por

personagens húngaros e aristocratas locais, e não cabe neste escrito aprofundar-se em suas disputas, apenas mencionar que um certo Jacó Esvetoslau conseguiu ser a maior autoridade na região após esta disputa e ser a figura de maior autoridade em Vidin após a morte de Rostislav. Quanto à Mitso, a situação era diferente.

Enquanto isso, no final de 1262 ou início de 1263, Constantino parece ter decidido eliminar Mitso, pois marchou para o principado deste último e sitiou a capital de Mitso, a Mesembria. Mitso, que estava dentro da cidade, buscou ajuda dos bizantinos, que presumivelmente já estavam se preparando para invadir a Bulgária [...]. Depois de expulsar os sitiados búlgaros, os bizantinos negociaram com Mitso a rendição de Mesembria a Bizâncio, em troca da qual Mitso recebeu terras na Ásia Menor. Também foi acordado que o filho de Mitso, João, deveria se casar com a própria filha de Miguel VIII Paleólogo. Esses termos foram cumpridos, embora o casamento não tenha sido realizado por vários anos. Assim, a ameaça a Constantino representada por Mitso de dentro acabou, mas à custa de perder as terras de Mitso para Bizâncio e de ter que enfrentar a perspectiva de que em algum momento no futuro os bizantinos poderiam apresentar Mitso como candidato ao trono búlgaro. (FINE JR., 1987, p. 176)

Esses acontecimentos tornaram Constantino Tikh como governante supremo da Bulgária *de facto*, devido a candidatos externos que também clamarem para si a soberania única de governante da Bulgária se afastarem do trono em Tarnovo. O que não vale de muito, vale salientar. As disputas em Vidin consistiam numa queda de braço instável na qual tanto a Bulgária quanto a Hungria parecem ter controlado, cada uma em seu tempo, o território da Bulgária ocidental, através de um governante local (que poderia vir a se chamar de *tsar* enquanto vassalo dos húngaros) que se submetia à autoridade de ambos tal qual sua terra, chamado Jacó Esvetoslau. Esse Jacó Esvetoslau parece ter sido um *boiardo* russo que adquiriu terras na Bulgária quando João Asen II assumiu o governo em Tarnovo, ou ao menos ser um descendente daqueles boiardos.

Em 1261, outra filha de Teodoro II Láscaris, cujo nome é desconhecido, foi dada em casamento a “um búlgaro chamado Svetoslav, governante da região montanhosa de Haemus, na Mísia”. O homem a quem Pachymeres se referia nessa passagem era Jacó Esvetoslau, um refugiado Rus que tinha vindo para a Bulgária em algum momento durante o reinado de João Asen II. Após o seu casamento, o imperador Miguel VIII concedeu-lhe o título de déspota, conforme indicado numa carta que escreveu ao metropolita de Kiev em 1262, bem como no díptico de Boyana. João Biliarsky demonstrou que, tal como aconteceu com Alexi Eslavo, o título de déspota só poderia ser concedido pelo imperador bizantino, mesmo que também fosse reconhecido na Bulgária. Através do seu casamento, Jacó

Esvetoslau tornou-se cunhado de Constantino Asen. Os historiadores acreditam que a região montanhosa sob seu domínio deve ter ficado em algum lugar no oeste, ao longo do Morava e perto da fronteira com a Sérvia. Depois de 1263, as terras de Svetoslav foram incluídas na região de Vidin, em circunstâncias às quais voltarei mais tarde. Vidin estava naquela época nas mãos de Rostislav Mihailovič, que, depois de deixar Tárnovo, aproveitou a anarquia na Bulgária para retomar a conquista na aquela área em nome do rei húngaro. Ele permaneceu duque de Mačva até sua morte em 1262, ou possivelmente em 1264 (de acordo com as pesquisas mais recentes).
(MADGEARU, 2017, p. 246)

Para Tarnovo, Esvetoslau poderia ser um governante minimamente incerto, indigno de confiança, mas útil por ser considerado detentor da lealdade da aristocracia local de Vidin e, portanto, necessário (tal qual como a Hungria o via, provavelmente). Ele representaria instabilidade e ameaça para Tarnovo, pois após a morte de Rostislav, Jacó passou a ser o nome poderoso da região. A morte de Rostislav não resultou na reconquista de Vidin por Tarnovo, e Irene Lascarina incitava Tikh à guerra contra os bizantinos por motivo de vingança, pois Miguel VIII Paleólogo, para tornar sua propriedade a cidade de Constantino e o império Bizantino, mandou cegar o irmão de Irene, João IV Lascaris, de onze anos.



Figura 18: Castelo de Vidin, chamado de “Baba Vida” (vovó Vida, em búlgaro), na qual Esvetoslau ameaçava Tarnovo. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. [São Francisco, CA: Wikimedia Foundation, 2016]. Disponível em: https://bq.m.wikipedia.org/wiki/%D0%A4%D0%B0%D0%B9%D0%BB:Baba_Vid_a_Klearchos_1.jpg. Acesso em: 11 de julho de 2024.

A Bulgária, mais fraca que a Hungria e Bizâncio, recorreu à ajuda dos mongóis das estepes para os auxiliarem, o que deveras ocorreu. No entanto, o império mongol atravessava um grande período de caos, que influenciou de

forma extremamente negativa para a Bulgária a médio prazo. Neste momento, o grande câ era Mongke, filho mais velho de Tolui, o que fazia dele um neto de Gengis. Porém, a Mongólia já era um barril de pólvora, e ficou ainda pior com a morte de Batu, em 1255.

Batu morreu em 1255, provavelmente. [...] Quando os outros netos de Chingis Khan passaram a governar, Batu era o câ mais antigo do império, o que lhe concedeu uma autoridade inquestionável. Fontes oficiais mongóis relataram que durante o Kurultai ninguém ousou se opor a ele. No entanto, ele sempre foi o segundo depois do grande câ. Batu confiou o trono a Sartaq, seu primogênito, mas Sartaq morreu logo depois que o grande câ confirmou sua posição. Möngke então nomeou Ulaqchi, um descendente direto de Batu, para liderar o ulus de Jochi. Ulaqchi era o quarto filho de Batu ou filho de Sartaq. Mas Ulaqchi também durou pouco tempo como câ. Um ano após a morte de Batu, a Horda perdeu mais dois líderes, deixando o cargo para Berke, que foi entronizado em 1256. Berke era meio-irmão de Batu. [...] Embora Batu tenha aumentado a autonomia da Horda, ele nunca contestou abertamente o poder toluida. Berke, por outro lado, resistiu aos toluidas, embora estes fossem o ramo mais poderoso da linhagem dourada. Os toluidas estavam em ascensão desde a morte de Güyük, quando se mobilizaram contra os ogedeidas num esforço para tomar o controle do trono. Batu, com o apoio de Orda e de seus colegas jochidas, aliou-se à linha de Tolui e apoiou Möngke para o cargo de grande câ. Do outro lado, o candidato era Shiremün, neto de Ögödei. Depois que os toluidas descobriram uma conspiração contra Möngke, eles realizaram um expurgo massivo contra os descendentes de Ögödei e Chagatay. Uma geração depois que os jochidas perderam o direito ao cargo supremo de grande câ, dois outros ramos da linhagem dourada também foram eliminados. Apenas os toluidas permaneceram na corrida pelo trono imperial. Mas ao longo da década de 1250, os jochidas foram emergindo como um contrapeso, e com mais força sob o comando de Berke. A década de 1260 finalmente trouxe o choque entre as linhas jochida e toluida, levando à divisão do antigo império. Esta foi a consequência de uma série de divergências relativas à sucessão e à conquista.
(FAVEREAU, 2021, p. 141)

Após os expurgos dos ogedeidas e chagataidas pelos toluidas, restaram apenas duas “dinastias”, e até pela linha política desenvolvida por Berke, de autonomia e distanciamento, é lógico conjecturar as lutas que se seguiram neste momento entre os toluidas e os jochidas. Talvez o *Kurultai* tenha perdido um pouco da relevância de outrora e tenha se transformado em outra coisa neste momento, algo mais cerimonial e circense do que, deveras, um meio de nomear uma nova liderança. De qualquer forma, Constantino Tikh pediu ajuda da Horda Dourada, portanto pode-se concluir que ele e Berke eram aliados.

Preso entre os seus dois inimigos, Bizâncio e Hungria, cada um dos quais era mais forte do que a Bulgária, e tornando-se mais

fraco como resultado da perda de ainda mais território em 1263, Constantino não teve outra escolha senão recorrer aos seus senhores tártaros. Ele buscou ajuda contra os bizantinos, cuja campanha em 1263 causou não apenas danos consideráveis, mas também arrebatou da Bulgária fortalezas em duas áreas, a Trácia ocidental e ao longo do Mar Negro. O apelo aos tártaros ocorreu num momento em que os tártaros tinham motivos para intervir contra Bizâncio. [...] Assim, os tártaros, já se preparando [...], responderam ao apelo búlgaro. No inverno de 1264-65, cruzaram o Danúbio para a Bulgária, de onde, depois de se juntarem às tropas búlgaras, invadiram a Trácia e a região do Mar Negro, causando severa devastação em ambas as áreas. [...] Os tártaros, tendo alcançado os seus objetivos, levantaram o cerco e regressaram a casa. Assim, a ajuda tártara não teve nenhum valor duradouro para os búlgaros, a não ser dar-lhes a satisfação da vingança e da pilhagem. Os tártaros retiraram-se depois de o seu próprio objetivo ter sido alcançado e não ajudaram os búlgaros nos seus objetivos, ou seja, a recuperação das suas cidades perdidas. No final da campanha de inverno de 1264-65, todas as principais fortalezas perdidas para os bizantinos permaneceram bizantinas. No entanto, a posição de Constantino em relação aos bizantinos foi melhorada; ele agora parecia ter ganhado um poder de dissuasão, pois se atacassem novamente a Bulgária, os bizantinos poderiam esperar mais ações militares contra si próprios por parte do suserano tártaro da Bulgária.

(FINE JR., 1987, p. 178)

Acontece que, nos próximos anos, alguns eventos importantes aconteceram. Na campanha, Constantino caíra de seu cavalo, quebrando sua perna.

Para agravar ainda mais os problemas da Bulgária, o próprio Constantino ficou incapacitado. Em 1264 ou 1265 ele caiu de um cavalo e, dizem, quebrou gravemente a perna. É evidente que seus ferimentos foram mais graves do que isso, pois ele ficou paralisado da cintura para baixo e teve de ser carregado numa liteira ou carroça. Assim, a sua própria liderança pessoal dos exércitos tornou-se quase impossível, com o resultado de que o seu controle sobre o seu reino diminuiu.

(FINE JR., 1987, p. 180)

Além disso, a *tsaritsa* Irene Lascarina morreu, e Constantino viu isso como uma oportunidade de alcançar uma trégua com Miguel VIII Paleólogo. Ele buscou o imperador, que procurava meios de controlar a Bulgária, e ambos concordaram acerca de um casamento de Constantino com Maria Cantacuzena Paleóloga, sobrinha de Miguel VIII. O acordo seria selado com a devolução das terras conquistadas por Paleólogo. Não foi o que aconteceu.

Ele decidiu ficar ao lado de Miguel VIII, que tentava desesperadamente dismantelar a formidável coalizão formada contra ele. Para adoçar a oferta, Miguel deu a Constantino Asen a mão de uma de suas sobrinhas, Maria, filha de Eulogia Paleóloga. Irene deve ter morrido em algum momento antes

disso. O tsar também estava disposto a resolver as disputas territoriais na Trácia e na Macedônia, e o imperador prometeu que Maria receberia Mesembria e Anchialos como dote. O casamento foi celebrado em 1269, mas Miguel VIII não cumpriu a promessa, nem mesmo depois de Maria ter dado à luz um filho, Miguel (o nascimento de um herdeiro tinha sido condição para a devolução dos dois portos). A sua própria sobrinha, Maria, voltou-se contra ele e convenceu Constantino a juntar-se à coligação anti-bizantina.
(MADGEARU, 2017, p. 256-257)



Figura 19: Mapa de Dobrudja, no século XV, em que se mostra a localização de Mesembria e Anghialos. In: Archaeology1489. Disponível em: https://archaeology1489.rssing.com/channel-67515458/all_p3.html. Acesso em: 11 de julho de 2024.

Segundo Pachymeres, não apenas pela não devolução das terras prometidas em dote causaram o ódio de Maria para com Miguel VIII Paleólogo, seu tio, e sim o desprezava por dois motivos: o ódio que ele nutria pela mãe de Maria (não fica claro nas fontes se ela seria irmã ou cunhada de Miguel) e também por motivos religiosos.

Os acontecimentos em Haemus começaram novamente a causar preocupação ao imperador. Porque os acordos com Constantino e até as negociações sobre o casamento já foram rompidos. Maria incitou o marido a lutar porque, embora tivessem filhos, Miguel (ainda) adiou a questão de Mesembria. Ficou claro para eles que o imperador estava inventando razões para não dar o que não tinha intenção de dar. Seu ódio também foi alimentado pelo desprezo do imperador por sua mãe, por Eulogia. E a razão do que aconteceu foi a dissensão na igreja. Então eles atribuíram ao ódio por ele também, não só o fato de ter rompido a comunhão com a Igreja, mas também o fato de ter se cercado de muitos cismáticos, a quem apoiava. Maria aprendeu isso com aqueles que a procuravam todos os dias (havia também muitos monges que lhe pediam esmolas), e conspirou coisas terríveis contra o tio, enojada com a sua ação, como dizia aos mendigos [...], e sendo horrorizada com o ódio do imperador por sua mãe. Portanto, ela também, demonstrando o mesmo ódio, tentou fazer mais do que uma mulher poderia fazer.

(PACHYMERES, 1980, p. 168-169)

Constantino continuou, dessa forma, inimigo de Bizâncio. Portanto, cerca de dois ou três anos depois do casamento, o exército de Constantino (ainda que sem a liderança pessoal dele, paralisado) invadiu as terras bizantinas. Miguel VIII Paleólogo, preocupado com uma grande aliança anti-bizantina entrou em contato com a Horda Dourada, tentando convencê-los a atacar a Bulgária pela retaguarda. Mas a Bulgária não era aliada do canato de Berke, que havia invadido as terras bizantinas em conjunto anos antes? Isso acontecera, mas em outras circunstâncias. Após este ataque, provavelmente por ordem de Maria, Miguel traçou novas estratégias.

Outro dissidente foi Maria, sobrinha de Miguel, a verdadeira governante da Bulgária por causa da paralisia de seu marido Tich. Provavelmente em 1276, Maria ordenou um ataque ao império, exigindo a prometida rendição de Anchialos e Mesembria. Ela reuniu suas tropas apenas quando o imperador induziu os mongóis a atacar a Bulgária.

(TREADGOLD, 1997, p. 741-742)

Acontece que Berke havia morrido entre 1265 e 1266, e o novo grande cã Kublai havia apontado Mangu Timur, neto de Batu, como o novo líder da Horda Dourada. Mas isso representou um grande problema para Constantino Tikh, e foi isso o que Miguel VIII explorou ao pedir ajuda ao canato da Horda Dourada.

Além disso, a Bulgária não podia mais contar com a ajuda dos tártaros contra a Hungria ou Bizâncio, pois Khan Berke, o suserano da Bulgária que parece ter sentido interesse em proteger Constantino, havia morrido em 1265. Berke foi sucedido por seu filho Mangu Timur, que não foi capaz de manter o controle sobre o conjunto de tribos dentro do canato; isso levou a um enfraquecimento da autoridade central do canato e a um

separatismo considerável por parte de unidades menores nas estepes. Nas terras ocidentais que fazem fronteira com a Bulgária, um grande general - membro da família de Ghengis Khan e sobrinho de Berke - chamado Nogai afirmou cada vez mais independência de Mangu Timur. Após a morte de Mangu Timur em 1280/81, Nogai se tornaria, para todos os efeitos práticos, o senhor de um estado independente. No período de 1265-80, Nogai, provavelmente já mais forte do que o cã legítimo, estava ocupado nos assuntos das estepes e teve pouco tempo, especialmente durante o final da década de 1260, quando estava a construir a sua própria posição nas estepes, para intervir nos assuntos búlgaros, outros do que saquear de vez em quando. Além disso, Nogai não teria intervindo para ajudar a Bulgária, porque era hostil a esse estado; pois os búlgaros deviam e prestavam homenagem a Mangu Timur, de quem Nogai estava se separando e por quem Nogai tinha pouco amor. Assim, a Bulgária viu-se ao lado da facção das Estepes que se opunha ao seu vizinho imediato, Nogai.
(FINE JR., 1987, p. 179-180)

Num reino fragilizado e enfraquecido perante seus vizinhos, a condição do *tsar* tornava ainda mais vulnerável a posição da Bulgária perante seus vizinhos. Se a guerra civil parecia finalizada (Constantino era *tsar* “absoluto” em Tarnovo, mas, a oeste, Vidin ora pertencia ao *Tsarstvo* búlgaro, ora pertencia ao reino húngaro, e, a leste/sudeste, havia o exílio de um pretendente ao trono, Mitso), à oeste, um reino hostil havia, a Hungria, que em oportunidades sempre buscava “abocanhar” a porção ocidental do reino. A sudeste, os bizantinos, inimigos declarados dos búlgaros, e a norte, agora havia a Horda Dourada, ou, pelo menos, a facção que fazia fronteira com os búlgaros a norte, liderada por Nogai, que havia se unido em casamento com a dinastia Paleóloga, de Constantinopla.

A pedido do *tsar* búlgaro, que foi ameaçado pelos bizantinos, Nogai liderou uma força de 20.000 homens através do Danúbio em 1265, as tropas imperiais fugiram aterrorizadas, o imperador Miguel escapou de volta para Constantinopla em um navio genovês. Os mongóis devastaram a Trácia [...] Aproveitando esta lição, Paleólogo aceitou e talvez buscou uma aliança Kipchak, e o casamento de sua filha com Nogai foi um indicativo da crença de Constantinopla de que este último era o verdadeiro governante de Kipchak.
(SAUNDERS, 2001, p. 159)



Figura 20: Fronteiras nos Bálcãs em 1265 demonstram as terras perdidas durante o reinado de Constantino Tikh. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. [São Francisco, CA: Wikimedia Foundation, 2016]. Disponível em: <https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:ByzantinischesReich1265-pt.svg>. Acesso em: 11 de julho de 2024.

Além dos problemas externos, haviam, também os problemas internos. Anteriormente, Treadgold já havia anunciado que a paralisia de Constantino havia limitado sua participação na vida política, e agora seria Maria Cantacuzena, sua esposa, que assumiria a liderança do país. Isso acabou sendo impopular, para dizer o mínimo, entre os *boiardos* de Tarnovo e, como o exemplo de Miguel e Colomano II mostram, a insatisfação *boiarda* poderia acarretar em consequências pesadas para a dinastia real.

Maria Cantacuzena era uma mulher bastante imperativa, não se escondia em subterfúgios e instigava a busca pelos seus objetivos através de uma postura ativa. E, assim, surgiu questionamentos a respeito do *tsar*. A sua legitimidade adivinha do seu casamento com Irene Lascarina, que era filha de uma filha de João Asen II, Helena, filha do segundo casamento de João Asen II com Ana Maria, da Hungria, em que João II havia sugerido casar com Balduíno II, imperador latino em Constantinopla. Se considerar esta afirmação enquanto legítima conferidora de autoridade, essa legitimidade morreu com Irene. Foi isto o que Jacó Esvetoslau afirmou, em Vidin. Ele, que transitava entre a Hungria e

a Bulgária, passou a clamar o trono, pois possuía uma esposa Asenina viva, e Constantino Tikh não.

Por volta de 1273, Jacó Esvetoslau foi mais uma vez aliado de Constantino Asen, após a morte de Estêvão V. Como era casado com uma das filhas de Teodoro II Lascaris e Maria, filha de João Asen II, Jacó Esvetoslau tinha reivindicações legítimas ao trono em Tarnovo. Após a morte de Irene, que era irmã da esposa de Jacó Esvetoslau, Constantino Asen não tinha base legítima para governar, uma vez que a sua segunda esposa (Maria) não era membro da família Asenida. Maria tinha, portanto, um motivo sério para eliminar Jacó Esvetoslau.
(MADGEARU, 2017, p. 260)

Esvetoslau possuía uma esposa Asenida, e Constantino não. Como ele estava (ou apenas usava seus ferimentos como justificativa) afastado devido a seus ferimentos, coube a Maria Cantacuzena lidar com a questão de Esvetoslau.

Ela enviou mensageiros e, jurando que não estava conspirando contra ele, convenceu Esvetoslau a ir até ela. E ele, confiando nos juramentos, veio a Tarnovo e pediu, mesmo já velho, para ser adotado. E ele foi solenemente adotado numa igreja por Maria. Após as orações do padre à luz de velas, ela abriu a parte superior da vestimenta e abraçou Miguel e Esvetoslau em ambos os lados. Após a conclusão do acordo, Esvetoslau, [...] foi para casa. Não se passou muito tempo desde a adoção e a insidiosa mãe fingida mata aquele que acreditava que ele era adotado. Mas a Justiça, segundo seu costume, não demorou muito, mas incitou um homem a vingar o sangue dos mortos injustamente. Mas dos acontecimentos devo retornar ao meu relato acima.
(PACHYMERES, 1980, p. 170)

Com pitadas de crueldade (e sexismo) Pachymeres pinta a cena do assassinato de Jacó Esvetoslau, e pode-se afirmar “assassinato” pois a historiografia não demonstrou provas, ao longo do tempo, desmentindo esta hipótese, nem tampouco separando Maria Cantacuzena como participante deste ato.

Nessa altura, como foi observado, Constantino estava incapacitado e a sua capacidade de fornecer uma liderança eficaz tinha diminuído. Sua nova esposa, Maria, lhe deu um filho, Miguel, que ela queria que o sucedesse. Miguel foi coroado co-tsar em 1273. Devido à paralisia de Constantino, Maria assumiu um papel cada vez maior nos assuntos de Estado e, como governava através da construção de facções, jogando um grupo ou indivíduo contra outro, parece ter provocado uma oposição considerável contra o regime imperial. E à medida que vários boiardos se opunham a ela, ou ela suspeitava que sim, ela começou a tomar medidas contra eles, prendendo e executando oponentes boiardos reais ou suspeitos, o que só aumentou a hostilidade dos boiardos para com ela. Ao mesmo tempo, os ataques de Nogai aumentaram, causando perdas económicas e também maior insatisfação com Constantino, que

nada foi capaz de fazer para os impedir. Maria parece ter sentido que a existência da dinastia estava ameaçada - seja por um golpe contra o próprio Constantino ou contra seu filho no caso da morte de Constantino. A população das regiões periféricas, que o governo central não conseguia gerir ou defender diretamente e que se tornava cada vez mais dependente de figuras locais para a defesa, poderia muito bem reunir-se em torno de um poderoso líder alternativo. Um dos candidatos mais lógicos para esse papel foi Jacó Esvetoslau. De boa família, ele era um governante relativamente forte e aparentemente popular entre seus súditos no Ocidente; já intitulado tsar, ele também se conectou com a dinastia Asen ao se casar com uma neta do grande João Asen. Assim, ele parecia perigoso, e Maria queria livrar-se dele ou, na sua falta, pelo menos cooptá-lo para o lado da casa governante. Como Jacob poderia não ter sido capaz de resistir a um grande ataque de Tarnovo, também era do seu interesse chegar a algum acordo com Tarnovo. Assim, os dois iniciaram negociações, provavelmente por iniciativa dela, e com um salvo-conduto juramentado, Jacó Esvetoslau aceitou o convite dela para Tarnovo. Foi recebido com muita cerimônia e numa missa, adotado por Maria como seu segundo filho, tornando-o assim parte da família real de Tarnovo. No acordo, Jacó Esvetoslau provavelmente se reconheceu como segundo filho, classificado depois do bebê Miguel; ao fazê-lo, ele teria reconhecido Miguel como herdeiro e prometido não tentar derrubá-lo. Ao mesmo tempo, Jacó Esvetoslau foi provavelmente reconhecido como herdeiro do trono em Tarnovo no caso da morte de Miguel. Assim, Jacó Esvetoslau foi oficialmente separado da Hungria — então em declínio e incapaz de responder a estas mudanças — e, embora ainda autônomo, pelo menos levado a reconhecer a suserania de Tarnovo. Além disso, ele estava suficientemente ligado — por juramentos religiosos — à dinastia de Tarnovo para se tornar um apoiante dela, em vez de um potencial líder de oposição a ela. Este acordo deveria ter dado mais segurança a ambos, a Maria para o seu governo em Tarnovo e para o futuro do seu filho, e a Jacob para a sua posse de Vidin. Contudo, Maria ainda não se sentia segura; afinal, quando Constantino morresse, o que impediria Jacó Esvetoslau de quebrar seu juramento e derrubar o pequeno Miguel?

Assim, Maria, devido à sua mente desconfiada, provavelmente nunca teve a intenção de manter o acordo, mas desde o início e durante todo o tempo estava empenhada na destruição de Jacó Esvetoslau, apenas usando a adoção como um meio para criar laços mais estreitos entre ela e Jacó Esvetoslau, a fim de mais facilmente provocar seu assassinato. De qualquer forma, em 1275 ou 1276/77, ela o envenenou. (FINE JR., 1987, p. 182-183)

Num momento em que, segundo Fine Jr., os ataques de Nogai haviam aumentado, assim também aumentavam as crises políticas internas de Tarnovo. Os *boiardos* da capital, vendo o potencial maior obstáculo, em termos de oposição, a Constantino-Maria-Miguel, ser assassinado após uma manobra política afim de controlar suas ações do momento da cerimônia até a sua morte, devem ter ficado especialmente vulneráveis, ou assim se sentido. Neste contexto, um outro líder alternativo surge, afim de realizar a defesa direta das

regiões periféricas, e é um líder extremamente alternativo: Ivaylo, um criador de porcos e, em 1277, seu movimento camponês nasceu.



Figura 21: Comparando as fronteiras de Miguel à Jorge Terter, a figura mostra o local da ocorrência da revolta de Ivaylo, no nordeste balcânico. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. [São Francisco, CA: Wikimedia Foundation, 2016]. Disponível em: https://commons.m.wikimedia.org/wiki/File:Bulgaria-second_half_of_the_13th_century.png. Acesso em: 11 de julho de 2024.

Assim finaliza toda a retrospectiva da conjuntura búlgara até este momento, e, uma vez finalizada, torna-se possível demonstrar o motivo de ter sido realizada da maneira como foi: toda a crise que o governo de Boril trouxe quando ele tomou o trono, e os motivos que geraram essa crise, para, assim, mostrar a importância do governo de João Asen II à Bulgária, e a magnitude do seu reinado: as suas ações, políticas e batalhas, afim de demonstrar como a Bulgária conseguiu se recuperar do reinado de Boril, mas essa recuperação foi de uma forma totalmente dependente da pessoa de João Asen II, e, quando ele

morreu, em 1241, instaurou-se uma crise ainda maior do que da época de Boril e que, até Ivaylo, a Bulgária nunca foi capaz de se recuperar, pois a crise presente conduzia à próxima crise, e à próxima, de forma que, após João Asen II, o segundo império Búlgaro nunca mais se assemelhou com esta versão, pelo contrário, na época de Ivaylo, conheceria novas experiências sociopolíticas, através de uma liderança bastante alternativa.

O mais bem-sucedido deles foi um criador de porcos chamado Ivaylo ou, como Pachymeres o chama, Lahana — um nome derivado da palavra grega para couve. [...] Ivaylo teve grande sucesso em liderar "homens minúsculos" locais ou vigilantes contra os invasores tártaros e, com seu sucesso, seus seguidores cresceram. Ele também parece ter sido uma figura carismática; de acordo com Pachymeres, ele teve visões que prometiam grandes coisas para ele. Vários sinais pressagiando isso foram vistos e assim interpretados. E ele afirmou estar em contato com o céu e os santos. Seu sucesso contra os tártaros confirmou essas previsões, e muitos búlgaros passaram a vê-lo como um salvador dos tártaros enviado por Deus. Suas atividades ocorreram em uma época em que, como observado, mais e mais funções do governo central estavam caindo nas mãos da rainha Maria, uma intrigante escandalosa que, para garantir a sucessão de seu filho Miguel, estava se voltando contra muitos dos boiardos. Além de envenenar Jacó Esvetoslau, ela prendeu ou executou vários outros boiardos. Assim, a oposição a ela e a Constantino estava crescendo. À medida que a reputação e os seguidores de Ivaylo cresciam, a área de onde vinha seu apoio também se expandia; entre seus seguidores também se encontrava um número crescente de boiardos. Presumivelmente, eles não eram boiardos da corte, mas provincianos, que provavelmente dependiam do exército de Ivaylo para a defesa de suas propriedades e que também ficaram desiludidos com o regime à medida que ele se voltava cada vez mais para ações arbitrárias contra oponentes reais ou imaginários. Com esse número crescente de seguidores, a eficácia de Ivaylo contra os tártaros aumentou. E o crescente poder de Ivaylo coincidiu com a crescente ineficácia de Constantino e com a crescente oposição a Maria. (FINE JR., 1987, p. 195)

5.4 CAPÍTULO II.IV: REVOLTA CAMPONESA (1277-1282)

Afinal, aquilo que Maria Cantacuzena imaginava acontecer ocorreu, deveras, mas não dos atores da qual ela esperava que fossem os protagonistas dessa rebelião contra Tarnovo. De um criador de porcos da periferia do império surgiu uma figura inesperada de força para combater os ataques mongóis e fazer-lhes oposição. Essa foi a força que permitiu Ivaylo a se tornar uma figura de destaque e autoridade, um perigo para o trono. Maria e Constantino agora haveriam de enfrentar essa situação, mas agora já não possuíam estabilidade

política na capital para se mover contra Ivaylo, uma vez que os *boiardos* enquanto camada social, se encontravam numa posição de oposição majoritária para com o governo da *tsaritsa*, capaz de travar o seu governo. Devido a esses motivos, Ivaylo, o criador de porcos, proclamou-se *tsar* e atraiu apoiadores para seu exército insurgente, apoiadores de diferentes posições sociais.

Constantino ficou preocupado; então, presumivelmente carregado em uma liteira ou carroça, ele liderou seus exércitos para enfrentar Ivaylo. Abandonado por muitos de seus partidários, as tropas de Constantino foram derrotadas e Constantino foi morto. Esta batalha ocorreu no final de 1277. Então, enquanto Maria continuou a governar em Tarnovo como regente do pequeno Miguel, Ivaylo capturou toda uma série de cidades.

(FINE JR., 1987, p. 196)

Com Constantino morto, havia um autoproclamado *tsar* no reino, que poderia ter assassinado ele mesmo o recém-cadáver Constantino Tikh; esse autoproclamado *tsar*, que viria dos campos de criação de porcos das fronteiras do *Tsarstvo*, que liderava insurgentes que representavam “uma colcha de retalhos” quanto suas divisões sociais. Vidin e as terras do oeste estavam caóticas após a morte de Jacó Esvetoslau; e em Tarnovo agora havia apenas o pequeno *tsar* Miguel Tikh, que governava através de sua mãe, a rainha regente, Maria de Constantinopla, que havia travado uma luta interna contra os *boiardos* búlgaros desde o acidente que paralisou Constantino Tikh, em 1273, quatro anos de intrigas, conspirações e inseguranças. Nesse cenário, os ares de guerra civil estavam de volta às terras búlgaras, depois de cerca de 20 anos da última.

Enquanto isso, os bizantinos, também preocupados com Ivaylo, estavam reforçando suas fortalezas fronteiriças; Além disso, Miguel VIII Paleólogo detestava Maria, que apoiava tanto a oposição de sua mãe à política da Igreja quanto a aliança de Constantino com Carlos de Anjou. Então, Miguel VIII agora decidiu intervir e colocar seu próprio candidato no trono búlgaro, filho de Mitso, genro de João Asen II, que havia aceitado asilo bizantino e propriedades na Anatólia. Este filho, chamado João Asen III, foi proclamado *tsar* da Bulgária. Depois de fazê-lo jurar lealdade ao império, Miguel VIII casou João Asen III com sua própria filha, Irene. Os *boiardos* búlgaros foram chamados a abandonar Maria e apoiar o legítimo *tsar* Asenida, e alguns devem tê-lo feito. Então, acompanhado por um exército bizantino, no início de 1278, João Asen III apareceu na Bulgária. A essa altura, Ivaylo estava sitiando Tarnovo. Unidades de Nogai também entraram em ação, cruzando o Danúbio e saqueando a Bulgária até os portões de Tarnovo. Maria se viu presa entre um inimigo doméstico e dois grandes inimigos estrangeiros, tártaros e bizantinos, pois mesmo sendo bizantina ela odiava seu tio, o imperador, que ela acreditava ser um herege. Para salvar sua situação, Maria, após negociações,

abriu os portões de Tarnovo para Ivaylo no final da primavera de 1278. Ele se tornou tsar e se casou com ela; assim ela permaneceu como tsarica. Presumivelmente, o pequeno Miguel continuou, em teoria, a ser o herdeiro do trono. (FINE JR., 1987, p. 196)



Figuras 22 e 23: À esquerda, o palácio/castelo de Tsarevets, em Tarnovo. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. [São Francisco, CA: Wikimedia Foundation, 2016]. Disponível em: https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:%D0%A6%D0%B0%D1%80%D0%B5%D0%B2%D0%B5%D1%86_1.jpg. Acesso em: 11 de julho de 2024. À direita, a sala do trono, em Tsarevets (MADGEARU, 2017, p. 214)

Sobre os eventos ocorridos em Tarnovo, em 1278, existem olhares que podem ser feitos através de óticas particulares. Sob a ótica dos *boiardos* de Tarnovo, havia, agora, um novo governante, o assassino do anterior, que possuía origens humildes, despossuídas, campesinas, que criava porcos, e ele se casara com a esposa do antigo *tsar*, a rival política destes *boiardos*. O jovem Miguel Tikh seria o herdeiro, presumivelmente. Maria, que, em teoria, teria realmente assassinado Jacó Esvetoslau para garantir os direitos de Miguel deve ter procurado garantir isso nas negociações com Ivaylo. Por outro lado, havia agora um pretendente externo (outra vez) ao trono da Bulgária. Este era João Asen III, um Asen pelo lado da mãe, coisa que nem Ivaylo nem tampouco Miguel Tikh poderiam alegar. Aqueles que apoiariam Esvetoslau contra Constantino e Miguel Tikh por esse motivo poderiam estar ansiosos para se juntarem ao candidato “bizantino”. E cabe afirmar tal prerrogativa, pois, desde que Mitso cedera a Mesembria aos bizantinos, a sua descendência permanecera em terras bizantinas até este momento, no ano de 1278. João poderia se chamar Asen, mas jurara fidelidade a Miguel VIII, casara-se com sua filha e marchava para

Tarnovo liderando tropas bizantinas, mas possuía o mágico nome Asen, que poderia lhe abrir os portões da capital.

Para Maria Cantacuzena, a situação era, provavelmente, desesperadora. Ela era uma estrangeira, mulher (e o relato de Pachymeres demonstra que isso era incômodo, de veras, e como o autor coloca de forma “elementar”, se pressupõe que seu incômodo devesse ser compartilhado por alguns indivíduos), dona da inimizade de muitos *boiardos*, com um filho pequeno que clamava o trono, possuía este trono, mas o mantinha através de um débil controle. Ela não possuía autoridade para convocar exércitos nem para comandá-los (seu próprio marido, escolhido pelos próprios *boiardos* de Tarnovo para governar após a última guerra civil, sofrera deserções em massa na batalha que custou sua vida e os *boiardos* de Tarnovo já impediam suas ações políticas), ela não possuía segurança em sua cidade, pois via a Bulgária ser invadida pelo norte, por Nogai, e pelo sul, por João Asen III, e ainda havia uns camponeses cercando a capital, os mesmos que haviam assassinado o pai de seu filho. A alternativa encontrada por ela para garantir o mínimo de estabilidade e possibilidade de manutenção do seu poder — ou assim ela poderia ter esperado — poderia ter sido justamente o líder dos camponeses, que era búlgaro, já havia se mostrado um líder nos enfrentamentos aos mongóis, mais do que isso, tinha sido capaz de derrotá-los no campo de batalha, e representava uma possibilidade, uma esperança, tanto para ela quanto para o seu filho, Miguel Tikh.

Para o próprio Ivaylo, por mais que a situação da Bulgária, enquanto império, fosse agonizante, para ele não poderia ser melhor. O criador de porcos conseguiu estabelecer uma resistência de sucesso contra os mongóis; a Horda Dourada não era qualquer companhia mercenária, mas era a fração ocidental do maior império, em termos de extensão contínua, da história. Nota-se que, ao surgir no panorama político, Ivaylo provavelmente tinha, entre seus seguidores, uma maioria de camponeses, semelhantes, assim, a ele. Essas camponeses estavam sendo capazes de resistir contra a Horda Dourada (ou a uma facção dela), que provavelmente possuía um equipamento melhor, mais treinamento e mais experiência bélica.

Os frequentes ataques dos tártaros de Nogai na área central da Bulgária sob o governo de Constantino Asen causaram muita devastação e um estado de desespero geral, responsável pela

revolta camponesa do verão de 1277. Esta revolta foi liderada por um homem que Pachymeres descreve como um criador de porcos. Seu nome, Ivaylo, foi registrado [], mas o historiador bizantino o chama pelo apelido de Bordokoubas (uma forma grecizada da palavra búlgara para alface “bărdovka”). Nicéforo Gregoras emprega a tradução grega da palavra búlgara — Lachanas. Em circunstâncias desconhecidas, os tártaros atacaram Ivaylo. Em retaliação, ele formou uma companhia de homens que começou a lutar contra os saqueadores tártaros em algum lugar no sul de Dobrudja. Em pouco tempo, a popularidade deste tipo de milícia local cresceu e as suas operações tornaram-se muito eficazes, a tal ponto que os tártaros decidiram retirar-se. (MADGEARU, 2017, p. 262)

Além disso, Ivaylo recebeu apoio de *boiardos* locais após seus sucessos iniciais e fortaleceu seu exército. Ao se proclamar *tsar* e marchar para Tarnovo para exercer sua autoridade autoproclamada, ele fora aceito pela própria *tsaritsa* e coroado como imperador *de facto*. Em dois anos, a ascensão relâmpago de Ivaylo pode ser considerada quase predestinada, e certamente pode ter sido o que seus apoiadores pensavam, do tanto que Ivaylo afirmava isso, segundo afirmação posterior de Pachymeres, e demonstrava o mesmo, através de suas conquistas, e agora, um criador de porcos assentava sua autoridade de forma oficial sob seu império. No entanto, há que se pontuar a respeito dos seus seguidores.

A maioria dos estudiosos marxistas descreveu o movimento de Ivaylo como social. No entanto, Nikov apresentou um bom argumento de que tal interpretação é exagerada. Ele insiste que não há evidências de que Ivaylo tenha sido um movimento social; ele até tinha *boiardos* entre seus apoiadores. Não há sinal de que ele ou seus seguidores protestaram contra as injustiças sociais ou buscaram quaisquer reformas sociais. O movimento não colocou o povo contra os *boiardos* ou o povo contra a autoridade *tsarista*; foi simplesmente um movimento contra um determinado *tsar* incompetente. A disposição de Ivaylo de se casar com a odiada *Tsarica* Maria também milita contra a interpretação do movimento social. Uma vez no poder, Ivaylo encontrou-se em nova companhia, a de sua esposa bizantina e presumivelmente de grande parte de sua corte, bem como a de vários altos aristocratas de Tarnovo; assim cercado, ele quase certamente ficou isolado de muitos de seus apoiadores originais. Se ele tivesse alguma reforma social em mente, como os estudiosos modernos frequentemente afirmam, ele parece não ter feito nada para promovê-la; ele dificilmente pode ser culpado por isso, considerando as condições do país, onde, apesar da submissão de muitas cidades a ele, sua autoridade dificilmente alcançava além de Tarnovo, que logo estava sob cerco bizantino. Mas em qualquer caso, quaisquer que sejam suas ambições iniciais, Ivaylo parece ter se tornado parte do establishment. Presumivelmente, isso desiluiu muitos de seus seguidores originais [] (FINE JR., 1987, p. 196-197)

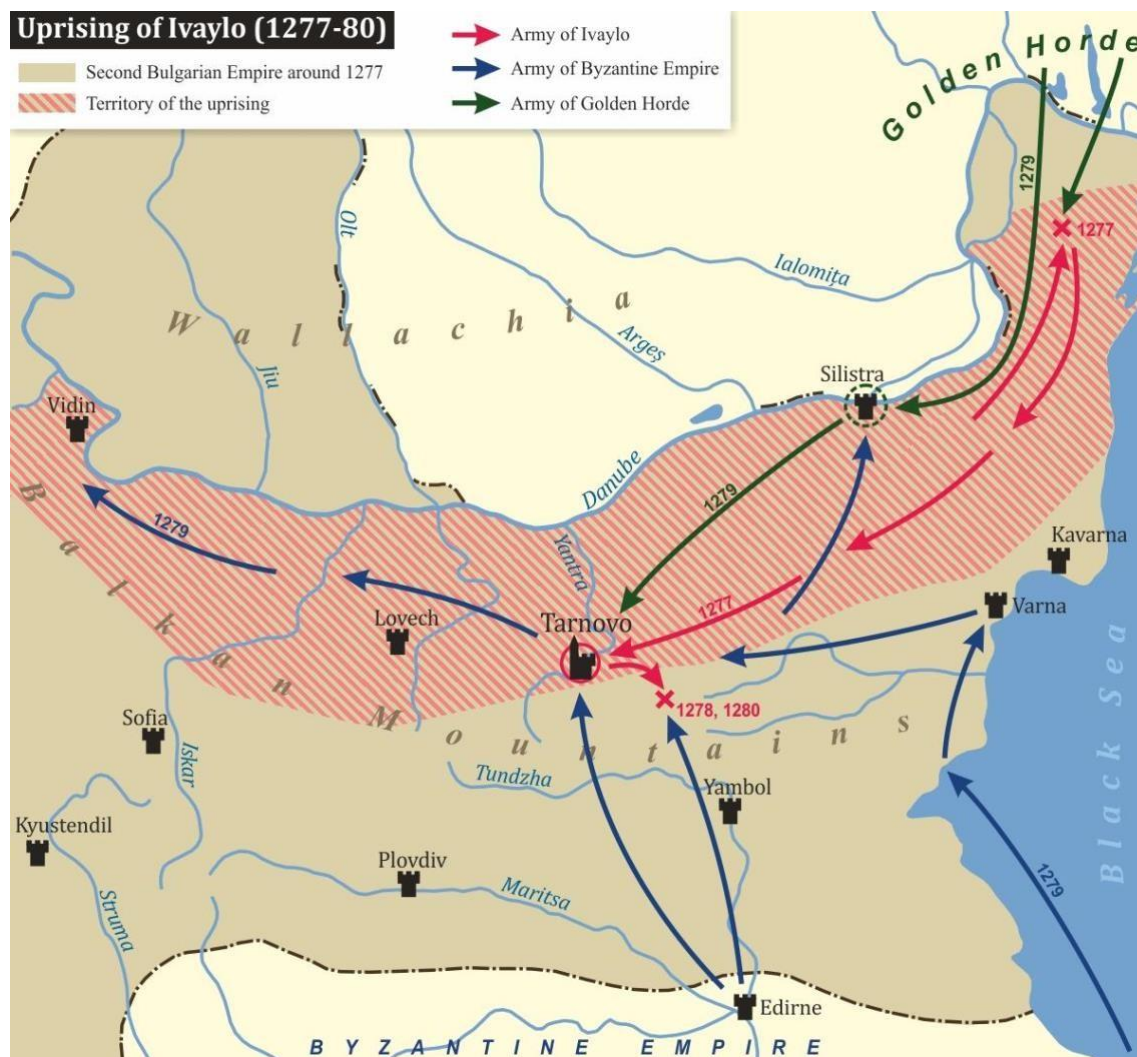


Figura 24: Mapa de movimentação das tropas: Ivaylo (seta vermelha), João Asen III (seta roxa), Nogai (seta verde). Vale destacar que o império já se encontra mais reduzido neste mapa que no anterior, tendo perdido a Cumânia, ao norte, e parte da Trácia, a sudeste. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. [São Francisco, CA: Wikimedia Foundation, 2016]. Disponível em: https://commons.m.wikimedia.org/wiki/File:Uprising_of_Ivaylo.png. Acesso em: 11 de julho de 2024.

Essa desilusão camponesa pode representar um enfraquecimento de sua posição. O movimento de resistência, originalmente camponês, recebeu apoio de *boiardos* locais, periféricos. Posteriormente, fora aceito como *tsar* na própria

Tarnovo. Suas diretrizes programáticas socioeconômicas (se é que um dia existiram) não poderiam ter permanecido “na ordem do dia”. Agora, ocupando o trono propriamente dito, o apoio ao governo de Ivaylo não derivava de seus camaradas camponeses, a grosso modo, e sim daqueles setores *boiardos* favoráveis a ele. Isso ocorria num momento péssimo para ele, pois a mesma instabilidade que o alçou a *tsar* era a instabilidade que ele agora deveria solucionar. Inexperiente, enfraquecido, Ivaylo haveria de enfrentar a oposição tanto de João Asen III quanto de facções dos *boiardos*, grandes ou pequenos, que o rejeitavam, sem falar do iminente risco de uma nova surtida de Nogai.

Ivaylo parece ter se tornado parte do establishment. Presumivelmente, isso desiludiu muitos de seus seguidores originais, pelo menos porque eles não conseguiram obter recompensas suficientes. Como Ivaylo era inexperiente em assuntos de estado, pode-se imaginar que o establishment local, ou a facção que então o dominava, teria tido bastante sucesso em manipulá-lo e manter o poder em suas mãos. Os *boiardos* locais provavelmente também desprezavam as origens baixas de Ivaylo e viam ele e sua comitiva como uma ameaça às suas posições e influência. Assim, provavelmente desde o início eles queriam e planejaram sua remoção. E se os seguidores de Ivaylo se alienassem e se afastassem, e se Ivaylo fosse incapaz de garantir sua própria autoridade sobre os assuntos de estado, os membros do establishment teriam poucos motivos para temê-lo ou continuar a jogar com ele. Muito provavelmente, o desejo dos cortesãos de se livrar dele estava por trás da insistência de Ivaylo para deixar Tarnovo no outono de 1278 para fazer campanha contra os tártaros. Assim, Ivaylo na primavera de 1278 adquiriu Tarnovo. A princípio, ele teve um apoio popular considerável, incluindo o de alguns *boiardos*, embora não necessariamente dos principais de Tarnovo. Os tártaros estavam saqueando nas proximidades da capital, enquanto um exército bizantino, também com algum apoio *boiardo*, acompanhado por João Asen III surgia. Algumas cidades búlgaras haviam se declarado por Ivaylo, enquanto outras não. Assim, a Bulgária estava na anarquia, e Ivaylo, sitiado em Tarnovo e enfrentando dois exércitos inimigos dentro da Bulgária, não estava em posição de afirmar sua autoridade sobre as cidades que o aceitaram, muito menos sobre as que não o aceitaram. Certamente, se Vidin foi recuperado pela Bulgária após a morte de Jacó Esvetoslau, ela se separou novamente neste momento. Como os bizantinos eram aliados de Nogai, o objetivo da presença de Nogai no momento (além de saquear) era nominalmente apoiar a candidatura de João Asen III. Uma unidade de Nogai, sob o comando de um certo Kasim Beg, serviu no exército bizantino sitiando Tarnovo. Essa situação durou até o outono de 1278; no decorrer do outono, Ivaylo escapou de Tarnovo, mobilizou um exército e partiu para lutar contra os tártaros. Rumores logo circularam, provavelmente semeados por agentes bizantinos (pois João Asen III tinha apoio entre certos búlgaros, incluindo *boiardos*), de que Ivaylo havia sido morto. Como os rumores foram acreditados, alguns cidadãos de Tarnovo, que presumivelmente não amavam Maria,

abriram os portões de Tarnovo em fevereiro de 1279 para João Asen III, que foi reconhecido como tsar. Ele entrou na cidade acompanhado de tropas bizantinas, e elas permaneceram em Tarnovo para mantê-lo no poder. [...] Após esta vitória aliada, os tártaros não se retiraram da Bulgária, mas partiram para vagar e saquear o campo. Maria, então grávida, foi entregue ao comandante bizantino pelos líderes de Tarnovo. Ela foi enviada ao imperador Miguel VIII, que então mantinha contato com a campanha de sua cidade de Adrianópolis. (Esta cidade, localizada perto da fronteira, parece ter sido o principal posto de inteligência de Bizâncio, bem como sua base para ataques crescentes contra a Bulgária.) Ele prendeu Maria em Adrianópolis.
(FINE JR., 1987, p.197)

Vale destacar que a inexperiência certamente não equivale a nulidade, e, portanto, torna-se difícil afirmar que Ivaylo tenha sido uma espécie de fantoche na mão de alguns *boiardos*, uma vez que, considerando a situação de hostilidade política, invasões estrangeiras e perda do núcleo “endurecido” (presumível, não garantido) enfraqueceram bastante sua posição, que, ainda assim não chegou a ser nula, pois ele foi capaz de sair da Tarnovo cercada e levantar um exército. Talvez irônico seja o fato de que, a partir do momento em que realizou esse feito, Ivaylo voltou a se tornar um pretendente, pois o trono passou para a mão de terceiros (João Asen III e seus aliados). Nesse momento, pode-se traçar alguns paralelos de semelhanças entre as dificuldades enfrentadas por Ivaylo para com o seu predecessor, Constantino Tikh. No entanto, por algum motivo, Ivaylo não sofreu com as mesmas dificuldades militares que acabaram resultando a na perda da vida de Constantino. Pelo contrário. Se, de fato, ele perdeu (parcial ou totalmente) apoio entre os camponeses rebeldes, ele ainda era uma figura militar de sucesso de sua campanha contra a facção da Horda Dourada comandada por Nogai. Ele se mostrou capaz de encontrar novos apoiadores para a sua causa, algo que nem Constantino Tikh nem Maria Cantacuzena foram capazes. A aparição de Kasim Beg já neste momento demonstra isso, como há se ficar claro.

Depois de tomar Tarnovo, João Asen III e os bizantinos enviaram parte de seus exércitos para o norte em busca de Ivaylo, que se trancou na fortaleza de Silistria. As forças bizantinas o cercaram por três meses, mas não conseguiram tomar a cidade. Enquanto isso, os partidários de João Asen não conseguiram estabelecê-lo firmemente no poder ou pôr fim à anarquia. A maior parte do país não o reconheceu e houve conspirações contra ele na própria Tarnovo. Para tentar ampliar sua base de apoio, João Asen III deu sua própria irmã para se tornar a esposa de Jorge Terter, um líder boiardo de origem cumana. [...] Logo Ivaylo reapareceu com um grande exército e sitiou Tarnovo. Com ele

agora estava Kasim Beg, que havia mudado de lado. Dois exércitos bizantinos foram enviados do império para ajudar o sitiado João Asen. Ivaylo derrotou os dois, o primeiro, supostamente de dez mil homens, em 17 de junho de 1279, e o segundo, de cinco mil homens, em Sredna Gora em 5 de agosto de 1279. Percebendo sua própria impopularidade e temendo por sua vida (afinal, reforçado como estava por exércitos estrangeiros, deve ter aparecido aos búlgaros como uma marionete estrangeira), João Asen III, no final de 1279, escapou secretamente de Tarnovo e fugiu para a Mesembria, onde encontrou um navio para levá-lo a Constantinopla. (FINE JR., 1987, p. 198)



Figura 25: Portão da fortaleza de Silistra atualmente, onde Ivaylo foi cercado. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. [São Francisco, CA: Wikimedia Foundation, 2016]. Disponível em: https://commons.m.wikimedia.org/wiki/File:Silistra_fort_3.jpg. Acesso em: 11 de julho de 2024.

Por mais Asen que fosse João III, ele fora incapaz de efetivar sua autoridade pelo trono que seu pai já houvera lutado anteriormente. O criador de porcos não sofrera deserções, pelo contrário, resistiu a um cerco e derrotou seus inimigos em campo de batalha. Kasim Beg, dos mongóis, passou para o seu lado, junto com (provavelmente) algumas tropas que ele deveria comandar.

A Horda era socialmente diversa e multiétnica, mas sua liderança vinha de um núcleo de clãs dominantes das estepes, a maioria deles subgrupos mongóis: Qonggirad, Kiyad, Qatay, Manghit, Saljut, Shirin, Barin, Arghun e Kipchaks. Os chefes desses grupos ostentavam o título de Beg. À medida que a Horda se tornou cada vez mais oligárquica no final do século XIII, o poder passou do cã para os Begs, os líderes nômades que se juntaram ao cã num conselho de governo. Os Begs reconheceram a primazia do cã porque ele era descendente do filho mais velho de Chinggis Khan, Jochi. Mas esse status não

tornava um cã todo-poderoso. Para ser elevado no tapete de feltro — o procedimento para a entronização — o aspirante tinha que se associar a Begs poderosos. Da mesma forma, para governar com eficácia, um cã precisava dos Begs ao seu lado. Eles o apoiaram e, se ele falhasse, depuseram-no. (FAVEREAU, 2021, p. 12)

Pode-se considerar, portanto, que a causa de Ivaylo passou por um processo de transformação dual: por um lado, ele recriou um novo exército após escapar de uma Tarnovo cercada por inimigos, e este exército possivelmente era menor (e quiçá até mais fraco que o seu anterior), mas Ivaylo foi capaz de cooptar um *Beg* de importância de Nogai, e, mesmo cercado em Silistra por três meses, foi capaz de escapar do cerco e derrotar outros dois exércitos bizantinos que eram enviados para fortalecer a posição de seu inimigo, João Asen III. Por outro lado, esta ajuda “mongol” pode ter conferido a Ivaylo uma posição semelhante à de João Asen III, de ser uma marionete de impérios estrangeiros e isso, no caso de Ivaylo, pode ter sido ainda pior do que para João Asen III, pois Ivaylo havia se tornado *tsar* justamente graças ao holofote que a sua campanha contra estes mesmos mongóis que agora o apoiavam. Para os nativos búlgaros, ele poderia ter se tornado uma pessoa totalmente diferente passados os três anos do início do seu movimento, em 1277, para a vitória contra estes três exércitos inimigos, em 1280.

Neste ínterim, João Asen III não conseguira estabelecer um apoio firme nem mesmo ao casar sua filha com um nobre *boiardo*, Jorge Terter (ele crescerá em termos de importância neste trabalho, graças à este casamento). Quando fugiu de volta para Bizâncio, Asen III deixou a capital “oca” de *tsares*. Era a oportunidade de Ivaylo reassumir seu governo, no entanto, isso não ocorreu.

Como dito anteriormente, os *boiardos* de Tarnovo o saudaram (em parte) quando ele assumiu o governo. Porém, ele pode ter sido muito influenciado por alguns, quiçá ao ponto de controlá-lo, e os outros eram opositores, devido às suas origens. No vácuo de poder daquele momento, em 1279-1280, os *boiardos* não quiseram ser submetidos uma vez mais a um *tsar* que já fora criador de porcos, que representava uma divisão de opiniões, além da possibilidade levantada a respeito das suas novas conexões mongólicas, então, tal qual alguns anos antes, eles escolheram um dentre eles para ser o novo *tsar*. O escolhido foi Jorge Terter, justamente o *boiardo* que havia se casado com a filha de João

Asen III enquanto ele ainda ocupava o trono. Outra vez, parece que os *boiardos* procuraram candidatos com conexões asenidas, e, neste caso, Jorge Terter surgiu como uma opção clara.

Os boiardos dentro da cidade, contrários a Ivaylo ou ambiciosos em colocar sua própria camarilha no poder (pois Ivaylo certamente tinha seus próprios seguidores para premiar), então elegeram, ainda no final de 1279, um deles, o influente boiardo Jorge Terter, como tsar. Enquanto Jorge Terter se estabelecia em Tarnovo, seus antigos oponentes planejavam continuar a luta e derrubá-lo. Ivaylo e Kasim cruzaram o Danúbio para implorar a ajuda do poderoso líder tártaro Nogai. Os bizantinos também não desejavam aceitar Terter - provavelmente considerando-o um vira-casaca, pois ele já havia concluído a aliança de casamento com a irmã de João Asen III - e, ainda intrigante, enviaram João Asen III com ricos presentes à corte de Nogai para buscar sua ajuda. Nogai parece ter manifestado interesse no assunto, mas não assumiu compromissos e manteve os pretendentes esfriando os calcanhares por vários meses. (FINE JR., 1987, p. 198)

Por mais que Asen III estivesse em Constantinopla, Ivaylo já não tinha aliados em Tarnovo, como quando Maria Cantacuzena o acolheu enquanto uma forma de “esperança” (se Ivaylo possuía, de fato, *boiardos* aliados em Tarnovo, eles não eram maioria, pois, se fossem, o mais provável seria que a cidade abrisse os portões para ele, como fora feito anteriormente, ou tomado alguma medida que o favorecesse, suprimindo seus opositores). O novo pretendente, Jorge Terter, não tinha as instabilidades políticas causadas pela disputa entre facções do aparelho, pois o próprio aparelho tinha “eleito” um dos seus (mais uma vez, se houveram setores favoráveis à Ivaylo, eles certamente foram suprimidos). Ivaylo ainda possuía força militar, mas estava desgastado politicamente. Provavelmente influenciado por Kasim Beg, Ivaylo buscou a ajuda de Nogai. O motivo que Nogai, um inimigo búlgaro a quase uma década, teria para apoiar um camponês que lhe impusera derrotas surpreendentes e desmoralizantes e um traidor vira-casaca aparentemente escapou aos olhos de Ivaylo e Kasim, ainda mais considerando o laço de casamento que havia entre Nogai e a filha de Miguel VIII Paleólogo. Porém, a busca por esta aliança levanta uma observação historiográfica pertinente.

Com todas as atrocidades cometidas pelas hordas tártaras, Ivaylo entendeu quem era seu oponente mais perigoso. E as suas batalhas com os romanos, provavelmente lideradas por Michael Hlava, não tardaram a chegar. Mesmo as frases hábeis de Pliderades são incapazes de esconder a verdade destas batalhas: a supremacia dos búlgaros e o terror que Ivaylo incutiu

entre os seus inimigos. A mudança no equilíbrio de poder ocorreu apenas quando Ivaylo foi forçado a dirigir grande parte de suas forças contra os tártaros. Mesmo a liberdade de ação que foi revelada aos romanos estava principalmente ligada ao boato espalhado sobre a derrota de Ivailo pelos tártaros. (BOZHILOV E GYUZELEV, 1999, p. 764)

Se os mongóis haviam cometido tantas atrocidades contra o povo búlgaro, e Ivaylo seria tão importante por combatê-los, ele, que causaria tanto terror aos seus inimigos, romanos ou mongóis, se uniria com esses atrozes soldados de Nogai para retomar o trono? Sua missão não seria justamente combatê-los? Acontece que esta narrativa (de Ivaylo e a sua revolta) é repleta de observações permeadas das mais diversas narrativas questionáveis, que influenciam na produção historiográfica, como há de ser visto posteriormente.

Provavelmente não foi o melhor movimento que o ex-criador de porcos poderia ter tomado. Desesperado por ajuda, Ivaylo recorreu àquela figura que anteriormente havia sido a causa da sua ascensão, e seus clamores parecem ter caído em ouvidos surdos.

Então, uma noite, em um banquete, Nogai, bastante bêbado, ordenou a execução de Ivaylo e Kasim Beg, e eles foram devidamente assassinados. Ele parece ter realizado este ato pelo menos nominalmente como um aliado bizantino, pois, de acordo com Pachymeres, quando ordenou a execução de Ivaylo, Nogai chamou Ivaylo de inimigo de "meu pai" (o pai sendo seu aliado Miguel VIII, que era "pai" sobre outros governantes de acordo com a hierarquia teórica de governantes dos bizantinos). Parece que João Asen III escapou por pouco de um destino semelhante; ele ficou feliz em voltar vivo para Constantinopla e esquecer as novas aventuras búlgaras. Ele se estabeleceu e se tornou um membro da aristocracia bizantina. Os bizantinos mantiveram sua hostilidade contra Jorge Terter e encorajaram Nogai a invadir a Bulgária, o que ele fez nos anos seguintes. Nogai agora estava se tornando mais um ator independente e, portanto, menos vinculado aos desejos de seus aliados bizantinos. Provavelmente não vendo nada por si mesmo, ele não fez nenhum esforço para apoiar a candidatura de João Asen depois que Terter ganhou o cargo. (FINE JR., 1987, p.198)

Bozhilov e Gyuzelev, que via Ivaylo com olhos positivos, sobre este giro nada tem a comentar além de frases descritivas a seu respeito. O que significaria para a imagem pública que permearia o imaginário de seus compatriotas, os autores fazem vista grossa. Mas foram rápidos em apontar aquilo que João Asen III seria, em teoria (um fantoche), e não economizaram nos adjetivos negativos.

Ivaylo, sem apoio, foi buscar a ajuda de seus até recentemente adversários, os tártaros. O outro rei fracassado — João Asen

6 CAPÍTULO III: RAINHAS BÚLGARAS NASCIDAS BIZANTINAS: UMA ANÁLISE HISTORIOGRÁFICA DAS IMPERATRIZES BÚLGARAS DE BERÇO PÚRPURA

A situação política na Bulgária do século XIII permite uma observação pertinente sobre um ponto específico: a situação das mulheres no segundo *Tsarstvo*. Ao longo de 100 anos (1185-1285, o recorte cronológico estudado neste trabalho, aproximadamente), presenças históricas femininas significaram personagens de grande valor que desempenharam papéis de extrema importância no cenário sociopolítico geral do país. Torna-se uma questão relevante por um motivo, que é a importância das atuações femininas para a contribuição à riqueza histórica búlgara, no entanto, esse motivo ocorre através de dois processos antagônicos: o protagonismo nomeado de algumas e o ofuscamento silenciado a outras.

Em consideráveis casos um apagamento feminino é realizado de maneira inegável e resoluta tal qual o seu protagonismo deveria exercer. Segundo Georgieva, quanto à figura da mulher medieval perante a sociedade:

Ela teve que obedecer ao homem - pai ou marido - viver em submissão e silêncio para que ela não mostrasse os inúmeros deméritos concebidos como típicos apenas das mulheres - seu legado de Eva, a Progenitora. Uma mulher estava tecnicamente sob o controle de seu pai até que ela se casasse, e então ela deveria ser completamente obediente à vontade de seu marido. Assim, nessas circunstâncias para as mulheres, a cena política secular consistia principalmente em tráfico de carne. No entanto, para algumas mulheres inteligentes e engenhosas, um casamento de conveniência nem sempre proporcionava uma perspectiva sombria. Mulheres casadas com maridos jovens, fracos, ignorantes, inexperientes, ausentes ou tolerantes podiam assumir o controle da política de seus maridos. Existiram mulheres na história do Segundo Tsardom búlgaro que deixaram vestígios tangíveis na política. Elas eram exclusivamente tsarinas — esposas de tsares, e quase todas estrangeiras, principalmente bizantinas.
(GEORGIEVA, 2010, p. 113)

Realizando uma retrospectiva rápida da história do Segundo Império Búlgaro, o império é refundado pelos dois irmãos, Teodoro e Asen, que fundam a dinastia Asenida, e assumem os nomes de Pedro e João Asen. O trono é sucedido, respectivamente, por Kaloyan, Boril e João Asen II. Até este momento, a participação feminina era reduzida, ou, ao menos, reduzida perante *tsaritsas* posteriores. Pode-se comentar do casamento da esposa cumana de Kaloyan, infelizmente não nomeada, que contribuiu para com a legitimidade da

reivindicação de Boril, que casou-se com ela, mas, ainda assim, ela não desempenhou grandes feitos, segundo o recorte historiográfico neste trabalho, para com o império búlgaro.

Neste momento, torna-se relevante aprofundar os pormenores da análise feminina à conjuntura sociopolítica búlgara: as imperatrizes búlgaras que nasceram em Bizâncio merecem um olhar especial neste estudo justamente por serem consideradas exemplos adequados em se tratando da mulher para com o aparelho de poder na Bulgária. Estas bizantinas não representam, de forma nenhuma, a totalidade das imperatrizes búlgaras, pois ainda há o caso daquelas que sequer nomeadas são. Não é possível falar de protagonismo das imperatrizes sem falar também de seu apagamento, como será visto adiante, de forma cronológica.

Quando Colomano assume o trono do pai, João Asen II, morto em 1241, assume num contexto dual. Por um lado, João Asen havia construído uma argamassa de solidez e estabilidade em torno da Bulgária como nunca haveria de acontecer outra vez. Por outro, Colomano, seu sucessor, tinha apenas sete anos de idade. Por incapacidade de governar devido a sua longevidade, o governo búlgaro aconteceria através de uma regência, que, por si só, representa uma forma de instabilidade.

O herdeiro de João Asen era seu filho Colomano, de sete anos. Como acontecia anteriormente, não existia nenhum aparato para manter o Estado unido. A Bulgária carecia de uma burocracia estatal composta por funcionários administrativos e financeiros nomeados pelo governo central e enviados para as províncias. Também não houve nenhum exército financiado pelo Estado, criado pelo Estado para servir sob o comando de generais nomeados pelo Estado, que deviam as suas posições apenas ao serviço estatal. Em vez disso, as províncias eram dominadas por uma nobreza provincial; esses nobres governavam suas localidades, pagavam ao estado os impostos locais que eles próprios cobravam e dominavam o exército, que era em grande parte composto por impostos locais arrecadados e servindo sob o comando desses próprios nobres. Mesmo quando os governadores foram enviados do centro, eles se viram incapazes de privar os boiardos da sua autoridade local e, portanto, serviram em cooperação com eles. Quando um tsar como Asen provou ser um chefe de guerra bem-sucedido, ele ganhou dos boiardos, por medo de ações punitivas ou por sua ânsia de saque, expressões de lealdade. Então, por meio desses laços pessoais de fidelidade, as localidades comandadas pelos boiardos ficaram temporariamente ligadas a Tarnovo e ao governo central. Claramente, tais laços não poderiam trazer coesão duradoura a um estado. Os regentes de

Colomano brigaram entre si e os boiardos se dividiram em facções rivais. Os territórios periféricos se separaram e os vizinhos conseguiram novamente arrancar territórios da Bulgária.
(FINE JR., 1987, p. 154)

No entanto, o “reinado” de Colomano foi breve. Assumiu em 1241 e morreu em 1246. Existe, na historiografia, uma discussão sobre sua morte, que envolve a *tsaritsa* Irene Comnena. Em vida, João Asen II tivera três esposas: Ana/Anísia, sua primeira esposa; com ela, João foi pai de duas meninas: Maria e Beloslava. Sua segunda esposa foi Ana Maria, filha do rei André II da Hungria. Com ela, Asen teve os seguintes filhos: Helena, Tamar, Colomano e Pedro. Com a sua terceira e última esposa, Irene Comnena, João teve três filhos: Ana, Maria e Miguel. Quando morreu, em 1241, o herdeiro de João Asen era seu filho mais velho, que vinha do segundo casamento, Colomano. Ele tinha sete anos de idade, e o seu herdeiro era Miguel, filho de Irene, uma vez que Pedro morreu quatro anos antes de seu pai. Existe um argumento plausível (porém inconclusivo, para afirmar o mínimo) para crer que Irene Comnena possa ter matado Colomano para que seu filho Miguel assumisse o trono. Esta é a Irene do afresco que os historiadores afirmam ser ela própria ou a esposa de Miguel, Ana de Mačva, mencionado no capítulo anterior.

Segundo Fine Jr.:

A causa da morte prematura de Colomano não é conhecida. Acropolita relata que alguns dizem que ele morreu de uma doença natural, enquanto outros dizem que ele foi envenenado. Muitos estudiosos acreditam que ele foi assassinado e argumentam que os partidários do pequeno Miguel e sua mãe Irene foram os responsáveis. Eles então argumentam que Irene se tornou a principal regente de Miguel. No entanto, independentemente de como Colomano morreu, é quase certo que Irene não se tornou a regente de Miguel. Recentemente, Lazarov publicou um estudo convincente que não apenas desacredita as evidências que apoiam tal papel para Irene, mas também mostra que ela residia com seu irmão em Tessalônica no final de 1246; o contexto sugere que ela esteve lá por um tempo. Ela presumivelmente havia sido exilada da Bulgária no início do reinado de Colomano. Lazarov identifica o sebastocrator Pedro, um genro de Asen que ocupa uma posição elevada em uma carta para Dubrovnik, como o principal regente de Miguel.
(FINE JR., 1987, p. 156)

A historiografia pode possuir divergências quanto à forma que Colomano morreu. Historiadores afirmam se é possível afirmar de certeza que Irene Comnena encomendou o assassinato de Colomano.

Nenhuma dessas fontes é suficientemente indicativa do papel que Irene desempenhou nos eventos que cercaram a morte do tsar Colomano, mas [...] a maioria dos historiadores búlgaros afirmam que ela esteve envolvida na morte prematura de seu enteado. Parece que o próprio Acropolita, apesar de não saber a verdade, tendia a acreditar na história do perigoso assassinato, mas nunca disse nada sobre o perpetrador. A insinuação de Acropolita sobre a morte violenta de Colomano, embora não confiável como informação, deve ser aceita como verdadeira, porque ninguém mais tinha os motivos da tsarina Irene para matar Colomano I, já que ninguém além de seu filho teve a chance de ascender ao trono em a morte de Colomano. No final de setembro de 1246, com a morte de seu irmão, Miguel Asen foi coroado tsar búlgaro. Ele era menor de idade — tinha apenas oito anos na época — o que levanta a questão sobre as pessoas reais que governaram o estado em seu nome e o papel de sua mãe nisso. A maioria dos historiadores búlgaros acredita que Irene estava à frente da regência. Se tivéssemos apenas as informações da Acropolita para confiar, isso forneceria uma séria falha nas conclusões lógicas sobre o papel de liderança de Irene nos eventos que levaram à ascensão de seu filho ao trono e também duvidaria que a tsarina participasse ativamente do regência. Acropolita a menciona apenas uma vez em conexão com uma ocorrência que não teve nada a ver com o Tsardom búlgaro, mas com o irmão de Irene, Demétrio Comneno, em Tessalônica. Segundo a Acropolita, a mãe-tsarina estava longe de Tarnovo no momento em que seu filho mais precisava de apoio e proteção. Os eventos em Tessalônica ocorreram apenas dois meses após a mudança de governantes na Bulgária — uma ocorrência que sempre trazia certo risco para o novo governante, especialmente quando ele era menor de idade. Além disso, não mais de um mês antes de Irene aparecer em Tessalônica, a Bulgária assinou o tratado de paz com Niceia, concordando em ceder territórios bastante grandes a Niceia. Esta foi a primeira ação tomada sob o novo governante, e muito provavelmente poderia dar origem a um sério descontentamento contra ele. Dificilmente poderíamos aceitar que a ambição de Irene que a levou a organizar o assassinato de uma criança pudesse encontrar satisfação em colocar Miguel no trono e logo em seguida desaparecer completamente e Irene perder qualquer interesse no destino de seu único filho e seu reino. Como explicar o comportamento dela então? (GEORGIEVA, 2010, p. 117)

A posição que essa transição oportuniza para Irene Comnena é clara, e a acusação feita sobre ela é plausível. No entanto, quando da morte de João Asen II, poderia se esperar que a regência de Colomano fosse contar com a presença de Irene, no entanto, isto não parece ter acontecido. O fato de ela ter se feito ausente já sugere a inclinação que ela possuía para a participação política:

Se o sebastocrator Alexandre, irmão de João Asen II, ainda estivesse vivo, a sua experiência certamente o teria recomendado para o cargo. A Imperatriz Irene, madrastra de Colomano, também pode ter sido a regente, mas não é certo que ela tenha permanecido em Tarnovo após a morte de João Asen II. Na verdade, ela pode ter partido para Tessalônica, para visitar

o seu irmão, Demetrios Ducas. Ela certamente esteve lá em dezembro de 1246, embora não se saiba por quanto tempo. (MADGEARU, 2017, p. 228)

Não é o objetivo aqui afirmar se, de fato, ela matou o seu enteado para que seu filho assumisse o trono, uma vez que a própria historiografia demonstra ser incapaz de afirmar tal hipótese, e isso, por si só, parece dizer o suficiente, mas não se pode afirmar categoricamente. O objetivo é mostrar as narrativas e argumentos ao redor da pessoa de Irene Comnena Ducas a respeito do acontecido. Porém, tal fato a “resgatou do ostracismo” em Tessalônica e a colocou como alguém de influência relevante na Bulgária, ao menos por um tempo, uma vez que as fontes afirmam que ela não exerceu regência. Enquanto seu marido, João Asen II, estava vivo, não há relatos de participações de Irene na vida política. Ainda que Acropolita a mencione apenas uma vez, de forma displicente para alguém que teria tanto potencial de protagonismo, a política búlgara se desenvolveu (espontaneamente ou não) para que o desenho da regência oferecesse um grande papel de influência para a tsaritsa-mãe:

Para resumir, se assumirmos, seguindo a tradição, que a tsarina Irene estava à frente do estado como guardiã do tsar Miguel Asen, teremos que descrevê-la papel no governo desta forma: Ao garantir o trono para seu filho ou muito provavelmente antes disso, ela conseguiu cercar o governante menor de idade com pessoas leais e confiáveis (outra questão é quão capazes eles eram) a quem ela confiou o verdadeiro governo do país. Essas pessoas invariavelmente governavam em nome de Miguel, o que criava a impressão de que o tsar búlgaro governava como um governante independente de sua idade. Presumivelmente, Irene concebeu os casamentos de suas filhas jovens de modo a aproximar ainda mais os mais devotos da dinastia de seus interesses. Sem interferir na política liderada pelos governadores Pedro, Mitso e posteriormente Rostislav, a tsarina manteve para si o status de pessoa de mais alto escalão do Tsardom junto com seu filho e expressou isso com as moedas cunhadas nessa época. (GEORGIEVA, 2010, p. 119)

As fontes comentam sobre Acropolita, que a mencionaria poucas vezes. Por se tratar de uma fonte primária, ainda se tratando de um indivíduo que alega estar de corpo presente em vários acontecimentos, uma vez que era grande *logotheta*, um cargo de autoridade civil e militar que estabelecia relações diplomáticas com outras nações, suas palavras representam refúgio a várias produções históricas, principalmente porque, segundo Madgearu, ele seria a única fonte viva em que seus textos chegaram até a contemporaneidade. No entanto, antes de passar às suas palavras, há que se pontuar, mais uma vez,

que a participação de Irene na morte de Colomano não é unânime — longe disso. O historiador búlgaro Zlatarski, por exemplo, em várias citações afirma por este ou aquele motivo a não participação de Irene neste ato, e é uma pena não ter tido oportunidade de obter sua obra para ler, em primeira mão, os ditos neste sentido.

Em ordem cronológica, a primeira mulher bizantina, uma tsarina búlgara no período entre os séculos XIII e XIV, que se acredita ter sido politicamente ativa, foi Irene Comnena, a terceira esposa do tsar João II Asen e mãe do tsar Miguel Asen. Suas ações políticas estavam relacionadas com a época da morte de João II Asen em junho de 1241. Os historiadores afirmam que sua atividade política começou com o assassinato de Colomano em 1246. Até 1246, há uma completa falta de fontes históricas sobre Irene, e o vazio foi preenchido com a sugestão feita pelo historiador V. N. Zlatarski há cerca de sete décadas de que a tsarina Irina e o seu filho Miguel foram afastados do palácio para que ela não interferisse nos assuntos de Estado. Para o período posterior a 1246, existem apenas quatro informações sobre Irene: um aviso de Acropolita sobre sua presença em Tessalônica em dezembro de 1246; o seu nome no Sinódico; moedas com efígies de dois governantes e o sinal “Ч Ерина Ч Михаил” (Tsaritsa Irina/Tsar Mihail), e os retratos de Miguel Asen e sua mãe Irene na igreja de São Arcanjo Miguel na cidade de Kostur. Nenhuma destas fontes é suficientemente indicativa do papel que Irina desempenhou nos acontecimentos que rodearam a morte do tsar Colomano, mas seguindo a hipótese de V. N. Zlatarski, a maioria dos historiadores búlgaros afirmam que ela esteve envolvida na morte prematura do seu enteado. Parece que o próprio Acropolita, apesar de não saber a verdade, tendia a acreditar na história do periódico assassinato, mas nunca disse nada sobre o autor do crime. A dica de Acropolita sobre a morte violenta de Colomano, embora não seja confiável como informação, deve ser aceita como verdadeira, porque ninguém mais tinha os motivos da tsarina Irina para matar Colomano I, já que ninguém mais, exceto seu filho, teve a chance de ascender ao trono em a morte de Colomano. [...] Ele era menor de idade — então tinha apenas oito anos — o que levanta a questão sobre as pessoas reais que governaram o Estado em seu nome e o papel da sua mãe nisso. A maioria dos historiadores búlgaros acredita que Irene estava à frente da regência. Se tivéssemos apenas a informação da Acropolita em que nos basearmos, isso constituiria uma falha séria nas conclusões lógicas sobre o papel de liderança de Irina nos acontecimentos que levaram à ascensão do seu filho ao trono e também tornaria duvidoso que a tsarina tenha participado ativamente na regência. Acropolita a menciona apenas uma vez em conexão com uma ocorrência que nada teve a ver com o tsarismo búlgaro, mas com o irmão de Irina, Demétrio Comneno, em Tessalônica.
(GEORGIEVA, 2010, p. 116-117)

Nessa passagem, Georgieva repete aquilo que as fontes comentam, a respeito do seu envolvimento na morte do enteado, e nos motivos políticos por trás deste ato. Há de se atentar que, apesar destes motivos, as fontes não foram

capazes de comprovar o seu envolvimento neste regicídio nem tampouco na política búlgara anteriormente, inclusive, a passagem em que Georgieva comenta da representação de Miguel com Irene na igreja de São Arcanjo Miguel justamente é o afresco em que pode representar Irene e pode representar a filha de Rostislav Mihailovich , a esposa de Miguel, que o capítulo anterior trouxe esta informação enquanto não consensual entre historiadores. Acropolita se concentra brevemente sobre os eventos búlgaros, uma vez que seu foco está no império de Niceia. Pouco ele afirma sobre a morte de Colomano, e em nenhum momento atribui este acontecimento à Irene Comnena:

O imperador João, como dissemos, fez a viagem para [as terras do] outro lado, ocidental, para inspecionar o território ali e as cidades daquela área. Ele era senhor de tudo, até a cidade chamada Zichna, em algum lugar perto de Serres. Naquela época, o filho de Asen, Colomano, de 12 anos, governava os búlgaros. Quando o imperador chegou à região de Kissos, passou o dia lá e continuou a marcha no dia seguinte, chegando à região do Rio Hebros, que é chamado de Maritza na linguagem rústica, e que corre perto do mosteiro chamado de 'Veros'. Quando o imperador estava no meio do rio - era vadeável para os cavalos, já que era o fim do verão, o terceiro ou quarto dia do final de setembro - uma mensagem foi transmitida num relatório enviado pelo homem que detinha o comando público em Achridos, que Colomano, o governante dos búlgaros, tinha medido a sua vida. Alguns disseram que ele havia sucumbido a uma doença natural, outros disseram o contrário, que ele foi morto por um alistamento secretamente preparado para causar sua morte por aqueles que tinham opiniões contrárias a ele. De uma forma ou de outra, ele morreu, e o relato era verdadeiro, pois foi comprovado por mensagens contínuas. (MACRIDES, 2007, p. 225)

Acropolita nada tem a dizer a respeito de Irene em uma hipótese de participação dela na morte de seu enteado. O historiador não parece ter nutrido grandes simpatias pelos búlgaros, uma vez que era um funcionário do governo de Niceia, império herdeiro de Bizâncio, e de quem os búlgaros não possuíam amizade. Após a morte de Colomano, o imperador de Niceia, João III Ducas Vatatzes, mencionado na citação de Acropolita, discute se deveria tomar territórios dos búlgaros, e acaba decidindo pela ofensiva militar. Acropolita relata a argumentação numa discussão entre os habitantes da cidade em questão, chamada de Melenikon, se estes habitantes deveriam ser fiéis aos romanos ou aos búlgaros. Aqui ele menciona Irene não por nome, mas por seu parentesco com Teodoro II Lascaris e com João Asen II, e, ainda assim, não cita nenhuma ação dela neste sentido.

Como o homem encarregado de governar a cidade, Nicholas Litovoes, estava doente e acamado devido a dores nos pés, todos eram livres para fazer o que quisessem. Agora, desde que Nicolau Manglavitas, um dos mais proeminentes entre os habitantes de Melenikon, um homem enérgico e capaz de se adaptar às novas circunstâncias, [...] reuniu a maior parte da população e, desprezando o sigilo, propôs abertamente a todos o que era conveniente fazer, dizendo: “Tínhamos que aturar o governo da criança, Colomano, e era nossa esperança que ele atingisse a idade adulta, e receberíamos dele uma recompensa por nossa miséria quando ele atingisse a maioridade e fosse capaz de distinguir um homem bom de um homem mau. Dado que, por azar, fomos privados disso e temos a perspectiva de mais um filho recém-nascido para governar os búlgaros, poderíamos parecer piores do que completos idiotas se nos entregássemos a mais azar, optando por gastar um ano inteiro da vida sem mestre, uma situação da qual surgem muitos sofrimentos maiores. Mas desde que o imperador dos romanos se aproximou de nós, devemos confiar-nos a ele, um mestre confiável e que distingue um homem mau de um homem bom e que tem um direito antigo em relação a nós. Pois a nossa terra pertence ao império dos romanos — os búlgaros agiram com ganância e passaram a possuir Melenikon — e todos nós somos originários de Filipópolis, romanos puros de nascimento. Além disso, o imperador dos romanos tem verdadeiramente um direito em relação a nós, mesmo que sejamos parentes dos búlgaros, pois o seu filho, o imperador Teodoro, tornou-se genro do imperador dos búlgaros, Asen, e agora a filha do imperador Asen, esposa deste imperador, é chamada, e é de fato, imperatriz dos romanos. Por todas estas razões, então, deixando de lado toda conversa, deveríamos ir até ele e dobrar nossos pescoços sob o jugo da submissão. Pois o jugo dos imperadores sensatos e maduros é bom e muito mais leve do que o daqueles que ainda são jovens”. Com estas palavras ele persuadiu a todos, sem trabalho ou muita dificuldade, a se tornarem súditos do imperador.

(MACRIDES, 2007, p. 230-231)

Acropolita, neste momento, não se encontrava presente na cidade, e sim no acampamento do imperador, então há de se questionar se, de fato, ele ouviu esta mensagem, ou apenas um relato dela (que poderia ter sido alterado), ou sequer se este diálogo existiu. De qualquer forma, este relato demonstra a inimizade entre búlgaros e romanos (nicenos), e, talvez, o único motivo que pudesse ter feito com que Acropolita não acusasse Irene de regicídio não seja qualquer simpatia para com a imperatriz dos búlgaros para além do seu nascimento bizantino (ela não havia nascido em Niceia, o maior império herdeiro de Bizâncio, mas em Épiro, outra região anteriormente bizantina, o que faria dela uma compatriota de Acropolita). Ele, então, suprimiria esta participação para contribuir para uma melhor imagem pública de Irene Comnena por ela ser de Constantinopla.

Nesse caso, parece insensato assumir uma posição enquanto verdadeira; probabilidades e possibilidades atestam maior veracidade ao observador da história alguns séculos posteriores. No entanto, há de que se levar em consideração que os dois regentes principais, o sebastocrator Pedro e Mitso, haveriam de se casar com as filhas de João Asen II. Ambas as filhas de Irene casaram-se com os regentes citados: Ana casou-se com Pedro e Maria casou-se com Mitso. Dessa forma, o governo do jovem Miguel Asen estaria estabelecido através de regentes de confiança, uma vez que essa relação fora pavimentada através de matrimônios com a realeza. Irene poderia ter tido um assento na regência búlgara ou não, e poderia ou não ter desempenhado um papel no assassinato de Colomano, mas é inegável que, uma vez que seu filho tornara-se o governante búlgaro de facto e que os regentes estavam ligados à Irene por casamento, ela se tornou uma pessoa de influência incomparável com quaisquer que fosse na época do *tsar* Colomano.

Toda a conjuntura política conduz a estas conclusões que parecem indicar, realmente, a participação de Irene na morte de seu enteado. No entanto, os acontecimentos posteriores, junto com a ausência de comprovação das fontes, turvam as possibilidades e impedem uma leitura mais precisa dos eventos.

No entanto, depois de governar por cinco anos, Colomano morreu aos 12 anos, em agosto ou setembro de 1246. Jorge Acropolita tem duas versões dos acontecimentos: Colomano morreu de uma doença ou foi envenenado por seus inimigos. Acropolita não sabia dizer qual dessas possibilidades estava mais próxima da verdade, mas o assassinato pode muito bem ter sido orquestrado por sua madrasta, Irene, cujo filho, Miguel, tornou-se o novo *tsar*, embora também fosse menor de idade (deve ter tido 7 ou 8 anos). O Patriarca Búlgaro Bessarion, que serviu apenas durante vários meses, também morreu em setembro de 1246. Parece que era a favor da ideia de que a Bulgária deveria regressar à união com a Igreja de Roma. Mesmo que se ignore a coincidência no tempo das mortes de Colomano e Bessarion, é claro que o poder na Bulgária estava agora nas mãos de um grupo pró-ortodoxo que era hostil tanto à Hungria como ao catolicismo. Quem governou exatamente durante a minoria de Miguel permanece desconhecido. A sua mãe, Irene, poderia tê-lo feito, mas pode não ter estado em Târnovo naquela altura, porque, como mencionado acima, sabe-se que ela esteve em Tessalônica, apenas três meses depois de Miguel se ter tornado *tsar*. Alguns presumiram que o poder era exercido pelo sebastocrator Pedro, cunhado de Miguel. (MADGEARU, 2017, p. 236)

Esta atitude de Irene é coerente com a atitude dela mesma quando da morte de seu marido, anos atrás. Ela estava afastada do poder, afastada de Tarnovo, nas terras que um dia foram do antigo império Bizantino. Isso não a impede de ter encomendado ou participado da morte de Colomano, mas, se ela tivesse feito isto, suas atitudes demonstrariam uma maior participação no governo do reino ou ao menos um interesse político em curso? Não há como ter certeza, e as fontes demonstram justamente isso.

Por maior que possa ser considerada enquanto real a possibilidade de Irene ter possuído, direta ou indiretamente, participação na morte de Colomano, nada passa disso: possibilidades. As fontes abordadas não conseguem ir além das hipóteses e, infelizmente, o estudo de Lazarov e Zlatarski se provou inacessível aos mecanismos de busca utilizados neste trabalho. Servirá, portanto, como fortalecedor da possibilidade de não participação dela em qualquer ideia de regicídio.

De qualquer forma, Miguel Asen cresceu, ocupando o trono búlgaro, até o ponto de se casar. Considerando que a sua mãe se fez ausente em “seu” governo, seu pai havia morrido e não possuía irmãos mais velhos, pode-se pensar que as maiores influências em sua regência tenha sido de seus cunhados, o *sebastocrastor* Pedro, e Mitso também.

Sua entronização não provocou descontentamento, pois ele era o único herdeiro masculino da linhagem regente de Asen, após a morte do Rei Colomano Asen I. Sua mãe sedenta por poder, Irene, foi declarada rainha. Fontes da época retiveram comentários sobre suas origens reais, tanto do lado paterno quanto do materno.[...] No entanto, Irene Comnena não conseguiu coordenar as questões políticas internas e externas. Durante o seu reinado, a Bulgária perdeu vários territórios: “Trácia, Macedônia, Braničevo e o condado de Belgorod” (Bozhilov e Gyuzelev, 2006, p. 504). As fontes contemporâneas a ilustraram como uma tsarina muito inculta, que não tinha senso de percepção. Literalmente, o país não tinha um líder. Como consequência dos múltiplos descontentamentos, o czar búlgaro Miguel Asen II, junto com sua mãe, foram ambos vítimas da rebelião dos nobres aflitos. Eles foram removidos do governo pelo grande *sebastocrastor* Pedro [...]. Irene Comnena foi intitulada como freira, através do nome de Xenia e enviada para um convento. Seu título imperial não foi mantido. (ZABOLOTNAIA, 2012, p. 56)

Mesmo que haja este momento de influência do *sebastocrastor* Pedro, aparentemente, mesmo com sua ligação com a dinastia, esta influência não foi capaz de perdurar. Quando se casa, Miguel passa a ter outra figura de influência

para seu governo: o seu genro, Rostislav Mihailovich, ban (duque) de Mačva. E aqui se trata de mais uma imperatriz búlgara de relevância, desta vez, não bizantina; uma exceção nos exemplos, mas uma personagem de grande valor: a filha de Rostislav.

Após o casamento, Rostislav passou a exercer grande influência na regência búlgara. No entanto, ele não era búlgaro de nascimento. Aristocrata russo com propriedades na Hungria, Rostislav era um indivíduo poderoso, casado com a filha do rei húngaro. A Bulgária, cercada por reinos mais fortes que ela (Hungria e Bizâncio), precisava de aliados fortes. Pode-se dizer que Miguel Asen teve um reinado marcado por conflitos bélicos, uma vez que assumiu o trono ainda mais novo que seu irmão, Colomano. A Bulgária resistiu, e em 1255, um importante passo diplomático foi dado.

Pode-se presumir que, para proteção adicional, Miguel Asen fez as pazes com a Hungria. Foi uma ação sábia, que teve em conta a situação ainda frágil da Bulgária numa área ainda controlada, embora à distância, pela Horda Dourada. Para selar a paz com a Hungria, o tsar casou-se com Ana, filha de Rostislav Mihailovich.

(MADGEARU, 2017, p. 240)

Como Miguel ainda não era maior de idade, ainda necessitava de uma regência, o que significava que governantes outros (como *boiardos*, por exemplo) assumem funções que suas posições, em situações normais, não alcançariam. Os *boiardos* se dividiam em facções, e a aproximação com a Hungria (e com o catolicismo, conseqüentemente) representava uma aproximação com uma facção *boiarda* em detrimento das outras. A situação ficou crítica em 1256.

Como o governante dos búlgaros não tinha sido capaz de realizar nada contra os romanos [...] ele recorreu à negociação e arranhou para o seu sogro, o Russo Ouro, genro do rei da Hungria, para mediar assuntos relativos à paz. [...] E ele foi recebido pelo monarca com alegria e com a devida munícipe, tanto ele quanto aqueles que estavam com ele, e concluiu o tratado de paz, fazendo um juramento que obrigava ele e também seu genro, o governante dos búlgaros, a libertar a cidade de Tzepaina ao imperador (pois, dos lugares que o imperador João tinha governado, apenas este era mantido pelos búlgaros) e o imperador teria paz com os búlgaros e cada parte ficaria contente com suas antigas fronteiras. Quando tudo foi organizado desta forma, de acordo com o julgamento do governante, o Ouro falou o palavras de despedida e saída, tendo obtido favores imperiais, os presentes arrecadados totalizaram 20.000 e foram de todos os tipos, cavalos e tecidos

e outras coisas. O imperador ficou na região de Regina, aguardando a cessão de Tzepaina.
(MACRIDES, 2007, p. 303-304)

O russo Ouros, citado por Acropolita, é justamente Rostislav Mihailovich. Ele negociou um tratado de paz com os nicenos e garantiu paz nas fronteiras norte e sul. Mas a questão que selou o acordo de paz causou controvérsias entre os búlgaros, uma vez que, após a morte de João III Ducas Vatatzes, Miguel e seus regentes haviam conseguido conquistar vastas quantidades de território, recuperando muito das antigas terras de João Asen II.

Após a morte do imperador João III Vatatzes em 4 de novembro de 1254, Miguel Asen aproveitou o pequeno número de forças bizantinas restantes na parte ocidental do Império para recuperar os territórios perdidos alguns anos antes. No final de 1254, o seu exército atravessou o rio Maritsa e conquistou o thema de Achridos na área central das montanhas Ródopes. Este território ficava no vale do rio Arda e incluía as fortalezas de Stenimachos, Peristitza (agora Peruštica), Kritzimos e Tzepaina. Miguel Asen também tomou Skopion e várias fortalezas nos arredores de Adrianópolis. Ele podia agora orgulhar-se de governar um território quase tão grande como o detido pelo seu pai, João Asen II [...]. Como a população dessas regiões era principalmente búlgara, os habitantes locais acolheram Miguel Asen como um libertador.
(MADGEARU, 2017, p. 240)

Por este motivo, ao assinar a paz com Niceia entregando parte destas terras de volta aos nicenos, com o acréscimo de 20000 presentes, segundo Acropolita, e como ele não especifica de que se referiam estes 20000 presentes, apenas afirma que se tratava de coisas como cavalos e tecidos, pode se pensar que se cedeu 20000 de tudo que foi cedido. Há um termo específico nesta citação, *thema*, que há de ser tratado posteriormente. Por hora, basta afirmar que se tratava de uma grande porção territorial. Por este motivo, talvez, concordar com as concessões aos nicenos tenha sido considerado intolerável para alguns *boiardos*. Isto as facções *boiardas* de oposição não foram capazes de tolerar e resolveram tomar uma atitude, matando Miguel. Ana, filha de Rostislav, cuja importância foi indicada anteriormente, cresce em relevância, ao casar (forçosamente) com o pretendente ao trono de maior *status* naquele momento: Colomano, filho do *sebastocrator* Alexandre, último Asen pela linhagem masculina.

Enquanto isso, na Bulgária, no final de 1256 (provavelmente em dezembro), um grupo de boiardos decidiu matar o tsar Miguel e substituí-lo por seu primo Colomano, filho do irmão de João Asen II, Sebastocrator Alexandre. Os conspiradores atacaram Miguel,

que morreu logo depois devido aos ferimentos. As reivindicações de Colomano ao trono eram fortes, pois ele era o membro masculino de posição mais elevada da dinastia ainda vivo. Para promover suas reivindicações, ele se casou à força com a viúva de Miguel, filha de Rostislav de Mačva. Parece que Colomano realmente tomou o poder brevemente, embora possivelmente não detivesse nada além de Tarnovo e arredores; ele enfrentou forte oposição desde o início, parte da qual veio de parte do exército. Assim, ele não conseguiu consolidar o poder e teve que fugir de Tarnovo quase imediatamente. Ele foi capturado em fuga e morto. Não se sabe se Colomano foi o iniciador da conspiração contra Miguel ou apenas a ferramenta de uma facção boiarda.
(FINE JR., 1987, p. 171)

Eliminando Miguel, foi eliminada a regência, e provavelmente os *boiardos* que o mataram pensaram que assumiriam o poder através do próximo Asen na linha de sucessão. Voltando um pouco aos filhos e filhas de João Asen II: do seu primeiro casamento, vale lembrar que Miguel era o último representante masculino (pois ainda permanecia vivo o *sebastocrator* Mitso, casado com uma das filhas de João Asen II, Maria) da linhagem de João Asen II vivo, e o trono (até este momento) era transmitido justamente pela linhagem masculina. O herdeiro de Miguel justamente era um dos conspiradores, seu primo Colomano, filho do irmão de João Asen II, o *sebastocrator* Alexandre. Para solidificar sua ascensão ao trono, Colomano II casou-se à força com a filha de Rostislav, sem dúvidas buscando apoio e legitimidade. Este erro custou caro.

Pouco antes de sua morte, como observado, o tsar Miguel casou-se com a filha de Rostislav, genro do rei da Hungria e desde 1254 Ban de Mačva. O banato de Rostislav fazia fronteira com a província búlgara de Vidin. Para proteger sua filha, Rostislav invadiu a Bulgária no início de 1257. Parece que ele a estava usando como desculpa para adquirir o trono búlgaro para si, um plano que os húngaros favoreciam, pois com isso a Bulgária cairia sob a suserania húngara. Rostislav apareceu às portas de Tarnovo. Dentro da cidade, uma facção boiarda assumiu o controle. Não é certo se esses boiardos já haviam, antes da chegada de Rostislav, deposto Colomano e assumido o controle, ou se, com o aparecimento de Rostislav, sem confiança na capacidade de Colomano de defender a cidade, eles se voltaram contra ele. Embora às vezes se afirme que Rostislav obteve Tarnovo por um breve período, apenas para encontrar tanta oposição que foi forçado a se retirar, parece que ele provavelmente nunca obteve a posse da cidade. Nenhuma fonte bizantina afirma que Rostislav alguma vez adquiriu Tarnovo. Acropolita diz apenas que Rostislav atacou Tarnovo e recuperou sua filha. Ela poderia muito bem ter sido entregue, sob demanda, a forças ainda fora da cidade. Os boiardos não deveriam ter tido objeções em entregá-la. Se Rostislav tivesse tomado a cidade ou se instalado nela, presumivelmente Acropolita teria mencionado isso.
(FINE JR., 1987, p. 171)

Estas ações provocaram uma guerra civil na Bulgária, que não vale mergulhar profundamente neste momento, uma vez que não faz parte da análise acerca das *tsaritsas* e seus papéis. O pivô do início desta guerra civil fora justamente o casamento forçado entre Colomano II e a filha de Rostislav, Ana. O detalhe é que apenas recentemente se descobriu o seu nome, que estava ignorado nas penúmbrias do esquecimento da história.

O mediador da paz, 'o Ouros Russo', chamado de 'o governante dos Russos' e 'o urso' por Teodoro II em sua carta ao leste (Epistulae, 280.40; 281.87-8), é Rostislav Mihailovich, genro do rei húngaro Bela IV e sogro de Miguel II Asen, que se casou com sua filha Anna. O seu nome foi recentemente descoberto através de uma nova leitura das inscrições junto aos retratos de Miguel II e da sua esposa na igreja dos Taxiarcas, Kastoria. (MACRIDES, 2007, p. 304)

A passagem produzida pela tradutora/editora de Acropolita, Ruth Macrides, demonstra a magnitude da essência do que se trabalha neste recorte. Não se pode afirmar que, caso as coisas tivessem se passado de outra maneira, não haveria uma guerra civil, mas as coisas tendo se passado como se passaram, a importância de Ana, filha de Rostislav, para o estopim deste conflito de 1256 é grandioso, e apenas recentemente, segundo as fontes (Macrides, tradutora de Acropolita, não diz quando esta descoberta foi feita, mas provavelmente entre 2016 e 1987, uma vez que Fine Jr. demonstra não conhecer seu nome, enquanto Madgearu já a nomeia com naturalidade), portanto, pode-se pensar que as fontes búlgaras clássicas, como Angelov ou Mutafchiev, não puderam a reconhecer pelo nome. Talvez esta “descoberta”, realizada por Zlatarski no afresco da igreja de São Arcanjo Miguel ainda seja objeto de debate na historiografia búlgara; se realmente seria ela ou a sua sogra, Irene. Curiosamente, até esta releitura do afresco, não se sabia o nome dela, aparentemente. Isso salta deveras aos olhos, ao retornar ao que Georgieva afirmou, no princípio deste capítulo, acerca daquilo que seria função da mulher búlgara, converter-se enquanto carne, silenciosa e obediente. Ana, filha de Rostislav, torna-se grandiosa pelo seu significado histórico, mas foi apequenada ao ponto da ignorância nominal até recentemente.

As ações do passado já possuíam uma discrepância de papéis sociais das mulheres para os homens. Ana de Mačva, por maior que tenha sido seu protagonismo enquanto personagem histórico, ainda esteve condicionada à uma

limitação e, em meio a isto, desenvolveu sua trajetória. Ana provavelmente não realizou grandes ações políticas, mas os eventos que a envolveram a tornam maior do que a historiografia fora capaz de registrar até pouco tempo, mas ainda assim o fez dentro de um recorte que a limitava ao que Georgieva chamou de tráfico da carne: o casamento.

Fontes históricas testemunham outros casamentos dinásticos de princesas búlgaras com governantes cristãos vizinhos. Eles fazem parte principalmente de um acordo de paz, ou seja, uma espécie de garantia da sua observância, ou então acompanhar a conclusão de uma importante aliança política.
(KOMSALOVA, 2015, p. 354)

Esta realidade não impedia totalmente as imperatrizes de exercerem um papel de influência maior do que aquele que a lhe impunham. Algumas próprias imperatrizes representadas neste texto representam este fenômeno:

Para algumas das rainhas búlgaras, há evidências de que participaram ativamente na vida política do Segundo Reino Búlgaro e, neste sentido, foram além do papel de "esposa", "mãe" e figura de proa no complexo cerimonial do palácio. Os sinais externos deste poder real, essencialmente público, são a representação nas moedas, o título, as roupas especiais e, sobretudo, a coroa real, o direito de ser fundadora e doadora, bem como a possibilidade de legitimar o poder do novo governante através do casamento [...]. Como consequência deste poder real da tsarina durante o período do Segundo Estado Búlgaro, foi necessária a prática de enviar as mães dos reis adultos que chegaram ao poder para um mosteiro, e o mesmo aconteceu com as ex-esposas, abandonadas na maioria das vezes por razões políticas, mas também há exemplos de "interesses amorosos". É por isso que também existem muitos ex-tsarinas que se tornaram freiras.
(KOMSALOVA, 2015, p. 354)

Nesta citação Komsalova retrata o caso da *tsaritsa* Irene Comnena, e aquilo que possivelmente se passou com ela. Partindo do princípio que ela deixa de ser mencionada após a morte de seu filho tanto pelas fontes de época quanto pelas contemporâneas, isto pode muito bem ter sido o seu caso. Mas há, ainda, mulheres que conseguem ir além deste ponto, e conseguem ser mais participativas nos eventos históricos. Isso se torna particularmente notório com o início da guerra civil de 1256. Após a morte de Miguel Asen, todos os homens da dinastia Asen, a partir de João Asen II, estavam eliminados. Para além da prole deste *tsar* restava apenas um membro masculino desta dinastia, justamente Colomano, que viria a ser Colomano II. Ele era filho do *sebastocrator* Alexandre, irmão de João Asen, e o último herdeiro desta dinastia

pela linhagem masculina. Quando ele foi morto, a dinastia não morreu com ele, porque, afim de manter os Asen vivos, essa legitimidade da herança foi transferida às mulheres, o que representou um fenômeno de vanguarda em termos de conquistas políticas às *tsaritsas*.

No período do Segundo Estado Búlgaro, o papel do governante búlgaro cresceu ainda mais. Isto refere-se principalmente à legitimação do título de governante através do casamento com a rainha búlgara "em exercício" ou Asenevka, que se tornou especialmente necessária após o fim da dinastia Asenevtsi na linha masculina direta com os assassinatos em 1256-1257. Das rainhas búlgaras que conseguiram, de uma forma ou de outra, não apenas exibir as insígnias dos governantes, mas também exercer de fato o poder político, entre elas, as duas rainhas, a "Epirota" Irene Comnena e a chamada Esmiltsena, bem como as duas esposas sucessivas do tsar Constantino Tikh Asen — Irene e Maria. Estando no trono búlgaro, todas as quatro, cada uma de acordo com a sua compreensão, interesses e capacidades, agiram precisamente como rainhas búlgaras e neste sentido podemos caracterizá-las como aristocratas "búlgaras" [Komsalova, R. 2004, p. 58]. O papel de cada uma delas é o resultado da confluência específica de circunstâncias, que permite a estas rainhas dispor dos mecanismos de poder e participar na condução da política externa búlgara, e em determinadas situações ditá-la. (KOMSALOVA, 2015, p. 355)

É interessante a citação de Esmiltsena por Komsalova, ao ponto de ela conquistar seu direito ao holofote por mérito próprio, neste trabalho, escapando ao recorte cronológico abordado, mas é uma leitura ainda a ser realizada posteriormente. Por mais que Komsalova, em sua obra, coloque a *tsaritsa* Irene Comnena como regente de seu filho, Miguel, e esta trata-se de uma hipótese fraca (mas ainda válida: não é porque ela não estava na cidade de Tarnovo que ela não pode ter regido por seu filho, em Tessalônica, no estrangeiro), mas a possibilidade, apesar de ainda indescartável, parece realmente fraca. Georgieva parece ser a única a desenvolver a hipótese do regicídio para além da obra, e conduz à uma hipótese acerca da ausência de participação política direta na regência do filho (motivo, aliás, que parece ser suficiente para descreditar este assassinato, pois se ela tivesse realizado o ato, quem seria maior defensora dos interesses e da segurança de Miguel Asen do que a sua própria mãe, que, por isso, seria sua primeira regente?)

Resumindo, se assumirmos, seguindo a tradição, que a tsarina Irene estava à frente do estado como guardiã do tsar Miguel Asen, teremos que descrever o seu papel no governo desta forma: Ao garantir o trono para ela filho ou, provavelmente, mesmo antes disso, ela conseguiu cercar o governante menor

de idade com pessoas leais e confiáveis (outra questão é o quão capazes eles eram) a quem ela confiou o verdadeiro governo do país. Esse povo governava invariavelmente em nome de Miguel, o que criou a impressão de que o tsar búlgaro governava como um governante autossuficiente de idade. Presumivelmente, Irene concebeu os casamentos das suas filhas de modo a aproximar ainda mais os mais devotados adeptos da dinastia aos seus interesses. Sem interferir na política liderada pelos governadores Pedro, Mitso e, mais tarde, Rostislav, a tsarina manteve para si o status de pessoa de maior posição no tsarismo junto com seu filho e expressou isso com as moedas cunhadas nessa época.
(GEORGIEVA, 2010, p. 119)

Há, entretanto, o destaque que a imperatriz trouxe para duas *tsaritsas* que foram capazes de alcançar um destaque maior para além daquele que o casamento limitava: as esposas de Constantino Tikh. Após o início da guerra civil de 1256, entre Rostislav Mihailovich, que entrou na guerra por sua filha, em teoria, Mitso, que assumiu o nome Asen da sua esposa, e, por isso, tornou-se um pretendente (era o mesmo Mitso que era regente de Miguel Asen) e, posteriormente, Constantino Tikh, o *boiardo* candidato ao trono escolhido pelos outros *boiardos* para ser o novo *Tsar*.

Os estudiosos há muito discutem quem realmente governou a Bulgária após o assassinato de Miguel; portanto, as listas dos tsares búlgaros variam de estudo para estudo. O problema é complicado não só pelo facto de uma variedade de indivíduos terem reivindicado o título de tsar, alguns dos quais quase certamente nunca, nem mesmo brevemente, detiveram o poder em Tarnovo, mas também porque as nossas três fontes não concordam. É digno de nota, contudo, que nenhum deles afirma que Rostislav alguma vez foi tsar em Tarnovo. Após o assassinato de Miguel, relata Acropolita, Colomano teve sucesso, apenas para ser deposto; então, após novas desordens, Constantino Tikh foi eleito. Acropolita afirma especificamente que não houve outra pessoa com direito a tsar em Tarnovo entre a fuga de Colomano e a eleição de Constantino Tikh; uma facção boiarda comandou Tarnovo nesse ínterim. Pachymeres tem Constantino Tikh sucedendo diretamente a Miguel, não tendo nenhuma outra figura reconhecida como tsar em Tarnovo. Assim, aceitar Pachymeres significaria que os apoiantes de Colomano, tendo assassinado Miguel, não foram capazes de colocar Colomano no poder e Colomano teve de fugir sem se tornar tsar. Gregoras afirma que Mitso sucedeu Miguel em Tarnovo apenas para ser deposto por Constantino. Assim, ao descrever a Bulgária após o assassinato de Miguel, uma fonte mostra Constantino emergindo rapidamente em Tarnovo como sucessor, enquanto as outras fontes têm um governante interino antes de Constantino, num caso o assassino Colomano, no outro Mitso.
(FINE JR., 1987, p. 172)

Sobre a guerra civil, neste momento não vale o aprofundamento, basta o reconhecimento da vitória de Constantino Tikh. O detalhe está na busca pela

legitimidade: através de mulheres Asenidas. O casamento, se considerar enquanto verdadeiro o que Georgieva afirmou sobre tráfico de carne, passou a ser, também, tráfico de nome, desta vez para os homens. Colomano II já havia buscado o casamento para melhor assentar a sua autoridade, mas ainda sem a adição do nome, acréscimo esse que Constantino Tikh pode ter considerado necessário para sua reivindicação, uma vez que Mitso já era casado com uma Asenina e poderia reivindicar este nome para si. Isso poderia representar um diferencial em termos de apoio para um candidato ou outro e, nesse caso, Constantino sairia em desvantagem.

Com a morte de Colomano II, a dinastia Asenida foi extinta na linha masculina. No entanto, continuou com uma mulher, nomeadamente com a imperatriz do homem que os boiardos elegeram para substituir Colomano II. Constantino, filho de Tikh, era um aristocrata sérvio de Spokie, descendente do rei sérvio Estêvão Nemanja (o nome de Tikh é uma abreviatura de Tikhomir, seu irmão mais velho). Depois de ser obrigado a abandonar sua primeira esposa, Constantino casou-se em 1258 com Irene, filha de Teodoro II Lascaris e de Maria, filha de João Asen II. Ele, portanto, entrou na família Asenida como sobrinho de João Asen II por casamento, recebendo o nome de Constantino Asen (MADGEARU, 2017, p. 243-244)

Há de se notar que não necessariamente a nova esposa de Constantino Tikh seria nomeada “Asen”, mas seu sangue materno lhe garantiu a autoridade e a legitimidade para torná-lo “mais búlgaro” e solidificando sua ascensão. Pode-se dizer que, neste momento, ele era um *tsar* forte: havia sido escolhido imperador pelos próprios *boiardos*, estava em processo de vencer a guerra civil de 1256, havia se legitimado enquanto um Asen através do casamento (Madgearu, a partir deste casamento, tende a chamá-lo não de Constantino Tikh, mas de Constantino Asen) e, no processo, assumido uma aliança com Niceia, o maior e mais forte império herdeiro do império Bizantino após a quarta Cruzada, em 1204. No entanto, eventos no estrangeiro acabaram por minar esta posição, ou apenas iniciaram o processo, e estes eventos colocaram a imperatriz Irene Lascarina sob os holofotes políticos búlgaros, e, assim, impactando no presente recorte:

Em julho de 1261, como observado, os nicenos recuperaram Constantinopla, e podemos chamá-los novamente de bizantinos. Até então, Constantino Tikh era aliado deles. No entanto, como vimos, apenas Miguel VIII Paleólogo veio para Constantinopla, onde só ele foi coroado novamente. João IV Lascaris foi deixado para trás em Niceia, onde no final de 1261 foi cegado e deposto.

A esposa de Constantino Tikh era irmã do menino deposto. As relações deterioraram-se imediatamente e fontes deram à esposa de Constantino um papel importante em incitá-lo a agir contra Miguel VIII e Bizâncio. Ao mesmo tempo, os bizantinos parecem ter entrado em contacto com Mitso e estar prestes a apoiá-lo.

(FINE JR., 1987, p. 174-175)

Em 1258, Teodoro II Lascaris pode ter parecido um adequado candidato a aliado para Constantino, o que não poderia obrigatoriamente significar uma crise após a morte de Teodoro, no mesmo ano, e a ascensão ser para com um menino de oito anos de idade, João IV Lascaris, uma vez que o império de Niceia poderia ser considerado uma potência local na região dos Bálcãs naquele momento da história. Justamente por este motivo, Teodoro pode ter concordado com este matrimônio, na espera de influenciar, quiçá governar, eventualmente, o segundo império búlgaro.

Irene veio para Tarnovo porque seu pai, o imperador de Niceia, estava tentando se beneficiar da crise dinástica na Bulgária após o assassinato de Miguel Asen. Para esse efeito, Teodoro II Lascaris apoiou a ascensão de Konstantino Tikh ao trono e deu-lhe a sua filha, Irene, em casamento. Parece que Teodoro II queria muito usar esse casamento para exercer influência sobre a política búlgara e para se manter informado sobre o estado de espírito em Tarnovo, porque ofereceu a Konstantino Tikh a mão da sua filha primogênita.

(GEORGIEVA, 2010, p. 121)

Mas quando Miguel VIII Paleólogo o depõe, ele sendo irmão da *tsaritsa* búlgara, esta deposição torna-se uma declaração de hostilidade, praticamente. Irene Lascarina tornou-se, a partir deste momento, uma inimiga ferrenha do reforjado império Bizantino.

Destronando e cegando João IV em dezembro de 1261, ele fez da tsarina Irene sua inimiga jurada. Ela usou a sua posição e tentou exercer pressão sobre Konstantino Tikh Asen para virar a sua política contra Miguel VIII. Até então, o governante búlgaro, absorto nos acontecimentos na fronteira noroeste do estado, não impediu nem apoiou os niceanos na sua luta por Constantinopla. [...] Obviamente, não foi muito difícil para Irene atingir os seus objetivos, especialmente quando a Hungria estava envolvida numa guerra interna e aliviou o perigo para a Bulgária a partir do noroeste. Portanto, havia razões sérias para as relações tensas entre os governantes da Bulgária e de Bizâncio e a questão é se essas razões foram suficientes para fazer Konstantino Tikh superar a sua indecisão.

(GEORGIEVA, 2010, p. 122)

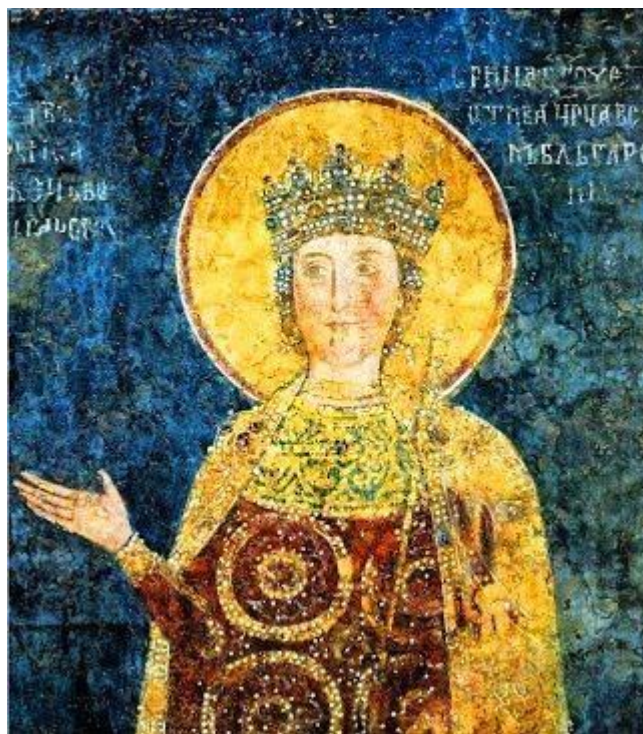


Figura 27: Irene Ducena Lascarina, representada, à esquerda de seu marido, Constantino Tikh (não visualizável) no afresco na igreja em Boyanna, Sófia. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. [São Francisco, CA: Wikimedia Foundation, 2016]. Disponível em: <https://en.m.wikipedia.org/wiki/File:IrinaLaskaris.jpg>. Acesso em: 11 de julho de 2024.

Esta indecisão trata-se justamente pela instabilidade presente no reino a noroeste da Bulgária, a Hungria, que passava por turbulências envolvendo justamente Rostislav Mihailovich, e as consequências que a sua morte trouxe para os dois reinos, Hungria e Bulgária.

Ao mesmo 1262 grandes mudanças ocorreram nas províncias do Sul dos Húngaros. Primeiro Rostislav morreu. Suas terras foram divididas entre dois filhos; Sua parte da Bósnia - no norte da Bósnia, perto do baixo Drina, foi para o seu filho mais velho, Miguel, enquanto Mačva, incluindo Belgrado e a província de Braničevo foi para o filho mais novo Bela. O destino imediato de Vidin não é conhecido. No mesmo ano, o rei Bela IV da Hungria, tendo feito essas concessões aos filhos de Rostislav, que também eram seus netos, decidiu também fazer algumas mudanças em seus territórios periféricos. Ele pegou Eslavônia, Dalmácia e Croácia, que até então já estava sob seu filho mais velho e herdeiro, Estevão V, e que agora se tornara o apanágio, por direito, para o herdeiro do trono, e os designou a um filho mais novo chamado Bela. Estevão V ficou enfurecido e imediatamente revoltado contra seu pai. Na luta que se seguiu em 1262, Estevão saiu por cima. O pai e o filho concluíram uma paz em 5 de dezembro de 1262, mas o pai não foi pacificado. Suas antigas relações cordiais eram uma coisa do passado e as tensões daqui em diante marcavam seu relacionamento. E os nobres, que haviam dividido durante a guerra em 1262, permanecessem divididos, incitando seus patronos para uma outra ação. O Tratado de Dezembro de 1262 permitiu que

Estevão V retenha o território ao norte do Danúbio ao longo da fronteira da Bulgária.
(FINE JR., 1987, p. 175)

Por quê um conflito civil húngaro entre pai e filho interfere na conjuntura búlgara? Porque na fronteira com aquele reino, na região de Vidin, que um dia foi controlada por Rostislav, pertencia a um aristocrata importante, chamado Jacó Esvetoslau, que possuía grandes propriedades e exercia bastante influência na esfera de poder local, e, por este motivo, se permitia trocar de fidelidade de um reino para outro. Ele poderia ter assumido o controle de Vidin quando da morte de Rostislav, apesar de isso não estar nem um pouco claro (em termos imediatistas). Em caso de aliança deste com o reino húngaro, a Bulgária ficaria seriamente enfraquecida diante deste inimigo. Por isto, os eventos na Hungria eram especialmente relevantes para Constantino Tikh naquele momento. Como a Hungria demonstrava interesse na região de Vidin desde a época de Rostislav, o sinal do expansionismo húngaro passava por aquela região. Durante a década de 1260, as relações entre os reinos da Hungria e da Bulgária atravessam diretamente o caminho de Jacó Esvetoslau.

Leal à Bulgária até então, Jacó Esvetoslau pode já ter ambicionado uma maior independência. Estêvão V, por outro lado, procurava um novo protegido no terreno para representar os interesses húngaros no sul e evitar que Tarnovo recuperasse Vidin, que agora parecia vulnerável no vácuo de poder criado pela morte de Rostislav. Livres no momento da guerra entre Bela IV e Estêvão V, os húngaros enviaram ajuda, expulsaram os bizantinos das terras de Jacó Esvetoslau e depois continuaram para sul para atacar o território bizantino. Quando a poeira baixou, Jacó Esvetoslau concluiu um tratado com a Hungria pelo qual lhe foi concedida a província de Vidin e aceitou a suserania húngara não apenas para aquela província, mas também para o seu próprio território no sudoeste da Bulgária. Assim, Tarnovo sofreu a secessão de outras terras [...]. Presumivelmente, apenas o ataque bizantino em 1263 impediu Constantino de avançar contra Vidin naquele ano. E é evidente que das suas duas ambições, a guerra contra Bizâncio assumiu uma prioridade mais elevada do que a guerra contra a Hungria, possivelmente devido ao forte desejo de vingança da esposa de Constantino contra Miguel VIII, o usurpador. Assim, a apressada atribuição de Vidin a Jacó Esvetoslau em 1263, no decurso da guerra bizantina, parece ter impedido os búlgaros de recuperar Vidin após a morte de Rostislav. E Tarnovo sabia que uma tentativa de recuperar Vidin deslocando Jacó Esvetoslau levaria à guerra com os seus protetores húngaros. Assim, a Hungria conseguiu assegurar a retenção destas terras do sul.
(FINE JR., 1987, p. 176-177)

Toda a sutileza das relações que eram exigidas para com Jacó Esvetoslau encontravam, por outro lado, o impulso de Irene Lascarina de realizar ataques

contra Miguel VIII Paleólogo, em Constantinopla. A atitude de Constantino Tikh para com Jacó Esvetoslau demonstra a fragilidade militar da Bulgária neste momento. A cautela em não provocar os húngaros além do limite do “aceitável” é contrastado com o desejo de vingança de Irene Lascarina por outro lado. A aliança com Niceia, que deveria ser o pilar de estabilidade no casamento de Constantino com Irene, agora transformava a situação política da Bulgária em algo mais desesperador, por estar, agora, cercada por dois reinos mais fortes militarmente e hostis.

O ponto de aliança e estabilidade, Irene Lascarina, tornou-se um catalisador do conflito e da guerra, uma que Constantino não era capaz de triunfar. Ela era neta de João II Asen, uma opção de aliança, nos termos medievais (através do casamento) com o reino de Niceia. Talvez, se Miguel VIII Paleólogo nunca tivesse prevalecido sobre João IV Lascaris, essa união devesse ter sido representada na prática aquilo que Constantino e os *boiardos* desejavam, mas, após a retomada de Constantinopla, a situação era totalmente diferente. Não se pode pensar a conjuntura política dos Bálcãs na década de 1260 sem levar em consideração o papel da *tsaritsa* Irene Lascarina.

Mais tarde, Pachymeres enfatizou várias vezes a influência que a tsarina Irene teve nas decisões políticas de Konstantino. Toda a corte bizantina sabia da influência dela sobre o tsar búlgaro [...] A personalidade de Konstantino deu a Irene a oportunidade de assumir um papel de liderança na definição da política externa búlgara em relação a Bizâncio, pelo menos era assim que os seus contemporâneos pensavam, a julgar por Pachymeres. Esta é a forma como o escritor bizantino apresentou as relações entre a Bulgária e Bizâncio naquela época: “O povo da Bulgária não queria permanecer em paz principalmente por causa da hostilidade e do ódio que Irene, a primogênita das filhas de Teodoro Lascaris, sentia pelo Imperador. Ela instou fervorosamente seu marido Konstantino a devastar as terras de Paleólogo como vingança, é claro, pelo que o imperador havia feito a seu irmão João”. Mas Pachymeres continuou: “Por outro lado, os búlgaros ameaçaram invadir principalmente através de Trácia porque Irene, a esposa do governante búlgaro Konstantino, insistia constantemente com o marido, liderada pelo seu ódio pelo imperador.” E mais uma citação eloquente: “No que diz respeito aos búlgaros, o imperador não os deixou em paz, também, mas os irritou por perto. De qualquer forma, o ódio de Konstantino pelo imperador era óbvio, pois ele foi incitado por sua esposa Irene, por causa do irmão dela, João...” Enquanto esta tsarina ainda vivia, Constantino Tikh Asen travou duas guerras contra Bizâncio: em 1262-1263 por conta própria, e em 1264-1265 [...] Ambas as vezes os búlgaros não obtiveram sucesso. Qual foi o motivo das falhas? Foram culpa de Irene, porque ela não conseguia avaliar corretamente a conjuntura

política e a única coisa que levou em consideração foram os seus sentimentos e o seu desejo de vingança, por isso instou Constantino a travar uma guerra contra Bizâncio? Ou foi culpa de Konstantino: porque foi ele quem teve de executar os planos políticos, mas não conseguiu? Ou os fracassos foram devidos à crise que o Estado búlgaro estava a sofrer após a morte de João II Asen? As respostas a essas perguntas são difíceis de encontrar. É por isso que não podemos fazer qualquer avaliação real de Irene como uma política com um papel ativo nos acontecimentos na Península Balcânica.
(GEORGIEVA, 2010, p. 123)

Talvez toda a relação por trás de Miguel VIII e Constantino fosse pautada justamente no desejo de vingança de Irene para com Paleólogo. Constantino buscou o casamento com ela justamente para estabelecer estabilidade e legitimidade para sua reivindicação ao trono, e ela passou a ser um obstáculo para ele na busca por estabilidade. Até que ponto as relações belicosas da Bulgária para com Constantinopla passavam pela *tsaritsa*? Será que havia ódio genuíno de Constantino para com os bizantinos ou seria apenas devido à posição da sua esposa para com o imperador romano? Pois, quando Irene morreu, Constantino buscou outro casamento. Como ele já havia herdado de Irene o seu nome (adotado) de Asen, ele não precisava mais da legitimidade que o casamento com Irene havia lhe proporcionado (ou algo assim ele deve ter considerado), mas estava extremamente necessitado de estabilidade. Tanto o questionamento a respeito de seus sentimentos para com os bizantinos quanto a urgência desta estabilidade se tornaram claras no último casamento do *tsar*, e surge a última das imperatrizes búlgaras nascidas bizantinas a serem estudadas neste texto: Maria Paleóloga Cantacuzena.

Com a morte de Irene, Konstantino Tikh se casou novamente. Chegou a hora de Miguel VIII Paleólogo escolher e enviar-lhe a nova esposa. Para Bizâncio, este casamento fez parte dos seus esforços para paralisar o estabelecimento de mais uma coligação antibizantina com Carlos d'Anjou à frente. O imperador estava tão preocupado que não só foi forçado a entregar a sua sobrinha ao governante búlgaro, mas também prometeu dar Mesembria e Anchialos como dote da futura esposa de Konstantino. Para Konstantino Asen foi uma boa oportunidade para retomar as cidades costeiras sem derramamento de sangue. Como resultado, mais uma princesa bizantina veio a Tarnovo, acompanhada por uma grande comitiva.
(GEORGIEVA, 2010, p. 124).



Figura 28: Maria Paleóloga Cantacuzena foi a última princesa bizantina enviada para Tarnovo afim de desposar um tsar “Asen”. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. [São Francisco, CA: Wikimedia Foundation, 2016]. Disponível em: https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:G_bogdanov_marija.jpg. Acesso em: 11 de julho de 2024.

Através deste casamento, a Bulgária (e, conseqüentemente, Constantino Tikh) esperava conseguir estabilidade para com seus vizinhos sulistas, e para o Império Bizantino, restou a expectativa do impedimento búlgaro de aliança com uma frente unificada anti-Bizâncio, que não cabe maiores aprofundamentos neste trabalho. Através de mais um casamento, era esperado que a união

representasse a restauração do equilíbrio e um fortalecimento do reino búlgaro. Mas, antes de seguir adiante, vale destacar que, nessa época, Constantino Tikh já havia sido lesionado de maneira irreversível.

Para agravar ainda mais os problemas da Bulgária, o próprio Constantino ficou incapacitado. Em 1264 ou 1265 ele caiu de um cavalo e, dizem, quebrou gravemente a perna. É evidente que seus ferimentos foram mais graves do que isso, pois ele ficou paralisado da cintura para baixo e teve de ser carregado numa liteira ou carroça. Assim, a sua própria liderança pessoal dos exércitos tornou-se quase impossível, com o resultado de que o seu controle sobre o seu reino diminuiu. [...] Os bizantinos, preocupados com a ameaça de Carlos de Anjou, contudo, tinham interesse em melhorar as relações com a Bulgária. Embora provavelmente não corressem o risco de perder grandes fortalezas para os búlgaros, obviamente queriam poupar-se de ataques de pilhagem. Assim, em 1268, Miguel VIII apresentou uma proposta de paz à Bulgária. Ele ofereceu a Constantino Tih, agora viúvo, sua sobrinha Maria como noiva e concordou que como dote ela traria de volta à Bulgária as duas cidades recentemente perdidas do Mar Negro, Mesembria e Anchialos, cuja perda era a principal queixa da Bulgária contra Bizâncio. O casamento ocorreu, ao que parece, em 1269. Não é certo se os bizantinos alguma vez pretenderam render aos búlgaros estas duas cidades (ambas eram militar e comercialmente importantes). No entanto, na data prevista para a entrega, os bizantinos estavam numa posição suficientemente forte para renegar a sua promessa. (FINE JR., 1987, p. 180)

A década de 1270 se inicia com o reino búlgaro com um rei paralisado, uma nova rainha, inimigos com laços de amizade entre si e a compreensão de que o casamento com Maria Cantacuzena não traria a estabilidade necessária. Mesembria, particularmente, era uma região bastante importante, hoje nomeada de Nessebar, próxima de Burgas, e Anchialos se destacava, também, por ser uma região produtora de sal. Essas regiões estavam entre as que o *Tsarstvo* havia perdido o controle para os bizantinos, no momento em que Mitso rendeu esta região ao império do sul como forma de garantir seu apoio na última guerra civil contra Constantino Tikh.

Enquanto isso, no final de 1262 ou início de 1263, Constantino parece ter decidido eliminar Mitso, pois marchou para o principado deste último e sitiou a capital de Mitso, Mesembria. Mitso, que se encontrava dentro da cidade, procurou ajuda dos bizantinos, que presumivelmente já se preparavam para invadir a Bulgária para se vingarem do ataque de 1262 e para recuperarem as suas fortalezas perdidas na Trácia. De qualquer forma, em 1263 os bizantinos lançaram uma grande invasão em duas frentes. Seu primeiro exército marchou para o norte ao longo da costa do Mar Negro até chegar à Mesembria. Depois de expulsar os búlgaros sitiados, os bizantinos negociaram com Mitso a rendição da Mesembria a Bizâncio, em troca da qual

Mitso recebeu terras na Ásia Menor. Também foi acordado que o filho de Mitso, João, deveria se casar com a própria filha de Miguel VIII. Esses termos foram concretizados, embora o casamento só tenha sido realizado após vários anos. Assim, a ameaça interna colocada por Mitso a Constantino acabou, mas à custa da perda das terras de Mitso para Bizâncio e de ter de enfrentar a perspectiva de que em algum momento no futuro os bizantinos pudessem apresentar Mitso como candidato ao trono búlgaro. As tropas bizantinas também tomaram o importante porto de Anchialos e invadiram Sredna Gora. (FINE JR., 1987, p. 176)

O descumprimento da concessão deste dote pode ter inflamado ainda mais as feridas da desilusão de paz com Constantinopla, e a Bulgária parece não ter atravessado nenhum tipo de mudança qualitativa em seu quadro político de antes da morte de Irene Lascarina a depois do casamento com Maria Cantacuzena. No entanto, com o passar do tempo, logo tornou-se claro que, de forma alguma, o governo búlgaro de Constantino seria igual com Maria o que havia sido com Irene.

Contudo, rapidamente se descobriu que este casamento não provocaria as mudanças territoriais esperadas a favor da Bulgária. Bizâncio não cumpriu os seus compromissos, o que desencadeou um conflito entre Maria Paleóloga e o seu tio. Essa inimizade teve um impacto tão forte e constante nas relações entre a Bulgária e Bizâncio até ao destronamento de Maria que Pachymeres sempre as conectou ao ódio de Maria. Parece que com uma pessoa como Konstantino Tikh no trono não foi difícil para uma tsarina ativa pisar abertamente no cenário político. Tanto antes da morte de Irene Lascarina como durante o casamento de Konstantino com Maria, Pachymeres apresentou o governante búlgaro como o governante passivo do casal real no que diz respeito aos assuntos com Bizâncio. Quando Miguel Paleólogo não conseguiu ceder Mesembria e Anchialos [...], Maria foi quem “ficou indignada, forçando o marido a quebrar o tratado e travar uma guerra para reivindicar suas cidades” [...] Miguel VIII, porém, encontrou a forma mais eficaz de fazer Tarnovo desistir da ideia de agir contra Bizâncio. O imperador formou uma aliança com Khan Nogai dos tártaros, dando-lhe como esposa a sua filha ilegal, Euphrosyne. As táticas diplomáticas de Miguel parecem ter tido o efeito esperado no tsar búlgaro, mas não na sua esposa. Levada pelas suas emoções, ela não ficou estupefata com o poderoso aliado do seu tio, ainda mais que ele adicionou combustível à ira do seu ódio com a sua política [...] , que afetou o afeto religioso e filial de Maria. (GEORGIEVA, 2010, p. 124-125)

Mais uma vez, uma *tsaritsa* búlgara servia de termômetro para definir a temperatura da relação da Bulgária com os romanos. Maria Cantacuzena poderia ter mantido um senso de fidelidade não para a Bulgária, mas sim com seu tio Miguel VIII, o que não aconteceu. Tendo abraçado fielmente o reino

búlgaro, desempenhou um papel político sem igual perante as outras imperatrizes de outrora:

Miguel VIII Paleólogo esperava ditar a política búlgara através deste casamento. Mas as coisas não aconteceram como ele havia planejado. Os contemporâneos caracterizaram-na como dominadora, ambiciosa, inexorável para com os seus inimigos e, quando necessário, sem hesitação; recorreu à intriga e à traição para atingir o objetivo pretendido. Segundo alguns pesquisadores [Andreev, Y. 1979], o doente Konstantino Asen até permitiu que ela assumisse a gestão geral do país, e ela mergulhou na política com maior fervor do que sua antecessora Irene Laskarina. As consequências da intervenção ativa de Maria na política búlgara foram avaliadas com grande negatividade por Jorge Pachymeres, que observa que “muitos problemas aconteceram depois disso” [GIBI, X, p.164]. Provavelmente, o autor refere-se sobretudo à situação de Bizâncio e à complicada situação resultante das ações tomadas pela rainha búlgara. Na verdade, Maria desenvolveu uma atividade diplomática ativa [Zlatarski, V. 1972, p. 548, Pavlov, p. 1989, pp. 15-24]. A rainha também assumiu todo o fardo da administração interna. (KOMSALOVA, 2015, p. 356)

Tornou-se uma tendência para seus contemporâneos verem a pessoa de Maria Cantacuzena sob uma ótica negativa. Essa postura em comum era simultânea tanto para alguns *boiardos* búlgaros quanto para aos ligados ao poder em Bizâncio. Aparentemente, essa situação se intensificou em 1270, quando Maria e Constantino tiveram seu primeiro filho: Miguel Tikh Asen. A partir deste momento, toda a energia da *tsaritsa*, bem como os traços de sua personalidade, seus objetivos políticos, sua relação e seus sentimentos para com o império de seu tio Miguel VIII Paleólogo foram reorientados em torno do pequeno Miguel, e essa mudança foi sentida de Tarnovo à Constantinopla. Se Maria Cantacuzena já intervinha na administração búlgara, e seu marido, o *tsar*, por motivos de saúde, se tornava cada vez mais afastado, pode-se imaginar o quanto a autoridade de Maria aumentou no momento após o nascimento de Miguel.

O poder na Bulgária não era um bloco monolítico, e possuía várias facetas, com os *boiardos* adotando diferente posicionamentos e construindo facções que satisfizessem seus interesses. Parece elementar assumir que uma ou mais facções *boiardas* se ressentissem de tamanha autoridade concedida a uma mulher, bizantina de nascimento, esposa de um *tsar* que seria cada vez mais motivo de insatisfação devido à sua incapacidade de oferecer proteção e

força ao seu próprio império. Vale lembrar que, além de um império hostil ao sul, o império Bizantino, havia a instabilidade ocidental causada pela posse de Vidin a Jacó Esvetoslau, que ora era “leal” à Bulgária, ora a Hungria (que desde a época de Rostislav passou a ter interesse direto nas terras de Vidin), e, além disso, uma facção da Horda Dourada, comandada por Nogai, que estava casado com Euphrosyne, filha ilegítima de Miguel VIII, o que enfraquecia ainda mais a Bulgária em termos de instabilidade. Ameaçada e provavelmente coagida e/ou intimidada para se afastar do trono e do poder, Maria Cantacuzena tomou medidas para salvaguardar tanto os seus próprios interesses quanto os do seu filho.

Miguel foi coroado co-tsar em 1273. Devido à paralisia de Constantino, Maria assumiu um papel cada vez maior nos assuntos de Estado e, como governava através da construção de facções, jogando um grupo ou indivíduo contra outro, parece ter provocado uma oposição considerável contra o regime imperial. E à medida que vários boiardos se opunham a ela, ou ela suspeitava que sim, ela começou a tomar medidas contra eles, prendendo e executando oponentes boiardos reais ou suspeitos, o que só aumentou a hostilidade dos boiardos para com ela. Ao mesmo tempo, os ataques Nogai aumentaram, causando perdas econômicas e também maior insatisfação com Constantino, que nada foi capaz de fazer para os impedir. Maria parece ter sentido que a existência da dinastia estava ameaçada - seja por um golpe contra o próprio Constantino ou contra seu filho no caso da morte de Constantino.
(FINE JR., 1987, p. 182)

Na verdade, neste momento, Maria iniciara uma prática dinástica inédita na Bulgária, uma vez que esta prática era oriunda do império em Constantinopla. Certamente não a auxiliou a conquistar muitos mais adeptos a aliados em sua regência, uma vez que a caracterizaria ainda mais enquanto uma estrangeira, algo que os seus opositores poderiam ter aproveitado.

Para que os filhos de Constantino Tikh Asan resultantes de seu primeiro casamento fossem removidos da ascensão ao trono, ela decidiu coroar seu filho mais novo. Pela primeira vez na Bulgária, uma criança de 2 anos estava concorrendo ao trono. Se naquela época, o direito de primogenitura do primogênito fosse reconhecido, então Maria Paleóloga Cantacuzena teria declarado uma nova tradição bizantina. De acordo com a lei bizantina, o direito inegável ao trono não pertencia ao primogênito, mas ao nascido após a entronização de seus pais. A imperatriz búlgara Maria Paleóloga Cantacuzena, uma representante real búlgara de 58 anos com sangue real bizantino, aplicou pela primeira vez a tradição de sucessão bizantina na corte búlgara. Seu filho, Miguel Asen, tornou-se um candidato ao trono do reino, pois teria nascido na bagrenitsa — uma sala roxa, especialmente equipada para o parto na família

real. Esse costume estava bem estabelecido em Bizâncio. A criança nascida nesta sala era considerada a herdeira legítima do trono. Dessa forma, sua mãe garantiu a ele o direito legítimo de nascer ao trono do reino búlgaro.
(ZABOLOTNAIA, 2012, p. 58)

Com a nomeação de Miguel Tikh (chamado de Miguel Asen devido a alteração de nome de seu pai quando do casamento deste com sua esposa anterior) como *co-tsar*, sendo Miguel uma criança (mais uma) de sete anos, seria necessário estabelecer uma regência para ele, e quem melhor candidata do que sua própria mãe? Essa nomeação pode ter marcado o afastamento em definitivo de Constantino Tikh do exercício do governo e representado a consolidação legítima da autoridade de Maria Cantacuzena. O que se conjecturou a respeito de Irene Comnena não pode ser rejeitado à Maria Cantacuzena, ela realmente assumiu poderes regenciais para com seu filho.

Como governante efetiva, a tsarina Maria foi responsável por rejeitar a união da Igreja Búlgara com Roma, que tinha sido discutida no 2º Concílio de Lyon em 1274. Esse conselho tinha de fato sido convocado para deliberar sobre a questão da união dos Patriarcado de Constantinopla com Roma, em preparação para uma nova cruzada à Terra Santa. Miguel VIII aceitou a união para impedir os planos de Carlos de Anjou de atacar Bizâncio. [...] Em 1276, quando Maria era a governante de fato, a união com Roma estava fora de questão, uma vez que a tsarina partilhava as opiniões do Patriarca Inácio e era uma forte oponente de Miguel VIII. Na verdade, ela havia concedido asilo à sua mãe, Eulogia, que havia caído em desgraça imperial por causa de opiniões semelhantes. Além disso, Maria tentou fazer uma aliança com Baybars, o sultão mameluco do Egito. Espantado com a ideia de uma mulher ter tal iniciativa política, Baybars rejeitou a proposta, especialmente porque não tinha motivos para iniciar uma guerra contra o Império Bizantino.
(MADGEARU, 2017, p. 260-261)

Vale ressaltar que esta situação política em que a regência de Maria Cantacuzena se encontrou não foi um fenômeno histórico exclusivo da *tsaritsa*. Na França, durante o mesmo século XIII, o rei Luís VIII morreu, em 1226, e uma crise dinástica de sucessão surgiu, pois seu filho e herdeiro, Luís IX (posteriormente canonizado enquanto São Luís), era menor de idade, e se fez necessária uma regência, regência esta que sua mãe, Branca de Castela, assumiu, segundo o testamento do finado rei Luís VIII.

Nos dias seguintes à morte de Luís VIII em Montpensier em 8 de novembro e após seus ritos funerários em Saint-Denis em 15 de novembro, as pessoas notaram que a tutela do jovem rei e do reino havia passado para as mãos da viúva de Luís VIII, a rainha-mãe Branca de Castela, que tinha trinta e oito anos. Esse arranjo parecia legal devido a um ato inquestionavelmente autêntico,

embora incomum. Neste ato conservado no tesouro de cartas, em outras palavras, nos arquivos reais, o arcebispo de Sens e os bispos de Chartres e Beauvais informaram destinatários não identificados, muito provavelmente todo o grupo de prelados do reino pelos quais Luís VIII falou em seu leito de morte, de sua vontade de colocar seu filho e sucessor, o reino e seus outros filhos sob a “fiança e tutela” da rainha Branca, sua mãe, até que Luís atingisse a “maioridade legal”. Este ato é datado de 1226, mas sem indicação do mês ou dia. Ele certamente data de depois de 8 de novembro, a data da morte de Luís VIII. Ele é mencionado no ato como já falecido. [...] Os historiadores criaram várias hipóteses para explicar este documento que foi essencial para a vida do futuro São Luís, pois a tutela de sua mãe moldou sua personalidade mais do que qualquer outra coisa. Para alguns, o ato relata o que realmente aconteceu [...] Outros consideraram esse ato uma invenção destinada a emprestar o peso da decisão do rei à situação real que surgiu após sua morte, interpretando-o como um grande golpe que Blanche de Castela deu para tomar o poder. Uma variação dessa segunda hipótese parece-me mais provável de estar mais próxima da verdade, embora não possa ser provada. Certos termos na declaração dos três prelados podem ser interpretados em um sentido muito diferente que se opõe à autenticidade da decisão de Luís VIII. Eles enfatizam que o rei, embora estivesse morrendo, estava cumprindo as condições que tornavam a expressão de seus últimos desejos legais e executáveis. Ele aparentemente fez coisas conhecidas a eles que não podem ser consideradas simples intenções ou recomendações, mas que são apresentadas apenas como decisões soberanas (“ele queria e decidiu”), e eles enfatizam que o rei tomou sua decisão “após longa deliberação” e que ele era, portanto, “de mente sã”, enfatizando isso de uma forma que soa tão duvidosa quanto parece convincente.
(LE GOFF, 2009, p. 46-47)

A regência de Branca de Castela foi tão questionada quanto a de Maria Cantacuzena. Ela, em termos franceses, também era uma estrangeira, tal qual Cantacuzena, e desempenhava um papel fundamental no governo francês. No leito de morte do rei, algumas figuras acabaram por decidir apoiar a regência de Branca de Castela:

Os fiéis ao rei, devotados sobretudo à dinastia e à continuidade e consolidação do governo monárquico, sem qualquer vontade oficial do rei moribundo, se reuniram para tratar da situação. Essa reunião se tornou particularmente necessária devido ao fato de que um grupo de fiéis [...] estavam em Montpensier, enquanto os outros permaneceram em Paris. Seu objetivo era assegurar a continuidade do governo que eles próprios haviam de fato exercido desde o reinado de Filipe Augusto e durante o breve reinado de Luís VIII, embora nenhum deles tinham uma “posição social” que lhe permitiria impor sua vontade, sozinho ou com outros, como guardião do jovem rei e do reino. Sem dúvida, eles queriam evitar dois resultados possíveis. O primeiro e mais óbvio, que talvez tenha levado Luís VIII a manter um silêncio cauteloso, era a ideia de confiar a “regência” ao homem adulto que era mais próximo por sangue do jovem rei, seu tio, o meio-irmão do rei morto, o filho de Filipe Augusto, Filipe Hurepel,

conde de Bolonha. [...] A segunda possibilidade a ser evitada era a constituição de uma assembleia de barões que governaria em nome do jovem Luís. [...] Portanto, parece que a “equipe governante” teve a ideia de confiar a tutela do rei e do reino à rainha Branca que, como mulher e estrangeira, seria obrigada a seguir seu conselho. [...] Não é difícil imaginar que a “equipe governante”, longe de ter escolhido Branca por sua suposta fraqueza, pelo contrário, havia confiado essa pesada responsabilidade a ela porque a consideravam digna dela e já apreciavam sua determinação. [...] Uma vez que Luís VIII foi enterrado, ela se comprometeu inteiramente com a reivindicação e defesa de seu filho, o rei criança, e com a manutenção e reforço do poder da monarquia francesa. Ela se apoderou do poder que o rei ou a equipe governante lhe deram durante o tempo da menoridade de Luís, exerceu-o com força e nunca o largou.

(LE GOFF, 2009, p. 47-48)

Ainda que houvesse uma facção alinhada com seu governo, Branca de Castela também enfrentara forte oposição de outras facções aristocráticas.

[...] Seu representante no continente era seu irmão Ricardo da Cornualha. Em abril de 1227, uma primeira trégua foi concluída entre Ricardo e o rei da França. Em maio, Henrique III pediu a Luís IX uma trégua oficial, e ela foi acertada em junho. Nesse meio tempo, Branca de Castela havia negociado uma paz com um dos mais poderosos senhores descontentes, Thibaud IV, o conde de Champagne. Na véspera do verão de 1227, após governar por seis meses, o jovem rei parece ter garantido sua posição em seu reino. E ainda assim tudo começou a vacilar quase imediatamente. Joinville expõe a ansiedade do jovem rei [...]. O rei era uma criança. Sua mãe era uma “mulher estrangeira” que “não tinha parentes nem amigos no Reino da França”. Um número significativo de barões se reuniu em Corbeil e decidiu sequestrar o jovem rei. Eles não queriam necessariamente prendê-lo ou machucá-lo, e não tinham intenção de destroná-lo, mas queriam separá-lo de sua mãe e de seus conselheiros, tomá-lo como refém para governar em seu nome e reivindicar poder, terras e riqueza para si. Eles selecionaram dois chefes prestigiosos que não hesitaram em desempenhar um papel de liderança neste plano de revolta contra Luís e sua mãe. Para dar ao seu projeto alguma aparência de legitimidade dinástica, eles elegeram Felipe Hurepel [...] Para seu líder militar, eles tomam Pierre Mauclerc, o duque da Bretanha, o mais poderoso e o menos fiel de todos os vassalos do rei da França.

(LE GOFF, 2009, p. 61)

A rebelião acabou sendo derrotada, mas demonstra grandes capacidades comparativas para com a regência entre Branca e Maria. Ambas seriam estrangeiras, sem amigos na corte. Ambas enfrentaram oposição aristocrática ao seu governo. Mas há diferenças também. Miguel Tikh-Asen não foi uma “marionete” da mesma maneira que os rebeldes objetivaram encontrar em Luís IX. A oposição também demonstrou diferenças. Na França, foram capazes de encontrar apoio, inclusive entre membros dinásticos (uma vez que Felipe

Hurepel seria tio de Luís IX), e realizar um levante contra o rei. Na Bulgária, este ato parece não ter acontecido, majoritariamente, talvez, devido à postura de Maria Cantacuzena para com os opositores, em especial um, localizado mais a oeste de Tarnovo, na região de Vidin.

É nesse contexto que a figura de Jacó Esvetoslau torna-se grandiosa demais para ser ignorada. Até este momento, ele era uma figura política mais ou menos tolerável a Tarnovo, mas, ao mesmo tempo do aumento dos ataques de Nogai, a enfermidade de Constantino o impedia de marchar contra estes inimigos, e o reino ficava indefeso. A população, insatisfeita, poderia procurar por novas lideranças, periféricas, que considerassem capazes de defender seus interesses de maneira melhor do que o *tsar* enfermo e a *tsaritsa* paranoica, e quem representaria candidato melhor a este posto do que Esvetoslau, casado com uma neta de João Asen II? Maria (aparentemente, chefe de Estado na prática neste momento), não tardou em perceber esta situação:

A população das regiões periféricas, que o governo central não conseguia gerir ou defender diretamente e que se tornava cada vez mais dependente de figuras locais para a defesa, poderia muito bem reunir-se em torno de um poderoso líder alternativo. Um dos candidatos mais lógicos para esse papel foi Jacó Esvetoslau. De boa família, ele era um governante relativamente forte e aparentemente popular entre seus súditos no Ocidente; [...] ele também se conectou com a dinastia Asen ao se casar com uma neta do grande João Asen. Assim, ele parecia perigoso, e Maria queria livrar-se dele ou, na sua falta, pelo menos cooptá-lo para o lado da casa governante. Como Jacó poderia não ter sido capaz de resistir a um grande ataque de Tarnovo, também era do seu interesse chegar a algum acordo com Tarnovo. Assim, os dois iniciaram negociações, provavelmente por iniciativa dela, e com um salvo-conduto juramentado, Jacó Esvetoslau aceitou o convite dela para Tarnovo. Foi recebido com muita cerimônia e numa missa adotado por Maria como seu segundo filho, tornando-o assim parte da família real de Tarnovo. No acordo, Jacó Esvetoslau provavelmente se reconheceu como segundo filho, classificado depois do bebê Miguel; ao fazê-lo, ele teria reconhecido Miguel como herdeiro e prometido não tentar derrubá-lo. Ao mesmo tempo, Jacó Esvetoslau foi provavelmente reconhecido como herdeiro do trono em Tarnovo no caso da morte de Miguel. Assim, Jacó Esvetoslau foi oficialmente separado da Hungria — então em declínio e incapaz de responder a estas mudanças — e, embora ainda autônomo, pelo menos levado a reconhecer a suserania de Tarnovo. Além disso, ele estava suficientemente ligado — por juramentos religiosos — à dinastia de Tarnovo para se tornar um apoiante dela, em vez de um potencial líder de oposição a ela. Este acordo deveria ter dado mais segurança a ambos, a Maria para o seu governo em Tarnovo e para o futuro do seu filho, e a Jacob para a sua posse de Vidin. Contudo, Maria ainda não se sentia segura; afinal, quando Constantino

morresse, o que haveria para impedir Jacó Esvetoslau de quebrar seu juramento e derrubar o pequeno Miguel? Assim, Maria, devido à sua mente desconfiada, provavelmente nunca teve a intenção de manter o acordo, mas desde o início e durante todo o tempo estava empenhada na destruição de Jacó Esvetoslau, apenas usando a adoção como um meio para criar laços mais estreitos entre ela e Jacó Esvetoslau, a fim de mais facilmente provocar seu assassinato. De qualquer forma, em 1275 ou 1276/77, ela o envenenou.
(FINE JR., 1987, p. 182-183)

Essa situação demonstra a sagacidade política de Maria Cantacuzena em um único ato. Ela percebeu a ameaça que Esvetoslau poderia representar para ela e para seu filho, e precisou anular essa ameaça de forma definitiva. Uma vez que as mulheres (até aquele momento, pelo menos) não lideravam exércitos, ela não poderia marchar até Vidin para eliminar a ameaça, e, como Jacó Esvetoslau demonstrou ser bastante astuto, através da sua constante mudança de lealdade, ela precisou tomar uma ação definitiva, que resolvesse de forma absoluta este ponto de fragilidade. Ao adotá-lo como segundo filho, com a condição de que nenhum direito e privilégio tenha sido removido de seu filho Miguel, ela realizou algo que Esvetoslau sabia que jamais o trono húngaro faria por ele, e, desta forma, ele possuiria reconhecimento de Tarnovo da sua autoridade, e receberia dela, também, legitimidade, agora que seria membro da família real. Ele poderia permanecer dominante em Vidin sem se preocupar em sofrer um ataque de Tarnovo. Pode-se presumir se esta atitude de Cantacuzena comprara em definitivo a lealdade de Jacó Esvetoslau.

Mesmo assim, aparentemente, ele ainda não seria considerado digno de confiança. Ao envenená-lo, ela resolvia dois problemas de uma única vez: ela eliminava completamente, em definitivo, a possibilidade de Jacó Esvetoslau realizar mais outra mudança de fidelidade num futuro hipotético e, ao mesmo tempo, conquistaria a possibilidade de transmitir o importante território de Vidin a alguém de confiança em Tarnovo, escolhido por ela, caso agissem com força e rapidez.

No entanto, os *boiardos*, que já estavam cada vez mais preocupados com a autoridade de Maria Cantacuzena, devem ter ficado extremamente ansiosos e preocupados: Jacó Esvetoslau era uma das pessoas mais fortes e influentes da Bulgária naquele momento, e Maria o removeu com certa facilidade, sem que Esvetoslau se desse conta em nenhum momento do estratagema dela contra

ele. Isso significaria que qualquer um deles estaria em estado de vulnerabilidade extrema, e muito provavelmente isso os deixou ansiosos para afastá-la do poder.

Toda essa situação só foi possível devido a dois motivos: à personalidade imperativa da *tsaritsa* e à passividade quase indiferente de Constantino Tikh para com assuntos políticos neste recorte. Segundo aquilo que as fontes relatam, não seria nenhum absurdo dizer que Maria Cantacuzena foi a verdadeira governante búlgara do momento em que seu filho nasce até o momento da morte de Jacó Esvetoslau, uma vez que as fontes silenciam-se sobre Constantino.

Pode-se dizer que, ao remover um oponente, ela não necessariamente diminuiu os problemas de oposição à dinastia vigente, pois pode-se considerar que grande parte dos *boiardos* agora era contrária ao seu governo. E ela ainda não liderava exércitos, sua liderança e autoridade se limitavam às arenas administrativas e político-diplomáticas. Ela poderia eliminar Esvetoslau, ela poderia negociar com Miguel VIII Paleólogo, mas ela não possuía uma resposta contra a Horda Dourada de Nogai, que permanecia imbatível em suas surtidas contra o segundo império búlgaro. A morte de Jacó Esvetoslau não impediu que novos candidatos a líderes periféricos surgissem e fossem uma nova ameaça. E, por acaso, em 1277, foi exatamente isso que aconteceu, quando Ivaylo, um criador de porcos, surgiu apoteótico.

Os frequentes ataques dos tártaros de Nogai na área central da Bulgária sob o governo de Constantino Asen causaram muita devastação e um estado de desespero geral, que é responsável pela revolta camponesa do verão de 1277. Esta revolta foi liderada por um homem a quem Pachymeres descreve um criador de porcos. Seu nome, Ivaylo, foi registrado na nota marginal feita no Evangelho Svrljig mencionado acima, [...] Em circunstâncias desconhecidas, os tártaros atacaram Ivaylo. Em retaliação, ele formou uma companhia de homens que começou a lutar contra os saqueadores tártaros em algum lugar no sul de Dobrudja. Em pouco tempo, a popularidade deste tipo de milícia local cresceu e as suas operações tornaram-se muito eficazes, a tal ponto que os tártaros decidiram retirar-se. A vitória colocou Constantino Asen em uma situação ruim, ao mesmo tempo em que colocou Ivaylo na frente.
(MADGEARU, 2017, p. 262)

Ivaylo conseguiu juntar apoio de camponeses e *boiardos* periféricos o suficiente ao ponto em que essa tropa heterogênea foi capaz de superar a facção da Horda Dourada comandada por Nogai. Por ter conquistado aquilo que Constantino sequer tentara, Ivaylo conseguiu, através do próprio mérito de seu

exército, se equiparar, em termos de riscos à dinastia Tikh Asen, ao finado Jacó Esvetoslau e, em menos de um ano de sua morte, Maria Cantacuzena e Constantino Tikh foram obrigados a lidar com esta força, que passou a reivindicar o trono em Tarnovo. Essa atitude acabou obrigando o *tsar* Constantino a deixar o seu “autoimposto ostracismo” e enfrentar o criador de porcos no campo de batalha.

Constantino ficou preocupado; Então, presumivelmente carregado em uma liteira ou vagão, ele conduziu seus exércitos para encontrar Ivaylo. Desertado por muitos de seus apoiadores, as tropas da Constantino foram derrotadas e Constantino foi morto. Esta batalha ocorreu no final de 1277. Então, enquanto Maria continuou a governar em Tarnovo como Regente para o pequeno Miguel, Ivaylo capturou toda uma série de cidades.
(FINE JR., 1987, p. 196)

Viúva, regente que sofria de bastante oposição *boiarda*, sem exércitos à disposição, sem aliados externos, e com a iminência de sofrer um ataque *boiardo*-camponês dos apoiadores de Ivaylo, a situação de Maria Cantacuzena ficou ainda pior quando seu tio, Miguel VIII Paleólogo, notou a oportunidade de eliminar sua detestada sobrinha e posicionar seu fantoche no trono da Bulgária, como um dia Teodoro II Lascaris tentara fazer com Constantino Tikh. Acontece que, quando Mitso rendeu a Mesembria para os bizantinos, ele se retirou para a Anatólia e teve um filho, mais outro João Asen. Agora, com a nova guerra civil que se instaurara entre Ivaylo e Constantino, parecia o momento para atacar, e Miguel VIII assim o fez.

Enquanto isso, os bizantinos, também preocupados com Ivaylo, estavam em processo de reforçar suas fortalezas; Miguel VIII, além disso, detestava Maria, [...] Assim, Miguel agora decidiu intervir e colocar seu próprio candidato no trono búlgaro, filho de Mitso, o genro de João Asen, que aceitou o asilo e as propriedades bizantinas na Anatólia. Este filho, chamado João Asen III, foi proclamado *tsar* da Bulgária. Tendo feito ele tomar um juramento de lealdade ao Império, Miguel VIII casou João Asen III com sua própria filha, Irene. Os *boiardos* Búlgaros foram chamados a desertar Maria e apoiar o legítimo *tsar* Asenida, e alguns realmente o fizeram. Então, acompanhado por um exército bizantino, no início de 1278, João Asen III apareceu na Bulgária. Por esta altura Ivaylo estava cercado Tarnovo. Unidades de Nogai também entraram no ato, atravessando o Danúbio e saquearam a Bulgária até as portas de Tarnovo. Maria se viu pega entre um inimigo doméstico e outros dois grandes inimigos, tártaros e bizantinos, pois, embora fosse uma bizantina, ela odiava seu tio imperador que acreditava ser um herege.
(FINE JR., 1987, p. 196)

Nesse contexto, Cantacuzena teve algumas escolhas, e, dentre elas, acabou escolhendo se aliar com Ivaylo. Ela poderia ter tentado negociar com seu tio, no entanto, devido ao sentimento de ambos um para com o outro, a probabilidade de sucesso dessa ação diplomática pode ter sido considerada baixa, baixa demais para fazer com que a hipótese de negociação com alguém odiado fosse passada para as ações de fato. Ivaylo pode ter parecido um candidato forte, afinal, fora capaz de derrotar Nogai majoritariamente com camponeses, e que agora cercava Tarnovo com suas forças aumentadas. Parecia bastante claro que ela não seria capaz de prevalecer sozinha e, portanto, fora obrigada a escolher aliar-se com um mal ou outro. Apesar desta inimizade, segundo Georgieva, mesmo assim Maria procurou Miguel VIII Paleólogo.

Pressionada por ambos os lados, a tsarina Maria decidiu pedir ajuda ao imperador bizantino, levando em consideração sua linhagem em vez das normas éticas cristãs de que Pachymeres falava, mas o imperador deixou bem claro que Maria estava batendo na porta errada. Assim, em 1278, vários meses após a morte de Konstantino Asen, Maria foi forçada a se casar pela terceira vez. O seu terceiro marido foi Ivaylo, o líder do movimento camponês. Esta humilhante má aliança é ainda mais indicativa do que os assassinatos da ambição ilimitada de Maria de manter o poder para ela e para o seu filho por todos os meios. Não é de surpreender que Maria tenha conseguido atrair sobre si o ódio dos nobres búlgaros.
(GEORGIEVA, 2010, p. 128)

Por mais que a historiografia a veja com maus olhos, se considerar-se que Miguel Tikh Asen seria o único imperador legítimo em vigência na Bulgária após a morte de Constantino Tikh, pode-se pensar que todas as ações de Maria Cantacuzena representam ações de defesa deste Estado, por mais que isso signifique, também, a defesa de seus interesses políticos e pessoais. Por este motivo, ela buscou seu odiado tio, e ele a rejeitou em nome desse ódio. Em arena de proporções de forças militares disponíveis, Miguel VIII Paleólogo dispunha de uma força esparsamente maior do que a de Ivaylo, mas, uma vez que o ódio deu voz superior à diplomacia, só restou a Maria se aliar com Ivaylo, e o criador de porcos passou a ser o seu escudo e o de seu filho. Essa necessidade torna-se ainda maior diante da hipótese de que, após o casamento realizado, Ivaylo a ter agredido algumas vezes (algumas fontes afirmam maus tratos, outras se silenciam), e isto só engrandece o fato da *tsaritsa* estar disposta a muito para salvaguardar os interesses e os de seu filho Miguel. Segundo Pachymeres, ela, de fato, fora agredida por Ivaylo.

Lakhana se cansou dos afetos de sua esposa e quis viver como um bárbaro, atraindo demais para o seu lado as pessoas ao seu redor. Ele realmente entendeu que uma guerra estava sendo preparada contra ele de dois lados e que os afetos, sejam eles quais fossem, eles não podem eliminar os perigos militares, então ele muitas vezes brigou com ela e desferiu golpes nela, julgando que os acontecimentos que o cercavam não toleravam a inação.

(PACHYMERES, 1980, p. 178)

É de se considerar como Pachymeres possuiu acesso a essas informações, mas, como, em questão de alguns anos, Maria Cantacuzena acabou sob domínio do império Bizantino, e Pachymeres sendo um estadista do imperador Miguel VIII Paleólogo e de seu sucessor, Andrônico, poderia ter tido acesso aos fatos, aos boatos, e à ausência dos mesmos, e produziu essa narrativa, que deve ser vista com o devido cuidado mas que não pode anular o fato de que uma obra de época menciona violações contra a *tsaritsa*. Bozhilov e Gyuzelev questionam alguns pontos desta narrativa de Pachymeres:

Com sua entrada em Tarnovo, e principalmente com o recebimento da dignidade real, Ivaylo alcançou o objetivo desejado sem grandes dificuldades. Mas ele entendeu muito bem que uma coisa é atingir seu objetivo, outra é mantê-lo de forma permanente e segura. Foi isso, e não o fato de estar cansado das carícias da esposa (Pachymeres), que o fez agir.

(BOZHILOV E GYUZELEV, 1999, p. 764)

A respeito dos golpes, Bozhilov e Gyuzelev se silenciam a respeito disto. Eles já haviam demonstrado suas opiniões - negativas — sobre Maria em alguns momentos, e sobre esta acusação de agressão suas vozes silenciam-se. Eventualmente, Cantacuzena engravidou de Ivaylo, e, se, de fato, ele a agredia, só aumenta o sacrifício de Maria em prol dos interesses políticos de seu filho Miguel.

Essa situação foi mantida enquanto Ivaylo foi soberano no campo de batalha, mas, em certo momento, quando ele foi (falsamente) dado como morto, as consequências dos atos de Maria lhe caíram pesado sob a cabeça. A oportunidade de mudança surgiu para os *boiardos* e João Asen III conseguiu efetivar seu controle, sob uma mentira acerca de Ivaylo. Maria e seu filho foram mandados à Miguel VIII, e Maria foi obrigada a se submeter.

Esta situação perdurou até o outono de 1278; no decorrer do outono[...]. Logo circularam rumores, provavelmente semeados por agentes bizantinos (pois João Asen III tinha apoio entre certos búlgaros, incluindo boiardos), de que Ivaylo havia sido morto. Como os rumores foram acreditados, alguns cidadãos de

Tarnovo, que presumivelmente não amavam Maria, abriram os portões de Tarnovo em fevereiro de 1279 para João Asen III, que foi reconhecido como tsar. Ele entrou na cidade acompanhado por tropas bizantinas, e estas permaneceram em Tarnovo para mantê-lo no poder. [...] Após esta vitória aliada, os tártaros não se retiraram da Bulgária, mas partiram para vagarear e saquear o campo. Maria, então grávida, foi entregue ao comandante bizantino pelos líderes de Tarnovo. Ela foi enviada ao imperador Miguel VIII, que então mantinha contato com a campanha desde sua cidade de Adrianópolis. (Esta cidade, localizada perto da fronteira, parece ter sido o principal posto de inteligência de Bizâncio, bem como a sua base para ataques crescentes contra a Bulgária.) Ele prendeu Maria em Adrianópolis. (FINE JR., 1987, p. 197)

Inclusive, mesmo atribuindo estes adjetivos negativos à pessoa de Maria, a historiografia ainda é capaz de reconhecer seus atos em “defesa” da Bulgária:

Não é de surpreender que Maria tenha conseguido atrair sobre si o ódio dos nobres búlgaros. Os seus inimigos em Tarnovo traíram-na na primeira oportunidade, entregando-a e ao filho ao povo do imperador e proclamando João III Asen como tsar. Ao deixar a Bulgária, Maria Paleóloga deixou para trás a memória da sua maldade, mas na verdade, durante todo o período do seu reinado, ela sempre agiu na qualidade de tsarina búlgara e defendeu objetivamente os interesses do Estado búlgaro. Independentemente dos seus motivos, no que diz respeito à sua política interna, Maria tentou estabilizar a autoridade central, minada pelo crescente separatismo, proclamando o seu filho menor, Miguel Asen, co-tsar de Konstantino Asen, garantindo assim um herdeiro legítimo do poder búlgaro no trono com a morte de Konstantino. Esta ação foi na verdade uma tentativa de neutralizar antecipadamente as aspirações destrutivas de alguns nobres ao trono em Tarnovo. O casamento de Maria com Ivaylo serviu, na verdade, o mesmo propósito: estabilizar a autoridade central e, ao mesmo tempo, ajudou Maria a defender o país, proporcionando-lhe a paz dentro do estado e um exército com um comandante militar capaz contra os inimigos estrangeiros. A política ativa de Maria contra Miguel VIII Paleólogo deveria defender não apenas os seus interesses pessoais, mas também os interesses da Bulgária. Infelizmente, Maria governava um país que vinha sofrendo uma crise há anos e não era páreo para Bizâncio sob Miguel VIII Paleólogo. (GEORGIEVA, 2010, p. 128-129)

Na verdade, a historiografia tem se rendido à narrativa de que Maria Cantacuzena foi uma governante de características negativas devido a algumas atitudes, como a morte de Jacó Esvetoslau e o cegamento de João IV Lascaris (Pachymeres atribui a ela a sugestão desta ação, mas, como ele é a única fonte a mencionar esta atitude, neste trabalho esta acusação não ganha mais destaque do que estas breves aspas), e tornar-se uma mulher “maníaca” por poder, até que ponto esta atitude diz respeito à personalidade dela ou apenas um mal-estar para com o fato de se tratar de uma mulher? Qual o motivo desta

negatividade quase unânime para com esta personagem histórica, inclusive partindo de historiadoras mulheres também? Um *tsar* teria a mesma unanimidade? Georgieva parece ser a única que faz uma consideração acerca das suas ações, ações estas que não estão aqui listadas de forma a realizar uma defesa de Maria Cantacuzena num julgamento histórico, mas sim de questionamento: quanto dessa posição negativista deriva do fato de Maria ser uma mulher que não se sujeitou aos papéis sociais que normalmente lhe seriam impostos, e conseguiu alcançar uma autoridade e uma autonomia incômoda e imprópria, segundo a visão de alguns? A fala de Bozhilov e Gyuzelev demonstra justamente este questionamento, Bozhilov e Gyuzelev estes que veem as figuras masculinas a ocuparem o trono búlgaro positivamente (desde que sejam consideradas búlgaros), mas não escrevem duas linhas de balanço conjuntural sobre as femininas:

O destino não foi gentil com Constantino Asen pessoalmente, tornando-o inválido e impedindo-o de cumprir plenamente as suas funções reais. Esta condição física do rei abriu um amplo espaço para as ambições da Rainha Maria e o governo do país começou cada vez mais a cair nas mãos de uma mulher. (BOZHILOV E GYUZELEV, 1999, p. 757)

No entanto, há que se realizar o devido parêntese nesta dicotomia de gênero em se tratando em demarcações geográficas. Se a autoridade e a autoridade feminina na Bulgária medieval foi extremamente cerceada, ou assim tentaram fazer os homens destas épocas, a situação era bastante diferente no império Bizantino, de onde as imperatrizes abordadas no recorte deste trabalho foram oriundas. A discrepância se torna evidente quando o papel por elas assumido em dois impérios vizinhos eram de intensidades tão distante. Enquanto no caso búlgaro há casos de ausência de representações historiográficas, marcadas por um gritante silenciamento, segundo Laiou, não haveria a menor possibilidade de fazer isso no caso bizantino, não admitindo sequer uma discussão a este respeito quanto à essência do exercício do poder e da autoridade pela mulher bizantina em suas mais diversas esferas.

A mulher aristocrática surgiu como um elemento importante na sociedade e na política do Império no final do século XI. Este não foi o envolvimento pessoal de mulheres notáveis que foram importantes por acidente histórico ou habilidade extraordinária como Pulquéria, Teodora, esposa de Justiniano I, ou Irene, a Ateniese. Foi, em vez disso, a interferência crescente de toda uma classe de mulheres na vida pública. Algumas funcionavam

como imperatrizes, executando sua própria administração (como fez Irene de Monferrato em Tessalônica) e gerenciando suas próprias propriedades. Começando com Ana Dalassena, elas emitiram atos muitos dos quais, embora não todos, tinham a ver com arranjos econômicos envolvendo suas propriedades. Ocasionalmente, elas governavam o Império, ou partes dele, como fez Ana de Saboia. Mais frequentemente, elas governavam [...] junto com seus parentes homens, assim como várias mulheres da família Cantacuzenus. Algumas delas realmente desfrutavam do poder; o exemplo mais marcante é, talvez, Ana Comnena [...]. Ana Comnena também estava bastante consciente do novo papel que as mulheres estavam desempenhando na política. [...] As mulheres também tomaram parte muito ativa nas controvérsias religiosas do período paleólogo, a ponto de tomarem ações independentes e hostis às de seus parentes homens. A ardente oposição às políticas unionistas de Miguel VIII Paleólogo por sua irmã Eulogia e suas duas sobrinhas, Teodora Comnena e Ana de Épiro, é bem conhecida. Maria, esposa de Miguel IX, aparentemente também tinha tendências pró-arsenitas, assim como dois outros parentes próximos de Andrônico II; o que coloca um bom número de mulheres paleólogas em oposição às políticas oficiais de seus parentes homens. [...] O envolvimento bastante intenso das mulheres da aristocracia em questões religiosas é um aspecto de seu envolvimento na política; mas o padrão de oposição às posições oficiais do Estado é um assunto que merece um exame mais aprofundado. O surgimento da mulher aristocrática como um elemento importante na economia e na política do Império Bizantino é, é claro, um resultado do fato de que a aristocracia como um todo se tornou mais sólida e dominante. Dentro dessa classe, as mulheres desempenharam um papel particular, em parte porque possuíam e controlavam parte da propriedade fundiária que era a base do poder econômico dessa classe, e em parte porque podiam garantir a ancestralidade adequada para seus descendentes. A existência de fortes laços familiares entre os membros das famílias dominantes bizantinas no período Comneno e posterior, e o fato de que grande parte das políticas era administrada por essas famílias intimamente relacionadas é um fenômeno muito conhecido para suportar discussão. (LAIU, 1981, p. 250-251)

Esse questionamento é amplificado por outro exemplo histórico. Num recorte cronológico que escapa ao delimitado neste trabalho (ou seja, após o fim da revolta de Ivaylo), houve outra mulher semelhante na história da Bulgária, que governou de fato, tal qual Maria, mas não em nome do filho menor de idade ou do marido doente, mas em seu próprio nome. Nome este que, diferentemente do que houve com Ana de Mačva, filha de Rostislav Mihailovich, ainda não foi nomeada em nenhum registro histórico conhecido e/ou alcançável, que Komsalova já havia mencionado anteriormente.

Uma das figuras mais impressionantes entre as princesas, enviada por Bizâncio numa tentativa de obter influência na casa governante da Bulgária durante os anos conturbados do final do século XIII, foi a esposa do governante búlgaro, o tsar Esmilo.

Ela era filha do sebastocrator Constantino Ângelo Comeno Ducas Paleólogo, sobrinha do imperador Miguel VIII Paleólogo e prima de seu sucessor Andrônico II, mas seu nome permanece desconhecido para nós. Nossa ideia de sua personalidade é construída inteiramente em informações sobre suas ações após a morte do tsar Esmilo (1298). Eles são conhecidos principalmente devido à carta de Theodoro Metochites a Nicéforo Humnos, escrita no início de 1299. A julgar pelas evidências fornecidas pelo diplomata bizantino, a viúva de Esmilo deve ter sido um governante independente do estado búlgaro. [...] Uma das hipóteses é que a viúva de Esmilo teve a oportunidade de atuar no cenário político da Península Balcânica porque não havia um sucessor masculino ao trono. Se isto for verdade, as provas de Metochites tornam-se ainda mais valiosas, pois fornecem informações sobre um caso bastante raro na história medieval búlgara, quando uma mulher governou o país de forma independente, em seu próprio nome e não em nome de seu filho ou através de sua influência sobre o marido. Não há nenhuma evidência teórica conclusiva sobre os princípios da sucessão ao trono, mas, tanto quanto podemos julgar pela prática, a tsarina não tinha direito ao trono após a morte do marido se não tivesse tido um filho. [...] Independentemente da forma como a viúva de Esmilo legalizou a sua participação nessa ação diplomática, o seu plano revela uma mulher ambiciosa sem precedentes para o Oriente medieval, cuja ambição foi combinada com um pensamento estratégico impressionante. A união entre a Sérvia e a Bulgária que ela propôs poderia tornar-se um fator poderoso no Sudeste Europeu com grandes perspectivas. (GEORGIEVA, 2010, p. 129-130)

Quando necessário se referir a ela, toda a nomeação deriva de seu marido e de sua conexão com Bizâncio. Ela pode ser chamada de “viúva de Esmilo” ou Esmiltsena (por causa de seu marido, Esmilo) Paleóloga (graças à sua conexão com Miguel VIII, seu tio, e Constantino Paleólogo, seu pai). Como se trata de um recorte posterior ao trabalho nesta pesquisa, os detalhes de seu governo não haverão de serem analisados, mas, pela descrição de Georgieva ela parece ter sido uma governante de capacidade diplomática desenvolvida, governando a Bulgária como nenhuma outra mulher fizera antes dela. E a historiografia ainda não é capaz de nomeá-la.

A situação, tanto das mulheres em geral quanto das princesas, rainhas e imperatrizes acaba sendo sintetizado por Georgieva, abraçando este trabalho como um todo em uma completa conclusão:

Resumindo, as mulheres apareceram na vida política do Segundo Tsarado Búlgaro geralmente graças às suas relações familiares com homens que foram fatores políticos mais ou menos significativos em algum momento. Esse fato está em total conformidade com o espírito patriarcal da Idade Média; com o modo de pensar típico da época; com o modelo ideológico e jurídico global, segundo o qual as mulheres tinham lugar (inferior,

aliás) e oportunidades de agir apenas no seio da família. Em conformidade com a organização socioeconômica da sociedade medieval, os homens politicamente proeminentes, bem como as suas esposas e filhas ou outros parentes do sexo feminino, pertenciam exclusivamente à aristocracia. Como resultado de uma lenta evolução cultural, social e política da sociedade búlgara pagã e mais tarde cristã, as mulheres desse círculo social limitado conseguiram entrar no domínio das relações políticas, que inicialmente era um domínio inteiramente masculino. Na verdade, a maioria das mulheres mencionadas nas fontes históricas na história política da Bulgária medieval apenas estiveram envolvidas nela passivamente. Os governantes tentaram resolver problemas políticos internos ou externos utilizando as mulheres para casamentos dinásticos, onde não era a personalidade da mulher que importava mas sim as relações entre os países no momento, razões políticas internas do governante, os direitos hereditários das mulheres com linhagem real ou os direitos legítimos da viúva de um governante. A presença destas mulheres na vida política não exigiu qualquer atividade política por parte das mulheres. A maioria dessas mulheres manteve inalterada a posição passiva que lhes foi atribuída, mas algumas delas transformaram-se em figuras políticas ativas. [...] É uma questão diferente que nenhuma das mulheres políticas na Bulgária medieval tenha conseguido alcançar sucessos significativos e duradouros, mas isto pode ser dito sobre a maioria dos homens que governaram o país no período do século VII ao XIV. (GEORGIEVA, 2010, p. 134-135)

Na verdade, sequer se pode equiparar a participação política das mulheres citadas neste trabalho para com alguns homens que também foram governantes. Miguel Asen e Constantino Tikh, a servir de exemplos, foram governantes limitados (pela capacidade ou idade), mas lhes foi conferido todo o espaço para governarem. A influência de Irene Lascarina foi considerada maléfica por muitos, e a possibilidade de interferência de outra Irene, Irene Comnena, desta vez, sequer passa de uma possibilidade que a historiografia ainda não foi capaz de encontrar uma resposta definitiva, mas os dedos acusatórios, da historiografia, estão sempre em riste. A participação de Maria Cantacuzena foi amplamente vista enquanto negativa, mas Mitso, que havia cedido importantes fontes de renda búlgara para as terras bizantinas para salvar sua vida, nunca foi alvo de tanta rejeição, e seu filho, João Asen III, foi plenamente apoiado por alguns *boiardos*, mesmo sendo claramente um pretendente fantoche de Miguel VIII Paleólogo. Toda a crise dinástica após a morte de Miguel Asen que foi desencadeada quando Colomano II o matou iniciou quando ele se casou com a viúva, filha de Rostislav, que havia pouco ainda não havia sido nomeada, diferente de outra viúva, a de Esmilo, dessa vez, que ainda hoje não foi nomeada, mesmo tendo governado sozinha em seu próprio nome.

Aliás, a situação de Esmiltsena, esposa viúva de Esmilo, joga luz sobre uma característica específica da dinasticidade búlgara:

Declarando as características [...] na história das dinastias medievais búlgaras de imperadores, vale a pena chamar a atenção particular para o fato que é enormemente significativo na história europeia. “O fator feminino” desempenhou um papel primordial na preservação do direito dinástico ao trono. Por um lado, a Bulgária não faz exceção, considerando que a herança ao trono também era válida na linha feminina. Por outro lado, há novas características emergentes, que são menos específicas para outros países. De acordo com pesquisas recentes, apesar do fato de que as mulheres não possuíam o direito à ascensão ao trono (ou ao poder, para esse assunto), eram elas que eram os “anéis de resgate” primordiais da dinastia líder, representando a “tábua de salvação” na conquista do poder pelos homens. A relação com o representante da dinastia real governante era o principal argumento das realidades e exigências políticas da época. A única exceção era casar com uma viúva. Este método se tornou amplamente praticado na Bulgária. Por exemplo, não há casos assim conhecidos, nem mesmo era permitido praticá-los, durante a Idade Média. O status e a posição social da viúva mudariam radicalmente; ela poderia muito bem ter sido abandonada ou assassinada. Não havia possibilidade alguma de ascender ao trono casando-se com uma viúva. Em certos casos, as mães garantiam o acesso ao poder para seus filhos, mas o método de transmitir poder por meio de uma “mulher regente” era amplamente praticado e bem conhecido em toda a Europa. (ZABOLOTNAIA, 2012, p. 60)

Definitivamente, se não houvesse nenhuma participação feminina na história da Bulgária pode-se considerar, com algum grau de certeza, que esta história seria consideravelmente mais pobre, e que a mão que produz esta história búlgara normalmente tem escrito com a caneta mais pesada do que quando diz respeito a algumas figuras masculinas, e a importância desta reafirmação da importância das mulheres gira em torno de atitudes da atualidade, que infelizmente, ainda produzem história ocultando parcial ou totalmente as mulheres dos holofotes históricos que lhes pertencem por mérito e direito.

7 CAPÍTULO IV: “PROBLEMAS HISTORIOGRÁFICOS: O CASO DE PETROV ENQUANTO ESPELHO DO STALINISMO INTELECTUAL”.

Após o fim da Segunda Guerra Mundial, o estado Búlgaro foi reconfigurado enquanto um Estado da esfera de influência soviética. Neste capítulo, analisa-se pontos em que a historiografia se transforma em uma ferramenta de controle ideológico, ou ao menos almeja ser, na qual relaciona a ideologia do Estado com a fabricação artificial de uma história inexistente (ao menos em parte).

O surgimento dessa ideologia ocorre durante a disputa política na União Soviética após a morte de Lenin. Aquilo que se configura enquanto stalinismo, de forma superficial/popular (e, ainda assim, negada por alguns, ao menos em sua nomenclatura), foi definido com terminologias distintas (stalinismo, termidor, bonapartismo, burocratismo), mas que, em sua essência, possuem o mesmo significado, sintetizado quanto à crítica à direção governamental da União Soviética.

Elevando-se acima das massas trabalhadoras, a burocracia regula estas contradições. Utiliza esta função para fortalecer a sua própria dominação. Através do seu governo descontrolado e obstinado, sem qualquer recurso, a burocracia acumula novas contradições. Explorando este último, cria o regime do absolutismo burocrático. As contradições dentro da própria burocracia levaram a um sistema de escolha a dedo do principal estado-maior de comando; a necessidade de disciplina dentro da ordem seleta levou ao governo de uma única pessoa e ao culto do líder infalível. O mesmo sistema prevalece nas fábricas, nos *kolkhozes*, nas universidades e no governo: um líder está à frente de sua fiel tropa; o resto segue o líder.

(TROTSKY, 1935)

Que não se considere as passagens de Trotsky enquanto passionais; elas não necessariamente eram desprovidas de parcialidade, mas, enquanto marxista, baseavam-se na análise materialista-histórica da conjuntura soviética, na análise de acontecimentos e estatísticas, sem aderir a um discurso anticomunista nem tampouco a uma adoração pela narrativa estatal enquanto absoluta verdade. Seu grupo de apoiadores próximos do Partido Comunista da União Soviética, a Oposição de Esquerda, ideologicamente denominada de Bolchevique-Leninista, não era a única a comungar destas nomenclaturas do sistema político soviético:

[...] o grupo do “Centralismo Democrático” (VM Smirnov, Saprónov e outros que foram perseguidos até à morte no exílio por Stalin) declarou: “O Termidor é um fato consumado!” Os adeptos da plataforma da Oposição de Esquerda, os Bolcheviques-Leninistas, negaram categoricamente esta afirmação. E foi por causa dessa questão que ocorreu uma cisão. Quem provou estar certo? Para responder a esta questão, devemos estabelecer precisamente o que cada grupo entendia como significando “Termidor”; [...] O falecido VM Smirnov — um dos melhores representantes da Velha escola Bolchevique — considerou que o atraso na industrialização, o crescimento do *kulak* e do *Nepman* (o novo burguês), a ligação entre este último e a burocracia e, finalmente, a degeneração do partido tinha progredido ao ponto de tornar impossível um regresso à via socialista sem uma nova revolução. O proletariado já havia perdido o poder.
(TROTSKY, 1935).

Não cabe a este trabalho tratar da natureza da cisão entre a Oposição de Esquerda e o Centralismo Democrático, ou tampouco da historização das nomeações que o grupo de Stalin foi denominado ao longo do tempo. A passagem serve para ilustrar que não apenas um indivíduo — ou o grupo que este indivíduo representa — realiza uma crítica parcial e não passional. O balanço é que a retórica era, se não universal, familiar aos vários grupos de oposição.

O bonapartismo seria extremamente fundamental para o aparelho soviético: em meio a uma sociedade de contradições, contradições essas que o bonapartismo regia, em caso de surgimento de uma nova ordem política, todo o sistema desmoronaria:

Quanto mais complexas se tornam as tarefas económicas, maiores se tornam as exigências e os interesses da população, tanto mais acentuada se torna a contradição entre o regime burocrático e as exigências do desenvolvimento socialista, tanto mais grosseiramente a burocracia luta para preservar as suas posições, tanto mais cinicamente recorre à violência, à fraude e ao suborno. O constante agravamento do regime político face ao crescimento da economia e da cultura — este facto flagrante encontra a sua explicação nisto, e só nisto: que a opressão, a perseguição e a repressão servem hoje em grande medida não para a defesa do Estado mas pela defesa do domínio e dos privilégios da burocracia. Esta é também a fonte da necessidade cada vez maior de mascarar as repressões através de fraudes e amálgamas.
(TROTSKY, 1935)

Para os fins do presente trabalho, a situação económica e a posição dos burocratas refletem uma realidade: a conjuntura soviética citada pressupõe um

ambiente de censura, onde, como dito anteriormente, as universidades desempenham um papel preponderante nesta realidade. Os próprios historiadores soviéticos atravessaram o processo mencionado:

Os primeiros anos do pós-guerra foram os mais caóticos na experiência dos historiadores soviéticos, que foram obrigados a fazer revisões abrangentes de pontos de vista para se manterem a par dos desenvolvimentos ideológicos, ao mesmo tempo que reconheciam como seus próprios erros de pontos de vista tinham sido prescritos ou tolerados pelo partido pouco tempo antes. A reconstrução ideológica do partido não foi menos prodigiosa do que a reconstrução das cidades soviéticas devastadas e foi muito mais complicada. Ao contrário do construtor soviético, o historiador foi chamado a demolir algumas partes do seu trabalho anterior e, ao mesmo tempo, reconstruir outras. E faltava-lhe um plano exequível: as plantas do arquiteto eram tão incompletas que o carpinteiro teve de improvisar os detalhes e não conseguiu imaginar a forma da estrutura acabada. As novas opiniões do partido foram expressas de forma tão fragmentada e com tantas contradições aparentes que mesmo os historiadores mais atentos e complacentes não conseguiam entendê-las.

(TILETT, 1969, p. 84)

Sublinhar-se-á que não é o objetivo deste trabalho generalizar toda a produção histórica enquanto cúmplice da metodologia bonapartista. Claramente existe um abismo entre as produções de narrativas antagônicas, mas que, devido ao fato de uma delas estar aparelhada com a burocracia, será esta que irá florescer e se disseminar. Em uma sociedade com o aumento do culto à personalidade polvilhada com censuras políticas, torna-se dedutível que as produções históricas não alinhadas com a ideologia do partido não receberiam o prestígio governamental (no mínimo). O tripé “historiografia - desenvolvimento econômico — censura política” conjurou as facetas do domínio intelectual desenvolvido de forma artificial e cercearam a produção independente não alinhada.

Assim, a principal base material do termidor soviético e do fenômeno do stalinismo seria o desenvolvimento econômico alcançado a partir de 1923, abrindo as portas para o surgimento de uma camada privilegiada de administradores, que, em conjuntura de duras contradições, conferiram a essa casta uma crescente autonomia relativa diante da dispersão do proletariado e do isolamento internacional. O stalinismo seria, portanto, uma resultante do termidor soviético, e conformaria um regime de tipo bonapartista em virtude do seu caráter de árbitro dos conflitos sociais e protetor das bases sociais estabelecidas pela revolução contra a burguesia, mas também contra as próprias massas proletárias.

(ROMÃO E MONTEIRO, 2020, p. 185).

O bonapartismo stalinista se conecta com o escopo deste trabalho justamente quanto à sua esfera intelectual. Se, no sistema político, havia um cenário de censura e controle, que justificava a deturpação soviética devido à argumentação de defesa de um novo sistema político, torna-se elementar reconhecer que o aparelho necessita de uma ideologia aparelhada com os interesses do partido. Ainda mantém-se as nomenclaturas marxistas, no entanto, a natureza da produção intelectual segue a linha termidoriana do bonapartismo stalinista.

É notável que o intelectual alinhado com os interesses de Moscou não necessariamente “conjurou um organismo estranho de uma realidade paralela”. O conceito de tradição inventada aplica-se a esse tipo de contexto:

Por "tradição inventada" entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado. [...] Contudo, na medida em que há referência a um passado histórico, as tradições "inventadas" caracterizam-se por estabelecer com ele uma continuidade bastante artificial. (HOBBSAWM, 1997, p. 9-10).

Uma vez que o marxismo se posiciona enquanto socialismo científico, a utilização da ciência enquanto ferramenta metodológica é absolutamente indispensável para a produção de conhecimento através de uma perspectiva marxista. O caráter científico da história se traduz justamente no rigor metodológico da produção narrativa, que configura o objeto de estudo enquanto objeto legítimo de história. No entanto, uma vez que a conjuntura político-econômica soviética se encontrava desfigurada, o mesmo acontecia com a ferramenta metodológica.

A sua principal característica considerada neste artigo é que “sempre que possível, eles tentam automaticamente estabelecer continuidade com um passado histórico adequado”, mas uma continuidade que é “em grande parte fictícia”. Como mecanismo de representação do passado, a tradição inventada tenta criar “exemplos” de história nacional que possam atender às necessidades políticas atuais. Mais importante é que este processo ocorre especialmente “quando uma rápida

transformação da sociedade enfraquece ou destrói os padrões sociais para os quais as “velhas” tradições foram concebidas”.
(CORDUNEANU, 2003, p.3)

A história, instrumento, ressignifica-se de acordo com os interesses da burocracia. Posteriormente neste capítulo comentar-se-á que não apenas na Bulgária tal situação ocorreu, mas que outros países (por consequência, outras historiografias) da antiga Cortina de Ferro. Tratava-se de uma conjuntura internacional, que não impunha barreiras geográficas à sua utilização, punha, sim, barreiras rigorosas de análise historiográfica, e o sucesso econômico justificava o cerceamento científico e/ou político; a liderança soviética, ao exportar “seu” “comunismo” no pós-guerra, traria consigo toda produção aplicada em terras soviéticas, uma vez que a mesma liderança seguiam as diretrizes traçadas por si próprias. Um ambiente de censura não permitiria divergências espontâneas, e essa realidade será encontrada nos Bálcãs.

O regime comunista totalitário usou (e abusou) o passado para a sua legitimação, estabelecendo o monopólio ideológico sobre a verdade histórica (atuando como o “Ministério da Verdade” de Orwell). A influência da política sobre o conhecimento histórico, que também existe noutros lugares, assumiu neste caso formas muito cruas e diretamente ideológicas: “teses” históricas preconcebidas, seleção deliberada e até falsificação de fatos. Os discursos e relatórios dos líderes comunistas Georgi Dimitrov, Vasil Kolarov, Vulko Chervenkov e Todor Zhivkov contêm muitas caracterizações e avaliações de eventos históricos, personalidades e processos que automaticamente se tornaram obrigatórios e, portanto, serviram como instruções sobre como interpretar a história. A ciência histórica marxista foi pensada em termos quase militares como uma “frente histórica”; os historiadores tiveram que “armar-se” com os instrumentos do marxismo-leninismo-stalinismo.
(DASKALOV, 2011, p. 324)

Uma vez que a Bulgária adotou o sistema sociopolítico soviético, chamado por Daskalov de marxismo-leninismo-stalinismo, e no presente trabalho de bonapartismo stalinista, o pacote ideológico é absorvido em paralelo. Isso significa que a utilização da história enquanto ferramenta de falsificação e legitimação também é utilizada no país eslavo a sudoeste do Kremlin. Vale a observação, entretanto, que a linha partidária búlgara já estava interligada à soviética justamente em seu momento da apoteose termidoriana, ou seja, a transição de Lenin para Stalin, e a linha do partido já seguia alinhado com

Moscou desde muito antes de 1945.

Em Outubro de 1922, o Partido Comunista Búlgaro adotou uma importante decisão sobre a questão da educação. Nele declaravam que "A escola não deveria ser apenas a portadora dos princípios comunistas em geral, mas também da influência ideológica, organizacional e educacional do proletariado sobre as camadas semi-proletárias e não-proletárias das massas portantes, com o objetivo de formar uma geração capaz de estabelecer uma sociedade definitivamente comunista." [...] As decisões do Partido ajudaram na luta dos professores progressistas contra a dominação burguesa e a reação fascista. Após a conquista do poder popular, os princípios da educação comunista foram apoiados por Georgi Dimitrov em numerosas declarações. Ele enfatizou a necessidade de desenvolver, mesmo na criança, uma vontade firme e pertinacidade, o hábito do trabalho constante e sistemático, a capacidade de terminar o trabalho iniciado e não deixar "para amanhã". [...] E atribuiu grande importância à questão da formação no patriotismo e no internacionalismo. A principal virtude à qual devemos habituar os jovens" escreveu Dimitrov, "é o amor à pátria e a todos os que cobram." (Vol. II, pág. 165). Dimitrov foi uma inspiração para a juventude búlgara no movimento de brigadas de ajuda à construção nacional, considerando-a "uma escola insubstituível" para a formação no novo espírito, no espírito de amor à pátria e ao trabalho. Com o estabelecimento do regime democrático popular na Bulgária, começou a utilização extensiva da experiência soviética na organização escolar. (YERLEKHONOV, 1959, p. 79-80).

Não cabe analisar todo o processo educacional soviético como um todo. No entanto, vale salientar que, em outubro de 1922, a saúde de Lenin já havia o privado da liderança cotidiana partidária e, conseqüentemente, nacional. Stalin era aquele que desempenhava "as vezes de Lenin". Há de notar-se o papel da figura do partido para professores e educadores, na fala de Yerlekhonov (que, aliás, aparenta estar alinhado com a diretriz do governo central), além da valorização da pátria e do trabalho enquanto princípios comunistas. A passagem é encerrada justamente com a admissão da exportação do modelo soviético para a Bulgária, modelo que possuía um objetivo historiográfico: investigar a história em busca de indícios de traços socialistas pré-capitalistas.

A ciência histórica marxista búlgara, em particular, é incumbida (de uma maneira explicitamente pré-concebida) da tarefa de revelar em eventos históricos concretos a manifestação de regularidades objetivas gerais, nas quais se deve ter cuidado para não encontrar traços específicos da história búlgara em contradição, mas antes, em concordância básica com as leis gerais do desenvolvimento histórico formuladas por Marx e Lenin. Mais precisamente, tem de mostrar interesse pelas classes e pelas massas, e não pelas personalidades; prestar especial atenção ao desenvolvimento da classe trabalhadora e do seu partido revolucionário e aos factos que determinaram as vitórias história da revolução socialista; demonstrar que a atual

realidade sociopolítica é um “resultado necessário” de toda e especialmente da história mais recente do povo búlgaro; conectar a pesquisa histórica com a prática socialista; e promover o patriotismo socialista, o internacionalismo proletário e a amizade búlgaro-soviética. Segundo Todor Pavlov, em última análise “a história do nosso partido revela-se a chave para a correta compreensão de toda a nossa história moderna e, especialmente, da nossa história contemporânea”. Resumindo, neste conceito a ciência histórica deveria assumir uma posição de classe e partido; aceitar a priori os postulados da verdadeira doutrina sobre as “regularidades” na história; ser militante e educativo; e ao mesmo tempo pretendem ser científicos e apresentar um relato historiográfico verdadeiro do “curso da história” dirigido ao comunismo.
(DASKALOV, 2011, p. 323-324)

Um desses eventos é justamente, a revolta medieval de Ivaylo. Sobre este evento em si, já discutido anteriormente, a bibliografia ali utilizada variou em três aspectos: fontes de época bizantinas; leituras historiográficas modernas não-búlgaras e trabalhos contemporâneos de historiadores búlgaros. Não se utilizou, naquele momento, as fontes búlgaras escritas sobre o criador de porcos revoltoso durante o período do bonapartismo stalinista, justamente devido ao seu lugar de objeto de investigação caráter problemático.

Uma vez, feitas as devidas ressaltas sobre a divergência ideológica do bonapartismo stalinista, segue-se uma nova análise das obras sobre Ivaylo; desta vez, com a percepção da utilização da história enquanto ferramenta de legitimação e falsificação, características proporcionais à essência do aparelho. Neste caso, trabalhar uma obra de “berço stalinista”, da autoria de Petr Petrov, e esmiuçar as problemáticas narrativas na obra encontradas.

O desenvolvimento das relações feudais na Bulgária na segunda metade do século XIII levou a uma acentuada deterioração da situação do campesinato. Os camponeses não só eram completamente dependentes do governo central, dos *boiardos* e da igreja, mas também perdiam constantemente as suas liberdades pessoais. Eles definharam sob o peso dos impostos e taxas feudais.
(PETROV, 1982, p.277)

Esse apontamento, por si só, demonstra ser problemático, ao menos, quanto à sua apresentação. Petrov já projeta no passado a Bulgária contemporânea na de Ivaylo e estabelece esta última como uma Bulgária em processo de desenvolvimento feudal. O objeto de estudo torna-se delicado, por

estar envolto nas névoas de um passado não documentado de forma escrita por seus personagens principais (ao menos, tal documentação ainda não foi catalogada e, na maior parte dos casos, existe uma dependência de fontes bizantinas). O próprio autor reconhece essa realidade, mas não interrompe seu processo narrativo por este motivo:

As informações envoltas em mistério. De acordo com Pachymer, “Ivaylo começou a convencer seus camaradas e outros moradores a se levantarem para lutar contra seus mestres, imaginando grandes coisas para si mesmo”. Suas palavras foram recebidas com simpatia e riso, Pachymer dificilmente poderia saber exatamente como Ivaylo falava com seus companheiros. No entanto, tendo em conta que Ivaylo incitou uma rebelião, que queria governar o povo, torna-se claro que apelou à luta contra a autoridade estatal existente. Muitas vezes dizia as mesmas palavras aos outros camponeses e criadores de porcos, dizendo que lhe tinham aparecido santos, incitando à rebelião e ao domínio do povo. O entrelaçamento do elemento religioso com a luta armada era comum na Idade Média. A luta contra o sistema sancionado pela Igreja tinha de ser travada em nome de deus. Por causa disso, foi Ivaylo quem disse que os santos lhe apareceram e incitaram o povo à revolta [...]

(PETROV, 1982, p. 278)

O autor demonstra reconhecer a dificuldade em retratar o passado em um momento para, no seguinte, afirmar que “torna-se claro que apelou à luta contra a autoridade estatal existente”. As fontes relatam que o levante de Ivaylo ocorreu após uma série de investidas tártaras ao reino búlgaro, que, por instabilidades políticas, foi incapaz de recorrer ao combate. Tal é o cenário de início da revolta. Se houvera uma indisposição tamanha particularmente com o governo de Tarnovo, de forma exclusiva, por que a revolta escolhera aquele momento para se insurgir? Não há como oferecer respostas precisas, pode-se realizar uma interpretação narrativa e crítica daquilo que as fontes afirmam, jamais pressupor que “torna-se claro”. Petrov afirma o mesmo ao se referir sobre Pachymeres (ou, como Petrov o chama, Pachymer), na qual dificilmente haveria como saber exatamente como Ivaylo falava com seus companheiros, mas, aparentemente, Petrov não atravessa as mesmas dificuldades, pois coloca, sem espaço para dúvidas, que, como o elemento religioso muitas vezes se entrelaçava com a luta armada (ainda que não cite fontes sobre o assunto), Ivaylo teria se aproveitado desta narrativa para tirar proveito em seu próprio benefício. Nada é dito sobre a possibilidade de Ivaylo realmente acreditar em sua narrativa. Não é possível

interpretar seus pensamentos, apenas suas atitudes, de forma que colocar seu comportamento como algo definido torna-se problemático. O próprio cronista bizantino, Pachymeres, é invocado de forma a solidificar (aparentemente) as posições do autor, sem que o escritor búlgaro cite, de forma mais clara, a qual passagem se refere.

As informações envoltas em mistério. De acordo com Pachymer, "Ivaylo começou a convencer seus camaradas e outros moradores a se levantarem para lutar contra seus mestres, imaginando grandes coisas para si mesmo". Suas palavras foram recebidas com simpatia e riso, Pachymer dificilmente poderia saber exatamente como Ivaylo falava com seus companheiros. No entanto, tendo em conta que Ivaylo incitou uma rebelião, que queria governar o povo, torna-se claro que apelou à luta contra a autoridade estatal existente. Muitas vezes dizia as mesmas palavras aos outros camponeses e criadores de porcos, dizendo que lhe tinham aparecido santos, incitando à rebelião e ao domínio do povo. O entrelaçamento do elemento religioso com a luta armada era comum na Idade Média. A luta contra o sistema sancionado pela Igreja tinha de ser travada em nome de deus. Por causa disso, foi Ivaylo quem disse que os santos lhe apareceram e incitaram o povo à revolta [...]

(PETROV, 1982, p. 278)

A passagem demonstra justamente a utilização do cronista bizantino enquanto uma identidade que supostamente conferiria autoridade de causa e discurso para aquele que o cita, embasando o seu estudo e conferindo cientificidade. No entanto, diferentemente da primeira citação realizada neste trabalho, na qual Petrov menciona Pachymeres ao se referir tanto à convocação de Ivaylo aos outros camponeses quanto à desconsideração que estes nutriam (num primeiro momento) pelo futuro líder da rebelião, a descrição de Pachymeres sobre o evento, se referindo a ataques a propriedades feudais, não foi realizada em nenhuma passagem em sua narrativa sobre a rebelião de Ivaylo, ou Lakhana, como ele chama:

Havia lá um camponês, chamado Burdokva, que criava porcos mediante pagamento. A língua grega aproxima esse nome de "vegetal" (Lakhanikov), por isso ele também é chamado de Lakhana. [...] Conversava frequentemente com os seus companheiros, que eram como ele, e era evidente que gostava muito de si mesmo. Eles prefeririam rir dele do que acreditar nele. Aí ele foi dominado por tantas esperanças, não sei de onde vieram, ele ficou atento a si mesmo e ofereceu orações a Deus da melhor maneira que pôde. [...] Portanto, ele passou a maior parte do tempo pensando e pensando que facilmente obteria algum poder. Muitas vezes ele dizia a mesma coisa àqueles camponeses e pastores de porcos, como eles contavam sobre

algumas aparições de homens santos que o encorajaram a rebelar-se e a tomar o poder sobre o povo. E porque ele sempre contava essas coisas, as pessoas acreditavam nele e já o tratavam de forma diferente de antes. Ele anunciou que o tempo marcado para a rebelião estava próximo. E então um dia ele disse que recebeu um sinal de ação e imediatamente os alista como seus assistentes. E eles o seguem, na esperança de realizar algo grande. Eles se espalharam por todo o país e espalharam o nome do pastor de porcos, [dizendo] que ele havia recebido um sinal de Deus para governar. E falando [assim], eles imediatamente convenceram o povo, e a cada dia [mais e] mais [adeptos] se juntaram a ele. [...] E então Lakhana caiu sobre um destacamento tártaro, atacou-os com os homens que ele liderava, e os derrotou totalmente. E ele faz o mesmo nos outros dias. E assim, em poucos dias, ele ficou famoso. As regiões juntaram-se a ele e estavam plenamente convencidas de que ficariam bem sob o seu governo. E Lakhana foi glorificado em todos os lugares. Não se passou um dia em que ele não ganhasse mais adeptos que o anterior, e se mostrasse ousado nos ataques.

(PACHYMERES, 1980, p. 179-180)

É notório que, por mais que Jorge Pachymeres reconheça o sucesso militar de Ivaylo, em nenhum momento ele menciona “ataques a propriedades feudais”. Se ele falava em conquistar o poder, ele não poderia possuir como alvo o sistema econômico e político da Bulgária medieval, pois, segundo Pachymeres, ele “anunciou que o tempo marcado pela rebelião estava próximo”. Mais uma vez, o momento “escolhido” para o início do levante coincide com a narrativa de Pachymeres, na qual haveria uma espera pelo momento ideal. Ainda que não necessariamente aquilo que ocorrera represente aquilo que o cronista narra, a sequência dos acontecimentos coincide num denominador comum. O momento de início acaba coincidindo com os ataques tártaros, não com o governo do *tsar* Constantino Tikh.

Sem citar a passagem de sua fonte, o historiador búlgaro utiliza Pachymeres de forma seletiva e criativa até. Ao utilizar uma passagem fidedigna da bibliografia, Petrov se mune com a autoridade do bizantino para, em sequência, levantar uma pauta de caráter socialista — o ataque à propriedade feudal — que não ocorre na bibliografia de época. O passado se converte em uma narrativa livre, que pode ser moldado de forma a atender os interesses daqueles que a “detém”.

A revolta começou como uma luta antifeudal, [...] logo, porém, os insurgentes dirigiram os seus esforços contra as marchas dos tártaros. Com a total passividade da classe dominante e

sobretudo do governo tsarista face aos ataques dos bandos tártaros, foi necessário que o próprio povo pensasse na sua própria proteção. Porque as fontes relatam que as hordas tártaras faziam ataques diários e saqueavam as propriedades de as estações.
(PETROV, 1982, p.279)

Se as fontes referidas se resumem a Pachymeres, já que Petrov não cita outra em seu trabalho utilizado no presente texto (e até aonde há de se considerar Pachymeres uma fonte para o escritor búlgaro, e não como uma ferramenta meramente ilustrativa?), essa passagem demonstra mais uma vez a invenção de um elemento anti-feudal e a inversão do protagonismo bélico na narrativa. Ainda que o texto de Pachymeres tenha um caráter obviamente propagandístico, uma vez que estamos falando de um cronista bizantino que atuou como embaixador de Constantinopla, servindo aos interesses do imperador Miguel VIII Paleólogo, os ataques diários partem de Ivaylo, e não dos tártaros. Não cabe ao presente trabalho pressupor quem atacava quem, narrativas propagandísticas à parte, mas, se Petrov evoca as fontes para afirmar que a bibliografia aponta os diários ataques tártaros, a única fonte utilizada por ele é justamente Pachymeres, e ele fala justamente o oposto do que alega o búlgaro.

Outra incompatibilidade discursiva com Pachymeres diz respeito à postura de Maria Cantacuzena e do imperador bizantino, Miguel VIII Paleólogo. No decorrer da rebelião, Maria Cantacuzena casa-se com Ivaylo. Na ocasião, representou a melhor alternativa para Maria manter-se como rainha da Bulgária e seu filho, Miguel Tikh, como herdeiro do trono e, para Ivaylo, a forma mais rápida de chegar ao poder ao mesmo tempo que tentava se revestir de uma proteção de caráter aristocrático que solidificassem sua autoridade. Porém, as narrativas descrevem a sequência dos acontecimentos de forma não-singular.

Antes de tomar qualquer ação contra Ivaylo, o governo bizantino decidiu negociar com a rainha Maria e os boiardos em Tarnovo. O imperador pensou que depois de atrair uma parte dos boiardos búlgaros, ele seria capaz de conquistar o resto também. Para este propósito, agentes bizantinos chegaram a Tarnovo, que deveriam providenciar a rendição de Maria e a proclamação de João Asen III como tsar búlgaro." O avanço dos bizantinos foi acompanhado de grandes crueldades. O campesinato e os pobres urbanos foram massacrados, os boiardos e os cidadãos mais ricos, que foram inicialmente capturados, foram posteriormente alistados no exército de João Asen." [...] Presos

entre dois males, como escreveu Pachymer, as rainhas e os boiardos não tiveram forças para lutar em duas frentes. A rainha e os boiardos deram um ao outro um relato preciso da situação. A rendição aos bizantinos significou para Maria uma privação do trono, e para os boiardos uma redução de seus privilégios e o domínio dos partidários de João Asen III. A princesa e os boiardos nem queriam pensar em um acordo com o insurgente. Afinal, era como se os bizantinos fossem o menor mal para eles. Das coisas possíveis, observa Pachymer, a rainha preferiu recorrer ao imperador."

(PETROV, 1982, p. 282)

Essa passagem levanta um questionamento: o território búlgaro estava sendo alvo de surtidas tártaras e Tarnovo não conseguia mobilizar tropas para enfrentá-las; os camponeses, que os enfrentaram por conta própria, (ao menos, o seu líder) tornaram-se desejosos de reivindicar o *Tsarstvo* e marchavam, imbatíveis, contra Tarnovo. Os bizantinos possuíam seu próprio candidato, João (ou João) Asen III, no qual esperavam que pudessem controlar a Bulgária por intermédio dele, como um fantoche. Por quê Maria Cantacuzena decidiu aliar-se com Ivaylo? Por quê não com o imperador bizantino, seu tio, e João Asen III, ambos de berço nobre como ela?

A visão de Petrov sugere uma resposta alternativa: vendo os camponeses enquanto uma classe antagônica à aristocracia, Ivaylo e Maria Cantacuzena representavam, naquele momento, as lideranças búlgaras dos fronts de batalha que moviam a luta das classes. Dessa forma, os bizantinos seriam rivais, adversários, mas jamais inimigos do patamar dos camponeses, uma vez que seriam da mesma classe. Nota-se que em nenhum momento, até então, Petrov se utiliza de nomenclaturas e terminologias características do socialismo científico, como "luta de classes", ou "revolução", o que ainda permite ao autor o benefício da dúvida. No entanto, os indicativos estão lá: o aparelho búlgaro sofreria uma série de medidas negativas em caso de sucesso bizantino (privação do trono, redução de privilégios, domínio de partidários do *tsar* adversário), mas, mesmo assim, seria impensável um acordo com os insurgentes, de forma categórica, e esses malefícios ainda haveriam de ser melhores do que um sucesso do criador de porcos. Mas, então, por que Maria e alguns *boiardos* de Tarnovo se aliaram com Ivaylo e para ele abriram os portões da cidade?

Ficou claro para Miguel VIII Paleólogo que o medo dos insurgentes fez com que a rainha e seu povo recorressem à

reconciliação com Bizâncio. O imperador viu que eles evitavam resolutamente o acordo com Ivaylo e também que não estavam em condições de se opor aos bizantinos com tropas. E porque tinha o apoio de uma parte significativa dos boiardos búlgaros, recusou a ajuda solicitada e insistiu na capitulação incondicional da *tsaritsa*." [...] Como o imperador era inflexível, não havia outra saída senão procurar um acordo provisório com Ivaylo. (PETROV, 1982 p. 282-284)

O maior fator, portanto, para impedir uma aliança entre Cantacuzena e Paleólogo justamente fora a forte posição do governador bizantino. O autor se exime de discutir as discordâncias religiosas deles, já mencionadas neste trabalho seguindo Fine Jr.. Neste momento, por mais que ambos possuíssem interesses de classe em comum, não houve possibilidade de estabelecer uma aliança, graças aos objetivos pessoais de Miguel VIII. Somente então Maria procurara por Ivaylo.

A princípio, Ivaylo e os outros voivodas rebeldes rejeitaram a proposta da rainha, mas logo a aceitaram. Ivaylo entrou em Tarnovo com o exército insurgente e na primavera de 1278 foi proclamado rei da Bulgária: ao mesmo tempo casou-se com a rainha Maria. O comportamento de Ivaylo foi ditado pela situação específica. Caso contrário, os rebeldes teriam que lutar em três frentes - com os bizantinos, com os tártaros e com o exército Tarnovo. [...] Surgiu uma contradição entre Ivaylo e os insurgentes, por um lado, e a rainha e os boiardos, por outro. Logo eclodiu um conflito entre Ivaylo e Maria. [...] Cercado por inimigos por todos os lados, Ivaylo não se desesperou e não tinha intenção de depor as armas. Precisamente agora, na situação extremamente difícil, ele mostrou toda a sua determinação, coragem e razoabilidade. Acima de tudo, foram tomadas medidas para defender o país contra o avanço das tropas bizantinas. (PETROV, 1982, p. 284-285)

Nesta situação, a posição de Ivaylo imediatamente se torna similar à da *tsaritsa*: ele precisava concordar com a aliança, pois estava cercado entre três exércitos. No entanto, até aquele momento, ele havia enfrentado dois desses três, os tártaros e as tropas do finado Constantino Tikh, e ele prevalecera contra ambas. A adição das forças militares bizantinas ao cenário bélico na Bulgária pode ter sido suficiente para forçar Ivaylo à posição de obrigatoriedade do estabelecimento de uma aliança com um elo (militarmente e politicamente fraco) da disputa pelo poder na região? Talvez. Mas há de ter-se em conta que a bibliografia foi unânime, em suas narrativas, em apontar os sonhos e as visões de grandeza de Ivaylo para si mesmo. Ao casar-se com Maria, o próprio aparelho

o acolheria e o aceitaria como parte integrante, e ele realizaria suas visões e sonhos (ao menos, com maior facilidade perante comparação à uma tomada militar). Ele poderia, sozinho, ter alcançado tais objetivos? Talvez. No entanto, há sempre de se recordar que Ivaylo acabou por ser levado pela situação específica daquela situação. No início ele rejeitara a proposta de Maria Cantacuzena, mas acabou, assim, sendo obrigado a realizar suas próprias ambições reais de poder.

A narrativa construída por Petrov não só aparentemente é confusa, é, de fato. Não há de se esquecer que a obra búlgara é escrita no contexto da Bulgária stalinista. Ao elevar Ivaylo à posição apoteótica de acordo com os interesses do partido, sua história entra em contradição, pois deve-se converter em um instrumento do sistema perante o imaginário da população. Por isso, o líder camponês que luta contra a opressão do sistema feudal não deveria escolher se aliar (inclusive matrimonialmente) com o opressor feudal. Tampouco se trata de afirmar que sim, este era o desejo do criador de porcos, mas há de se recordar que as fontes são categóricas em citar os seus sonhos pelo poder.

O próprio Yakubovsky representa outro exemplo desta postura. Historiador soviético dos anos 1950, ele foi citado anteriormente a respeito dos tártaros, e adotou a mesma postura de Petrov.

A luta heroica do povo russo contra os tártaros é descrita [...] no capítulo “Horda de Ouro e Rus”. Menos conhecida é a resistência heroica oferecida após a captura da região do Volga pelos esforços conjuntos dos búlgaros e polovtsianos. Esta foi, no sentido pleno da palavra, uma revolta na retaguarda do exército tártaro durante a campanha de Batu para o Ocidente. As informações sobre esta revolta foram preservadas em duas fontes persas — Juvaini e Rashid al-Din. A revolta foi liderada pelos líderes búlgaros Bayan e Dzhinu, o líder polovtsiano Bachman da tribo Alirlik (al-Burli) e o líder As (Alan) Kachir-Ukule. Aparentemente, a figura mais enérgica aqui é Bachman. Para reprimir a revolta, foram enviados Subedey e Mongke, que então faziam parte do exército de Batu. Os tártaros não conseguiram liquidar este movimento patriótico por muito tempo. (GREKOV E YAKUBOVSKY, 1950, p. 58-59).

Nessa passagem, uma revolta de búlgaros e polovtsianos na retaguarda do exército tártaro serve de exemplo. Trata-se de uma resistência heroica contra os conquistadores tártaros, descritos em momentos como “bárbaros”. Além da resistência heroica, há outro ato de heroísmo, a luta do povo russo contra os

tártaros. Ainda que a região do Volga tenha sido capturada, foi uma luta heroica, assim como essa resistência patriótica ocorrida aparentemente em momentos posteriores. Petrov não estava sozinho em sua jornada nacionalista de defesa de um interesse partidário de reescrita da história. Um heroico movimento patriótico de resistência converge totalmente com a ideia de comunismo bonapartista adotado pelos stalinistas. Tamanha unidade e coordenação é revestida de elementos contemporâneos que são moldados para espelharem eventos passados que estariam se repetindo e revestindo de glória comunista o imaginário popular acerca do evento, ou assim poderia esperar o partido comunista. Uma ideia de comunismo primitivo, onde há um revestimento de nacionalismo de esquerda com noções contemporâneas de política e revolta nada mais é do que uma forma de reescrever a história da maneira que parece mais apropriada, inserindo o presente no passado como que naturalmente.

A ideia de que a história é capaz de alcançar a sua própria realização: a vitória do “progresso sobre as forças reacionárias” abrindo “o caminho do bem-estar da nação” (Bozhikov et al. 1946: 434) como base da “sua felicidade”, foi construído. Por outro lado, esta forma específica de remodelar o passado, imposta por antigos historiadores oficiais, estabeleceu uma camada de identificação relativamente sólida, que podia ser facilmente discernida nos pontos narrativos, livres da pressão da política atual.
(DIMITROVA, 2003, p. 64)

Porém, a narrativa apresentada por Petrov sobre o casamento de Ivaylo com Maria Cantacuzena e a elementar aliança que seguiu posteriormente pouco ou nada remete ao que haveria dito Pachymeres, o contemporâneo da revolta. Pois a narrativa histórica precisava ter uma função para o partido, e aquilo que Pachymeres fala sobre este texto vai de encontro com o que o escritor búlgaro pôs em suas linhas.

A citação acima de Pachymeres (p. 180) afirma que, quando o movimento revoltoso se iniciou, voltou-se contra os invasores tártaros, num primeiro momento. Pachymeres afirma que Lakhana possuía sonhos de grandeza, mas o bizantino não nomeava tais sonhos como Petrov o fez. Ivaylo conquistou grande fama ao lutar contra os tártaros. Neste momento, é arriscado afirmar precisamente que tal sonho se traduzia em um movimento antifeudal. E, como o próprio Pachymeres afirma, “E então Lakhana caiu sobre um destacamento

tártaro, atacou-os com os homens que ele liderava, e os derrotou totalmente. E ele faz o mesmo nos outros dias.” (PACHYMERES, 1980, p. 180). Não se trata da frequência em que os ataques tártaros ocorriam antes, mas, uma vez iniciada a revolta, era o criador de porcos quem realizava ataques diários. Tampouco afirma-se que tais ataques não possam ter acontecido, mas a questão se centra justamente nas incongruências das narrativas. Petrov evoca (apenas) Pachymeres, esporadicamente, como se o autor bizantino e ele concordassem em suas visões. Não é o que acontece.

Isso se torna ainda mais evidente na questão da união de Maria com Ivaylo. O escritor búlgaro muito comentou sobre a situação, mas nem sempre houve acordo com Pachymeres, para utilizar um eufemismo. O próprio Pachymeres escreve que houve uma possibilidade de negociação de uma aliança do imperador bizantino com Lakhana, que partiu justamente neste sentido, o que eximiria Ivaylo de sair em busca de aliados feudais, mas ainda assim houve uma iniciativa bizantina (mínima e apenas inicial) de acordar com Ivaylo. Petrov nada teve a dizer sobre o assunto.

Estando entristecido, como era apropriado, por este evento inesperado, e desejoso de garantir seus ganhos, na medida em que estivesse em posse segura deles após a morte de Constantino, o imperador desejou assegurá-los ainda mais por meio de sua reaproximação com Lakhana. E tendo enviado homens, ele se esforçou para reunir informações sobre o bárbaro, para que pudesse saber se ele seria capaz de avançar no futuro, tendo começado tão modestamente e conseguido tanto facilmente. E pretendendo casá-lo com sua filha, se [os enviados] considerarem que ele é digno de governar os búlgaros. Mesmo assim, ele viu a inconstância do destino, que agora concede os maiores bens e depois, inclinando a balança para o outro lado, tira o que uma pessoa tem há muito tempo, e [ele também viu que] a virtude certamente faz isso, que um homem tem, e o faz ter esperança de conseguir o que não tem. Portanto, ele suspeitava fortemente que o destino, tendo dado muito inesperadamente, rapidamente tiraria tudo, e que o que ela deu, quando não houvesse benfeitor, desapareceria rapidamente, de modo que uma pessoa não poderia ser capaz de se alegrar por ter recebido, e já se arrepende de tê-lo perdido. Portanto, considerando estas coisas, ele reuniu o seu povo e consultou. Ele percebeu que o governo búlgaro precisava necessariamente de um futuro governante. E o imperador se opõe a Lakhana [...]. Ele preferia João, porque era digno de autoridade por nascimento e laços familiares. Muitos gostaram da opinião de que o filho de Mitso deveria se tornar genro do imperador e, portanto, sendo colocado no trono que antes lhe pertencia, deveria ser apoiado pelo próprio imperador, por um lado, por conta dos direitos de Mitso e a boa atitude de seus avós para com os romanos e, por outro lado, pela preocupação

do imperador com ele como sogro de genro. Era natural que Lakhana, orgulhoso de sua felicidade repentina e um tanto humilhado pelos ataques das tropas romanas que ali apareciam, caísse na escravidão ou fugisse e se escondesse, já que não havia onde se fortificar. Os cidadãos de Tarnovo trairiam facilmente Maria e o seu filho, porque os males contra eles não eram tão pequenos que pudessem ser esquecidos (PACHYMERES, 1980, p. 181-182)

Essa passagem demonstra que houve, da parte, da parte de Miguel Paleólogo, uma disposição inicial de casar sua filha com Ivaylo. As fontes se silenciaram sobre o que os rebeldes pensariam e o que realizariam perante tal oportunidade de aliança. Neste sentido, há de se considerar a essência aristocrática, de fato. Aparentemente, Miguel VIII Paleólogo considerou que João Asen III representaria um aliado melhor para os interesses bizantinos na Bulgária. Miguel pode ter considerado João mais dependente, e mais fácil de ser passível da interferência bizantina, uma vez alçado ao trono búlgaro graças aos bizantinos. E para Miguel, os boiardos poderiam aceitar melhor um *tsar* de nome Asen do que um criador de porcos. O próprio autor búlgaro parece desenvolver semelhante raciocínio:

João Asen III devia seu trono à intervenção das tropas bizantinas e à cooperação dos boiardos de Tarnovo. Também não tinha autoridade entre a aristocracia feudal búlgara, razão pela qual a diplomacia bizantina fez maiores esforços para fortalecer a sua posição. Uma das personalidades mais proeminentes e influentes de Tarnovo naquela época era o boiardo Jorge Terter. [...]. Tendo recebido o título de déspota e estando à frente de o exército búlgaro, Georgi Terter casou-se com a irmã de João Asen III [...] A conclusão deste acordo deveu-se em grande parte à reviravolta que ocorreu nas hostilidades. O exército rebelde conseguiu quebrar o cerco de Druster e iniciar uma ofensiva. Os tártaros foram derrotados e os insurgentes dirigiram-se novamente para Tarnovo. Impressionados com esses sucessos e diante do medo de uma nova entrada de Ivaylo na capital, João Asen III e Jorge Terter fizeram concessões mútuas e chegaram a um acordo [...] Numa situação tão complicada, o acordo entre João Asen e Georgi Terter foi alcançado às custas do líder militar tártaro Kasim Bey, que perdeu o seu posto de protoestrator. Seu posto foi assumido por Georgi Terter, cuja assistência era especialmente necessária no momento pelo novo rei búlgaro. O ambicioso príncipe tártaro, movido por esta injustiça, passou para o lado de Ivaylo. E já no início da primavera de 1279, as forças unidas dos insurgentes e tártaros infligiram derrotas significativas às tropas de João Asen III e os bizantinos logo apareceram sob as muralhas de Tarnovo. O novo avanço dos insurgentes foi completamente inesperado e causou grande alarme na capital bizantina. Ali viram que a obra construída com tanto esforço estava fadada ao fracasso. (PETROV, 1982, p. 287)

No tocante à Maria Cantacuzena, há um certo acordo inicial entre os dois autores:

Maria entendeu que se encontrava em uma situação desesperadora e que estava cercada por dois males: por um lado, o mal recém-aparecido - Lakhana estava caindo e devastando o país e conquistando as terras vizinhas apenas com ataques, e, por outro lado, o avanço das tropas do imperador tornou-se cada vez mais numeroso. Eles causaram danos aos pobres de [porque viviam] fora da cidade, e aos da cidade e aos nobres [tentaram atraí-los de todas as maneiras]. Portanto, terríveis ansiedades atormentavam a alma da mulher assustada, tanto para ela mesma e para seu filho [...]. E como não podia se opor a ambos os partidos, decidiu atrair um dos dois, mas para obter mais benefícios com seu passo. Ela decidiu, portanto, que era apropriado abordar o imperador, o que sem dúvida era adequado para ela, que estava observando os requisitos da castidade e seus deveres para com o falecido marido (e os deveres eram, sem dúvida, não coabitar com o assassino). Era apropriado que ela procurasse ser salva por aquele de quem ela havia recebido a dignidade real. Então ela decidiu que era justo recorrer ao imperador e perguntar-lhe. Mas ela percebeu quão pouco o que ela desejava seria de alguma utilidade para ela, e que era muito irreal.

(PACHYMERES, 1980, p. 185)

Anteriormente, se Petrov silenciava a possibilidade de um acordo inicial entre o imperador bizantino e o criador de porcos, ele não se esquivava de apontar que Cantacuzena procurara seu tio em primeira instância. O exército bizantino, ao adentrar a Bulgária, assassinou pobres, tanto Pachymeres quanto Petrov concordam. Os enviados de Bizâncio para tratar com Maria também se encontram nas duas narrativas. No entanto, a natureza de seu contato escapa a uma convergência, assim como a postura de Ivaylo em relação à guinada de Maria para realizarem uma aliança. Enquanto Petrov afirma que o impulso inicial foi de rejeição, a necessidade da conjuntura política de momento forçava sua mão a aceitar a aliança. Já Pachymeres não menciona essa rejeição inicial, mas conta que Lakhana ficou orgulhoso e aceitou, após um momento de autoapreciação. O cerne desta questão não se trata de quem está certo ou errado, ou quem falou a “verdade” ou não, mas nas diferenças das narrativas, e onde tais diferenças ocorrem:

[...] Decidiu então ignorar as suas obrigações para com o falecido, ignorar as censuras das pessoas, se, sendo amante, se entregasse a tal pessoa, desde que entendesse que a sua decisão seria benéfica para ela e para o filho. E era, ao que

parecia, render-se completamente ao pastor de porcos, abrir-lhe as portas do reino e da cidade, e associar-se e viver com ele como um rei. Tendo discutido estas coisas, ela imediatamente enviou pessoas (pois a embaixada do imperador não permitiu que ela demorasse), para abrir uma conta ao bárbaro seu desejo e intenção. E quando ouviu isso, a princípio ele pareceu orgulhoso e começou a se exhibir diante dos mensageiros, um tanto orgulhoso do fato de ela se apressar em conceder-lhe o poder que ele ainda não havia conquistado pela espada e com um exército mais forte. Porém, ele aceitou os termos do casamento com muita força e firmeza. [...] Ele temia ser abrandado pelas maneiras daqueles que o aceitariam e que o desprezariam grandemente, quando, no entanto, ele consentiu pelo bem da paz, e que nenhum sangue deveria ser derramado em guerras internas, mas como um homem que iria não aceitar, mas mostrar favor. Depois de as duas partes terem feito um contrato juramentado, ela abriu-lhe as portas e, recebendo-o lá dentro, casou-se com ele. E por enquanto assumiram juntos os sinais do poder real, e assim ela preparou, como pensava, um oponente digno do imperador.
(PACHYMERES, 1980, p. 185-186)

A presença das incompatibilidades das narrativas entre Petrov e Pachymeres podem parecer naturais à metodologia da ciência histórica, salvo o reconhecimento de que não existe historiografia neutra. Se há uma narrativa propagandística por parte de Jorge Pachymeres, também há pelo lado de Petrov. Se o bizantino adota uma linha analítica baseada em uma identidade imperial romana² o búlgaro realiza o mesmo, no entanto, os traços de tal nacionalismo búlgaro aparecem marcadas pela presença do stalinismo enquanto filosofia de produção histórica.

A narrativa histórico-materialista possuía uma estrutura normativa única, proclamada como seu caráter acadêmico, objetividade, imparcialidade, pois replicava a normatividade da história positiva. Tal narrativa abriu espaço para um final feliz, que se tornou uma patente certificada da história ideológica da linha partidária. A narrativa nacional promoveu a ideia de justiça enquanto a ideológica promoveu a identificação com os vencedores. Os derrotados se transformam em vencedores. Como uma história carregada de contratempos e desespero terminou na felicidade da felicidade, e quem foi o salvador? A resposta estava na narrativa ideológica, e essa mesma narrativa foi responsável por incutir um sentimento de orgulho; o orgulho nacional teve inevitavelmente de passar pelo orgulho do partido comunista, a lealdade ao povo - através da lealdade ao partido, da resolução do problema nacional - através da resolução dos problemas internacionais.
(DIMITROVA, 2003, p. 67)

² Lembrando que romanos é como os habitantes do império se autodenominavam e que

“bizantinos” é um termo adotado para se referir àquele povo apenas no período moderno.

Esse orgulho nacional encontra em Ivaylo um candidato a símbolo de uma luta por um “socialismo precoce e em um país só” na Bulgária, que ajuda a formular um imaginário na qual o criador de porcos representa um líder do povo, que luta contra as injustiças de inimigos internos e externos, combate a morte, o roubo, o massacre e a propriedade, e o partido comunista (e as suas lideranças) nada mais seriam que os herdeiros históricos de Ivaylo, os novos líderes do povo, pelo povo e para o povo. O materialismo-histórico representa um instrumento metodológico, sim, acadêmico e objetivo, jamais imparcial. No entanto, é científico. Isso significa que necessariamente precisa passar por um filtro de rigor científico, metodológico, e não ser convertido em uma ferramenta que não exerce tais princípios, mas ainda se apresenta da mesma maneira, na produção stalinista, que ainda tenta se mostrar científico e imparcial — as fontes falariam por conta própria a seu favor. É como se converte o burocratismo em sua faceta historiográfica. Ivaylo transforma-se em algo mais do que um criador de porcos medieval que luta contra os tártaros e os *boiardos*, ainda que momentaneamente. Ele se torna um símbolo, um símbolo de um passado não necessariamente factível, desde que seja difundido como se fosse, e que assim se enraíze para os búlgaros. Que ele represente a encarnação do ideal de justiça, e que as pessoas possam se identificar nele, e, consecutivamente, com o partido comunista, enquanto herdeiro do legado de Lakhana. Se a história pode ser alterada, desfigurada e reconstruída, não só os “fatos” podem ser repaginados em si, mas também podem ser imbuídos com elementos que evoquem a linha ideológica seguida pelo aparelho.

Sabe-se, por exemplo, que Ivaylo participou pessoalmente na batalha nas fortalezas de Studena e Pirgitsa. Assim, em muitas batalhas, as tropas bizantinas perderam o impulso ofensivo. No outono de 1278, a preponderância de forças já estava do lado dos insurgentes e a ofensiva bizantina foi interrompida. Não se podia mais contar com o sucesso militar na guerra contra os búlgaros.

(PETROV, 1982, p.285)

A coragem búlgara é refletida pela figura do líder. Em campo, Ivaylo pode evocar tamanha liderança que inspiraria seus comandados a se tornarem imbatíveis. Os búlgaros tornam-se imunes à derrota, à derrota militar, graças à

liderança pessoal de Ivaylo. Vale salientar que, durante a Guerra Fria, a Bulgária está alinhada com o socialismo stalinista, e a Grécia e a Turquia (herdeiras do império Bizantino e da cidade de Constantinopla/Istambul) estavam alinhadas com o capitalismo ocidental. Se aceita a ideia em arena popular que deveras o PC búlgaro seria um herdeiro histórico de Ivaylo, então tamanha lealdade férrea e inegável essência da vitória militar nacional, seja contra quem fosse, seriam valores extremamente valorizados pela liderança stalinista.

A derrota dos tártaros foi um acontecimento de grande importância para o futuro desenvolvimento do estado. Os camponeses búlgaros, destreinados e mal armados, saíram vitoriosos e expulsaram os tártaros, de quem o governo búlgaro era vassalo e que eram um verdadeiro flagelo para a Europa medieval, através do Danúbio. A vitória sobre os tártaros trouxe ao exército rebelde a glória de um poder invencível. Agora, até os mais hesitantes acreditavam na vitória de Ivaylo e na justeza da sua causa. A expulsão dos tártaros levou a uma expansão nova e ainda maior do levante. [...] Assim, desde o início, a revolta ganhou um amplo alcance e a luta contra os exploradores fundiu-se com a luta contra os invasores externos. (PETROV, 1982, p.281)

Nessa passagem, o aspecto nacionalista se unifica com o de classe e tornam-se um amálgama: o amálgama do passado reflete no daquele presente, uma Bulgária nacionalista, que se pinta internacionalmente enquanto progressista ideologicamente, e apresenta esse amálgama como uma virtude búlgara. O flagelo da Europa medieval é derrotado por camponeses pobres, destreinados, mal armados, e essa vitória carrega a glória de um poder invencível. Trata-se de buscar uma identificação com o passado, para criar um sentimento de pertencimento e de semelhança entre o governo e a revolta. Nesse cenário, a história é invocada enquanto uma autoridade legitimadora, sem abrir mão de sua faceta propagandística. A escrita histórica converte-se em um arquétipo, compromissada apenas com o interesse de seus produtores.

A revolta de Ivaylo é a maior revolta camponesa antifeudal na Bulgária na Idade Média. De acordo com o número dos nossos camponeses que nela participaram, de acordo com a sua longa e persistente luta contra os seus adversários muito superiores, de acordo com a dimensão do território coberto e de acordo com o golpe que foi infligido ao prestígio da classe feudal dominante e o poder estatal, foi cortado entre as maiores revoltas camponesas da Europa medieval. Apesar da derrota, a importância da revolta é enorme: a luta das massas contra os seus opressores sempre foi um fator progressista no desenvolvimento social. A revolta de Ivaylo é uma página

brilhante na história do povo búlgaro e na luta abnegada das massas nativas contra os invasores estrangeiros [...]
(PETROV, 1982, p. 290)

O floreio propagandístico da narrativa stalinista não impede o historiador de realizar as mínimas análises materialistas-históricas advindas de seu berço. No entanto, uma vez que o burocratismo representa uma fase na qual a concepção de socialismo encontra-se modificada, a própria construção acadêmica há de atravessar a mesma trilha. Se os búlgaros tornaram-se imbatíveis, guerreiros de uma causa justa, coberto de glória, como pode Ivaylo ter sido derrotado? Em Petrov, sempre há uma tentativa de explicação, e ele oferece duas observações sobre o tema:

A principal razão para a derrota do levante foi a superioridade numérica e melhor organização militar de seus oponentes. Os insurgentes não resistiram a uma luta prolongada com as tropas do rei e dos boiardos, os bizantinos e os tártaros. A posição traiçoeira dos boiardos nos momentos críticos da luta também desempenhou um papel importante na derrota da revolta. [...] Os camponeses não tinham um programa claro de reformas nas mudanças sociais. Eles não eram portadores da ideia de uma nova ordem social. A sua luta resume-se a pedidos para melhorar a situação, por [...] reformas no âmbito da ordem existente. E no século XIII, o feudalismo na Bulgária estava no seu apogeu, razão pela qual a revolta teve de degenerar ou ser esmagada.
(PETROV, 1982, p. 290)

Nessa passagem, Petrov culpa duas atribuições à derrota dos revoltosos. O primeiro é o poderio bélico de seus inimigos. De fato, das forças em campo, a tropa dos insurgentes era a mais fraca, mais inexperiente e pior equipada. Ainda assim, foi capaz de infligir derrotas na Horda Dourada tártara, conseguiu eliminar o corpo armado de Constantino Tikh e conseguiu sobreviver às batalhas bizantinas. No ato de enfrentar três exércitos, ele chegou a ter a vantagem. Ele entrou em Tarnovo e, mesmo que não tivesse estabelecido uma aliança com Maria, seu exército eventualmente teria sitiado a capital do *Tsarstvo*, e os *boiardos* da capital não possuíam forças para lhes negar cerco. Quiçá a batalha fosse contra os bizantinos de João Asen III, mas, de modo geral, as condições militares sempre foram as piores para o exército rebelde e eles conseguiram obter relativos graus de sucessos momentâneos.

O segundo motivo diz respeito diretamente a uma análise (pseudo) marxista. Em suma, parte da culpa do fracasso do movimento é atribuída à posição traiçoeira dos *boiardos* na luta. No entanto, sendo eles membros da aristocracia que Petrov chamaria de feudal, e sendo Ivaylo um antifeudal, seria elementar considerá-los inimigos, adotando uma terminologia que o próprio búlgaro utilizou, marxista. Como poderiam adotar uma posição traiçoeira se em nenhum momento os *boiardos* foram leais a Ivaylo? Por um momento, seus interesses convergiram, e, ainda assim, houve resistência de uma parcela de *boiardos*. Isso fica claro quando, na ausência de Ivaylo em Tarnovo, quando o mesmo vai a campo enfrentar os tártaros e acaba sitiado, os *boiardos* preferem eleger um novo *tsar* do que reunir uma tropa e enviá-la ao norte, por exemplo.

Ainda há outra justificativa de caráter (consistentemente) marxista. Petrov afirma que os camponeses não possuíam um programa claro de reformas de mudanças sociais. Ou seja, eles não possuíam uma agenda revolucionária “na ordem do dia”. Tampouco poderiam, uma vez que um programa político-econômico dessa estrutura é um produto direto das relação de produção inserida no próprio meio de produção. Porém, em todo o corpo do texto, o historiador búlgaro afirma que o movimento de Ivaylo era antifeudal. Portanto, como, no final do texto, essa afirmação pode ser coesa com “pedidos para melhorar a situação”?

Um dos pressupostos do trabalho assalariado e uma das condições históricas do capital é o trabalho livre e a troca de trabalho livre por dinheiro, [...] Outro pressuposto é a separação do trabalho livre das condições objetivas de sua efetivação — dos meios e do material do trabalho. [...] O relacionamento do trabalhador é o de propriedade: esta constitui a unidade natural do trabalho com seus pressupostos materiais. Por isto, o trabalhador tem uma existência objetiva, independente de seu trabalho. O indivíduo relaciona-se consigo mesmo como proprietário, como senhor das condições da sua realidade. A mesma relação vigora entre o indivíduo e os demais. (...) Em ambos os casos, os indivíduos comportam-se não como trabalhadores, mas como proprietários — e membros de uma comunidade em que trabalham. A finalidade deste trabalho não é a criação de valor, embora eles possam realizar trabalho excedente de modo a trocá-lo por trabalho estrangeiro ao seu grupo, isto é, por produtos excedentes alheios. Seu propósito é a manutenção do proprietário individual e sua família, bem como da comunidade como um todo (MARX, 1964, p. 65-66).

Se os próprios trabalhadores modernos não se viam enquanto não-proprietários, em uma sociedade industrial na qual a propriedade privada atribui a cada um o seu posicionamento e o seu papel socioeconômico, essa situação se torna ainda mais presente numa sociedade pré-capitalista, como a medieval. Conflitos houveram, mas não devido a uma natureza econômica, pelo menos não no tocante à revolta de Ivaylo.

Evidentemente, é insuficiente provar que camponeses e proprietários de terras tenham interesses incompatíveis na divisão do produto social e que, portanto, os camponeses tinham tendência a reter aluguéis e serviços e entrar em conflito jurídico ou mesmo político com seus senhores. O fato é que as relações sociais tradicionais entre camponês e senhor em formas variadas persistiram em diferentes partes da Europa, provavelmente desde a Idade do Bronze até o século XVIII ou XIX. Algo mais do que o antagonismo natural entre uma classe exploradora e uma classe explorada deve, portanto, ter precipitado movimentos que muitas vezes pareciam aos participantes de ambos os lados uma quebra na “ordem natural” das coisas; essa frase nos dá uma pista para a eclosão de muitos dos movimentos mais sérios. Os camponeses, ainda mais que os seus senhores, tendiam a se apegar aos costumes, mesmo quando, sem sabe-lo, procuravam constantemente moldá-los de acordo com seus próprios interesses. (HILTON, 2003, p.113).

Essa passagem acentua o caráter moderado do movimento camponês na Inglaterra do século XIII, o que se torna ainda mais válido para a revolta de Ivaylo. Os camponeses, considerando a si mesmos proprietários em pequena escala, tendo uma dinâmica de trabalho diferente da industrial que viria nos séculos seguintes, e que atuava enquanto “guardião dos costumes”, que tentavam moldar a sociedade de acordo com tais costumes, não eram só limitados em uma ambição (inexistente, no caso de Ivaylo) de uma nova ordem socioeconômica, como também poderiam vigiar a observância dos costumes, de forma a considerá-los adequados. Se os camponeses viam a si mesmos como defensores da “velha lei” (HILTON, 2003, p. 113), como pode eles terem feito parte de um movimento rebelde com aspirações socioeconômicas, como defende Petrov?

Deveríamos recordar as tensões básicas numa sociedade onde os camponeses eram a maioria dos produtores básicos, mas o curso de cada movimento deve ser investigado separadamente. [...] Também do exame da sequência de acontecimentos deve emergir alguma noção da organização dos movimentos e do grau em que surgiram espontaneamente ou foram

cuidadosamente planeados por grupos ou organizadores individuais. Isto leva-nos à questão vital das origens sociais e intelectuais dos líderes dos movimentos — um problema que, uma vez resolvido, envolve necessariamente os problemas aliados da composição social das massas participantes. Estas considerações levar-nos-ão ao problema das ideias que orientam os vários elementos envolvidos; este não é de forma alguma o mesmo problema dos objectivos imediatos ou de longo prazo, que também necessitam de análise. [...]
(HILTON, 2003, p. 113)

Segundo Hilton, as características dos movimentos camponeses medievais são um produto direto das origens sociais e intelectuais dos líderes do movimento. Em Ivaylo, os camponeses encontraram uma figura capaz de realizar a defesa do território, algo que o *tsar* estava sendo incapaz de fazer. Ele atendia aos interesses dessa camada (camponesa): sobrevivência. E este líder tinha, para si, sonhos de grandeza, de que um dia haveria de possuir poder, poder que ele jamais alcançaria enquanto criador de porcos. Segundo este raciocínio, o levante sempre esteve preso às ambições de Ivaylo, ambições essas que seriam confirmadas “dos céus”, e convertia o movimento enquanto um exército particular com finalidade dupla: lutar contra os tártaros e buscar o trono. Petrov não nega esse ponto de vista, e o narra de forma a justificar a essência do movimento:

Finalmente, deve-se ter em mente que o campesinato, como classe, se distinguia por uma perspectiva estreita e por uma natureza revolucionária inconsistente. Esta característica peculiar do campesinato medieval também se manifestou nas negociações com os boiardos. Declarando-se contra a opressão feudal e contra o Estado feudal como portador e apoiante desta opressão, os camponeses não conseguiram apresentar um programa para outro sistema político. Portanto, a luta contra o rei e os senhores feudais foi travada no quadro do sistema existente, e Ivaylo, como líder da revolta, teve inevitavelmente de se tornar rei.
(PETROV, 1982, p. 284)

Na realidade, não eram os camponeses que não conseguiram apresentar um programa de outro sistema político, devido a uma natureza revolucionária inconsistente. Os camponeses podem não ter tido um horizonte socialista de objetivos coletivizantes, de forma a ser impossível alterar definitivamente a economia, mas não necessariamente porque assim quiseram, e sim porque as condições materiais da época não lhes permitiam o menor vislumbre. Pintar um

evento histórico com conceitos sociais de mais de meio milênio à frente e, no final, responsabilizar a conjuntura por essa ausência, após escrever todo um texto indicando o contrário, é reduzir a história a um instrumento de propaganda única e simplesmente. Conceitos medievais consagrados como nobreza e campesinato em muitos cenários não são uma determinação tão simplista, que segue fielmente o modelo da historiografia feudal. Os próprios boiardos do segundo *Tsarstvo* não surgiram por meio de berços nobres/aristocráticos, mas devido a sua participação na revolta que culminou na fundação do reino da Bulgária. Isso significa que estes boiardos poderiam possuir a mais diversa origem. Os camponeses não ofereceram um modelo ao presente sistema político-econômico simplesmente porque não havia possibilidade de idealizar um novo sistema criado “do ar”. As condições econômicas não permitiam, e não havia como os camponeses visualizarem um novo sistema político-econômico advindo do fruto da imaginação de si mesmos.

Ainda assim, Petrov afirma que o movimento era uma luta antifeudal. Isso significa uma classe feudal ocupando o papel de opressora, e que os camponeses ocupariam o papel de oprimidos. A falha do sucesso da revolta reside justamente na natureza não-revolucionária dos camponeses, mas essas classes já existiriam, como uma semente de socialismo búlgaro, plantada fora da época adequada, e não pôde germinar, mas que, com o passar dos séculos, o partido comunista haveria de surgir enquanto herdeiro daquela semente jogada a tanto tempo. As inconsistências e falsificações destas narrativas eram adotadas enquanto verdadeiras e este seria o caráter dos discursos históricos da bibliografia do século XX (no período stalinista).

A ciência histórica marxista não só revela as regularidades objectivas do desenvolvimento histórico, mas também ajuda a educar as pessoas num espírito socialista, no qual reforça essas mesmas regularidades objectivas de desenvolvimento e progresso; assim, a ciência histórica coloca a teoria em contato próximo com a prática.' A seguinte declaração de Todor Pavlov dá uma ideia da coincidência milagrosa entre o ponto de vista do Partido Comunista e a objectividade (verdade), com base na crença de que o “curso objectivo da história” funciona para o comunismo.

(DASKALOV, 2011, p. 322)

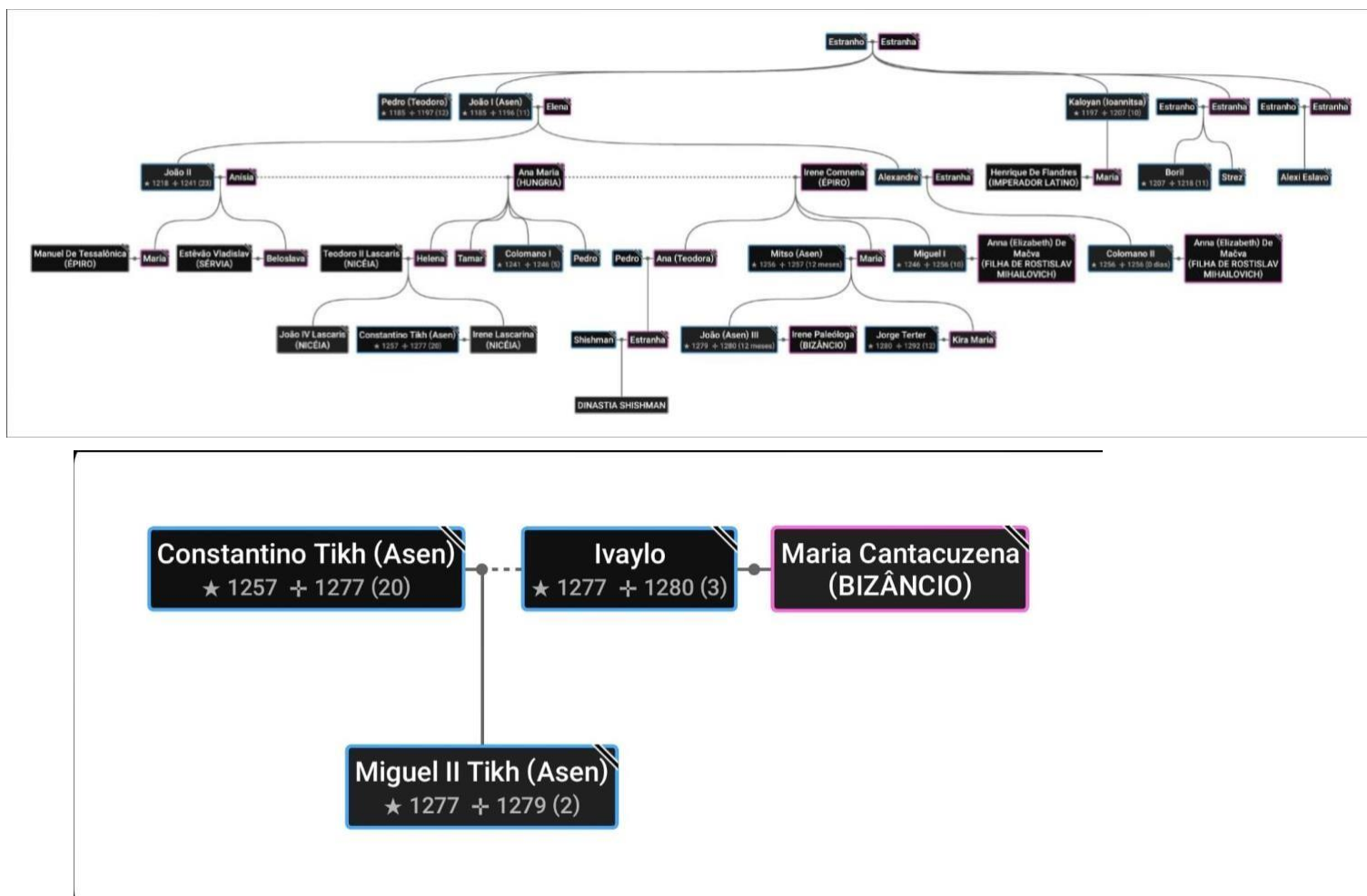
Esse movimento da produção histórica búlgara não se resume simplesmente às fronteiras da Bulgária, mas, uma vez que é produto do terrorismo stalinista que controlou quase toda a Europa Oriental na segunda metade do século XX, permeia a historiografia dos países vizinhos. A própria Romênia, por exemplo, um país que se localizaria geograficamente próximo do local em que ocorreu a rebelião de Ivaylo, atravessou semelhante processo em sua produção nacional historiográfica.

Patrimônio, tradições inventadas e mitos históricos. Herança. Mesmo que os artigos, os discursos e os livros afirmassem escrever a história, o que se difundiu nesse período foi a versão estatal do passado. Foi um discurso sobre o patrimônio. [...] A herança intervém no passado de três maneiras. A primeira é a atualização pela imposição das imagens presentes e visa eventos e atores passados. A segunda é a atualização, enfatizando o que é louvável. A terceira é a expurgação, ao remeter ao esquecimento o que não é louvável. As principais reivindicações do patrimônio são “ser antigo” e “ser o primeiro”, fazendo uso extensivo dos temas da antiguidade e da continuidade. Em última análise, o patrimônio domestica o passado. O passado é conhecido, organizado cronologicamente, linear e consistente com o presente; o passado é recrutado para causas presentes. Tradição inventada. [...] Em última análise, o conceito de “tradição inventada” necessita de retificação do ponto de vista da utilização de elementos previamente existentes e da sua fusão num discurso que dê uma impressão de continuidade entre passado e presente. Esta alteração trazida por Anthony D. Smith defende uma “reconstrução” do passado em vez da sua “invenção”, por realçar a continuidade com um “passado adequado” suposto por Hobsbawm. Como Smith afirma: “Tradição, mitos, história e símbolos devem todos crescer a partir de memórias e crenças existentes e vivas das pessoas que irão compor a nação. Sua ressonância popular será maior quanto mais contínuos com o passado vivo forem mostrados como sendo.” Mantendo a alteração de Smith, as “tradições inventadas” foram sempre construídas com base num princípio de continuidade com o passado. Mais do que isso, foram apresentados como cumpridores desse passado.
(CORDUNEANU, 2003, p. 3-4)

Portanto, pode-se concluir que os tentáculos da ideologia bonapartista do stalinismo se estendem não só para a Bulgária, mas também a países outros que, governados por uma perspectiva alinhada a Moscou, tornou conveniente permitir (e incentivar) este tipo de produção histórica. Não se trata de afirmar que esse caráter historiográfico foi absoluto em toda a região demarcada no presente trabalho, nem tampouco condenar os autores que optaram por seguir esta linha, como Petrov, utilizado de forma majoritária, mas sim apontar e demarcar as

inconsistências fabricadas na bibliografia por motivos políticos, pelo Estado stalinista convertido.

8 ÁRVORE GENEALÓGICA DA DINASTIA ASEN



Todos aqueles marcados como “estranho” ou “estranha” é porque a historiografia não chegou a descobrir seus nomes. No caso de “Estranha (Cumana)”, é porque se sabe apenas o seu povo de origem. Pessoas de nacionalidade não-búlgara tiveram a sua região de origem escrita, em caixa alta, entre parênteses, após o seu nome. Asenidas apenas por casamento recebera a nomenclatura “Asen” dentro de parênteses e, como o caso/linhagem de Constantino Tikh foi considerado bastante específico, se abriu uma árvore genealógica apenas para a sua linhagem. Pessoas que assumiram outros nomes, ou que há algum tipo de não-unanimidade historiográfica a respeito desta pessoa, têm seus nomes escritos nas duas versões, ou entre parêntese ou fora dele. Todos aqueles que foram *tsares* possuem a duração de seu reinado demarcado com os anos do início deste reinado de um lado e do fim deste reinado de outro. No caso de Colomano II, que reinou apenas em 1256, desconsiderar os “0 dias”.

9 CONCLUSÃO

O breve recorte cronológico de 1185 a 1280, aproximadamente, no oriente dos Bálcãs é deveras rico. Através deste estudo, tornou-se possível analisar um tema pouco abordado pela historiografia brasileira, num contexto que conduz a um desfecho incomum. Em quantas outras revoltas no mundo se pode afirmar que um criador de porcos se tornou rei, acolhido pela rainha e a desposado, em menos de um ano do início do movimento? Trata-se de uma preciosa singularidade, que deveria ser mais reconhecida na historiografia internacional por esse motivo, para além do cenário local.

Justamente por esta preciosidade, trata-se de um evento carregado, historicamente falando. Narrativas sobre este evento, sobre esta figura rebelde, revestiram narrativas não obrigatoriamente comprometidas com o rigor exigido à ciência histórica. Propagandas stalinistas e nacionalistas penetram e criam um amálgama com o evento em si, tornando difícil mensurar as fronteiras de cada um. De um lado, a ideologia de um aparelho sociopolítico que não possui remorso em falsificar eventos históricos a seu benefício, do outro, a sede de outra ideologia, comprometida com a elevação de características específicas ou gerais de um país moderno, jogando ao medieval uma narrativa que legitima uma ideia de superioridade artificial. Neste meio se encontra o evento histórico.

Evento histórico este que pode, ainda, conter resquícios de mazelas sociais como o sexismo, por exemplo. O nacionalismo pode escondê-lo, como este também é capaz de ocultar aquele, um atrás do outro, e buscar legitimar-se através de uma narrativa alternativa, mas este trabalho demonstra que nem sempre de agendas políticas, ideológicas ou nacionalistas, sobrevivem as falsificações e/ou distorções históricas. Silenciamentos voluntários, conjurações de monstros femininos, que personificam grandes inimigos a serem combatidos pelo retorno a uma ordem natural imaginada. Existem momentos em que a produção histórica pode construir algo bem mais primitivo, como a rejeição ao feminino, do que grandes ideias e teorias. Os espectros podem se alterar, os polos podem ser antagônicos, mas o palco em que as narrativas se apresentam, o palco histórico, sempre se mostra soerguido através de algum evento histórico em particular, que sempre é passível de invocação para combater pela narrativa

ideológica daquele que a evoca, nem sempre recoberta com o rigor científico metodológico devido. O presente trabalho cita um destes eventos, e dá voz a algumas destas narrativas ideológicas, buscando demonstrar suas frases e seus objetivos.

Nem sempre estas narrativas estão alheias do evento em si; os eventos e as informações realmente podem ser localizadas e validadas por um observador atento e conhecedor. O interlocutor nem sempre anula aquilo que discursa, mas é necessário sempre considerar o currículo deste interlocutor. Este trabalho apresentou tanto mensagens dos medievais quanto dos modernos, tanto dos ocidentais quanto dos orientais, personagens que seriam considerados de direita ou de esquerda no espectro político atual a partir do seu discurso, com a metodologia científica no horizonte e, portanto, ver este evento através dos olhos e observações de outros que o viram anteriormente, da maneira e nas condições encontradas neste trabalho, mergulha o observador no oceano do evento, apresentando o fluxo das correntes que o preenche.

Em um balanço retrospectivo, há de se destacar, indubitavelmente, a ausência de alguns trabalhos que haveriam de ser essenciais, caso seu acesso fosse alcançado. As obras de Andreev e Zlatarski, a mencionar exemplos, representam grandes expoentes nestes sentidos. Mesmo o trabalho de Bozhilov e Gyuzelev só foi alcançado em um momento bastante avançado da escrita desta obra. Consideravelmente afetado por algumas ausências, pode-se concluir que, em uma hipotética presença de obras desta magnitude, este trabalho poderia ter apresentado resultados ainda mais categóricos.

Considerando o momento de projeção hipotética, pode-se, também, imaginar quais os caminhos que este trabalho poderia percorrer se o recorte houvesse sido outro. A trilha que atravessa a observação a respeito das tsarinas é extremamente rico; neste trabalho, foram analisadas apenas quatro (cinco, se considerar a modesta contribuição de Esmiltsena), e se trata de um recorte cronológico diminuto ainda mais, mal completando um século de observação. A dinastia Asenida se encerra, com Colomano II ou com Miguel Tikh, a depender da opinião do observador, mas a linha do tempo medieval búlgara se prolonga por mais alguns séculos até a queda do segundo *Tsarstvo* perante os otomanos;

sem dúvida existe muito material a ser trabalhado se um viés nesta perspectiva for adotada.

Por fim, há de se destacar também a lacuna a respeito dos mongóis na região dos Bálcãs. Há muito material, deveras, a respeito do grande império dos mongóis, de sua origem, estrutura, história, lutas, mas, surpreendentemente, não despontou trabalho sequer que se debruçasse na presença dos mongóis na península Balcânica. Mencionados aqui e acolá, aparentemente não existe um trabalho voltado especificamente neste sentido, ou, pelo menos, se existe, está extremamente oculto. Os mongóis nos Cárpatos, no Danúbio, Sérvia... Eles ilustram e destacam outras perspectivas, mas raramente aparecem enquanto protagonistas em sua própria história.

Talvez a historiografia possa se debruçar sobre estes aspectos. Talvez o presente trabalho reduza a listagem, eliminando alguns pontos historiográficos que eram carentes de atenção (quicá). Ainda há mais por observar: representações midiáticas enquanto filmes e/ou séries, jogos, literatura e imaginário popular... É um tema deveras bastante peculiar, este da revolta de Ivaylo, e ainda existe muito material a ser analisado, nas mais diferentes instâncias, e isto referindo-se apenas a este recorte; se estender um pouco mais a busca, se “jogar uma rede maior”, mais abrangente, com certeza haverá muito material capaz de enriquecer paulatinamente os conhecimentos (e desconhecimentos também) históricos e possam oportunizar a interpretação desta miríade histórica, tão rica, pelas mais diversas perspectivas.

10 REFERÊNCIAS

LUDERS, A., ed. **Os Estatutos do Reino: Impressos por Ordem de Sua Majestade o Rei George III, em Cumprimento de um Discurso da Câmara dos Comuns da Grã-Bretanha**, De Registros Originais e Manuscritos Autênticos. 11 vols. Londres: Record Commission, 1810-1828. Vol. I, pp. 227-228.

ANGELOV, Dimitar. **Образуване на българската народност (Formação da nação búlgara)**. София: Издателство Наука и изкуство, “Векове”, 1971.

ANGELOV, Dimitar; BOZHILOV, Ivan; VAKLINOV, Stancho; GYUZELEV, Vasil; KUEV, Kuyu; PETROV, Petr; PRIMOV, Borislav; ТАРКОВА, Vasilka; TSANKOVA, Genoveva. **История на България. Том II. Първа българска държава. (História da Bulgária. Volume II. Primeiro Estado Búlgaro)**. Софя: Издателство на БАН, 1982.

ATWOOD, Christopher Pratt. **Encyclopedia of Mongolia and the Mongol Empire (Enciclopédia da Mongólia e o império mongol)**. Facts on File, Inc., Bloomington, Indiana University, 2004.

BASCHET, Jérôme. **A Civilização Feudal: do ano 1000 à conquista da América**. São Paulo: Globo, 2006.

BLOCH, Marc Leopold Benjaminz. **A Sociedade Feudal**. 2. ed. Lisboa: Edições 70, 1987. 512 p.

BOZHILOV, Ivan; GYUZELEV, Vasil. **История на Средновековна България VII-XIV Век (História da Bulgária medieval, séculos VII-XIV)**. София: Анубис, 1999.

BROWNING, Robert. **Byzantium and Bulgaria: a comparative study across the medieval frontier (Bizâncio e Bulgária: um estudo comparativo através da fronteira medieval)**. Temple Smith, 1975.

CARDOSO, C. F. S. **Economia e Sociedade Antigas: Conceitos e Debates**. Clássica, p. 5-20, 1988.

CHOLAKOV, Petar. **The Influence of Roman Law on Medieval Bulgarian Legislation: Sources and Developments of the Main Constitutional Issues (A influência do direito romano na legislação búlgara medieval: fontes e desenvolvimentos das principais questões constitucionais)**. In: GIL, X. (Ed.). *Constitutional moments*. Brill, 2024. p. 32-50.

CHONIATES, Nicetas. **O city of Byzantium, annals of Niketas Choniates, by Harry J. Magoulías (A cidade de Bizâncio, anais de Nicetas Choniates, por Harry J. Magoulías)**. Detroit, Wayne State University Press, 1984.

CORDUNEANU, Victoria Isabela. 2003. **Romanian historical master narrative in the 1970s and 1980s: fabricating heritage (Narrativa histórica romena nas décadas de 1970 e 1980: fabricando patrimônio)**. Publicado em “Romanian Journal of Society and Politics,” vol. 5, 2003.

CURTA, Florin. **Southeastern Europe in the Middle Ages, 500-1250 (Sudeste da Europa nas Idades Médias, 500-1250)**. Cambridge University Press, 2006.

DASKALOV, Roumen. **Debating the past: Modern Bulgarian history – From Stambolov to Zhivkov (Debatendo o passado: História moderna da Bulgária – De Stambolov a Zhivkov.)**. Central European University Press, Budapest, 2011.

DIMITROVA, Snezhana. Traumatizing History: Textbooks in Modern Bulgarian History and Bulgarian National Identity (1917-1996) (História Traumatizante: Livros Didáticos de História Moderna da Búlgara e Identidade Nacional Búlgara (1917-1996)). In: **Studies in Ethnicity and Nationalism (Estudos em etnicidade e nacionalismo)**, I (III), 2003, London School of Economics, ASEN, pp. 56-72.

DUBY, Georges. **Guilherme Marechal, ou, o melhor cavaleiro do mundo**. Tradução de Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Edições Graal, edição de 1988.

FAVEREAU, Marie. **The Horde: How the mongols changed the world (A Horda: Como os mongóis mudaram o mundo)**. Cambridge Massachusetts: The Belknap Press of Harvard University, 2021.

FINE Jr., John van Antwerp. **The late medieval Balkans: a critical survey from the late twelfth century to the Ottoman conquest (Os Balcãs medievais tardios: Uma Análise Crítica do Final do Século XII até a Conquista Otomana)**. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1987.

GEARY, Patrick J. **O mito das nações: a invenção do nacionalismo**. Tradução: Fabio Pinto. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2005.

GEORGIEVA, Sashka. **Female politicians in the second bulgarian Tsardom (Mulheres políticas no segundo império búlgaro)**. In: Bulgaria Medievalis, Sófia, volume 1, p. 113-137, 2010.

GREKOV, B. D.; YAKUBOVSKY, A. Y. **Золотая Орда и ее падение (A Horda Dourada e a sua queda)**. Moscou: Bogorodskii Pechatnik, 1950.

HALDON, John. **Warfare, state and society in the Byzantine world 565-1204 (Guerra, estado e sociedade no mundo bizantino 565-1204)**. 1. ed. Londres: Routledge, 1999.

HILTON, Rodney. **Bond men made free: Medieval Peasant Movements and the English Rising of 1381 (Homens interligados feitos livres: movimentos camponeses medievais e a revolta inglesa de 1381)**. Londres, 2003.

HOBBSBAWM, Eric. **A invenção das tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 1997. HUIZINGA, J. Homo ludens.

IORDACHI, Constantin. History, national territory, and myth-making in the Romanian nationalist discourse about Dobruja. In: DASKALOV, Roumen et al. (Ed.). **Entangled histories of the Balkans**. v. 18. Boston: Balkan Studies Library, 2017. p. 309-329.

KAYMAKAMOVA, Miliyana. **Historical propaganda in Medieval Bulgaria (Propaganda histórica na Bulgária medieval)**. Списание Път, 19:20-25, 2013.

KAZHDAN, A. **The Oxford Dictionary of Byzantium (Dicionário Oxford de Bizâncio)**. New York: Oxford University Press, 1991.

KOLEDAROV, Petr. **Политическа география на Средновековната Българска държава, част 2 (1185-1396) (Geografia política no Estado medieval búlgaro, parte 2, de 1185 a 1396)**. София: Издателство на БАН, 1989.

KOMSALOVA, Romyana. **Жената във властовите структури на Второто българско царство (As mulheres nas estruturas de poder no segundo império búlgaro)**. In: Епохи, volume 2, Veliko Tarnovo, p. 352-258, 2015.

LAIYOU, Angeliki. **The Role of Women in Byzantine Society**. Jahrbuch der Oesterreichischen Byzantinistik 31 (1), p.233-260, 1981.

LE GOFF, Jacques. **São Luís: biografia**. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 2009.

MACRIDES, Ruth. **George Akropolites: The History - Introduction, translation and commentary (Jorge Acropolita: A História - introdução, tradução e comentário)**. Oxford University Press, 2007.

MADGEARU, Alexandru. **The Asanids: The Political and Military History of the Second Bulgarian Empire, 1185–1280 (Os Asanidas: A História Política e Militar do Segundo Império Búlgaro, 1185–1280)**. 2017.

MAN, John. **Gengis Kahn: Life, death and resurrection (Gengis Khan: Vida, morte e ressurreição)**. Bantam Press, 2004.

MARX, Karl. **Formações Econômicas pré-capitalistas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

MAY, Timothy. **The mongol empire (O império mongol)**. Edinburgh University Press, 2018

NEVILLE, Leonora. **Authority in Byzantine Provincial Society, 950–1100 (Autoridade na sociedade provincial bizantina, 950-1100)**. New York: Cambridge University Press, 2004.

ORLANDI, Eni P. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, [1999], 2005a.

PACHYMERES, Jorges. Колектив (Coletivo). **Гръцки извори за българската история (ГИБИ), том X (Fontes gregas sobre História Búlgara (GIBI), volume X)** (em búlgaro e grego). София: Издателство на БАН, 1982.

PETROV, Petr. **Въстанието на Ивайло (Revolta de Ivaylo). История на България Т.3 Втора Българска държава, БАН София, 1982, 277-290 (História da Bulgária Vol.3 Segundo Estado Búlgaro, Sofia, 1982, 277-290)**.

POPOV, Tervel. **The Stratum of the Boyars in the Bulgarian Lands under Byzantine Rule (11th–12th c.) (O estrato dos boiardos nas terras búlgaras sob o governo bizantino, séc. XI-XII)**. In: Епохи, volume 1, Veliko Tarnovo, pág. 42-51, 2021.

ROMÃO, Morgana Moura e MONTEIRO, Marcio Lauria Monteiro. **O stalinismo e a União Soviética segundo a interpretação de Leon Trotsky**. Aurora: revista de arte, mídia e política. São Paulo, v. 13, n. 38, p. 168-187, jun.-set. 2020.

SAUNDERS, John Joseph. **The history of the mongol conquests (A história das conquistas mongóis)**. University of Pennsylvania Press, 2001.

SILVA, U. G. DA. **Rebeldes contra o Mediterrâneo: Revoltas rurais e a escrita da história das classes subalternas na Antiguidade Tardia**. São Paulo: Humanitas, 2016.

STEPANOV, Tsvetelin. **Venerating St. Michael the Archangel in the Holy Roman Empire and in Bulgaria, 10th–11th Centuries: Similarities, Differences, Transformations (Venerando o Arcanjo São Miguel no Sacro Império Romano e na Bulgária, séculos X e XI: semelhanças, diferenças, transformações)**. In: Medieval Worlds, p. 41-64, 2016.

TILLET, Lowell. **The Great Friendship: Soviet Historians on the Non-Russian Nationalities (A Grande Amizade: Historiadores Soviéticos sobre as Nacionalidades Não Russas)**. University of North Carolina Press, 1969.

TREADGOLD, Warren. **A history of the byzantine state and society (Uma história do Estado e da sociedade bizantina)**. Stanford University Press, 1997.

TROTSKY, Leon. **O estado operário, Termidor e o bonapartismo**. New International [Nova Iorque], Volume II Número 4, 1935, pág. 116–122.

VÁSÁRY, István. **Cumans and Tatars: Oriental Military in the Pre-Ottoman Balkans, 1185-1365 (Cumanos e tataros: militares orientais nos Bálcãs pré-otomanos, 1185-1365)**. Cambridge University Press, 2005.

WICKHAM, Chris. **How did the Feudal Economy Work? the Economic Logic of Medieval Societies**. Past & Present, v. 251, p. 3-40, 2021

YERLEKHONOV, L. S. **History of education of Bulgaria (História da educação da Bulgária)**. Soviet education, 1:7, 77-80, 1959.

ZABOLOTNAIA, Lilia. **Women and power in the history of the Asan dynasty**. In: Tyragetia (Serie Nouă) 2:53-62, 2012.